

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**De corpo, alma e espírito:
apontamentos históricos e teológicos acerca do
tema santificação na obra holística de Ellen White**

FÁBIO AUGUSTO DARIUS

DOUTORADO EM TEOLOGIA

Área de Concentração: Teologia e História

São Leopoldo

2014

FÁBIO AUGUSTO DARIUS

**De corpo, alma e espírito:
apontamentos históricos e teológicos acerca do
tema santificação na obra holística de Ellen White**

Tese doutoral para obtenção do
grau de Doutor em Teologia.
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Teologia e História

Orientador: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D218d Darius, Fábio Augusto
De corpo, alma e espírito: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White / Fábio Augusto Darius ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.
244 p.

Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. White, Ellen Gould Harmon, 1827-1915. 2. Adventistas do Sétimo Dia – Doutrinas. 3. Santificação. 4. Adventistas do Sétimo Dia – História. I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador:

Prof. Dr. Wilhelm Wachholz (Presidente / EST - PPG)

2º Examinador:

Prof. Dr. Rudolf von Sinner (EST - PPG)

3ª Examinador:

Prof. Dr. Remí Klein (EST - PPG)

4ª Examinador:

Profa. Dra. Lilian Blanck de Oliveira (FURB)

5ª Examinador:

Prof. Dr. Carlos Flávio Teixeira (UNASP)

DARIUS, Fábio Augusto. **De corpo, alma e espírito**: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White.

SINOPSE

A presente pesquisa aborda historicamente a construção e o desenvolvimento prático e teórico da teologia holística de Ellen White legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ellen White, viveu no momento em que seu país, os Estados Unidos da América, estavam se firmando enquanto nação e morreu precisamente quando ele buscava a hegemonia mundial. Assim, passando pelos turbulentos anos da Secessão e incorporando o espírito pragmático estadunidense cresceu e se firmou com sua pátria. Autodidata, ajudou a fundar uma das igrejas originais daquele país, fruto da união do pensamento heterogêneo de várias congregações protestantes. Seu trabalho destaca-se pela afirmação e vivência das crenças bíblicas que compõem a fé brônzea adventista. Contudo, de seu compêndio, extraído de milhares de páginas produzidas ao longo de sete décadas dedicadas à igreja, destaca-se indubitavelmente a interrelação indissociável entre corpo e espírito. A partir deste paradigma, para ela, esses dois entes formam a alma, que tendo porção corpórea, é mortal. Eis pois o que é o ser humano: uma alma mortal em busca de imortalidade, apenas alcançada pelos redimidos depois da volta de Jesus, um evento literal a ser percebido em breve – a maior esperança do adventista ainda hoje. Em Ellen White, como deverá ser percebido ao longo do trabalho, visto a serena e equilibrada relação entre corpo e espírito, há uma fervorosa defesa e ao mesmo tempo fremente ataque àqueles que ao contrário desta perspectiva tida por ela cristã, apelam à filosofia clássica. É no escopo dessa teologia carnal por ela dita bíblica que deve estar o ser humano alinhado. Assim, manter um regime alimentar saudável, fazer exercícios físicos regulares, zelar pela educação integral e vivenciar a natureza configuram-se exercícios em busca da espiritualidade plena, que aliados à vida de piedade e oração levam a santificação – tema central de seus escritos. O primeiro capítulo da tese analisa historicamente os Estados Unidos e Europa à época de Ellen White; o segundo aborda a construção histórica e social da crença na mortalidade da alma – centro deste trabalho, enquanto o terceiro e último trata da abordagem holística whiteana do corpo e espírito com vistas a plenitude de alma.

Palavras-chave: Santificação. Monismo. Integralidade humana. História denominacional.

DARIUS, Fábio Augusto. **De corpo, alma e espírito**: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White.

ABSTRACT

The present research addresses historically the construction and development of practical and theoretical holistic theology of Ellen White bequeathed to the Seventh Day Adventist Church. Ellen White lived at the time in which her country, the United States of America, were formed while nation and died precisely when it sought the world hegemony. Thus, passing through turbulent years of Secession and incorporating the spirit pragmatic American she grew and lean on with her homeland. Self-taught, she helped to found one of the original churches of this country, the fruit of the union of heterogeneous thought of various protestant congregations. Her work stands for affirmation and experience of biblical beliefs that comprise the Adventist brazen faith. However, her compendium, extracted from thousands of pages produced over the course of seven decades devoted to church, stands out clearly the inseparable intercorrelation between body and spirit. From this paradigm, for her, these two bodies form the soul, that having body portion is deadly. This is then what is the human being: a mortal soul in search of immortality, only achieved by redeemed after the coming of Jesus, a literal event to be soon perceived - the greatest hope of the Adventist still today. In Ellen White, as should be perceived along the work, since the serene and balanced relationship between body and spirit, there is a fervent defense and at the same time thrilled attack to those who unlike this perspective taken by her Christian, call for classical philosophy. It is in the scope of this carnal theology dictated by her biblical that it must be the human being aligned. Thus, to maintain a healthy diet, doing regular physical exercises, ensure the integral education and experience the nature, configure exercises in search of full spirituality which allied to the life of piety and prayer lead to sanctification - central theme of her writings. The first chapter of the thesis analyzes historically the United States and Europe at the time of Ellen White; the second deals with the historical and social construction of the belief in the mortality of the soul - center of this work, while the third and last is the holistic whitean approach of body and spirit with views to the fullness of soul.

Keywords: Sanctification. Monism. Human integrality. Denominational history.

Agradecimentos...

Em 2008, ao deixar pela primeira vez o conforto e a alegria dos amigos, bem como a comodidade e a beleza da minha cidade natal rumo a uma nova aura, a dor pungente da despedida logo foi olvidada pelo ardor das perspectivas que nasciam em minha alma. Afinal, assim como afirmou o profeta Samuel, “até aqui lahweh nos socorreu”. A misericórdia divina foi por mim rapidamente percebida ao ser abraçado por inúmeras pessoas que tanto me ajudaram e me ajudam no trajeto. Agradeço a Deus pelas maravilhosas oportunidades e por Seu sempiterno amor: a Ele, deponho minha alma mortal e a Ele, pela graça mediante a fé que Dele recebo, suplico pelo dom da imortalidade. Agradeço aos meus pais Paulo e Célia e meus irmãos João Paulo e Flávia que nem sempre alegremente, mas com ternura e amor aceitaram minhas tantas ausências em virtude da participação em numerosos eventos no Brasil e mesmo fora do país. Agradeço a minha futura esposa Rebeca por tão devotado amor, carinho e admiração: foram muitas as horas que precisei abrir os livros e não pude abrir meus braços para senti-la mais perto. Sou absolutamente grato ao meu orientador, Prof. Dr. Wilhelm Wachholz, que desde meu primeiro dia na Escola Superior de Teologia, lá em 2008, tão bondosa e alegremente me atendeu, participando de forma ativa de meu desenvolvimento acadêmico: ao senhor, que abriu meus olhos ao mundo eu desejo frutuosas bênçãos e vida longa e próspera, extensivas aos seus! Agradeço aos meus colegas professores e coordenadores do Centro Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul – CETEC/UCS que pacientemente entenderam que minha mente e meu coração precisaram se dividir entre meus queridos alunos – a quem também dedico este trabalho! – e as obrigações de acadêmico. Obrigado, querida Diretora Ana Cristina Possap Cesa, Isabel Corrêa e Isabel Galli: sem vocês, teria sido muito mais difícil e menos prazeroso. Sou e serei grato também a minha primeira incentivadora, Profa. Dra. Maria Luiza Renaux, que desde os primórdios acreditou em mim. Agradeço de forma especial a Profa. Ms. Caroline de Siqueira pela leitura atenta e ajuda na formatação final deste trabalho. Sou grato também a amiga Priscila Lubitz por todas as revisões e traduções ao longo desses anos. Durante o período em que cursei o Doutorado no Programa de Pós-Graduação, foi de imprescindível ajuda o custeio dos estudos pela CAPES. Que muitos outros possam, a partir desta ajuda, vivenciar o que vivenciei!

Dedico estas humildes páginas àqueles que,
ainda que muitas vezes vacilantes – como eu –
“sob a bandeira ensanguentada do Príncipe Emanuel”
se reúnem e encontram forças para continuar firmes
em meio ao Grande Conflito, que logo findará!
Ora vem, Senhor Jesus!”

Sumário

INTRODUÇÃO	15
1 SOBRE AS MOTIVAÇÕES E AS NECESSIDADES DE ESTUDAR OS ESTADOS UNIDOS NOS SÉCULOS XVII, XVIII E XIX BEM COMO SUAS VICISSITUDES.....	22
1.1 Os pressupostos da religião nos Estados Unidos da América nos séculos XVII e XVIII: revisão e aporte histórico.....	25
1.1.1 Estados Unidos da América: uma nação cristã?.....	26
1.1.2 A Inglaterra nos séculos XVI e XVII	30
1.2. Os pais peregrinos e suas influências na construção do Novo Mundo	33
1.2.1 A construção da identidade estadunidense.....	34
1.2.2 Jonathan Edwards e a teologia estadunidense no século XVIII.....	40
1.3 Conclusões acerca dos séculos XVII e XVIII	47
1.4 A construção da nação estadunidense	50
1.4.1 O fim do século XVIII na Europa e a na América a partir das Independências Americana e Francesa	50
1.4.2 Semelhanças nas constituições dos Estados franceses e estadunidenses.....	53
1.5 O Grande Século XIX	55
1.5.1 A ideia de Nação segundo Thomas Jefferson e Ellen White.....	55
1.5.2 Quem foi o estadunidense do século XIX	58
1.5.3 O conceito de nação e o expansionismo estadunidense.....	59
1.5.4 A primeira derrota moral e a necessidade da guerra.....	62
1.6 O Norte e o Sul.....	65
1.6.1 Mudanças econômicas que ocasionaram a divisão	66
1.6.2 A questão educacional e a escravocrata.....	66
1.6.3 A Secessão	69
1.7 Posfácio Capitular	75
2. A QUESTÃO DA IMORTALIDADE CONDICIONAL COMO PONTO CENTRAL DA TEOLOGIA HOLÍSTICA WHITEANA	77
2.1 Sobre a imortalidade condicional ou “sono da alma”: antecedentes histórico-doutrinários confessionais e importância do tema para a teologia adventista do sétimo dia incipiente.....	79
2.1.1. A questão da imortalidade da alma na obra de Platão: fundamentos gregos e refutações whiteanas.....	83
2.1.2 Dualismo e neoplatonismo: a entrada do pensamento na teologia cristã e o combate whiteano à “má filosofia”	89
2.1.3 O redescobrimento da teoria condicionalista pelos pré-reformadores e filósofos: retrospectiva e posição whiteana	99
2.1.4 O condicionalismo no século XIX e seu aparecimento na Igreja Adventista do Sétimo Dia como “resposta aos novos tempos”: o vitorianismo e a igreja.....	108
2.1.5 Os condicionalistas pioneiros na Igreja Adventista do Sétimo Dia	118

2.2 A natureza e destino do ser humano e sua condição mortal segundo a teologia whiteana legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	123
2.3. Alma e Espírito: Definições Adventistas do Sétimo Dia.....	129
2.4. Os “espíritos” do Moderno Espiritismo e o beligerante espírito adventista do sétimo dia contra propaladas interpretações consideradas antibíblicas.....	135
2.4.1. O nascimento do espiritismo nos Estados Unidos: à luz do adventismo do sétimo dia, contrafação de Satanás.....	137
2.4.2. Principais diferenças doutrinárias entre o Espiritismo e o Adventismo: a crença na mortalidade da alma como ponto central de divergência.....	143
2.4.3. Outros autores adventistas do sétimo dia pioneiros e a cruzada contra o Espiritismo.....	149
2.5. Parusia, “sono da alma” e santificação: contracultura adventista do sétimo dia.....	153
2.6. Posfácio capitular.....	160
3 SANTIFICAÇÃO E INTEGRALIDADE HUMANA.....	162
3.1. Ellen White e a construção do “seu” conceito de santificação: a busca pelas origens e pelos significados do termo nos pioneiros e construção vivencial posterior.....	164
3.2. Santificação e Corpo: princípios de saúde e estilo de vida como componentes espirituais na dimensão humana.....	175
3.2.1. Contexto histórico da mensagem da saúde adventista do sétimo dia e importância do tema para Ellen White.....	176
3.2.2. Sobre as condições médicas e sanitárias nos Estados Unidos à época de Ellen White e os primeiros protagonistas da saúde que a influenciaram.....	180
3.2.3. A importância capital do corpo como um todo na teologia adventista do sétimo dia: temperança no vestir e comer como pressuposto de espiritualidade plena.....	185
3.3. Santificação e alma: princípios educacionais holísticos em Ellen White - rupturas e novidades.....	195
3.3.1 A educação nos Estados Unidos da América à época de Ellen White - Brevíssimos aportes.....	196
3.3.2 Ellen White e a educação santificadora: Teologia holística através da análise do livro Educação.....	205
3.4 Santificação e espírito: a doutrina do Sábado como materialidade e integralidade santificadora da união divino-humana.....	213
3.4.1 Fundamentos históricos e doutrinários da guarda do Sábado utilizados pelos adventistas do sétimo dia e justificativa de sua importância para a denominação em poucas palavras.....	214
3.4.2. Sábado e Santificação nos escritos de Ellen White.....	219
3.5 Posfácio capitular.....	225
CONCLUSÃO.....	226
BIBLIOGRAFIA.....	229

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com os livros de Ellen White aconteceu em algum momento no início dos anos 90, fruto de reuniões de estudos bíblicos ecumênicos (e mesmo inter-religiosos, visto que dele participava um casal de fé Bahá'í, de matriz iraniana, fundado no ano de 1844) em que meus pais participavam. Na verdade, esse grupo se reunia desde meados dos anos 80 e, sendo eu apenas uma criança à época, fazia o feliz papel de anfitrião quando esse nobre acontecimento se dava em minha casa – feliz muito mais pelo jantar que era servido após a oração final do que pelo encontro propriamente dito, de que mal participava. Seja como for, visto que desde aquela idade demonstrava certo interesse pela religião, ainda que genericamente falando, não raramente percebia na estante de livros de minha casa dois exemplares oriundos da imensa obra whiteana, devidamente sublinhados e anotados: *O Grande Conflito*, que narra o conflito cósmico entre Cristo e Satanás desde antes do início da história do mundo até depois da Parusia e *O Desejado de Todas as Nações*, uma biografia de Jesus Cristo.

Alguns anos mais seriam necessários até que eu efetivamente recebesse estudos bíblicos de um pastor adventista do sétimo dia e outros dois anos passariam para que eu fosse, aos 19 anos de idade, batizado e aceito como membro daquela denominação. Foi só então que li os dois citados livros e passei a procurar por outros de da mesma autoria, em uma busca que dura até hoje. Ao ingressar na faculdade de História, tornei a ler seus textos a partir de uma visão historiográfica, tentando sempre que possível, ainda que incipientemente, colocá-la desde uma perspectiva contextual estadunidense – para então, quando as possibilidades de historicização eram exauridas, aceitar a possibilidade de que parte de seus textos eram sem par e incontestavelmente proféticos. Eis a tentativa inicial e malfadada de, a partir de uma visão forjadamente cética, fazer frente às evidências de seu dom profético.

Ao chegar ao Mestrado, na Escola Superior de Teologia, minha proposta inicial de comparar as biografias de Cristo das igrejas originais dos Estados Unidos foi logo substituída pela ideia de contextualizar e analisar os múltiplos conceitos de santificação de Ellen White ao longo de sua prolífica vida.

A pesquisa ora apresentada intenciona proporcionar contemporaneamente um trabalho original na historiografia adventista do sétimo dia brasileira e mundial: estudar o sentido e aplicabilidade do conceito de santificação proposto por Ellen White – discutido em minha dissertação de mestrado, sob o título *Passos para Cristo: a construção do conceito de ‘santificação’ na obra de Ellen White legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia*, defendida em fevereiro de 2010 – nas grandes áreas gerais por ela abordadas: educação, saúde, estilo de vida e teologia a partir da contextualização histórica de sua obra e estabelecendo relações entre elas, visto Ellen White perceber o indivíduo como um todo indissolúvel.

Ellen Gould Harmon White, nascida em 1827, no estado americano do Maine, região da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos da América, foi testemunha ocular do chamado “século da História”, o “longo século XIX”, vivendo até precisamente 1915, ano em que viu ruir o otimismo desenvolvimentista europeu – pondo fim à *belle époque* – ao arrastar seus países à primeira guerra moderna de alcance mundial. Para o historiador inglês Eric Hobsbawm, foi precisamente esse conflito que pôs fim a uma era, inaugurando tristemente o século XX. Esse recorte temporal que constituiu a existência de Ellen White – os quase noventa anos entre 1827 e 1915 – foi sumamente importante para o desenvolvimento dos Estados Unidos, que viviam a primeira geração após a efetiva independência – a nova luta pela independência – proporcionada pela reiteração da vitória sobre os ingleses em 1776, na Guerra de 1812. Vitoriana, embora não em sua teologia, presenciou o auge daquela Era nos Estados Unidos, desde o nascimento da Doutrina Monroe e as primeiras tentativas estadunidenses de hegemonia sobre o continente americano, até suas incursões comerciais para o além-mar; da Guerra da Secessão à submissão do Sul ao Norte, com a vitória do capitalismo moderno sobre o conservadorismo colonial até a instauração do primeiro grupo socialista naquele país, em 1874; da invenção e da popularização do telégrafo em 1844 e da máquina de escrever até a popularização da luz elétrica, já em idade avançada.

Porém, foi no fértil campo religioso daquele país, a triunfante história do progresso protestante – diverso em muitos sentidos da religiosidade europeia e erigido sob um ideal puritano de trabalho e austeridade – que ela visualizou as grandes transformações que marcariam sua vida, atestadas por sua prolífica pena que ao longo de mais de 60 anos de trabalho escreveu e publicou quantitativamente

mais do que Calvino ou Lutero¹. Precisamente em 1827, Joseph Smith supostamente recebeu as placas de ouro das mãos do anjo Morôni, que depois de traduzidas constituiriam os princípios da primeira denominação genuinamente estadunidense, a ainda hoje majoritária? Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Os mórmons, depois de perseguições que culminaram com a morte de seu fundador, assassinado em 1844, criariam uma igreja que, a despeito da ortodoxia europeia, visualizava em seu próprio país, conduzido por Deus, a plenitude dos tempos. Nesse sentido, na mesma década de 1840, foi cunhado o termo “destino manifesto”, pensamento que expressa a crença de que aquele país foi constituído para governar o mundo, ainda que para tanto precisasse escravizar as outras nações americanas, consideradas menos desenvolvidas, como as indígenas.

Em 1848, apenas 18 quilômetros distante de Palmyra, Nova Iorque, onde Smith recebeu seu “outro evangelho”, as irmãs Fox entrariam em contato com um espírito supostamente desencarnado, iniciando o chamado Espiritismo moderno. Tanto essa união entre poder temporal e espiritual, ainda hoje flagrantes, mas agora sob ditames democráticos, bem como qualquer forma de espiritismo não encontrariam eco em Ellen White, cuja tônica era a redenção humana independente de etnia ou nacionalidade. Seu conceito de santificação, progressivo e holístico, (como se pretende mostrar neste trabalho) cunhado a partir de estudos bíblicos, não é compatível com o que pregam essas duas distintas filosofias.

Apesar da relativa pequena distância entre Palmyra e Hidesville, onde se deram as batidas espirituais, e Paris, Maine, onde Ellen White viveu seus primeiros anos – aproximadamente 800 quilômetros a nordeste – sua influência religiosa surgiu de outra fonte. A partir de 1830, o pregador batista William Miller influenciaria decisivamente a jovem Ellen Harmon ao, juntamente com seus ministros, propor uma data para a volta literal de Cristo com cálculos a partir da análise dos textos bíblicos de Daniel e Apocalipse. O movimento adventista, como ficou conhecido, fez com que Ellen White e seus familiares deixassem o seio da Igreja Metodista, onde serviram por mais de quatro décadas, para se unirem a um fragmentário grupo dentre vários que se formaram após 22 de outubro de 1844, data conhecida na Igreja Adventista do Sétimo Dia como “A Grande Decepção”, visto que Cristo não retornou, conforme Miller pregara. É nesse contexto, nos inícios da denominação,

¹ Escreveu Ellen White aproximadamente 100 mil páginas, de acordo com JEMISON, Housel. **A prophet among you**. Boise: Pacific Press, 1955, p. 289.

que ela pela primeira vez aludiu a um conceito exemplificado de santificação ao alertar grupos dispersos de adventistas fanáticos que se consideravam incorruptíveis por afirmarem que, para eles, já Cristo havia voltado, a despeito dos ditames bíblicos a respeito do tema por eles compartilhado.

Nos anos seguintes, sendo o movimento de Miller influenciado por uma Batista do Sétimo Dia, Rachel Oakes, ela aceitaria a validade contemporânea do sábado do sétimo dia, conforme interpretação do disposto no quarto mandamento, e a partir de 1860, esse movimento se institucionalizaria adotando seu atual nome. Contudo, pela variedade de membros das mais diferentes denominações, a igreja surgiu como uma imensa “colcha de retalhos” doutrinária, tendo que esperar até 1888 para efetivamente abandonar certas práticas legalistas judaizantes e aceitar a graça e a fé como elementos de salvação. Isso se deu na Conferência de Minneapolis e pode ser percebido nos livros imediatamente posteriores de Ellen White².

Diante de exposto, tanto sob o ponto de vista político, social ou religioso, Ellen White – que não teve oportunidade de terminar seus estudos primários em decorrência de uma pedrada que a impossibilitou de escrever tornado-se fisicamente fraca, acamada e inapta para os estudos³ – extraiu o que considerou o melhor em cada campo para escrever sua própria teologia, em si mesma dialética (ao contrapor Terra e Céu, mas apenas quando interessa⁴) e assistemática, o que leva o

² Há quase duas mil páginas de material desse evento, disponível em WHITE, Ellen. **The Ellen G. White 1888 Materials**. Washington: Ellen G. White Estate, 1987.

³ A própria Ellen White conta em seu livro *Christian Experience and Teachings of Ellen G White*, traduzido para o português como **Vida e Ensinos** (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 10. ed., 2000. p. 13) o seguinte: “Sendo eu criança, meus pais se mudaram de Gorham para Portland (Maine). Aí, na idade de nove anos sofri um acidente que iria me afetar a vida inteira. Em companhia de minha irmã gêmea e de uma de nossas colegas, atravessava eu uma praça na cidade de Portland, quando uma menina de treze anos aproximadamente, zangando-se por qualquer futilidade, atirou uma pedra que me atingiu o nariz. Fiquei aturdida com o golpe e caí ao chão, desmaiada”. Sobre a agonia, ela ainda relatou em WHITE, Ellen. **Spiritual Gifts**. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1860. p. 9 e 30: “Os médicos acharam que era possível enfiar um fio de prata em meu nariz para manter sua forma, mas me disseram que isso seria de pouca utilidade. Disseram que eu havia perdido tanto sangue e sofrera abalo nervoso tão grande que meu restabelecimento era muito improvável; disseram também que, ainda que eu melhorasse, não conseguiria viver muito tempo. Fiquei quase reduzida a um esqueleto.” [...] Minha saúde decaiu rapidamente. Eu só conseguia falar em sussurros ou num tom de voz baixo. Certo médico disse que minha doença era uma tuberculose hidrópica; que meu pulmão direito estava perdido, e o meu esquerdo afetado. Seu prognóstico era o de que eu não viveria muito tempo, podendo até morrer subitamente. Eu sentia grande dificuldade em respirar deitada. Passava as noites apoiada em um travesseiro, em uma posição quase sentada. Despertava muitas vezes com a boca cheia de sangue.”

⁴ TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América – Livro II: Sentimentos e Opiniões**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 43. O que que ele tem a dizer aqui?? Aqui, em breves linhas

pesquisador, salvo algumas compilações específicas, a se debruçar na totalidade de sua obra. Assim, não esteve ela à frente de sua época, como ainda pensam muitos adventistas do sétimo dia, mas ao concordar com o pensamento vanguardista de educadores como Horace Mann (que foi influenciado por Pestalozzi, que por sua vez teve Allan Kardec como discípulo) e Montessori ou aludir alegremente aos clubes de temperança anteriores aos seus escritos, por exemplo, tomou daí as premissas que constituiriam sua obra – escrita em linguagem simples e direta, às vezes repetitiva e carente de riqueza linguística – cujo principal tema foi, indubitavelmente, a questão do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás e a breve volta de Cristo, tendo como pano de fundo permanente a questão da santificação aplicada ao corpo físico, intelectual e espiritual. Eis, portanto – em linhas gerais – a História vivida como pano de fundo teórico para a investigação proposta: o tema “santificação” como o principal que une e dá sentido à sua obra, servindo até hoje como fonte de consulta acadêmica e alento espiritual aos cristãos adventistas do sétimo dia.

Contudo, a verificação e a análise do tema *santificação* na obra de Ellen White vêm a ser tarefa complexa a partir da constatação já relatada de sua escrita assistemática. Mais do que isso: deve-se levar em conta que, para Ellen White e os adventistas do sétimo dia de ontem e de hoje, a alma, constituída pelo corpo e pelo espírito, em virtude de seu ente corpóreo, é mortal. Assim, para ela, santificação diz respeito ao cuidado com o corpo físico tanto quando ao corpo espiritual. A partir também desta constatação, cabe ao pesquisador separar e comparar as definições entre si e outros autores, tecendo paralelos e linhas discordantes. Conceitualmente – em resumo – enquanto para Lutero não existe justificação sem santificação (assim como para White os dois conceitos podem ser separados apenas no plano abstrato), para Calvino os dois termos, também inseparáveis, nos associam a Cristo. O metodista John Wesley triparte o conceito de santificação em três processos sucessivos: a inicial (com a conversão), a progressiva⁵ e a inteira, uma experiência mais madura da graça de Deus, como que a partir de vários passos, discordando em

Tocqueville deixa antever o pragmatismo estadunidense que soube, de forma *sui generis* trabalhar questões “espirituais” e cotidianas sem qualquer prejuízo para nenhuma das duas esferas.

⁵ Ellen White negava totalmente a imediata santificação sendo que para ela “a santificação não é uma obra instantânea, e, sim, progressiva, assim como a obediência é contínua”. WHITE, Ellen. **Obedience is sanctification**. The Signs of the Times. Oakland. 19 de maio de 1890. p. 1. Para Wesley, a santificação também deveria algo progressivo. Contudo, Ellen White discordaria da teoria wesleyana da “segunda obra da graça”, que diz que depois da justificação o homem deveria procurar por Deus para continuar o processo.

teoria dos escritos dos reformadores anteriores e também de Ellen White, pouco mais de meio século depois. Contudo, a definição wesleyana de santificação em si certamente abarca o conjunto do pensamento whiteano acerca do tema. Para ele, santificação é a “pureza das intenções”, total entrega para Deus. Para Ellen White, a diferença teórica entre justificação e santificação não seria clarificadora para seu público original, afirmando que “é imputada a justiça pela qual somos justificados; aquela pela qual somos santificados é comunicada. A primeira é nosso título para o Céu; a segunda, nossa adaptação para ele”.⁶ Contudo, paradoxalmente, ela afirma que “muitos cometem o erro de tentar definir minuciosamente os sutis pontos de distinção entre justificação e santificação. Muitas vezes trazem eles para as definições dos dois termos as suas próprias idéias e especulações.”⁷ Para White – e talvez aqui esteja sua maior semelhança com John Wesley – a santificação deve ser iminentemente prática e provavelmente seu melhor conceito seja aquele em que ela simplesmente exemplifica o que a santificação venha a ser, a saber: “Isto é verdadeira santificação. Não é meramente uma teoria, uma emoção ou uma forma de expressão, mas um princípio vivo, ativo, permeando a vida diariamente”. Segundo ela, isto “[...] requer que nossos hábitos no comer, beber e vestir sejam de molde a assegurar a conservação da saúde física, mental e moral”.⁸

Eis, no exemplo explicitado na frase acima citada, a proposta do trabalho, desde uma análise acurada das obras disponíveis em inglês da autora⁹: a partir de

⁶ WHITE, Ellen. **Messages to Young People**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1930. p. 35.

⁷ WHITE, Ellen. **Manuscript Releases**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, Vol. 3, 1981. p. 300.

⁸ WHITE, Ellen. **Counsels on Diet and Foods**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1976. p. 58.

⁹ Faz-se necessário clarificar que: 1) optou-se pelas obras da autora em inglês para evitar certos problemas de tradução, pontuais, percebidos por este autor, como por exemplo: “Spirit” traduzido por “espírito” (em letra minúscula) ou vice-versa, bem como “Nature” ora traduzido por “natureza” ou “Natureza”, dentre outros casos raros. 2) Nem todas as obras de Ellen White encontram-se publicadas em português (embora um grande número esteja disponível) e segundo o Ellen White Estate, há porções de seus escritos ainda em análise. (Há disponível em CD-ROM todas as obras publicadas em inglês pela autora, bem como artigos de periódicos, panfletos, obras de outros autories adventistas do sétimo dia, livros protestantes clássicos que a influenciaram, a versão da Bíblia que ela se utilizou, assim como seu dicionário, bem como obras contextuais e biográficas sobre ela. Trata-se do “Ellen G. White, Comprehensive Research Edition CD-ROM 2008”, disponível para compra no sítio <http://www.adventistbookcenter.com/ellen-g-white-comprehensive-research-edition-cd-rom-2008-pc.html>. Também há versões disponíveis para o sistema Apple (MAC e iPhone, iPod e iPad) e Android. Os livros em português podem ser adquiridos diretamente pela editora dos Adventistas do Sétimo Dia, a Casa Publicadora Brasileira. 3) Nos raros casos em que não foi possível buscar a obra em inglês, fez-se a consulta em português. Metodologicamente, optou-se pela perspectiva histórica da longa duração, tomando os textos de Ellen White, na maioria dos casos (mas sem desprezar seu dom profético) enquanto escritos históricos, ora em harmonia com os ditames de seu tempo, ora não. 4) Visto a opção do autor pela obra em inglês de Ellen White e visando facilitar a pesquisa e leitura de

uma contextualização histórico-teológica evidenciar nos escritos de White – a partir da plena evidência da mortalidade da alma¹⁰, abordado no segundo e central capítulo 2 – textos que demonstrem a prática de seu conceito de santificação nos âmbitos físico, mental e moral, preenchendo uma lacuna acadêmica necessária incidentalmente (embora nos últimos anos boas pesquisas tenham sido elencadas, muitas das quais citadas em minha dissertação de Mestrado)¹¹ aos adventistas do sétimo dia, mas principalmente ao público acadêmico que questiona o teor teológico dessa denominação.

suas obras em português, o site do Centro de Pesquisas Ellen G. White disponibiliza uma relação completa contendo o título em português e em inglês. O endereço encontra-se disponível em <http://centrowhite.org.br/ellen-g-white/relacao-de-titulos-portugues-ingles-dos-livros-de-ellen-g-white/>. Acessado em 28 de março de 2014.

¹⁰ Optou-se por se utilizar “corpo, alma e espírito”, nesta ordem, por um motivo em especial: dada a perspectiva monista de Ellen White (e assim, sua leitura integralista do ser humano), classificar por ordem de importância corpo e espírito não parece estar em linha com a teologia whiteana. Assim, visto que para ela a alma é a união do ente físico e espiritual, deixar a “alma” no meio do “corpo” e do “espírito” parece uma ideia razoável. Ainda: visto que neste trabalho alude-se ao espírito de forma privilegiada partir da perspectiva do sábado para o adventista do sétimo dia, período que sintetiza a união divino-humano e a percepção de criatura por parte do ser humano (e que precisamente este conteúdo ficou reservado para o final deste trabalho) manter os termos na ordem em que se encontram segue uma certa sequência, que talvez para outro(a) autor(a) não necessariamente precisaria ser seguida.

¹¹ DARIUS, Fábio Augusto; WACHHOLZ, Wilhelm. **Passos para Cristo: a construção do conceito de "santificação"** na obra de Ellen White legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. São Leopoldo, 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010. Disponível em: http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=208. Acessado em 9 de outubro de 2013.

1 SOBRE AS MOTIVAÇÕES E AS NECESSIDADES DE ESTUDAR OS ESTADOS UNIDOS NOS SÉCULOS XVII, XVIII E XIX BEM COMO SUAS VICISSITUDES

A pretensão do primeiro capítulo deste trabalho doutoral – analisar os séculos XVII, XVIII e, principalmente, o XIX dos Estados Unidos em seus aspectos histórico-teológicos selecionados – carrega em si mesmo um caráter um tanto perdulário, esbanjador. Como é possível, em espaço tão contido como o de um trabalho acadêmico dessa natureza, abordar tão majestoso tema – e ainda por cima se dar ao luxo de tratar de questões tidas como incidentais? Certamente, o leitor mais atento poderá perceber, no mínimo, a incoerência presunçosa das linhas iniciais e seu propósito almejado. Ou há, neste exagero, algum (bom) propósito?

Certamente, há uma explicação ou, na melhor e mais bem intencionada das tentativas, uma boa razão para tal: efetivamente os séculos XVII, XVIII e XIX nos Estados Unidos (bem como, principalmente, a segunda metade do XX) foram pujantes, para dizer o mínimo, sendo esta pujança presenciada principalmente sob o ponto de vista econômico, o que motivou teólogos – a partir da instauração do modo de vida puritano – a pensar uma teologia estritamente estadunidense, dando suporte às conquistas de então. Excelentes historiadores do passado e do presente têm se debruçado sobre o tema e muito material existe a esse respeito. Minha intenção aqui é tão somente me apropriar de parte dessa produção e, sob o viés da religião, mas sempre margeando a historiografia – utilizando um termo originário do meio musical, fazer contrapontos na esperança de criar pontes entre um e outro tema. Para facilitar a análise, abordarei primeiramente os séculos XVII e XVIII como que um bloco monolítico, porém multifacetado que, em sua construção plural, lançou as bases para o projeto de nação levado às últimas consequências no século XIX, que tratarei mais especificamente utilizando-me, de forma primária, de textos e comentários de Ellen White, testemunha ocular da passagem de sua nação de um status agrário

para um país com pretensões hegemônicas.

No tocante aos séculos de fundação e desenvolvimento inicial das colônias até efetivamente as primeiras lutas pela independência e processo de instauração da democracia, abordarei a gênese da religião estadunidense a partir de suas premissas mais elementares: o calvinismo incipiente no bojo da formação das treze colônias, passando para o texto da Constituição que logo em seu primeiro artigo prenuncia a já estabelecida liberdade de expressão e religião, revisitando bibliograficamente o primeiro reavivamento ou despertar, de cunho calvinista, o segundo despertar, mais sob o viés arminiano, e fazendo uma seleção dentre as míriades de denominações fundadas ao longo do processo, muitas das quais sob influência das doutrinas pré-milenaristas.

Algo que sob hipótese alguma deve ser deixado de lado é a influência do período conhecido como romantismo, que certamente moldou de alguma forma o pensamento de alguns personagens ao, desde aquele momento, já sentirem certa nostalgia pela geração imediatamente anterior, ainda não poluída pela preta fumaça capitalista. Isso pode ser notado em alguns hinos e centenas de textos escritos por mulheres, visto que, ao contrário do contexto europeu, elas tinham voz e vez, inclusive criando denominações próprias.

Gostaria de chamar a atenção do leitor aos aspectos únicos da teologia estadunidense do século XIX presentes ainda hoje em algumas denominações, como a crença de que a cidade santa, ou Nova Jerusalém, descrita pelo autor do Apocalipse se concretizará em solo norte-americano. O American Way of Life e grande parte da política externa de dominação via cultura, talvez, ainda que inconscientemente, pode estar calcado nesse pressuposto.

Foi no século XIX que os estadunidenses, gestados no campo, partiram em massa para as pujantes cidades – principalmente da Costa Leste e no Norte – e preconizaram, a partir da iniciativa privada, um grande desenvolvimento industrial até hoje ainda não superado por outro país do globo.

O período em questão, mais do que qualquer outro na história deste Estado, viu suas fronteiras duplicarem com a longa e sangrenta marcha para o Oeste (ocasionando em grande medida o aniquilamento de miríades de povos indígenas), as animosidades com vizinhos surgirem, bem como as primeiras querelas diplomáticas com a Europa e as tentativas iniciais de hegemonia nos três continentes que carregam seu nome. É o século da América para os americanos, a

partir da doutrina Monroe, de cunho distintamente material e imperialista e, em outro plano, é o período dos pregadores que, de tendas para milhares de pessoas, pregavam vividamente e faziam muitos crerem que ali era a Terra da Promessa, o Novo Israel de Deus.

Em meio a essa dialética binomial “Terra-Céu”, que em grande medida ajudou a construir a identidade da nação estadunidense (e que perdura ainda hoje), nasceu e viveu a escritora e cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen White, filha de pai descendente de europeu e de mãe caribenha: uma negra, portanto. Uma mulher negra à frente de uma denominação religiosa genuinamente americana¹² e conservadora,¹³ em um contexto de perseguição e preconceito, por si só constitui um paradoxo apenas possível em uma nação democrática militante¹⁴. Porém, talvez mais paradoxal seja o fato desta denominação combater aquilo que considerava excessivo e mesmo confrontar a própria ideia do progresso inculcado no “sonho americano”. Imiscuída e intrinsecamente participante dessa atmosfera pioneira e conflitante, seus comentários de cunho teológico através de cartas pessoais, panfletos, artigos em periódico e livros, constituem um vivaz testemunho da florescente história dos Estados Unidos pelo viés de uma vitoriana do Norte.

É conhecendo as nuances do século XIX estadunidense em um contexto mundial amplo (porém abordado brevemente) que se torna possível entender, em alguma medida, a contemporaneidade mundial. Hoje, os Estados Unidos da América são compostos por cinquenta estados e trezentos e nove milhões de habitantes divididos em mais de nove milhões de quilômetros quadrados, constituindo uma nação multicultural e responsável por um quarto das riquezas econômicas mundiais

¹² A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, os mórmons, é considerada a primeira igreja com o *ethos* dos Estados Unidos, ainda nos anos 30 do século XIX. Seus membros ainda hoje creem que o Paraíso Eterno será literal, em um local específico nos Estados Unidos. Trinta anos depois, surgiram os adventistas do sétimo dia, com linhas teológicas bastante distintas deste primeiro grupo, mas ainda assim, marcadamente estadunidenses. Para mais informações, vide BLOOM, Harold. **La religión en los Estados Unidos: El surgimiento de la nación poscristiana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

¹³ Ainda nos anos 50 do século XX, o estereótipo do adventista do sétimo dia correspondia em grande medida àquele preconizado pelo “american way of life”: enquanto os livros denominacionais apregoavam a igualdade de gêneros, a mãe era a “rainha do lar”, gestora da cozinha e da educação dos filhos, enquanto o marido era o provedor por natureza. Vide: WHITE, Ellen. **O Lar Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 229. Note o leitor que essa descrição whiteana específica, que diz respeito ao “american way of life” diz respeito ao paradigma da sociedade patriarcal não raras vezes mencionado na Bíblia.

¹⁴ Por mais estranho que possa parecer, durante o período da Secessão, era no Sul escravocrata e confederado que era permitida, sem qualquer embargo, a liberdade de expressão, enquanto no Norte, o então presidente Lincoln cerceava os meios de comunicação com o intuito de preservar a moral dos habitantes e soldados nas frentes de batalha.

e um PIB de mais de quinze trilhões e meio de dólares.¹⁵ Não é exagero afirmar que o destino do mundo, para o bem ou para o mal, está visceralmente ligado ao destino dos Estados Unidos.

1.1 Os pressupostos da religião nos Estados Unidos da América nos séculos XVII e XVIII: revisão e aporte histórico

Não parece ser possível escrever sobre a religião estadunidense no século XIX sem antes, ainda que em caráter revisional (e não revisionista), abordar alguns aspectos dos séculos precedentes¹⁶, no caso os dois anteriores, que presenciaram a fundação daquilo que viriam a ser os Estados Unidos da América. Em um primeiro e importante momento, é sempre preciso lembrar que foi sob a égide da liberdade religiosa que os primeiros colonos – imigrantes ingleses – deixaram a Inglaterra, sob pena de morte, durante o período opressor, quando, em outras partes da Europa, a Reforma florescia.

Considerar este fato fundante é primordial, visto que na América do Norte ocupada por estes primeiros colonos não existia uma igreja institucional (na verdade, pouco existia de traço de ocupação europeia), mas tão-somente um senso profundamente norteado por ideias e concepções religiosas que eram em grande medida destoantes daquela evidenciada na Europa inquisitorial, em que a Inglaterra, no período, era dominada primeiramente pelos Tudor e, logo em seguida, pelos Stuart.

Assim sendo, a proposta de nação prefigurada por aqueles homens não deveria conter em nenhum aspecto qualquer vício romano ou restrição de nenhuma ordem, a não ser que determinada prática pusesse em risco ou má situação a vida do próximo. Certamente, não é por mero acaso que esses primeiros colonos ficaram conhecidos por “pais peregrinos”: ao deixar a Europa “peregrinaram” não pouco

¹⁵ De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, Divisão de Inteligência Comercial. Os dados podem ser acessados a partir do endereço eletrônico <http://www.brasilglobalnet.gov.br/IndicadoresEconomicos/INDEstadosUnidos.pdf>. Acessado em 22 de novembro de 2013.

¹⁶ Para contextualizar este primeiro capítulo, foi utilizada a perspectiva metodológica conhecida como longa duração. A escolha não foi acidental: para melhor perceber as múltiplas matizes do século XIX estadunidense, visualizar os dois séculos anteriores desde uma perspectiva social (dentre outras) evidencia o que aquela nação chama de “destino manifesto” visto que, nas palavras de Braudel “[...] a história é a soma de todas as histórias possíveis: uma coleção de ofícios e de pontos de vista, de ontem, de hoje e de amanhã”. No caso específico, a soma destas histórias parece ter culminado, no século XIX, uma espécie de “aurora de um novo tempo”, período este que Ellen White observaria muito criticamente. BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990. p. 17.

tempo no sempre perigoso Oceano Atlântico e grande parte da arte pictográfica retratando esses homens é de caráter reverencial, ainda que não retratassem especificamente o fato, como é visível na obra “Washington crossing Delaware”, um óleo sobre tela de 1851 de autoria de Emanuel Leutze¹⁷.

1.1.1 Estados Unidos da América: uma nação cristã?

A pergunta temática do presente subtítulo pode, em um primeiro momento, parecer absurda ou despropositada. Ora, os Estados Unidos sempre foram considerados uma nação cristã e esse parece ser ponto pacífico. Contudo, o que efetivamente constitui uma nação como sendo cristã? Há elementos distintos que afirmam favoravelmente determinados países pertencendo a esse grupo e que, automaticamente, excluem outros dessa classificação?

Ao analisarmos a breve história deste povo, nos deparamos com imigrantes cristãos, mas apenas a alcunha assim pode ser utilizada como denotativo? Ainda em 1905, David J. Brewer, juiz associado da Suprema Corte dos Estados Unidos, afirmou desde o título de sua obra que, efetivamente, os Estados Unidos podem ser, sim, considerados cristãos, enquanto nação. Logo em suas primeiras páginas, afirma que:

[...] podemos classificar as nações de várias maneiras, como por exemplo, por sua forma de governo. Um deles é um reino, ainda outro uma república. Classificamos também por sua etnia. O Reino Unido, por exemplo, é uma nação anglo-saxã, enquanto a França é gaulesa, a Alemanha teutônica e a Rússia, eslava. Podemos ainda utilizar a religião como critério. Uma delas é a nação muçulmana, outros são os gentios e outros ainda são as nações cristãs. Esta república [a dos Estados Unidos da América] está classificada dentre as nações cristãs do mundo. Foi formalmente declarada pela Suprema Corte dos Estados Unidos, no caso *Trinity Church versus Estados Unidos*. Este órgão jurisdicional, depois de mencionar várias circunstâncias, acrescentou que estes e muitos outros assuntos que se pôde observar, adicionados a um volume de declarações não-oficiais, declara que esta é uma nação cristã.¹⁸

¹⁷ A obra encontra-se no The Metropolitan Museum, em Nova Iorque.

¹⁸ BREWER, J. David. **The United States: A Christian Nation**. Philadelphia: The John C. Winston Company, 1905. p. 11. Conforme o original: “We classify nations in various ways, as, for instance, by their form of government. One is a kingdom, another an empire, and still another a republic. Also by race. Great Britain is an Anglo-Saxon nation, France a Gallic, Germany a Teutonic, Russia a Slav. And still again by religion. One is a Mohammedan nation, others are heathen, and still others are Christian nations. This republic is classified among the Christian nations of the world. It was so formally declared by the Supreme Court of the United States. In the case of Holy Trinity Church vs.. United States, 143 U. S. 471, that court, after mentioning various circumstances, added, “these and many other matters which might be noticed, and a volume of unofficial declarations to the mass of

A afirmação em si mesma parece ser muito importante. Nela, um juiz de direito, nos primeiros anos do século XX afirma categoricamente que sua pátria é cristã. O cristianismo estadunidense, corroborado também por sua constituição, não almeja ser simplesmente nominal. É visto como uma missão: a doutrina Monroe, de 1823, tentará colocar em prática esse sistema político-religioso, para novamente citar apenas um exemplo. Sua nação não é simplesmente um mero país cristão, mas um país cristão líder em relação a todos os outros, visto que salvaguardam as liberdades individuais, seguindo as premissas de seus primeiros fundadores. Segundo ele:

Mas em que sentido ele pode ser chamado de uma nação cristã? Não no sentido de que o cristianismo é a religião estabelecida ou que as pessoas estão de qualquer maneira obrigadas a apoiá-lo. Pelo contrário, a Constituição prevê expressamente que "o Congresso não fará nenhuma lei que respeita um estabelecimento da religião, ou proibindo o seu livre exercício." Também não é cristã no sentido de que todos os seus cidadãos são de fato ou cristãos de nome. Pelo contrário, todas as religiões têm um âmbito livre dentro de nossas fronteiras. Muitos do nosso povo professam outras religiões, e muitos rejeitam todas. Nem é cristã no sentido de que a profissão do Cristianismo é uma condição de cargos ou engajamento no serviço público ou essencial para o reconhecimento político ou social. Na verdade o governo como uma organização legal é independente de todas as religiões. No entanto, estamos constantemente a falar desta república como uma nação cristã de fato, como a nação líder do mundo cristão. Este uso popular do termo certamente tem um significado. Não é uma mera criação da imaginação. Não é um termo de escárnio, mas tem uma base substancial que justifica seu uso.¹⁹

Os pais peregrinos, cristãos calvinistas, são (ainda hoje) retratados com

organic utterances that this is a Christian nation." (A tradução, livre, é minha. Ao longo de todo o trabalho optei por esta forma de tradução para tornar o texto o mais fluido possível. Contudo, para deixar totalmente clara esta opção e incitar o leitor a fazer as suas próprias fiz questão de frisar que eu mesmo traduzi o texto na grande maioria das notas. À exceção ficam as poucas onde optei por tradução de livros já editados em português). Fazer uma nota geral – sempre tua a tradução a não ser que tenha uma indicação ao contrário. Podes ainda esclarecer em que sentido foste “livre” em tua tradução. Em teses é preferível ficar tanto quanto possível próximo ao original.

¹⁹ BREWER, 1905, p.12. Segundo o original: "But in what sense can it be called a Christian nation? Not in the sense that Christianity is the established religion or that the people are in any manner compelled to support it. On the contrary, the Constitution specifically provides that "Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof." Neither is it Christian in the sense that all its citizens are either in fact or name Christians. On the contrary, all religions have free scope within our borders. Numbers of our people profess other religions, and many reject all. Nor is it Christian in the sense that a profession of Christianity is a condition of holding office or otherwise engaging in the public service, or essential to recognition either politically or socially. In fact the government as a legal organization is independent of all religions. Nevertheless, we constantly speak of this republic as a Christian nation—in fact, as the leading Christian nation of the world. This popular use of the term certainly has significance. It is not a mere creation of the imagination. It is not a term of derision but has a substantial basis — one which justifies its use." (A tradução, livre, é minha.)

status de reformadores. Há uma plena convicção, a partir da estruturação das primeiras colônias, de que o país ora estabelecido, embora ainda sequer fosse um país reconhecidamente soberano – isto aconteceria somente depois da batalha de 1776 contra a Inglaterra – estaria predestinado a mudar a história do mundo, em um sempre e colossal esforço de renovação, sempre percebendo a necessidade humana pelo Divino. Como salientou J.J. Mueller:

Essencialmente, então, o modo de vida americano é um sonho sempre esperando para ser realizado. Ele está constantemente a ser criado, desfeito e refeito. Nunca seremos capazes de dizer: "Chegamos, está consumado!" Nós iremos sempre dizer "Nós estamos chegando, temos mais a fazer."²⁰

Assim sendo, é tentador estudar a história dos Estados Unidos privilegiadamente sob o viés religioso. Afinal, cada passo do processo, desde os primeiros, foi visto e comparado analogamente à luz de trechos bíblicos especificamente selecionados. Quando esses mesmos peregrinos, por exemplo, logo no primeiro ano no Novo Mundo – ainda em 1620 – começaram a morrer de frio e de fome, logo alguém se levantou afirmando que o Senhor Deus os havia abandonado, como Ele mesmo fizera com Seu próprio povo no Antigo Testamento quando estes se voltaram contra Deus.²¹ Havia um senso quase reverencial de escolha. A pátria seria uma espécie de Nova Canaã e seus habitantes vivenciariam uma nova forma de conduta, restaurada e atualizada às novas necessidades e premissas.

Contudo, com o passar dos anos e o estabelecimento material de uma pátria próspera, estes homens e estas mulheres almejavam compor muito mais do que uma simples nação cristã. Ora, uma nação tem os atributos temporais de um território estabelecido segundo padrões determinados por leis pensadas em tribunais humanos. Era desejo transformar esta nação em um reino, não deste mundo, mas atemporal; um lugar que se assemelhasse ao Antigo Israel em seus melhores dias, livres e sob a graça de Deus.

²⁰ MUELLER. J.J. **Practical Discipleship**: A United States Christology. The Liturgical Press: Collegeville, 1992. p. 27. Conforme o original: "Essentially, then, the American way of life is a dream always waiting to be realized. It is constantly being created, undone, and remade. Never will we be able to say, "We have arrived; we are finished!" We will always say "We are arriving; we have more to do." (A tradução, livre, é minha.)

²¹ De acordo com KARNAL, Leandro [et al.]. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008, p.33.

Para tanto, seria necessário, a partir de seu senso de povo escolhido, sempre readequar o mundo físico e temporal àquele desejado, vindouro, mas sentido e vivenciado desde agora. Para aquele povo, presenciar o “já” e esperar pelo “ainda não”²² não constituía uma utopia, mas uma realidade, embora não (e nunca) plenificada. Segundo Edmund Morgan:

Cristo disse que seu reino não era deste mundo e personificou a mensagem em seus ensinamentos. Seus seguidores, no entanto, tiveram de viver no mundo, tentando, apesar deste aviso para trazê-lo sob Seu domínio, dobrar seus preceitos quase irreconhecíveis, a fim de encaixá-los para os caminhos do mundo. Ao longo dos séculos o cristianismo tem vibrado desconfortavelmente entre o que seu fundador prescreveu e o que exige o mundo. Quando a igreja torna-se demasiado gorda e confortável para com o mundo, o contraste entre o meio e a mensagem sempre aponta para algum profeta para chamar os verdadeiros crentes de modo que a instituição, a vida e o culto mais se assemelhem a Cristo.²³

A vida da nova nação, ao menos nos séculos XVII, XVIII e XIX, apesar do advento do racionalismo e de tantas teorias ditas anticristãs e mesmo, desde o final do século XIX, do fundamentalismo incipiente, ao menos em princípios, tentou se basear neste propósito, ou seja, manter sempre o pêndulo equilibrado. Com base nessas crenças, ainda hoje, com orgulho muitas vezes exacerbado, os Estados Unidos da América dizem ser efetivamente cristãos, justificando em grande medida sua política externa, como exemplo máximo disso²⁴. Dito isto, resta, sempre em

²² O “já” e o “ainda não” foram tomados emprestados de Bultmann, principalmente através da obra: BULTMANN, Rudolf. **Crer e Compreender**: ensaios selecionados. Edição Revista e Ampliada. Tradução de Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

²³ MORGAN, Edmund. The World and William Penn. In: BUTLER, Jon; STOUT, Harry. **Religion in American History**: a reader. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 43. Conforme o original: “Christ said that his kingdom was not of this world and embodied the message in his other teachings. His followers have nevertheless had to live in the world, trying in spite of this warning to bring it under his dominion or else bending his precepts almost beyond recognition in order to fit them to the ways of the world. Over the centuries Christianity has vibrated uneasily between what its founder prescribed and what world demands. When the church becomes too fat and comfortable with the world, the contrast between the medium and the message will always prompt some prophet to summon true believers out of so unchristian an institution and into a way of life and worship that will more closely resemble Christ's”. (A tradução livre, é de minha autoria.)

²⁴ São quase antológicas as palavras do então presidente George Bush Jr., que ao declarar guerra contra o então ditador o Iraque, Saddam Hussein, afirmou ser esta uma guerra do bem contra o mal. Ainda mais icônico foi a entrada de missionários de múltiplas denominações em várias partes do Iraque assim que os exércitos “do bem” conseguiram dominar certas posições. É possível, sem dificuldade, encontrar aqui aquele espírito que levou milhares de cristãos às Cruzadas. Esse pensamento norteia, sem embargo, toda a ideologia estadunidense e pode ser percebida já nos primeiros anos do século XIX quando estes, ao baterem os ingleses em uma batalha naval na Guerra de 1812, afirmaram que “O Todo-poderoso agradou-Se em conceder-nos uma vitória-sinal”. BLISS, Sylvester. *Memoirs of William Miller* In: MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982. p. 76.

breves nuances, examinar a história da Inglaterra no contexto imediato da vinda destes peregrinos e imigrantes, para examinarmos as bases primeiras dessas crenças fundantes.

1.1.2 A Inglaterra nos séculos XVI e XVII

No século XV, a Inglaterra, depois de duas grandes guerras contra a França e guerras internas entre famílias poderosas, como a York e a Lancaster, estava exaurida, em muitos sentidos. Economicamente enfraquecida e atrás dos países ibéricos durante o processo de expansão marítima, precisava de uma força centralizadora que, aos poucos, levasse o país ao rumo do desenvolvimento propiciado pelo mercantilismo, ainda em seu estado inicial.

No entanto, essa série de conflitos fomentou nos ingleses, talvez pela primeira vez em sua história, um senso de unidade jamais visto até então. Um governante forte era necessário. Os Tudor (1485-1603) formaram, neste contexto, a primeira dinastia inglesa nos moldes absolutistas.

Henrique VIII, o famoso rei que rompeu com a Igreja Católica por causa de uma mulher, iniciando o Anglicanismo no bojo da Reforma Protestante, não temia mais necessariamente a França e agora sequer o poder dos papas²⁵. Seu temor residia justamente nos espanhóis, que com suas Armadas espalhavam o terror nos mares. Esse novo inimigo externo aparentemente tornou a nação ainda mais unida, agora decididamente sob os moldes absolutistas.

É precisamente dessa época – a título de ilustração – o famoso dramaturgo William Shakespeare, que fundou a língua inglesa moderna. Os textos shakespearianos, embora em grande medida passem muito longe de alguma ética cristã, gesticulam acerca de um novo homem, livre, desvinculado das amarras medievais e todos os seus males em nome de uma religião institucional. Lapidar é a frase contida no Ato III, Cena I de Hamlet: “ser ou não ser, eis a questão.”²⁶

O citado polêmico rei morreu deixando como herança seu trono ao seu filho, Eduardo VI, que respirava ideias calvinistas. Ao morrer, depois de pouquíssimo

²⁵ Concorde com a afirmação o teólogo Carter Lindberg, que sobre o assunto escreveu que “a ruptura de Henrique com Roma não foi de natureza teológica, mas pessoal e política. Há indicações de que ele era um atleta sexual, mas talvez não mais do que outros monarcas. Henrique VIII estava preocupado em dar estabilidade, prestígio e poder à recém-criada casa dos Tudor”. LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 376.

²⁶ SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1880. p. 94.

tempo de reinado, sua filha, Maria I, “a sanguinária”, assumiu o trono.²⁷ A alcunha se deu por seu intento de trazer (novamente) a fé católica como religião oficial da Inglaterra, banhando seu país de sangue protestante. A próxima a assumir o trono, Elizabeth I, reinstalou o anglicanismo, reinando durante quase 50 anos.

O historiador brasileiro Leandro Karnal, em sua obra *História dos Estados Unidos*, argumenta que é muito difícil imaginar a importância da religião inglesa no século XVI, mas afirma que

[...] por meio século, os ingleses conviveram com súbitas mudanças de orientação nas diretrizes religiosas do país. Ao contrário de uma Espanha que se unificava em torno do catolicismo, expulsando judeus e muçulmanos e perseguindo as vozes discordantes, a Inglaterra reconheceu a relatividade religiosa.²⁸

O décimo sexto século, na Inglaterra, pode ser visualizado em termos muito gerais sob espectro religioso como um país muito particular: enquanto não aceitou a Reforma de Lutero em suas linhas mestras iniciais, deixou-se levar por seu fulgor a partir de um contexto absolutamente distinto, o político. Ainda assim, o país experimentou, ao menos durante um período naquele século, uma “espécie” de liberdade religiosa que permearia a visão dos primeiros colonos que, no próximo século, deixariam a Europa rumo ao Novo Mundo.

O século XVII foi dominado pela dinastia Stuart. Os primeiros ecos do capitalismo são plenamente sentidos pelos mais pobres. Os cercamentos, prática já relativamente comum na Idade Média, onde campos inteiros eram cercados para a criação privilegiada de ovelhas para a tosa da lã, fez muitos abandonarem à força a zona rural em direção à cidade. Eles serviram de mão de obra barata para fábricas insalubres, que tornavam a vida nas cidades extremamente difícil.

Com isso, classes sociais foram postas em conflito, como a burguesia inglesa em face da pequena nobreza, novas ideias foram elaboradas e destemperos sociais visualizados. A dinastia Stuart presenciou a Guerra Civil e a Revolução Puritana, na verdade, a primeira revolução burguesa da Europa.

Observando a situação sob o olhar privilegiado do tempo, não é muito difícil

²⁷ O já citado teólogo Lindberg afirma que “a partir da perspectiva de Maria, a vocação dela era salvar seu povo do pecado mortal restituindo-o à obediência papal. Ela optou realizar isso por meio de uma política externa que aliou a Inglaterra com a Espanha.” LINDBERG, 2001. p. 385.

²⁸ KARNAL, Leandro [et al.]. 2008. p. 34.

imaginar que a América Inglesa estava praticamente à mercê de si mesma. Não havia um projeto colonial esboçado, motivação interna para tal e sequer recursos humanos para uma melhor implementação inglesa na América. Todas essas questões e tensões internas, principalmente sob contexto religioso, transformaram os primeiros imigrantes europeus na América do Norte em personagens absolutamente *sui generis* de qualquer outro imigrante europeu no período. Afinal, estava infundida nesses ingleses, ao mesmo tempo, uma forte tendência ao isolacionismo, pela perspectiva geográfica, bem como uma pressuposição a um sistema político governamental equilibrado para os padrões absolutistas europeus, sem deixar de lado, sem dúvida, a fé norteadora, ancorada em ideias de trabalho. Segundo o já citado Karnal:

Os ingleses que vêm para a América trazem uma tradição cultural diversa da espanhola ou portuguesa. Os colonos ingleses, por exemplo, convivem com mais religiões. O senso do relativo que a história inglesa ajudara a formar estabeleceria uma possibilidade de opção bem maior, uma visão de mundo mais diversificada para nortear as escolhas de vida feitas na nova terra. O Estado e a Igreja oficial, na verdade, não acompanharam os colonos ingleses. Aqui eles teriam de construir muita coisa nova, inclusive a memória.²⁹

Embora cheios de dificuldades, os colonos ingleses deveriam encontrar na América as possibilidades que sua pátria mãe havia negado. A construção de uma religião genuinamente estadunidense, ainda relegada a um futuro distante, a partir da própria criação de uma nova memória, ou de um senso de identidade que cada vez mais se distanciaria daquele deixado na Europa, seria possível longe do controle estatal inglês.

Julgo necessário esse aporte histórico tão distante da realidade do século XIX para perfazer uma linha mestra que demonstra coesão entre a estrutura de pensamento daquele século com relação a esses iniciais na construção de sua história. Os pais peregrinos, na verdade, minoria entre os que aportaram na América, trouxeram majoritariamente a fé calvinista, fundamentada em uma ideologia de trabalho, como, também muito mais tarde escreveria Max Weber em sua obra clássica. Esse aporte ideológico, aliado à religião, foi o cimento necessário à criação do *American Way of Life*, já comentado na introdução deste trabalho.

²⁹ KARNAL, 2008, p. 37.

1.2. Os pais peregrinos e suas influências na construção do Novo Mundo

Até agora, foi sucintamente analisada a questão pré-colonial, ou seja, as condições sociais, econômicas e religiosas que contextualizaram a vinda imediata dos primeiros colonos para a América. Certamente esse quadro norteou as premissas daqueles homens e mulheres. No auge do também conhecido “Pequeno Renascimento”, faltava a eles o impulso libertário que materializaria suas convicções, embora o que efetivamente motivasse a maioria eram simplesmente questões subsistenciais. Não foi à toa que embarcou para a América não pequeno número de crianças desacompanhadas e mulheres solteiras ou mesmo viúvas, o que mostrava a angústia com relação ao presente limitado e a esperança em relação a uma possibilidade de vida melhor, ainda que distante um oceano da mãe-pátria.

Diante do quadro acima exposto, em um primeiro momento, o de aclimatação, fica muito difícil falar em revitalização da identidade, pois que não devia existir percepção imediata dessa identidade a ser construída. O forjar ou reconstruir a memória geralmente é tarefa relegada a gerações futuras, já agraciadas pelo esforço inicial dos primeiros pais, que em grande medida entregaram suas próprias vidas em prol do sonho de uma melhor existência. O fato de simplesmente pesquisar e a memória significam que as bases já foram lançadas em uma comunidade que existe e quer as fontes de seu passado, seja para comemorar seus êxitos, seja para vivenciar e repensar erros históricos. É um tanto paradoxal evidenciar que, em 1876, quando os Estados Unidos comemoraram seu primeiro centenário de Independência, eles pouco se interessavam por história, estando muito mais preocupados em máquinas que diziam mais acerca do futuro, enquanto em 1976 as comemorações giraram em torno de um desfile de antigos veleiros.³⁰ Pode-se imaginar que, em 1876, eles divisavam o futuro porque estavam bem estruturados em princípios norteadores gerais, ainda não presenciando qualquer nostalgia estrutural por assim dizer, enquanto em 1976, um povo nunca cansado e exaurido por guerras, mas certamente transformado por elas, procurava certo encanto e fascínio patriótico perdido em algum momento de sua nova existência.

³⁰ Conforme LUKACS, John. **Uma nova república**: história dos Estados Unidos no século XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006. p. 11.

Contudo, no caso específico da história dos Estados Unidos da América, essa construção da memória histórica não seguiu essas linhas gerais. Os primeiros imigrantes tinham plena convicção que já ao embarcar rumo à América estavam fazendo história. Isso fica claro no documento nomeado Mayflower Compact, redigido ainda dentro do barco. Esse documento, tomado como base para a futura Constituição daquele país, até hoje, ao menos ideologicamente, ainda norteia o pensamento básico da nação, isto é, permitir liberdade de culto e expressão³¹, embora muitas vezes, por ideias fortemente religiosas imbricadas a um discurso fundamentalista contemporâneo.

1.2.1 A construção da identidade estadunidense

A imensa maioria das pessoas que aportaram na América eram extremamente pobres.³² O capitalismo inglês empurrou para fora de suas fronteiras muitos inválidos, órfãos, mulheres viúvas e toda a sorte de gente sem futuro. A exceção pairava sobre os chamados “pais peregrinos”. Nesse grupo de religiosos calvinistas e de boa formação escolar estavam contidos os elementos que formariam – a partir do nada, em termos estruturais – a religião estadunidense.

Já no Mayflower, o navio que levou esses peregrinos para a América, haviam sido estabelecidas as bases para a formação do futuro país. O chamado Mayflower Compact, documento redigido ainda em alto mar, durante o ano de 1620 e que abordou acerca das bases da nova nação foi assinado por quarenta e um homens a bordo (ou seja, a maioria, mas não a absoluta) e trouxe os princípios de justiça social e liberdade de religião e consciência, bem como de culto, vedados a esses homens e mulheres na Inglaterra. O documento, prenúncio da Constituição de 1776 – e, portanto, um dos marcos fundantes da nação – teve sua redação constituída, fundamentalmente, por esses religiosos. Suas poucas linhas principiam descrevendo a viagem para a América afirmando que:

Tendo realizado para a Glória de Deus, e Avanço da fé cristã, e a honra de
nosso Rei e País, uma viagem para plantar a primeira colônia nas regiões

³¹ “Prova” disso pode ser encontrada na edição número 686 de 11 de julho de 2011 da Revista Época, que traz a entrevista com a diretora de Serviços de Informação do Governo dos Estados Unidos, a advogada Miriam Nisbet, que aborda exatamente sobre a chamada “Lei de Informação”, que há muitas décadas vigora em seu país, fruto da Constituição.

³² CHEPESIUK, Ron. **The Scotch-Irish: From the North of Ireland to the Making of America**. Jeffesron: McFarland & Company, 2005. p. 127.

setentrionais da Virgínia; por meio destes presentes se faz, solene e mutuamente na Presença de Deus e uns dos outros, pacto e combinam-nos juntos em um corpo político civil, para nossa melhor organização e preservação e promoção dos termos já citados.³³

Percebe-se, no pequeno trecho acima citado, um inegável senso de missão e, talvez, de destino, permeado por uma religiosidade latente, mas não instituída em si mesma. Assim sendo, prenuncia-se Deus como guardador e mantenedor daquela terra que seria “conquistada” em pacto com Ele. Evidencia-se, no texto constitucional de 1776, outro estágio de desenvolvimento, já livre do jugo britânico e maduro politicamente, onde as bases propostas pelo Mayflower Compact já haviam sido estabelecidas. O historiador Richard Heffner traz à luz o preâmbulo desta carta:

Quando, no curso dos acontecimentos humanos, torna-se necessário um povo dissolver os laços políticos que o ligavam a outro, e assumir, entre os poderes da terra, a estação separada e igual a que as Leis da Natureza e da natureza do Deus lhes dá direito, um respeito decente pelas opiniões da humanidade exige que se declarem as causas que os levam a essa separação. Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, liberdade e a busca da felicidade.³⁴

Comparando o Mayflower Compact com a Constituição, é possível visualizar algumas diferenças de estilo, mas o princípio é claro: a presença de Deus é visível. A partir dele, a história é guiada, espiritualmente, ainda que por caminhos muito bem expostos materialmente. Nas duas cartas, destaca-se a liberdade religiosa como fundamento inicial.

Acerca da liberdade religiosa renunciada pelos pais peregrinos, escreveu Ellen White – com grande contentamento – em 1911:

³³ BOWMAN, George Ernest. **The Mayflower Compact and its Signers**. Boston: Massachusetts Society of Mayflower Descendants, 1920. p. 7. Conforme o original: “Having undertaken for the Glory of God, and Advancement of the Christian Faith, and the Honour of our King and Country, a voyage to plant the first colony in the northern parts of Virginia; do by these presents, solemnly and mutually in the Presence of God and one of another, covenant and combine ourselves together into a civil Body Politick, for our better Ordering and Preservation, and Furtherance of the Ends aforesaid.” (A tradução, livre, é de minha autoria).

³⁴ HEFFNER, Richard D. **A Documentary History of the United States: an expanded edition**. Nova Iorque: Mentor Books, 1960. p. 15. De acordo com o autor: “When in the course of human events, it becomes necessary for one people to dissolve the political bands which have connected them with another, and to assume among the powers of the earth, the separate and equal station to which the Laws of Nature and Of Nature's God entitle them, a decent respect to the opinions of mankind requires that they should declare the causes which impel them to the separation. We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable rights, that among these are life, liberty and the pursuit of happiness.” (A tradução no corpo do texto foi de minha autoria).

No meio de exílio e sofrimento deles [os pais peregrinos] amor e fé se fortalecia. Eles confiaram nas promessas do Senhor, e Ele não os deixou em tempo de necessidade. Os seus anjos foram ao seu lado, para incentivá-los e apoiá-los. E quando a mão de Deus pareceu apontá-los através do mar, para uma terra onde poderiam encontrar para si um estado, e deixar para seus filhos o precioso herança da liberdade religiosa, eles foram para a frente, sem encolher, no caminho da providência.³⁵

Nota-se claramente no testemunho de Ellen White acerca dos precursores de sua nação, um grande débito para com aqueles que, outrora perseguidos, ajudaram a construir a nação ora estabelecida.³⁶ Com a carta dos pais peregrinos, a nação foi professamente fundada, sob a égide da igualdade, liberdade e fraternidade, símbolos que ficariam tão evidentes para o restante das nações apenas aproximadamente um século e meio depois, em decorrência da Revolução Francesa.³⁷ Deve-se notar, no entanto, que embora os princípios norteadores sejam efetivamente os mesmos – igualdade, liberdade e fraternidade, a conceituação e aplicabilidade deles se deu de forma amplamente distinta. Enquanto os franceses esperavam obtê-los sem qualquer aporte divino, os estadunidenses não pareciam ver possibilidade de se apropriar desses conceitos sem a misericórdia divina. Essa distinção pode ser vista no caráter dos processos posteriores: enquanto os

³⁵ WHITE, Ellen. **The Great Controversy Between Christ and Satan, 1911 edition**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1950. p. 291. Conforme o original: "In the midst of exile and hardship their [the Pilgrim fathers] love and faith waxed strong. They trusted the Lord's promises, and He did not fail them in time of need. His angels were by their side, to encourage and support them. And when God's hand seemed pointing them across the sea, to a land where they might find for themselves a state, and leave to their children the precious heritage of religious liberty, they went forward, without shrinking, in the path of providence". (A tradução para o português é minha)

³⁶ Observe-se para tanto, principalmente, os capítulos 5 e 6 de seu livro "O Grande Conflito", onde ela descreve acerca da saga dos antigos reformadores, desde Wycliffe. A esse respeito, prenunciando todos os outros, escreveu que: "João Wycliffe foi o arauto da Reforma, não somente para a Inglaterra, mas para toda a cristandade. O grande protesto contra Roma, que lhe foi dado proferir, jamais deveria silenciar. Aquele protesto abriu a luta de que deveria resultar a emancipação de indivíduos, igrejas e nações". WHITE, Ellen. **O Grande Conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 80.

³⁷ Certamente afirmar que um século e meio antes da Revolução Francesa acontecer as Treze colônias já almejavam os ideias revolucionários franceses é dar um salto inconsequente na História. Contudo, a partir da leitura dos documentos do Mayflower pode-se auferir essa busca basilar, ainda que incipientemente. Recentemente escrevi um artigo onde me detive mais focalmente nas relações entre Estados Unidos e França, sob aspectos ideológicos e políticos, a partir da pena de Ellen White. Sua visão era contrária aos ideias franceses sob a ótica europeia. Eis que "de acordo com a visão cristã protestante de Ellen White, a Revolução Francesa simplesmente não foi senão uma grande guerra contra a Escritura Sagrada, iniciada já séculos antes pela opressão de Roma. Os rumos que aquele país tomou deveriam ser estudados como exemplo a nunca ser seguido. Para ela (WHITE, 2004, p. 230) "quando a França rejeitou a dádiva do Céu, lançou as sementes da anarquia e ruína e a inevitável operação de causa e efeito resultou na Revolução e no Reinado do Terror" (DARIUS, Fábio Augusto. Interações culturais entre Europa e Estados Unidos no século XIX e suas perspectivas a partir da análise de textos seletos de Ellen G. White. In: **Numen**: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, v. 15, n. 1, p. 217-228, 2012).

franceses empreenderam sua “missão civilizatória”, ou seja, a instauração ou renovação de instituições sem qualquer vínculo com a igreja, os estadunidenses levariam ao mundo seu “destino manifesto”, ou seja, um modo de vida grandemente norteado pelo pensamento bíblico.

Embora os pais peregrinos estivessem convictos de suas crenças e cheios de renovada fé, eles não eram ingênuos com relação ao que os esperava. Sabiam que precisariam começar a construção da nação praticamente a partir do nada. Contudo, a partir deles, pouco a pouco, a teologia estadunidense, até o século XVIII bastante parecida com o modo de pensar inglês (é interessante lembrar que os peregrinos do Mayflower, ao redigirem o Mayflower Compact exaltaram grandemente o rei James I, cuja Bíblia King James, de grande circulação no mundo anglo-saxão esse ano comemora 402 anos de existência) começava a tomar uma nova forma. Será principalmente com Jonathan Edwards (tratado mais adiante), um dos precursores do primeiro reavivamento ou despertar, que a nação começará a refletir a sua própria teologia, ainda que mantendo suas características originais, ou seja, sem grandes e complexos sistemas teológicos e sempre visando uma teologia eminentemente prática.³⁸ Ainda com relação ao senso de construção e também no século XX, evidenciando a importância do tema, o grande teólogo Richard Niebuhr assim escreveu:

Os protestantes do século XVII não poderiam ser utópicos ou idealistas no sentido popular da palavra, pois eles não compartilhavam dos pressupostos fundamentais da utopia - a crença de que os males humanos são devidos a instituições ruins, que um novo começo com uma boa instituição irá resultar em uma comunidade perfeita, e que a razão humana é suficientemente sábia, ou a vontade humana suficientemente altruísta, para fazer a construção de uma sociedade perfeita possível. Eles eram em sua maioria plenamente convencidos de que a humanidade tinha sido corrompida de alguma forma, e sabiam que a ordem de glória ainda não tinha sido estabelecida, pois eles eram peregrinos e não esperavam a plena satisfação no momento da sua peregrinação.³⁹

³⁸ Segundo White: “Há uma espécie de religião que não toca o coração, tornando-se palavras formais. Não entram na vida prática. Os deveres religiosos e a mais elevada prudência humana nas atividades comerciais devem estar misturadas”. (WHITE, 2003, p. 381).

³⁹ NIEBUHR. H. Richard. **The Kingdom of God in America**. Willett, Clark & Company. Chicago / New York, 1937. p. 49. Seventeenth century Protestants could not be utopians or idealists in the popular sense of the words, for they did not share the fundamental presuppositions of utopianism - the beliefs that human ills are due to bad institutions, that a fresh start with a good institution will result in a perfect commonwealth, and that human reason is sufficiently wise, or human will sufficiently selfless, to make the erection of a perfect society possible. They were for the most part thoroughly convinced that mankind had somehow been corrupted; they knew that the order of glory had not yet been established; they were pilgrims all who did not expect to be satisfied in the time of their pilgrimage. (A tradução para o português é minha).

Novamente, neste ponto, é possível perceber o senso prático desses primeiros homens que, embora tivessem noção de suas próprias forças, percebiam nitidamente que a América por si não poderia apagar o passado e transformar uma miríade de supostos erros teológicos e vivenciais em novidade de vida, ainda que longe da pátria. Esse senso teria algum fundamento somente no século XIX, com a negação de toda a forma de religião posterior por aquele que seria considerado o criador da primeira religião genuinamente estadunidense.⁴⁰ Assim sendo, posteriormente – somente depois do pleno estabelecimento material no chamado Novo Mundo – é que se perceberia esse primeiro corte entre a construção de uma nação longe de qualquer manifestação utópica com aquela que, neste sentido, estava muito mais centrada nas coisas do Céu do que da Terra.⁴¹

A partir do exposto, creio que é possível contextualizar os primeiros anos dos primeiros imigrantes e peregrinos na América, a partir de uma abordagem simples e visando de forma muito particular algumas questões de fundo que incidem sobre aspectos religiosos. Com isso, resumo também a teologia estadunidense durante o transcurso do século XVII como sendo uma teologia de novidade, ou seja, uma teologia de adequação às novas necessidades, visando a questões práticas do cotidiano, que, mais tarde, dariam a tônica à nação.⁴² Para clarificar o argumento, evoco os historiadores da religião Mark G. Toulouse e James O. Duke, que, ao escreverem acerca dos puritanos pioneiros da Nova Inglaterra (região de nascimento de Ellen White), afirmam que

⁴⁰ Segundo o crítico literário Harold Bloom, Joseph Smith, Jr, o criador do mormonismo, a primeira religião efetiva e indiscutivelmente estadunidense, “apesar dos erros, Smith foi um autêntico gênio religioso, único em nossa história nacional”: BLOOM, Harold. **La religión en los Estados Unidos: el surgimiento de la nación poscristiana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 85.

⁴¹ Como diria Niebuhr: “No início do período, no entanto, os protestantes não pensavam no reino em termos idealistas e utópicos, como se tornou corrente depois.” De acordo com o original, traduzido por mim: “In the early period, however, Protestants did not think of the kingdom in the idealistic and utopic terms which became current later”. NIEBUHR, H. Richard. **The Kingdom of God in America**. Willett, Clark & Company. Chicago / New York, 1937. p. 46.

⁴² Contudo, isso de deu processualmente, visto que a “fundação da teologia americana foi a teologia européia, mas a teologia inicial na América diferiu do que veio mais tarde porque “era desembaraçada de cultura”. (Aqui o leitor não deve interpretar de forma literal, visto que parece impossível de fato isso acontecer e Tillich, em sua obra Teologia da Cultura deixa isso bem claro logo em seu primeiro capítulo. Vide TILLICH, Paul; PINHEIRO, Jorge. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009). A diferença, em vez disso, estava nas circunstâncias alteradas pelos discursos teológicos”. (NOLL, Mark. **America’s God**. From Jonathan Edwards to Abraham Lincoln. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 20)

[...] [eram] pequenos em número e preocupados com a sobrevivência, os grupos lealmente procuraram manter a sua herança religiosa, adaptando a sua doutrina da fé como a ocasião mandava. Mas eles estavam em posição de pouco se envolver como parceiros iguais [na Inglaterra] nos debates teológicos sobre a doutrina da igreja.⁴³

O grupo puritano citado evocava, ainda, as características gerais da teologia estadunidense no período, a partir do exposto acima, a saber: encorajamento da pregação leiga, reforço no ensino educacional e, principalmente, estudo reforçado não somente das Escrituras, mas também dos textos dos novos pensadores puritanos, a partir de toda a sorte de livros devocionais, tratados morais, sermões e poesia, conforme nos dizem Toulouse e Duke.

Sem deixar de mirar a multiplicidade religiosa do período no contexto europeu, como, por exemplo, as diferentes ênfases no catolicismo português, francês e inglês e as ordens missionárias franciscanas, dominicanas, jesuítas (apenas para citar algumas), o protestantismo inicial também era multiforme, contendo em seu bojo os luteranos, os reformados, os anglicanos e também os chamados “radicais”. No entanto, este trabalho privilegia apenas a vertente puritana do Protestantismo estadunidense, por este escrever em cores muito mais fortes a primeira história dos Estados Unidos da América.

A teologia estadunidense do século XVIII, ao contrário da vista até então, aos poucos ganhará força, assim como o próprio novo Estado, afastando-se cada vez mais das (in)gerências britânicas e europeias, no intuito de efetivamente ganhar sua liberdade. Foi principalmente o aparecimento do teólogo Jonathan Edwards que mudou essa faceta, como, rapidamente, veremos a seguir.

⁴³ TOULOUSE, Mark G.; DUKE, James. O. **Makers of Christian theology in America**. Nashville: Abingdon Press, 1997. p. 23. Seguindo o original: “Small in numbers and preoccupied with survival, these groups loyally sought to maintain their religious heritage, adapting their teaching of the faith as occasion required. But they were in little position to engage as equal partners in churchwide debates over theological doctrine.” (A tradução adaptada ao texto, é minha.)

1.2.2 Jonathan Edwards e a teologia estadunidense no século XVIII

É possível que Jonathan Edwards tenha sido o mais influente teólogo estadunidense de sua época, bem como um de seus primeiros filósofos – talvez um “teólogo filosófico”.⁴⁴ Sem dúvida, enquanto teólogo, não foi o único. Na verdade, foi apenas um entre uma miríade de pensadores, como Samuel Johnson, Charles Chauncy, Jonathan Mayhew, Samuel Hopkins, John Woolman, John Witherspoon, Elihu Palmer, dentre tantos outros, sem contar os muitos que fizeram história sem ostentar qualquer título, como foi o caso de Ellen White e Joseph Smith – novamente atestando o caráter peculiar da religião estadunidense. Contudo, sua teologia marcante, sem dúvida, evidencia seu tempo e o faz ser lembrado inclusive nos momentos atuais, talvez por expressar justamente a já aludida contraposição equilibrada entre a teologia e a filosofia, sendo considerado um grande intelectual.⁴⁵ É a partir dele que a teologia estadunidense começa a ganhar um rosto local, nacional e internacional. Ainda assim, Edwards expressou o espírito prático de seu país, movido muito mais por ações do que por uma teologia de difícil acesso, como a europeia.⁴⁶ Além disso, fez aquilo que muitos não ousaram fazer: além de pastor e pregador, atuou como missionário entre os indígenas estadunidenses, quando tantos eram da firme opinião de que os nativos deveriam ser aniquilados, como posteriormente aconteceu.⁴⁷

⁴⁴ Como atesta KREIDER, Glenn. Review of Jonathan Edwards: Philosophical Theologian. In: **Ars Disputandi**, v. 4, n. ?, p. 1-7, 2004.

⁴⁵ De acordo com a Enciclopédia Stanford de Filosofia, Jonathan Edwards, é “amplamente reconhecido como o teólogo e filósofo mais importante e original da América”. Ou, conforme o original “is widely acknowledged to be America's most important and original philosophical theologian”. De acordo com sítio <http://plato.stanford.edu/entries/edwards/>, acessado em 15 de julho de 2011.

⁴⁶ De acordo com SMITH, John; STOUT, Harry S.; MINKEMA, Kenneth. (Eds.) **A Jonathan Edwards Reader**. New Haven e Londres: Yale University Press, 2003. P. Xi. Edwards buscava a face de Deus nas plantas ou animais, física ou ótica, o que quer que fosse. Conforme o original: “Edwards the student, however, encountered in plants or animals, physics or optics, the face of God”. (A tradução é minha). Indubitavelmente concordaria com ele Ellen White, ao afirmar que Natureza e revelação igualmente testemunham do amor de Deus. Nosso Pai do Céu é a fonte de vida, de sabedoria e de alegria. Vejam as coisas maravilhosas e belas da natureza. Pense em sua adaptação maravilhosa para as necessidades e a felicidade, não só do homem, mas de todas as criaturas vivas. O sol e a chuva, que alegram e refrescam a terra, as montanhas e mares e planícies, tudo nos fala do amor do Criador”. WHITE, Ellen. **Steps to Christ**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1956. P. 9. Conforme o original: Nature and revelation alike testify of God's love. Our Father in heaven is the source of life, of wisdom, and of joy. Look at the wonderful and beautiful things of nature. Think of their marvelous adaptation to the needs and happiness, not only of man, but of all living creatures. The sunshine and the rain, that gladden and refresh the earth, the hills and seas and plains, all speak to us of the Creator's love”.

⁴⁷ A seu respeito, a universidade de Yale dedica um centro de estudos e suas obras completas, incluindo sermões e mais aspectos biográficos, podem ser encontradas digitalmente. O endereço é

Nascido em 1703, único filho homem dentre dez irmãs (foi o quinto a nascer), cresceu na igreja. Seu pai, Timothy Edwards, era ministro da paróquia East Windsor e sua mãe, uma distinta mulher da comunidade. Garoto prodígio e desde cedo guiado por seu pai, aos seis anos de idade começou a aprender latim e aos 13, já era fluente também no grego e no hebraico. Estudou em Yale e, antes de seu vigésimo aniversário, assumiu, como pastor, uma igreja presbiteriana em Nova Iorque, bem como o posto de professor assistente de sua universidade de origem. Casado e pai de 11 filhos, morreu em 1758 após a aplicação de uma vacina contra varíola.

Contudo, qual foi seu grande legado? Edwards, como poucos, equilibrou teoria e prática e como grande mote definiu a teologia como simplesmente sendo “a doutrina de vida de Deus por Cristo”. Contudo, as acepções de sua teologia ao longo das décadas e séculos seguintes passam longe do equilíbrio. Poucos teólogos, mesmo entre os contemporâneos, são ao mesmo tempo tão admirados e combatidos. De acordo com Holifield:

[...] os críticos nunca lhe faltaram: arminianos de cada vertente continuariam a vê-lo como um defensor de erros monumentais calvinistas, enquanto conservadores iriam ver muito a sua teologia como uma fonte de heresia. Em seus admiradores, no entanto, formou uma cultura teológica própria, Edwardiana, que se entrenchou nos seminários de liderança Reformada sendo que muitos deles fizeram [e fazem] revisões teológicas que Edwards nunca poderia ter aceito.⁴⁸

Edwards, ao fazer teologia, embora não tenha se afastado dos ditames de sua própria religião a ponto de se desvincular dela (como aconteceria com John Wesley, expulso da Igreja Anglicana e Ellen White, expulsa da Igreja Metodista) – inclusive, em alguma medida, por sua viagem à América – adaptou-a a sua realidade nacional, a partir da doutrina da graça, ou, como diria Stephen Holmes, da doutrina da glória.⁴⁹ Mesmo nesse ponto, ele se portou como um típico

<http://edwards.yale.edu/>. Acessado em 15 de julho de 2011.

⁴⁸ HOLIFIELD, E. Brooks. **Theology in America**: Christian Thought from the Age of the Puritans to the Civil War. New Heaven e Londres: Yale University Press, 2003. p. 102. De acordo com o original: “He never lacked for critics: Arminians of every variety would continue to view him as a monumental defender of Calvinist error while conservative Calvinists would long view his theology as a source of heresy. His admirers, however, formed an Edwardian theological culture that entrenched itself in the leading Reformed seminaries of the nation even as some of them crafted theological revisions that Edwards could never have accepted.” (A tradução adaptada, foi minha).

⁴⁹ Segundo HOLMES, Stephen R. **God of Grace & God of Glory**: an account of the Theology of Jonathan Edwards. Michigan: Grand Rapids, 2001. p. 250: “A glória de Deus é a exposição e comunicação de suas perfeições, que são conhecidas e amadas por suas criaturas. É claro que Edwards acreditava que Deus é conhecido principalmente durante toda a história do evangelho, e

estadunidense já citado. Ou seja: ao propalar “sua” doutrina, cria que Deus abençoaria a América, mas não sem trabalho por parte dos crentes. Certamente essa deve ser uma das razões pela qual ele podia ser encaixado entre os pós-milenaristas⁵⁰ do século XVIII e início do século XIX, jogando as questões mais prementes dos literalistas bíblicos para um futuro muito distante, como, por exemplo, a volta de Cristo.⁵¹ Nesse sentido, entende e concorda o teólogo adventista do sétimo dia Raoul Dederen, levando em conta o ambiente e o intelectualismo de Edwards, ao afirmar que:

[...] o pós-milenarismo cresceu em popularidade durante os séculos 18 e 19. Representava uma visão muito otimista da situação humana e tendia naturalmente a empurrar o segundo advento de Cristo para um futuro distante. Essa forma particular de milenarismo foi introduzida na América do Norte por Jonathan Edwards, principal teólogo do Grande Despertamento. Essa linha de pensamento também recebeu a aprovação de seu ilustre neto, Timothy Dwight, que se tornou reitor da Universidade Yale e fez fama como pregador, escritor e administrador. O pós-milenarismo se tornou uma marca dos cristãos intelectuais durante o séculos 18 e 19 na América do Norte e na Europa. Abria espaço para o homem cooperar com Deus no estabelecimento de um milênio na Terra durante a futura idade de ouro.⁵²

assim foi particularmente com a humilhação e morte de Jesus Cristo, de modo que o cruz é realmente o *locus* primário para a exibição das perfeições divinas, e, portanto, o nosso conhecimento sobre elas. O culto cristão é a expressão central do amor da criação para o Criador”. Pelo original: “God’s glory is the display and communication of His perfections, which are known and loved by His creatures. It is clear that Edwards believed that God is known primarily through the gospel story, and thus particularly through the humiliation and death of Jesus Christ, so the Cross is indeed the primary locus for the display of God’s perfections, and hence our knowledge of them. Christian worship is the central expression of creation’s love for the Creator.” (A tradução é minha).

⁵⁰ O adventismo do sétimo dia, pré-milenarista, de acordo com Braaten e Jenson, apesar dos autores classificarem a denominação de sectária, traz uma cara contribuição ao cristianismo de forma geral. Afirmam os autores que: “Na atualidade, o pensamento milenarista é advogado principalmente por seitas, tais como as testemunhas de Jeová ou os adventistas do sétimo dia, e por grupos fundamentalistas que têm como preocupação principal o pronunciamento da condenação imediata do mundo e o livramento dos fiéis. Seríamos por demais precipitados se presumíssemos que grupos milenaristas e entusiastas em nada contribuiriam para a fé cristã. Eles constituem, no mínimo, um constante lembrete para a Igreja de que todo o seu envolvimento nas questões da atualidade e suas tentativas de ganhar o mundo para Cristo precisam ser precedidos pela cláusula escatológica “até que ele venha”. É claro que o retorno de Cristo jamais foi abandonado na Igreja. Não obstante, foi muitas vezes relegado a um status secundário. Neste ponto, os grupos às margens da Igreja prestaram um serviço valioso ao forçá-la a aguçar sua visão”; (BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. **Dogmática Cristã**. Volume 2. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 511-512.)

⁵¹ Embora ele efetivamente não fosse um pós-milenarista e seu assunto preferido evidentemente não fosse a volta de Cristo, o Céu ou mesmo o Inferno, ele popularmente é conhecido como sendo uma das vozes do apocalipse, a partir de seu conhecido sermão “Pecadores nas mãos de um Deus irado”, largamente vendido, hoje, por lojas evangélicas de público pentecostal.

⁵² DEDEREN, Raoul. (Ed.) **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 1037. É importante notar que o adventismo do sétimo dia, inserido somente no século XIX no universo estadunidense, por essa afirmação, é visto como um movimento leigo e mesmo anti-intelectual, quando suas premissas básicas de fé são racionalizadas e minimizadas por esse meio.

O centro de sua teologia, absolutamente imbricada também em teorias racionalistas, a ponto dele escrever também acerca de temas tão díspares quanto filosofia moral, metafísica, teoria atomista, natureza da gravidade, entre outras questões⁵³, foi o senso da glória divina, manifestado em Sua soberania. Assim sendo, o ser humano seria coparticipante de Deus na Terra, ao preparar o mundo, no caso, sua nação, para usufruir das benesses de Cristo já agora.

Novamente, a partir desse *insight* de sua biografia e sua teologia, é possível perceber que ele, mesmo apontando novos caminhos, não mudou radicalmente o jeito de pensar dos pais peregrinos – o que não quer dizer que ele manteve intocável a antiga forma de pensar⁵⁴ – embora seja sua teologia uma expressão da identidade estadunidense desde o princípio. Ao elencar a teologia da glória, ele, talvez involuntariamente, abriu espaço para as mais distintas denominações que tomariam parte da vida de seu povo apenas algumas décadas após a sua morte. Embora ele tenha encontrado muitos adversários intelectuais ao longo e mesmo depois de sua vida, é inegável que ele fundou o que é a hoje pujante teologia estadunidense, multicolorida, plural, pragmática e às vezes um tanto incômoda.

É importante anotar ainda, como já anteriormente citado, que Jonathan Edwards de forma direta ou indireta facilitou também a comunicação do pensamento de Ellen White, ao ser um dos grandes vultos do reavivamentismo estadunidense⁵⁵. É certo que ela não o citou em nenhuma de suas obras e tampouco uniu à sua teologia assistemática seus aportes filosóficos. Contudo, há uma obra dela – sob forma de compilação – cujo título é no mínimo parecido com um texto de Edwards. Trata-se da *The Story of Redemption* de White em relação ao *History of the Work of Redemption* de Edwards. Na *História da Redenção*, de White, há uma apresentação concisa sobre o mote principal da obra whiteana, a saber, “o conflito dos séculos”, extraído de seus primeiros escritos, desde a queda do ser humano até a sua glorificação nas mansões celestiais. Por sua vez, o trabalho de Edwards afirma que “a obra da redenção é uma obra que Deus realiza a partir da queda do homem até o

⁵³ HOLIFIELD, 2003, p. 103.

⁵⁴ Como pontos de ruptura, por exemplo, “Edwards quer ver toda a vida de Jesus como redentiva, e não apenas Sua morte, além de insistir na racionalidade - ou adequação - da expiação”. HOLMES, 2001, p. 146.

⁵⁵ Sob nenhuma hipótese há maiores alusões do pensamento de Edwards ao de White, além dos que relatarei nas páginas imediatamente posteriores. Estas alusões, no entanto, parecem ser mais do que suficientes para elencá-lo como um dos precursores do movimento adventista, pelo fato de preparar “o espírito” da geração vindoura, ou seja, a que seria alvo das pregações de William Miller.

fim do mundo.”⁵⁶ Portanto, ambas as obras tratam acerca do mesmo tema embora sejam abordadas sob diferentes aspectos. Enquanto Edwards enfatiza o trabalho da Trindade neste que foi um sermão, Ellen White trata de produzir uma obra linear – que se expandiria para cinco volumosos livros onde no último descreveria o Céu materializado.

No entanto, o tema que mais chamava a atenção dos dois era a questão da santificação⁵⁷, o que não parece surpreender, visto que um dos motes da religião do século XVIII era justamente esse⁵⁸, embora Edwards “profundamente acreditasse que aqueles que são salvos o são apenas pela vontade arbitrária de um Deus irado”,⁵⁹ o que certamente contrariaria diretamente o pensamento arminiano de Ellen White. Pode parecer surpreendente em um primeiro momento que o autor do conhecido sermão “Pecadores nas mãos de um Deus irado” vivenciasse e pregasse acerca da santificação e da beleza do mundo. Contudo:

Eles ficariam surpresos ao saber que Edwards foi obcecado pela beleza de Deus, não a ira, e que, como o historiador Patrick Sherry recentemente argumentou, Edwards fez da beleza o tema central para a teologia mais do que ninguém na história do pensamento cristão, incluindo Agostinho e o pensador católico do século XX Hans Urs von Balthasar.⁶⁰

Edwards, como precursor do primeiro grande reavivamento nos Estados Unidos, ainda no final do século XVIII, abriu caminho ao posterior movimento *Holiness* e, exatamente por isso, ao mais caro dos pontos do adventismo do sétimo dia, ou seja, a santificação. Há (novamente) interessantes semelhanças, inclusive linguísticas, entre um pequeno manuscrito de Edwards, *The Beauty of the World*⁶¹ e o primeiro capítulo do já comentado “Passos para Cristo⁶²”, seu livro mais vendido, indicando, talvez, ainda maior proximidade entre os dois autores. Maiores similaridades podem ser encontradas ao visualizarmos o específico conceito de santificação em Edwards. Para ele

⁵⁶ SMITH; STOUT; MIKEMA, 2003, p. 127.

⁵⁷ Segundo John Gerstner, era o tema mais recorrente de Edwards. GERSTNER, John. **The Rational Biblical Theology of Jonathan Edwards**. Powhatan: Berea Publications. 1993. p. 224.

⁵⁸ HOLIFIELD, 2003, p. 100.

⁵⁹ FROMM, Le Roy Edwin. **The Conditionalist Faith of Our Fathers: The Conflict of the Ages Over the Nature and Destiny of Man, Volume II**. Washington: Review and Herald, 1955. p. 273.

⁶⁰ McDERMOTT, Gerald R. (Ed.). **Understanding Jonathan Edwards: An introduction to America's Theologian**. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 4

⁶¹ Principalmente aqui: EDWARDS, Jonathan. **Images or Shadows of Divine Things**. New Haven: Yale University Press, 1948. p.135-137.

⁶² WHITE, 1956, p. 8-12

[...] [a] santificação é para ser esperada, mas considerada como uma realidade a longo prazo e parcial. Se a prática cristã é o principal sinal positivo e através de afeições verdadeiramente graciosas é que [os cristãos] podem ser identificados, ainda assim verdadeiros santos podem/poderão ser culpados de algum tipo e grau de infidelidade, podendo ser frustrados por tentações específicas, e cair em pecado. Mas Edwards insiste que a perseverança e crescimento na vida santa vai ser a marca de todos os verdadeiros santos, até o final de suas vidas.⁶³

A partir do acima exposto, ambos em linhas gerais criam na mesma possibilidade, visto que para White “a santificação não é uma obra instantânea, e, sim, progressiva, assim como a obediência é contínua”.⁶⁴ Nesse sentido dá-se a teologia do final do século XVIII sob influência Edwardiana, que culminaria com o chamado “Grande Despertamento”, evento que seria de fundamental importância para o surgimento do movimento adventista a partir de 1844, sendo a Igreja Adventista do Sétimo Dia institucionalizada a partir de 1863.

Até aqui exposto – embora sobre Edwards o assunto pareça nunca se esgotar – julgo existir elementos suficientes para elencá-lo como um dos precursores do movimento que culminaria com o adventismo do sétimo dia, sabendo que o escopo de atuação dele foi a área de nascimento da citada denominação, a saber, a região da Nova Inglaterra – tão efervescente em termos religiosos, ao ver em suas terras a fundação do mormonismo e do espiritismo, todos eles antes do findar da primeira metade do século XIX. Contudo, Edwards, como sabido, não era arminiano⁶⁵, ao contrário de Ellen White. Ainda assim – polêmicas à parte – ele atuou de forma positiva ao restaurar no povo o desejo de busca pelo transcendente, além de preparar “o terreno para a floração do grande movimento literário e intelectual do

⁶³ HOLMES, 2001, p. 183. Conforme o original: “sanctification is to be expected, but regarding it as a long-term and partial reality. If Christian practice is the chief positive sign through which genuinely gracious affections can be identified, still true saints may be guilty of some kind and degrees of backsliding, may be foiled by particular temptations, and fall into sin, yeah, great sins. But Edwards insists, a perseverance and growth in holy living will be the mark of all true saints, until the end of their lives”. (A tradução é minha)

⁶⁴ WHITE, 1890, p. 1.

⁶⁵ De acordo com McDERMOTT, 2009, p. 39: “Em uma narrativa fiel, Edwards introduziu o tema do Arminianismo, que envolveu a sua carreira como polemista e ‘energizou’ seus inimigos no púlpito da Nova Inglaterra. Observando um ‘grande barulho’ sobre a ameaça do Arminianismo, Edwards observou: ‘Os amigos de piedade vital tremeram por medo dessa questão, mas parecia, ao contrário do seu medo, fortemente dispostos a anular a promoção da religião’. Infelizmente, para Edwards, a vitória sobre o Arminianismo não duraria, e os inimigos do avivamento só cresceriam mais forte.” Conforme o original: “In A Faithful Narrative, Edwards introduced the theme of Arminianism that would engage his career as a polemicist and energize his enemies in the New England pulpit. Noting a ‘great noise’ over the threat of Arminianism, Edwards observed, ‘The friends of vital piety trembled for fear of the issue, but it seemed, contrary to their fear, strongly to be overruled for the promoting of religion’. Sadly, for Edwards, the victory over Arminianism would not last, and the enemies of revival would only grow stronger.” (A tradução é minha).

século seguinte”,⁶⁶ embora o Grande Despertar não possa absolutamente ser visto de forma monolítica.

Finalmente, em virtude da posição “não fundamentalista, nem liberal”⁶⁷ de Edwards, parece ser necessário fazer um rápido paralelo entre Edwards e White com relação à Bíblia, no tocante a certas particularidades, a saber, a questão da unidade do Livro e de sua interpretação. A partir dessa pequena análise, as linhas gerais podem ser traçadas, deixando assim de lado as querelas doutrinárias que certamente opõem arminianos e calvinistas.

Ambos percebiam a perfeita harmonia entre os dois testamentos, informação capital para entendimento das doutrinas adventistas. Para Edwards, o texto sagrado poderia ser dividido em três partes:

Em primeiro lugar, considerando as profecias do Messias, sua redenção e reino; as evidências de suas referências ao Messias, comparando-os todos uns com os outros, demonstrando o seu acordo e verdadeiro alcance e sentido, também considerando todos os diferentes elementos em que estas profecias têm seu exato cumprimento; mostrando o universal, correspondência precisa, e admirável entre as previsões e eventos. A segunda parte: considerando os tipos do Antigo Testamento, mostrando a evidência de serem destinados como representações das grandes coisas do evangelho de Cristo, e do acordo do tipo com o antítipo. A terceira e grande parte [maior], considerando a harmonia do Antigo e Novo Testamento, como a doutrina e preceito.⁶⁸

Para White, muito mais sucinta nesse sentido, “o Antigo e o Novo Testamentos são igualmente inspirados e têm igual valor”.⁶⁹ Segundo ela, “não há grande discordância ou contraste entre os dois testamentos”.⁷⁰ Embora essas simples aproximações pouco possam representar diante de um escopo maior,

⁶⁶ CAIRNS, E. E. **O Cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja crista. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984. p. 23.

⁶⁷ McDERMOTT, 2009, p. 202.

⁶⁸ STEIN, Stephen J. (Ed.). **Jonathan Edwards's Writings**: Text, Context, Interpretation. Bloomington: Indiana University Press, 1996. p. 53. Conforme o original: “The first [part] considering the prophecies of the Messiah, his redemption and kingdom; the evidences of their references to the Messiah, etc. comparing them all one with another, demonstrating their agreement and true scope and sense; also considering all the various particulars wherein these prophecies have their exact fulfillment; showing the universal, precise, and admirable correspondence between predictions and events. The second part: considering the types of the Old Testament, showing the evidence of their being intended as representations of the great things of the gospel of Christ: and the agreement of the type with the antitype. The third and great [largest] part, considering the harmony of the Old and New Testament, as to doctrine and precept”. (A tradução é minha).

⁶⁹ WHITE, Ellen. **Counsels to Writers and Editors**. Nashville: Southern Publishing Association, 1946. p. 26.

⁷⁰ WHITE, Ellen. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**: Ellen G. White Comments, Volume 7. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1970. p. 1091.

percebe-se que Ellen White e Jonathan Edwards, ao considerarem a Bíblia como um todo, viam equilíbrio entre a graça e a justiça, o ideal celeste e a labuta cotidiana, como abordado anteriormente. Já no que diz respeito à interpretação da Bíblia, Edwards

[...] empregou vários métodos de interpretar a Bíblia e ofereceu um excelente exemplo de fazer teológico interpretando a Escritura moldado pela melhor pesquisa histórica de sua época. Seu trabalho foi atualizado e tradicional, crítico e canônico, histórico e profundamente teológico.⁷¹

Edwards, pastor, utilizou dos métodos de sua época para melhor levar a Palavra a seus ouvintes. Assim sendo, não tentou fazer grandes elucubrações teológicas e nem propôs interpretações diferentes de seu contexto. Ellen White, sem o cabedal dos conhecimentos de Edwards, valia-se de seu alegado “poder sobre-humano”, quando recebia visões e sonhos que serviriam de base para seus escritos. Segundo ela:

O Espírito de Deus repousa sobre mim com poder, e não posso deixar de falar as palavras que me foram dadas. Não ousa reter sequer uma palavra do testemunho. Falo as palavras que me foram dadas por um poder sobre-humano, e não posso, ainda que queira, revogar uma frase sequer. No período da noite, o Senhor me dá instrução sob a forma de símbolos e depois lhe explica o significado. Ele me dá a palavra, e não ousa recusar-me a comunicá-la ao povo”.⁷²

O que – novamente – parece unir os dois nesse particular é justamente o senso prático da missão. Edwards e White eram, acima de tudo, oradores sagazes e sua missão, conforme atestou a história, foi a de levar multidões à tristeza pelo pecado – deixando de lado suas peculiaridades interpretativas.

1.3 Conclusões acerca dos séculos XVII e XVIII

Não parece ser uma atividade possível ou mesmo plausível falar sobre a histórica primeva dos Estados Unidos da América – sob qualquer que seja o aspecto – sem tocar, ainda que incidentalmente, na questão religiosa ou espiritual. Afinal, foi sob a égide do cristianismo renovado a partir da Reforma Protestante do século XVI que os primeiros imigrantes, também conhecidos como pais peregrinos, para lá aportaram. Como foi visto e evidenciado nas linhas desse texto, logo no Primeiro

⁷¹ McDERMOTT, 2009, p. 77.

⁷² WHITE, 1987. p. 578- 579.

Artigo da Constituição dos Estados Unidos da América de 1776, que ainda hoje vigora plenamente nos cinquenta Estados da Federação, há, indubitavelmente, uma evocação ao Senhor, nos mesmos moldes do Mayflower Compact. Ou seja: a nação, pelo menos sob o viés documental e cotidiano, nunca perdeu ou deixou de divisar os píncaros dos montes celestiais, embora não hesite em talhar, em certas montanhas de seu território, a imagem de seus salvadores terrestres, como pode ser vislumbrado no Monte Rushmore, quando, em 1927, o escultor G. Borglun deixou registrado o busto de quatro presidentes queridos da nação. Ainda hoje, esta obra de arte é motivo de orgulho para o País.

Talvez essa imagem icônica, sem querer parecer prolixo e literal, possa dizer um pouco da construção da identidade estadunidense fundada a partir de princípios cristãos: a imagem dos ex-presidentes no Monte como ídolos de pedra testemunham ao mundo inteiro que a intenção nunca foi a de simplesmente fundar ou refundar o Reino de Deus na América⁷³, mas utilizar os mesmos propalados princípios cristãos para resolução de suas próprias questões terrenas. Como diria o já citado Niebuhr:

O reino de Deus na América, assim considerada, é o reino de Deus americano, não é a individualização de uma idéia universal, mas a universalização do particular. Não representa tanto o impacto do evangelho sobre o Novo Mundo como o uso e adaptação do evangelho pela nova sociedade para seus próprios fins.⁷⁴

Contudo, por isso mesmo, também não parece ser possível identificar nos aspectos religiosos o fim último das expectativas desses homens, mulheres e crianças, a maioria abandonada à própria sorte. Nem mesmo é prudente afirmar que toda epopeia religiosa foi o “meio” utilizado por eles como escape diante das tensões de toda uma vida dura a se reiniciar.

O mais prudente – e mesmo equilibrado – dos caminhos a seguir, talvez

⁷³ Aqui há fortes referências de autores adventistas do sétimo que não necessariamente concordariam com a afirmação, ou melhor colocando, ampliariam os debates acerca do que foi ou não a instauração das colônias inglesas na América. Cito-os aqui para que o leitor possa concluir autonomamente: DORNELES, Vanderlei. **O Último Império: A Nova Ordem Mundial e a Contrafação do Reino de Deus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013 (especialmente os capítulos 3 e 4) e MOORE, Marvin. **Apocalipse 13**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

⁷⁴ NIEBUHR, 1937, p. 9. Conforme o original: “The kingdom of God in America, so regarded, is the American kingdom of God; it is not the individualization of a universal idea, but the universalization of the particular. It represents not so much the impact of the gospel upon the New World as the use and adaptation of the gospel by the new society for its own purposes”. (A tradução, livre, é de minha autoria).

(sempre talvez) seja o caminho do meio, ou seja: os estadunidenses da primeira hora não almejaram construir uma espécie de Reino de Deus espiritual a partir da Nova Inglaterra⁷⁵. O objetivo foi reconstruir a vida política, jurídica, filosófica e social a partir das sólidas bases de um cristianismo conservador, conhecido como puritanismo. Mais do que isso: em meio às demandas teológicas de então, sob alegação também (mas não apenas) espiritual e forjadas pelos manuais teológicos, estava implicada uma visível luta de classes, que confrontavam ideologicamente – como é perceptível nos escritos de Thomas Paine, citando apenas um exemplo – para estabelecer majoritariamente sua própria visão de mundo. Continua Niebuhr, nesse sentido, afirmando que:

Vemos que as querelas sobre o antinomianismo e o determinismo eram realmente exposições do conflito de classes entre estes e os pobres, ou entre fronteira e comunidade estabelecida, os imigrantes precoces e tardios. Em vez disso, então, de olhar para a história religiosa como uma “*patter*” que nos ajudará a fazer escolhas no presente, devemos olhar para ele no contexto econômico ou a história social total.⁷⁶

A partir da afirmação acima, parece claro não asseverar uma espécie de romantização da história estadunidense nos moldes de uma novela religiosa de cunho moral, como fez Bunyan em seu clássico⁷⁷. Mas é muito possível visualizar, a partir da história do cristianismo na América, certas tendências que se mantêm até hoje nos mais distintos campos, como o pragmatismo, percebido na teologia do país desde as origens, passando pelo também comentado teólogo Jonathan Edwards e presente hoje, inclusive na política.

⁷⁵ Novamente aqui, Dorneles discorda com fortes evidências históricas, dignas de leitura atenta, que só não cito textualmente no trabalho por precisar, neste caso, elencar novo capítulo ou seção, saindo do objeto desta pesquisa.

⁷⁶ NIEBUHR, 1937, p. 5. De acordo com a edição consultada: “We see that the quarels about antinomianism and determinism were really exhibitions of the class conflict between the latter and the poor, or between frontier and settled community, or between early and late immigrations. Instead, then, of looking to religious history for a pattern which will help us to make choices in the present we must look for it in the economic or the total social history. (Novamente, a tradução é de minha autoria).

⁷⁷ BUNYAN, John. **The Pilgrim's Progress**. Oxford: Oxford University Press, 2003. (principalmente as páginas xiii e susequentes).

1.4 A construção da nação estadunidense

Para melhor compreensão da história dos Estados Unidos no século XIX, é preciso contextualizar os grandes eventos político-sociais de amplitude inquestionável no mundo Ocidental acontecidos imediatamente antes ou depois da própria independência do país. Com isso, será possível visualizar as influências externas que serviram de mote ao processo de construção da nação estadunidense.⁷⁸

1.4.1 O fim do século XVIII na Europa e a na América a partir das Independências Americana e Francesa

No fim do século XVIII, o rei inglês Jorge III estava à frente do país mais poderoso do mundo, em absoluta expansão, enquanto os franceses viviam seu período pré-revolucionário, ensaiando nos próprios campos de batalha dos Estados Unidos o que iriam vivenciar menos de duas décadas posteriores. Quando da Revolução Francesa, os Estados Unidos já estavam independentes havia treze anos, depois de uma exaustiva guerra contra os ingleses, que, dois séculos depois da fundação das treze colônias,⁷⁹ passaram a olhar de forma interessada para as suas possessões no outro lado do Atlântico. A França, inimiga histórica da Inglaterra, em grande medida financiou e subsidiou intelectualmente os estadunidenses, enviando soldados⁸⁰ e provisões para “Columbia”.⁸¹ Assim sendo, enquanto os ideais iluministas adentraram na América do Norte, os próprios

⁷⁸ Mesmo não ignorando o delicado jogo de poder das casas europeias no final no século XVIII e principalmente, na primeira metade do século XIX, a título de fluência textual, optou-se por abordar apenas algumas características mais generalizadas da Revolução Francesa em comparação com os Estados Unidos de então. Por isso, deixar-se-á de lado questões incidentais, como o Tratado de Paris de 1763 e a questão da Guerra dos Sete Anos, onde o território do atual Canadá foi anexado a Inglaterra.

⁷⁹ Os primeiros estados eram: Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, New Hampshire, Nova Jersey, Nova York, Pensilvânia, Delaware, Virgínia, Maryland, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia

⁸⁰ O número de soldados franceses em solo estadunidense, provavelmente não chegou a 15 mil homens, diante dos mais de 250 mil colonos nativos, contra 12 mil ingleses e 55 mil simpatizantes dos mesmos. Ao lado dos Estados Unidos, lutaram prussianos, espanhóis e homens de Quebec.

⁸¹ "Columbia", de acordo com o Oxford English Dictionary, serve como um nome poético para a América, especificamente os Estados Unidos e foi pela primeira vez utilizado em 1757, conforme GROSECLOSE, Barbara. **A History/Historiography of Representations of America**. In: BARNEY, William L. *A companion to 19th-Century America*. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. X-Y, à p. 347.

franceses que voltaram à Europa levaram consigo a experiência republicana e libertária, bem como, certamente, a protestante, mote inicial que levou à [própria] saída dos ingleses rumo ao Novo Mundo, em 1620.

Portanto, pode-se dizer que as duas revoluções foram retroalimentadas, visto que intercambiaram elementos materiais e psicológicos que foram fundamentais para o sucesso de ambas. Ainda assim, é a Revolução Francesa a que consta mais detidamente nos Anais como sendo a grande revolução libertária. Uma das causas pode ser atribuída à divulgação das histórias da Revolução Francesa pelos historiadores europeus, como o próprio célebre Jules Michelet em um momento em que a História estava se impondo como disciplina acadêmica e de cunho positivista, cuja teoria ainda desabrochava. Além disso, a própria história enquanto literatura, típica da historiografia europeia do século XIX, fez com que esta se tornasse mais popular.⁸² Porém, há um fato mais urgente e temeroso que fez com que a Revolução Americana fosse eclipsada. De acordo com Hobsbawm:

Como modelo de mudança social e de sistema político, a Revolução Americana foi absorvida e substituída, por assim dizer, pela Revolução Francesa, em parte porque os reformadores ou revolucionários das sociedades européias podiam reconhecer-se mais prontamente no *Ancien Régime* da França do que nos colonos livres e senhores de escravos da América do Norte.⁸³

Embora os novos ventos revolucionários franceses logo devessem percorrer e literalmente invadir grande parte da Europa, sob o comando dos Bonaparte, era de se esperar que os próprios europeus ainda não estivessem fundamentalmente preparados para construir uma sociedade igualitária nos moldes das pretensões da América, em virtude de, na própria matriz e no *modus vivendi* da América constarem os ideais democráticos, em franca oposição ao Antigo Regime, que vivia seus últimos instantes na Europa.

No entanto, o povo, tanto de um como de outro lado do Atlântico, padecia pela escassez de alimentos e perspectivas imediatas. Enquanto o estadunidense

⁸² Para uma análise geral do fazer historiográfico, veja TÉTART, Philippe. **Pequena História dos Historiadores**. Bauru: Edusc, 2000. (Principalmente os capítulos 8, 9 e 10).

⁸³ HOBBSAWM, Eric J. **Ecoss da Marselhesa**: Dois séculos reveem a Revolução Francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 48. Alguns parágrafos acima, à página 47, ele escreveu: “A Revolução Francesa dominou a história, a própria linguagem e o simbolismo da política ocidental desde sua irrupção até o período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial - incluindo a política daquelas elites no que hoje é chamado de Terceiro Mundo, que viram que as esperanças de seus povos estavam em algum tipo de modernização, ou seja, em seguir o exemplo dos mais avançados Estados europeus.”

enfrentava um árduo processo de reconstrução e fechamento das feridas, decidindo inclusive o que fazer com os ingleses que continuavam nos Estados Unidos, os franceses lutavam, em terra pátria, por aquilo que já haviam lutado em campos estrangeiros: liberdade de um poder tirânico que usurpava grande quantidade dos recursos para manutenção de uma corte perdulária caríssima e enorme. O povo francês estava faminto por melhores condições sociais e, sobretudo, terras,⁸⁴ na mesma proporção que por alimentos. Muito pior alimentado que o estadunidense, vivia à base de 400 gramas de pão da pior qualidade e pouco menos de meio litro de cerveja e quando a Bastilha foi invadida, dando início aos conflitos que se estenderiam por uma década e ceifariam mais de três milhões de vida, simplesmente a fé (não necessariamente religiosa, conforme citação abaixo) e o desejo imediato de mudar a situação foram levados em conta⁸⁵. Nas palavras de Michelet:

A Bastilha, embora sendo uma velha fortaleza, não deixava de ser inexpugnável, a menos que na sua conquista se gastassem vários dias e muita artilharia. O povo não tinha, nessa crise, nem tempo nem meios de fazer um cerco regular. Se o tivesse feito, a Bastilha não precisaria temer, tendo víveres suficientes para esperar um socorro tão próximo, e imensas munições de guerra. Seus muros de dez pés de espessura no topo das torres, de trinta ou quarenta na base, podiam rir por muito tempo das balas, e suas baterias, cujo fogo metralhava sobre Paris, poderiam, enquanto esperava, demolir todo o Marais, todo o Faubourg Saint-Antoine. Suas torres varadas de estreitas janelas e seteiras, com grades duplas e triplas, permitiam à guarnição fazer com toda segurança uma terrível carnificina dos atacantes. O ataque à Bastilha não foi de maneira nenhuma um ato refletido. Foi um ato de fé.⁸⁶

⁸⁴ Segundo HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 135: "Por cem anos ou mais antes da Revolução, os camponeses compraram propriedades, de forma que, quando o ano de 1789 chegou, cerca de um terço das terras da França estava em suas mãos. Isso, porém, apenas os deixou mais descontentes do que antes. Por quê? Eram famintos de terra. Puderam satisfazer um pouco dessa fome. Que impedia seu avanço? O peso esmagador que lhes impunham o Estado e as classes privilegiadas. Passaram a ver, com maior clareza, que, se atirassem fora o fardo, poderiam ficar eretos - elevar-se da situação de animal para a de homem. O simples fato de ter sua posição melhorada um pouco abriu-lhes os olhos para o que poderiam ser, se... Isso não queria dizer que os camponeses da França (e de outros países da Europa ocidental) não tivessem pensado em acabar com os pagamentos e restrições feudais. Pensaram. Houve revoltas camponesas, antes. Embora não tivessem conseguido derrubar todas as regulamentações feudais, melhoraram a sorte dos camponeses. Mas para se libertarem totalmente, estes precisavam de auxílio e liderança."

⁸⁵ A despeito dos ideais revolucionários de liberdade, igualdade e fraternidade, a causa primeira da Revolução Francesa foi, efetivamente, o aumento do preço do pão, em decorrência das estiagens dos anos anteriores.

⁸⁶ MICHELET, Jules. **História da Revolução Francesa**: Da queda da Bastilha à festa da Federação. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989. p. 154.

1.4.2 Semelhanças nas constituições dos Estados franceses e estadunidenses

Mesmo em situações específicas um tanto diferentes – os franceses enfrentaram uma sangrenta guerra civil enquanto os estadunidenses se uniram contra um inimigo externo, mas que ao mesmo tempo fazia parte do âmago de sua própria constituição – os estadunidenses e franceses revolucionários tinham ideias comuns e almejavam ser seguidos por todos os povos, dando início a uma nova fase na história da Humanidade. Nesse ponto inicial da história dos Estados Unidos, enquanto nação independente, já é possível notar alguns traços característicos que permeiam até nos dias atuais o imaginário daquele povo. Embora ainda enfrentasse as mais atroz situações adversas, eles sentiam que estavam à frente de todos, construindo algo que deveria ser copiado e replicado infinitamente na esperança concreta de construção de um mundo mais igualitário e justo. Na carta à nação, ainda em 1776, os estadunidenses firmaram aquilo que deveria ser o fundamento do novo século:

Um governo republicano justo e sólido, estabelecido aqui, será um monumento perene e um exemplo para os anseios e imitação dos povos de outros países; e junto-me a você na esperança e fé que eles verão no nosso exemplo que um governo livre é, entre todos, o mais energético; que a interrogação que a nossa revolução e suas consequências tem provocado na massa humana terá sua resposta nas melhoradas condições de vida dos homens de uma vasta parte da terra.⁸⁷

O feito dos Estados Unidos da América foi grandioso, principalmente a nível psicológico, visto que nunca antes um país se havia libertado do colonizador europeu. Isso embebeu seus habitantes de autoestima e certeza de que estavam sendo guiados por Deus, como fica evidente nos discursos políticos e religiosos.⁸⁸ Porém, dentro de poucos anos, independências de países europeus acabariam se tornando comuns em toda a América. Nas palavras de Lukacs:

⁸⁷ APTHEKER, Herbert. **Uma nova história dos Estados Unidos**: a revolução americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 114.

⁸⁸ Essa ideia fixa na crença de um poder divino à frente do país, guiando os soldados rumo à vitória, fica clara, quando em nova luta contra a Inglaterra, no ano de 1812, um comandante declarou: “O Todo-poderoso agradeu-se em conceder-nos uma vitória-sinal”. BLISS, Sylvester. *Memoirs of William Miller* In: MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982. p. 76.

Os norte-americanos foram o primeiro povo colonizado a declarar sua independência de um país europeu, mas logo em seguida aquele feito já não era mais único. [...] Todos comemoram suas declarações de independência. Poucos alcançaram a prosperidade e a ordem legal que os idealizadores da Constituição garantiram para a nação norte-americana.⁸⁹

Libertados do jugo inglês que já durava dois séculos, o futuro parecia não somente promissor, mas abençoado e divinamente dirigido. Esse senso de superioridade imbuiu os espíritos de tal sorte que, logo nos primeiros anos, tinham a certeza que já constituíam a engrenagem mestra do novo mundo que divisava. É a partir desse alto conceito próprio (que vez por outra é abalado por uma década ou duas devido a uma crise ou abalo econômico) que se pode ler a história dos Estados Unidos no século XIX.

⁸⁹ LUKACS, John. **Uma nova República**: História dos Estados Unidos no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 13.

1.5 O Grande Século XIX

A partir de 1776,⁹⁰ os Estados Unidos da América, libertos da poderosa Inglaterra, dariam início aos planos de efetiva construção de um país concebido a partir de um ideário de liberdade gestado ainda nas águas do Atlântico a bordo o *Mayflower*. Com isso, anteciparam e aumentaram o seu século XIX, que perduraria até 1914, quando da Primeira Grande Guerra. Assim como o célebre historiador inglês de cunho marxista Eric Hobsbawm acrescentou ao título de sua famosa obra *A Era dos Extremos* o subtítulo “o breve século XX: 1914-1991”,⁹¹ não parece ser possível contextualizar a história dos Estados Unidos da América sem visualizá-lo três décadas antes, de 1776 até 1800, e uma década e meia depois, no século XX, visto que a própria ideia de nação, a partir da independência se tornou um projeto político em condições de realização em um mundo em rápida desconjuntura.

1.5.1 A ideia de Nação segundo Thomas Jefferson e Ellen White

Com a guerra pela Independência vencida, era necessário, em primeiro plano, visualizar que modelo republicano deveria ser adotado. Afinal, estados independentes, vivendo em condições adversas e que se uniram tão-somente para derrotar um inimigo comum, não poderiam ser unidos, eles próprios, pelas forças das armas (o que viria a acontecer 90 anos depois, em 1860) ou por uma constituição, visto que ela própria assegurava a liberdade conquistada. O fato é que a nação recém-nascida não era homogênea. Seria necessário abrir mão de

⁹⁰ O ano de 1776 foi, efetivamente, notável. Segundo o economista já citado: “1776 foi um ano de revolta. Ano notável. Aos Norte-americanos, ele lembra a Declaração da Independência, a revolta contra a política colonial mercantilista da Inglaterra; aos economistas de todo o mundo, lembra a publicação da Riqueza das Nações, de Adam Smith - súplica da nascente rebelião contra a política mercantilista - restrição, regulamentação, contenção. Um número cada vez maior de pessoas não concordava com a teoria nem com a prática mercantilista. Não concordava porque sofria com elas. Os comerciantes queriam uma parte dos enormes lucros das companhias monopolizadoras privilegiadas. Quando tentaram participar delas, foram excluídos como intrusos. Os homens que tinham 'dinheiro desejavam usá-lo como, quando e onde lhes aprouvesse. Queriam aproveitar todas as oportunidades proporcionadas pela expansão da indústria e do comércio. Sabiam o poder que lhes dava o capital e desejavam exercê-lo livremente. Estavam cansados do 'podem fazer isso, não podem fazer aquilo'. Estavam enojados das 'Leis contra... Impostos sobre. ... Prêmios para ...'. Queriam o comércio livre”. (HUBERMAN, 1981, p. 120.)

⁹¹ HOBBSAWM, Eric John. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. Logo na introdução desta importante obra historiográfica, o autor explica os motivos de sua escolha, afirmando que, até 1914, o mundo ainda vivia sob os auspícios da *Belle Époque*.

interesses locais para se pensar na formação do país.

Thomas Jefferson,⁹² o terceiro presidente do jovem país e considerado um dos pais da nação (visto que os dois anteriores tiveram que se deter ainda com questões relativas à guerra) almejava implementar ideias republicanas visando ao mesmo tempo a igualdade total entre os homens (a igualdade de gêneros ainda deveria esperar mais de um século, pelo menos) em um ambiente idílico composto de muitas pequenas cidades, onde fosse possível viver em harmonia com a natureza, em uma existência modesta, sem luxos, mas sem privações. Assim, o barulho, as distrações e os problemas das grandes cidades não fossem replicadas na nova nação, incluindo as distintas divisões de classes. Os Estados Unidos da América deveriam nascer sem vícios ou vicissitudes, conduzindo tanto o Novo quanto o Velho Mundo seguindo os mesmos ideais da Carta de 1776 e, ao mesmo tempo, mantendo-se firme às certezas dos favores divinos, ainda que Jefferson, ao menos em teoria, estivesse um tanto longe das concepções cristãs clássicas de sua época.⁹³

A escritora Ellen White, nascida apenas duas décadas depois, compartilharia totalmente com esse ideário de Jefferson, exceto de sua postura deísta, admoestando as pessoas a deixar as cidades cada vez maiores, viciadas e poluídas. Esse ambiente, repleto de baixos prazeres, perverteria os sentimentos, abrindo a porta para muitas preocupações e fadigas. Segundo ela, em compilação de textos do final de sua vida:

A vida nas cidades é falsa e artificial. A intensa paixão de ganhar dinheiro, o redemoinho da agitação e da corrida aos prazeres, a sede de ostentação, de luxo e extravagância, tudo são forças que, no que respeita à maioria da humanidade, desviam o espírito do verdadeiro desígnio da vida. Abrem a porta para milhares de males. Essas coisas exercem sobre a juventude uma força quase irresistível. Uma das mais sutis e perigosas tentações que assaltam as crianças e jovens nas cidades é o amor dos prazeres. Numerosos são os dias feriadados; jogos e corridas de cavalos arrastam milhares, e a onda de satisfação e prazer atrai-os para longe dos simples deveres da vida. O dinheiro que deveria haver sido economizado para melhores fins é desperdiçado em divertimentos. Em razão de monopólios, sindicatos e greves, as condições da vida nas cidades estão se tornando

⁹² Thomas Jefferson tomou posse como terceiro presidente dos Estados Unidos da América do Norte em 4 de março de 1801, ou seja, precisamente no primeiro semestre do primeiro ano do século XIX, sendo considerado ainda hoje, pela imensa maioria dos estadunidenses, como o pai da nação.

⁹³ Sendo um deísta, como Voltaire, questionava a ideia de uma revelação divina, ao mesmo tempo que não discutia a existência de um Deus criador. Novamente, mesmo no centro do poder temporal, continuavam os paradoxos: um deísta conduzia a nação que se achava imbuída de revelações que deveriam ser mostradas ao mundo inteiro!

cada vez mais difíceis. Sérias aflições encontram-se perante nós; e sair das cidades se tornará uma necessidade para muitas famílias.⁹⁴

Para Jefferson, seria muito importante desvincular-se dos modelos das grandes metrópoles europeias, mantendo-se fiel aos princípios virtuosos dos homens de bem. Ainda assim:

O país, como um todo, permanecia fiel à visão que tinha construído de si mesmo: um lugar independente, democrático e autossuficiente, guiado por pessoas virtuosas que marchavam em direção ao progresso. [...] Os cidadãos norte-americanos pareciam acreditar que o sonho de uma república perfeita e intacta seria realizado.⁹⁵

Com esse intuito, imaginava Jefferson – que contava com o apoio irrestrito da grande maioria dos cidadãos, incluindo os da Nova Inglaterra, mais propensos ao conservadorismo em virtude de sua grande riqueza – construir os pilares morais de sua nação, preparando-a para figurar, desde muito cedo, dentre as maiores do mundo, ainda que sob frágeis ideias. A nação, que ainda fruía o gozo da vitória e prospectava sobre si um mundo glorioso, nunca havia passado, unida federativamente, por uma grande crise que abalasse minimamente sua fé na perfeição, que, pouco a pouco, ganhava forma também no discurso religioso. O sonho da república perfeita, em simbiose aperfeiçoada da proposta grega original, mas em um contexto absolutamente novo e favorável, parecia plenamente possível. Nesse sentido, o epíteto “Terra da Oportunidade” começava, ainda que embrionariamente, a ganhar forma. Porém, seriam necessárias crises políticas e ideológicas, bem como uma guerra civil para que, apenas no final do século, efetivamente houvesse um terreno mais fértil para que essa crença pudesse ser vivenciada por milhões de pessoas de todo o mundo, tornando aquele Estado, um

⁹⁴ WHITE, Ellen. **The Ministry of Healing**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1942. p.364. Pelo original: “Life in the cities is fake and artificial. The intense passion for money getting, the whirl of excitement and pleasure seeking, the thirst for display, the luxury and extravagance, all are forces that, with the great masses of mankind, are turning the mind from life's true purpose. They are opening the door to a thousand evils. Upon the youth they have almost irresistible power. One of the most subtle and dangerous temptations that assail the children and youth in the cities is the love of pleasure. Holidays are numerous; games and horse racing draw thousands, and the whirl of excitement and pleasure attracts them away from the sober duties of life. Money that should have been saved for better uses is frittered away for amusements. Through the working of trusts, and the results of labor unions and strikes, the conditions of life in the city are constantly becoming more and more difficult. Serious troubles are before us; and for many families removal from the cities will become a necessity”.

⁹⁵ KARNAL, Leandro [et al.]. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 102.

território multicultural e promissor.

1.5.2 Quem foi o estadunidense do século XIX

No início do século XIX, o estadunidense era um camponês imbuído de perspectivas e sonhos. Embora houvesse alguns comerciantes e proprietários destacados, a grande maioria do povo vivia do pequeno comércio e da subsistência. A exemplo de um médico ou outro profissional graduado, tão raro quando as graduações em qualquer área, o povo ainda precisava sedimentar todas as bases para construir aquilo que almejava ser. Faltava, portanto, infraestrutura básica e a experiência acumulada que somente os mais antigos Estados europeus possuíam. Até mesmo a instauração de um projeto político ainda estava em pauta.

Diante de tamanhas dificuldades, a própria Europa ainda olhava com cortante indiferença para o novo país, que somente era reconhecido como independente praticamente pela própria França, a despeito dos integrantes da Santa Aliança⁹⁶, que lutavam unidos para a destruição dos ideais revolucionários, o que claramente não eram ideias compartilhadas pelos próprios estadunidenses das mais diversas camadas populacionais, ainda que toda a ideia ou ao menos sentimento de progresso não passasse de utopia.

Ellen White, ao escrever sobre a Constituição do país e das perspectivas do mesmo, não deixa de mencionar, entusiasticamente, algumas das características que ela considerava fundamentais, muito embora os imigrantes apenas chegassem em massa principalmente na virada do século XX:

Os oprimidos de toda a cristandade se voltaram para esta terra com interesse e esperança. Milhões têm aportado às suas praias, e os Estados Unidos ocupam um lugar entre as mais poderosas nações da Terra.⁹⁷

⁹⁶ Os objetivos da Santa Aliança, formados por Rússia, Áustria e Prússia (cujo soldados lutaram pela independência americana) causaram apreensão aos Estados Unidos, visto que a ideia dos europeus, após a derrocada de Napoleão, a partir de 1812, era retomar geopoliticamente o mapa-mundi aos moldes do que estava posto antes da Revolução Francesa, o que poderia incluir a tentativa de retomar o próprio país aos ingleses, no máximo, ou refrear as conquistas americanas ao sul, contra os espanhóis, no mínimo. No entanto, nada disso aconteceu.

⁹⁷ WHITE, Ellen. **The Great Controversy Between Christ and Satan** - Edition 1888. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1907. p.441. Pelo original: "The oppressed and down-trodden throughout Christendom have turned to this land with interest and hope. Millions have sought its shores, and the United States has risen to a place among the most powerful nations of the earth".

Ainda em 1782, um fazendeiro, ao falar acerca de seu próprio povo, escreveu a seguinte carta demonstrando suas intenções e aspirações:

Ele é um americano que, deixando para trás todos os seus antigos preconceitos e maneiras, adquire novos modos de vida que abraçou, do novo governo a que ele obedece e da nova posição que ocupa [...] Aqui, indivíduos de todas as nações se fundem em uma nova raça de homens, cujos feitos e posteridade hão de operar um dia grandes mudanças no mundo. Os americanos são os peregrinos do Ocidente, que levam consigo essa grande massa de artes, ciências, vigor e indústria, que começou a fazer muito tempo no Oriente. Eles completarão o grande ciclo... O americano é o novo homem, que age segundo novos princípios. Deve, portanto, entreter novas ideias e formar novas opiniões.⁹⁸

Mesmo diante de tamanhas adversidades e a despeito de sua brevidade existencial, o próprio estadunidense contrariava as baixas expectativas do mundo europeu desenvolvido e precocemente se considerava maduro o suficiente para reconhecer seu crescimento e aprendizado acumulado, bem como sua posição superior no campo da paz e da justiça. Mais do que isso: considerando-se “peregrinos do Ocidente”, seriam os depositários exclusivos de tudo o que de mais importante se produzia no Oriente, completando a história das nações, engendrando-as na produção efetiva de um novo mundo, capitalista, porém humano.

1.5.3 O conceito de nação e o expansionismo estadunidense

Diante de tamanhas expectativas diante de si mesmo, o jovem país precisava crescer. Eram necessárias reformas e implementos nos mais distintos campos. Expandir as fronteiras geográficas era apenas um dos inúmeros esforços a serem empreendidos.

Indubitavelmente, as guerras perpetradas por Napoleão Bonaparte favoreceram Jefferson a conquistar e anexar territórios aos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que forneceram argumentos à política externa americana. James Monroe, que em 1823 seria o responsável pela primeira tentativa de hegemonia estadunidense ao restante da América, por meio da qual o país forjaria ser guardião

(A tradução, livre, é de minha autoria).

⁹⁸ CRÉVECOEUR, J. Hector St. John. **Letters from an American farmer**, 1782, Letter III. In: SCHLESINGER, Arthur M. Os ciclos da História Americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. p. xiv.

das nações latinas, agindo tão-somente por interesses próprios, auxiliou o embaixador norte-americano em Paris, a partir da intervenção direta do próprio Jefferson, a anexar o estado de Louisiana⁹⁹ aos Estados Unidos. Na época, esse estado pertencia à Espanha (desde 1763), embora posteriormente fosse de domínio francês (de 1800 até 1803). Com a invasão de Napoleão à Península Ibérica, ao mesmo tempo em que a França estava desgastada pelas guerras, os estadunidenses conseguiram comprar aquele pedaço de terra por 15 milhões de dólares.

Para essa primeira anexação não foi preciso disparar nenhum tiro sequer. Valeram-se tão somente da sagacidade de seus próprios interlocutores em um contexto favorável em meio à guerra. Agindo dessa forma, demonstravam participar ativamente do jogo de poder ainda centrado na Europa, ao mesmo tempo provando a si mesmos que a luta pela própria independência não havia sido ganha pelas dificuldades logísticas enfrentadas pela Inglaterra. Rezavam também conforme a mesma cartilha partilhada pelas potências europeias, afirmando que toda e qualquer conquista de um país, não importasse o campo, deveria ser utilizada na guerra. O crescimento de um país como um todo era observado em sua expansão territorial. No século XIX, nenhum outro país do globo cresceu tanto, nesse e em outros aspectos, como os Estados Unidos da América. De acordo com Bagehot:

A nação mais forte sempre foi conquistando a fraca, por vezes mesmo subjugando-a, mas sempre prevalecendo sobre ela. Cada conquista intelectual, por assim dizer, que a nação possuía, desde os primeiros tempos foi utilizada na guerra.¹⁰⁰

Ao mesmo tempo, os Estados Unidos demonstraram pela primeira vez o interesse em explorar o vasto território localizado a Oeste e, em 1813, novamente por conta das guerras de Napoleão, que minaram o poder de governo hispânico,

⁹⁹ O estado, situado ao sul do país à beira do Golfo do México, era de importância vital ao jovem país visto que o delta do mais importante dos rios dos Estados Unidos, o Mississippi, localiza-se lá. Em 1803, quando da anexação da Louisiana ao país, o estado vivia praticamente da agricultura com mão de obra escrava.

¹⁰⁰ BAGEHOT, Walter. **Physics and Politics**: Or thoughts on the application of the principles of “natural selection and inheritance” to political society. International Scientific Series, 1872. p.19. Disponível em http://www.davisonbooks.com/eBooks/Physics_And_Politics.pdf. Acessado em 28 de novembro de 2010. Conforme o original: “The strongest nation has always been conquering the weaker; sometimes even subduing it, but always prevailing over it. Every intellectual gain, so to speak, that a nation possessed was in the earliest times made use of--was INVESTED and taken out - in war”. (A tradução, livre, é minha).

tomaram o atual estado da Flórida.¹⁰¹ Dessa vez, contudo, a conquista não foi pacífica e se valeu do incipiente exército americano que agora, ao contrário do que ocorreu durante as guerras pela independência, não era composto tão somente por camponeses pouco treinados.

As conquistas via diplomacia ou via armas logo nos primeiros anos de liberdade, provocaram uma onda ainda maior de otimismo no povo que agora tinha certeza de que seus ensejos se estavam materializando.¹⁰² O Estado estava se tornando forte e pujante, devido a uma série de fatores favoráveis. Ainda de acordo com Bagehot:

Mas porque uma nação é mais forte do que outra? Em resposta a isso, creio, reside a chave principal para o progresso da civilização, e alguns dos progressos de toda a civilização. A resposta é que existem muitas vantagens - algumas pequenas e algumas grandes - e cada uma das quais intenciona fazer da nação que as tem uma superior em relação a nação que não possui; que muitas dessas vantagens podem ser transmitidas às raças subjugadas ou imitado por raças concorrentes, e que, apesar de algumas dessas vantagens poderem ser perecíveis ou inimitáveis, ainda, no seu conjunto, a energia da civilização cresce a união dos pontos fortes e pela concorrência de forças.¹⁰³

Uma das vantagens claras sobre os espanhóis foi a organização e a luta por

¹⁰¹ A Espanha, dona de grandes territórios em todas as Américas, estava envolvida também com as primeiras manifestações de independência de seus territórios nessas regiões, diretamente afetadas pelas ideias libertárias da França. Com isso, o número de funcionários e soldados na Flórida diminuiu e isso acabou facilitando o envio de tropas estadunidenses.

¹⁰² Ao falar acerca do expansionismo estadunidense, é preciso lembrar da Guerra Mexicano-Americana do final da primeira metade do século XIX. Essa guerra, fundamental para os dois países, aumentou em um quarto o tamanho dos Estados Unidos e diminuiu pela metade o tamanho do México. A contenda foi iniciada pela anexação do estado do Texas aos Estados Unidos, não reconhecido pelo México. A guerra serviu para aumentar ainda mais a moral e os desejos expansionistas americanos. Conforme Belohlavek: A Guerra Mexicano-Americana, em sua fase militar, durou apenas um ano e meio (abril 1846 a setembro de 1847) e marcou um fluxo ininterrupto de vitórias nos Estados Unidos. Americanos sofreram menos de 2.000 mortes campos de batalha, embora a doença tenha ceifado mais de 10.000 soldados. Os mexicanos, ao contrário, perderam mais de 50.000 soldados. BELOHLAVEK, John M. American Expansion, 1800-1867. In: BARNEY, 2006, p. 97. De acordo com o original: The Mexican-American War, in its military phase, lasted but a year and half (April 1846 to September 1847) and recorded a stream of unbroken United States victories. Americans suffered fewer than 2.000 battlefields deaths, although disease killed more than 10.000 soldiers. The Mexicans, in contrast, lost more than 50.000 troops. (A tradução é minha).

¹⁰³ BAGEHOF, Walter. **Physics and Politics**. Nova Iorque: Cosimo, 2007, p. 19. Conforme o original: "But why is one nation stronger than another? In the answer to that, I believe, lies the key to the principal progress of early civilisation, and to some of the progress of all civilisation. The answer is that there are very many advantages--some small and some great--every one of which tends to make the nation which has it superior to the nation which has it not; that many of these advantages can be imparted to subjugated races, or imitated by competing races; and that, though some of these advantages may be perishable or inimitable, yet, on the whole, the energy of civilisation grows by the coalescence of strengths and by the competition of strengths. (A tradução deste parágrafo para o português, é minha).

expansão em primeiro plano, enquanto para os ibéricos, essa questão foi secundarizada. O povo unido em torno de um ideal comum sem divisão de forças favoreceu a conquista. O próprio ato de subjugar outra nação, ainda que via conquista de seu território colonial, serviu como impulso para outras incursões, como a que começava a entrar em ação no Oeste.

Mesmo diante de tais pretensões e sendo esta prática comum entre as nações, Ellen White se opôs a toda forma de guerra de conquista ou qualquer tipo de engano, mesmo em nível pessoal, ao afirmar categoricamente:

O oitavo mandamento condena o furto de homens e tráfico de escravos, e proíbe as guerras de conquista. Ele condena o roubo e furto. Exige estrita integridade nos mínimos detalhes dos negócios da vida. Veda o engano no comércio, e requer o pagamento de débitos e salários justos. Declara que toda tentativa de se obter vantagem pela ignorância, fraqueza ou infelicidade de outrem, é registrada como fraude nos livros do céu.¹⁰⁴

Novamente aqui ressurge o binômio “Terra-Céu” que tão grandemente, no século XIX, permeou grande parte das mentes do povo estadunidense, que começava, lentamente, a se dividir e tomar partidos distintos, a despeito de uma tentativa harmoniosa de construção de uma “perfeita” democracia.

1.5.4 A primeira derrota moral e a necessidade da guerra

As conquistas sucessivas nas guerras expansionistas, o gozo dos primeiros anos de liberdade e as possibilidades aventadas nos mais diversos ramos, propiciados pelo já discutido ambiente social na Europa, criaram, nos Estados Unidos, certa aura triunfalista.

Com a Inglaterra e a França debilitadas e em conflito aberto pela hegemonia europeia nas primeiras décadas do século XIX, os Estados Unidos tiveram sua primeira oportunidade de lucrar a partir de seu comércio, ainda um tanto incipiente, se comparado ao europeu, mas ativo e autoconfiante.

Com sua política de neutralidade no tocante às questões militares

¹⁰⁴ WHITE, Ellen. **Patriarchs and Prophets**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1958. p. 309. No original, consta: “The eighth commandment condemns manstealing and slave dealing, and forbids wars of conquest. It condemns theft and robbery. It demands strict integrity in the minutest details of the affairs of life. It forbids overreaching in trade, and requires the payment of just debts or wages. It declares that every attempt to advantage oneself by the ignorance, weakness, or misfortune of another is registered as fraud in the books of heaven”. (A proposta de tradução, é minha).

européias¹⁰⁵, o país tentou equilibrar o conflito mediante sua pretensa força comercial, inundando a França e a Inglaterra com seus produtos manufaturados. De acordo com Karnal:

A partir da crença de que seu comércio era muito importante e totalmente necessário para os países da Europa, os norte-americanos passaram a tentar utilizar esse mesmo comércio como arma de guerra e moeda de troca em negociações.¹⁰⁶

Novamente, a crença em si mesmo, ecoada simbolicamente pelo discurso de posse de Jefferson – uma dezena de anos antes – e reverberada pelo novo presidente, James Madison, propiciava a certeza de vitória em qualquer empreendimento. Para os Estados Unidos, o plano não funcionou como esperado e marinheiros estadunidenses foram capturados no Atlântico e obrigados a lutar ao lado dos ingleses, enquanto os franceses sequer levaram a sério as medidas da América.

A primeira derrota moral dos americanos, no auge de seu desenvolvimento pós-independência, foi um choque que precisaria ser superado com um grande acontecimento que novamente propiciasse um retorno às condições psicológicas anteriores. Na sequência, tentou-se um embargo às nações beligerantes e, posteriormente, uma desesperada “Lei de Proibição”, segundo a qual os estadunidenses poderiam comerciar com quem desejassem, exceto França e Inglaterra. Essa última medida apenas mostrou que o próprio controle interno dos Estados Unidos era um tanto letárgico e deficitário e que muitos comerciantes não pensavam no país como um todo, ao contrário da crença infantil e utópica da perfeição, perpetrada pelos pais da nação. Karnal aborda a questão ao afirmar que:

Tanto o embargo comercial como a Lei de Proibição demonstrava o intenso otimismo dos norte-americanos com relação ao seu próprio país. A imagem que tinham de si mesmos só poderia ser imensamente positiva, a ponto de Madison e seus correligionários pensarem que potências europeias poderiam ceder diante de qualquer ameaça comercial vinda dos americanos. Seja como for, as medidas adotadas foram em vão, e pela primeira vez, a nação estava impotente para resolver seus próprios problemas.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Os Estados Unidos só se envolveriam efetivamente em conflitos em campos de batalhas europeus no final da Primeira Guerra Mundial, em 1917. Portanto, mais de um século depois das batalhas de 1812.

¹⁰⁶ KARNAL, 2008, p.103.

¹⁰⁷ KARNAL, 2008, p. 104.

Para resolver essa questão, em 1812, no mês de junho, Madison aprovou uma declaração de guerra contra os ingleses, ao mesmo tempo em que Londres revogou todas as restrições com relação aos Estados Unidos. Assim mesmo, a guerra pretensamente necessária teve início. Contudo, a marinha britânica, a maior do mundo de então, era superior ao otimismo dos estadunidenses e logo a recém-edificada capital, Washington, estava em chamas.

Os estadunidenses aproveitaram o contexto para tentar anexar o Canadá ao seu território, em vão. Ainda assim, por absolutamente não interessar aos ingleses essa guerra, a paz foi celebrada na Bélgica, não muito tempo depois, em janeiro de 1815, tendo como saldo, a morte de 2.260 homens do Exército dos Estados Unidos – excetuando-se os mais de 17 mil mortos por doenças – e outros 5.000 soldados ingleses.

Como legado, surgiu o patriótico hino americano¹⁰⁸ e a tão almejada vitória poliu os brios dos Estados Unidos, visto que, pela segunda vez, eles venceram a guerra contra a antiga metrópole. Contudo, segundo Belohlavek, outros fatores foram responsáveis pela guerra:

A guerra de 1812 teve suas raízes em uma variedade de causas: a honra nacional, a expansão territorial, direitos neutros, os problemas dos índios, e de insegurança nacional.¹⁰⁹

A já comentada honra nacional,¹¹⁰ bem como a questão da insegurança, foram sanadas com a vitória estadunidense sobre os ingleses. Porém, problemas até então adormecidos, como a questão indígena¹¹¹, foram retomados a partir do

¹⁰⁸ O patriotismo estadunidense pode ser demonstrado nas primeiras linhas do texto de Davis, em capítulo intitulado “O sentido da América na História”, que diz: “A história dos Estados Unidos é americana. É parte significativa da história do Novo Mundo e encerra experiências comuns à história de todas as nações americanas, além e acima das divergências evidentes nessas experiências. Em seu próprio nome, os Estados Unidos da América anunciam esse caráter do Novo Mundo, e o seu povo tem orgulho de chamar-se americano. Dois hinos nacionais não-oficiais, ‘America’ e ‘America the Beautiful’, competem com ‘The Star-Spangled Banner’ em popularidade. DAVIS, Harold. **Os Estados Unidos na História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965. p. 11.

¹⁰⁹ BELOHLAVEK. In: BARNEY, 2006, p. 91. De acordo com o original: “The War of 1812 had its roots in a variety of causes: national honor, territorial expansion, neutral rights, Indians problems, and national insecurity.” (A tradução é minha).

¹¹⁰ Apesar de Ellen White ser uma típica filha de sua época, comentou contrariamente ao nacionalismo, tão presente naquele momento, ao afirmar que: “As paredes do sectarismo e do nacionalismo cairão quando o verdadeiro espírito missionário penetrar no coração dos homens. O preconceito é dissipado pelo amor de Deus”. De acordo com o original: “The walls of sectarianism and caste and race will fall down when the true missionary spirit enters the hearts of men. Prejudice is melted away by the love of God”. WHITE, 1966, p. 55. Apesar da denominação por ela cofundada ser tipicamente americana, sua forma de pensar e agir não é exclusivista.

¹¹¹ De acordo com KAMMEN, Michael. **People of Paradox**: An inquiry concerning the origins of

sentimento de retomada do progresso. Nesse sentido, Andrew Jackson, general da Guerra de 1812, foi enviado para pacificar os indígenas, iniciando um pesadoso processo de aniquilamento desses povos.¹¹²

1.6 O Norte e o Sul

Durante as duas primeiras décadas do século XIX, os Estados Unidos da América viveram um período de pujança até então nunca vivenciado. Com o passar dos anos e, principalmente com o arrefecimento das conquistas francesas sob o comando de Napoleão Bonaparte¹¹³, logo a dinâmica comercial e o jogo de poder dominado pela Europa voltaram à normalidade. Com isso, a Inglaterra, pioneira na industrialização e indubitavelmente ainda a nação mais poderosa do globo, voltou à sua posição hegemônica, principalmente nas questões comerciais, principal fator de desenvolvimento dos Estados Unidos no período. Assim, as disparidades entre o Norte e o Sul, eclipsadas sob um tênue véu de prosperidade, se tornaram evidentes, com o Norte capitaneando indústrias, desenvolvendo o livre comércio e empregando as massas de trabalhadores europeus que já chegavam em grande número¹¹⁴, bem como modificando a estrutura social e a incipiente identidade do país. Por sua vez, o Sul plantava principalmente fumo e algodão, empregando mão de obra escrava, mantendo as tradições e o conservadorismo.

American Civilization. Nova Iorque: Oxford University Press, 1980. p. 255: “Certamente os americanos tinham diversas reflexões sobre os índios e como foram empurrados de forma constante para o oeste. Eles pensaram sua condição, mas reconheceram que fazendo assim “arruinariam” o homem vermelho”. De acordo com o original: “Certainly Americans were of several minds about the Indians as they pushed him steadily westward. They pitied his condition but recognized that doing so would ‘ruin’ the red man”.(A tradução, livre, é minha).

¹¹² A questão indígena, de fundamental importância da constituição da história americana, não será abordada nessa monografia. Contudo, sugiro a leitura do artigo de Michael D. Green e Theda Perdue, intitulado *Native-American History*, no compendio organizado por William Barney, citado nas referências do presente trabalho.

¹¹³ Com a retaliação da França subjugada pela Santa Aliança e o Tratado de Versalhes, houve uma reestruturação do mapa europeu para os mesmos contornos de 1789. Apenas em 1848, mesmo ano da publicação do Manifesto Comunista por Karl Marx e Friedrich Engels, e do lançamento da pedra fundamental para a construção do Monumento a Washington, na capital estadunidense, é que a Europa – principalmente central e oriental – foi sacudida por uma série de revoluções conhecidas como “Revoluções de 1848” ou “Primavera dos Povos”. Os motivos oscilaram entre os desmandos dos regimes autocráticos, crises econômicas, falta de representatividade das classes médias (o que, em alguma medida, foi um dos motivos da Revolução Francesa) e ascensão do nacionalismo em algumas regiões.

¹¹⁴ Embora somente nos últimos vinte anos do século XIX esse número atingisse seu ápice, em média 26 milhões de franceses, alemães, canadenses, irlandeses, ingleses, suecos, noruegueses e italianos, chineses, coreanos, filipinos, indianos, poloneses e judeus entraram nos Estados Unidos naquele século.

1.6.1 Mudanças econômicas que ocasionaram a divisão

Com o restabelecimento da Inglaterra, os excelentes produtos daí advindos passaram novamente a inundar o comércio dos Estados Unidos, que ainda não possuía um nível de desenvolvimento que pudesse fazer frente a esse avanço, ao mesmo tempo em que o Brasil e a América independente passavam pelo mesmo processo.

Os ingleses, buscando exportar algodão de diversas partes do planeta, fizeram com que o preço do produto despencasse e o Sul dos Estados Unidos, e depois o país como um todo, sofresse um forte revés. Em questão de poucas semanas, muitos perderam suas casas e ficaram devendo aos bancos estatais, que, por sua vez, emprestavam e, não podendo receber, fechavam suas portas.

A crise durou de 1819 até 1824, gerando uma onda de pessimismo e, novamente, a ruptura dos primitivos sonhos de progresso infinito e democracia perfeita. Muito mais do que isso, a crise desencadeou uma série de questões regionais adormecidas ou esquecidas sob o manto da prosperidade.

Entre essas questões, pairava uma um tanto recente e que decidiria o equilíbrio da nação: os estados do Norte, abolicionistas, precisavam deter o crescimento e a anexação dos estados do Sul, escravagistas. Quando, em 1820, o Estado de Missouri alinhou-se aos escravagistas, a tênue relação política foi quebrada, visto que, segundo a legislação da época, três quintos dos escravos contavam como cidadãos, para efeito político, e havia no Congresso uma proporcionalidade baseada no número de habitantes por estado.

1.6.2 A questão educacional e a escravocrata

Se diante da crise e da impossibilidade do governo em resolver as questões econômicas este se mostrava letárgico, muitas foram as vozes que clamaram por outras pautas de primeira necessidade, como leis trabalhistas e educação pública de qualidade, o que, aos poucos, vinha acontecendo.¹¹⁵ De acordo com Greenleaf:

¹¹⁵ De acordo com McDonald, já em 1792, o Congresso votou cobrar apenas um centavo para entregar um jornal dentro de um raio de uma centena de quilômetros da sua impressora e um centavo e meio para enviá-lo para mais distante.” De acordo com o original: “In 1792, Congress voted to

Foi durante esses anos que o sistema gratuito de escola pública tomou forma nos Estados Unidos. Começando em 1823, quando Samuel Hall exigiu melhor treinamento para professores primários, a iniciativa para aperfeiçoar as escolas financiadas publicamente ganhou impulso depois que Massachusetts nomeou Horace Mann, em 1837, como o primeiro inspetor estadual de educação.¹¹⁶

Ao mesmo tempo em que a educação era aperfeiçoada e as tendências ideológicas aos poucos surgiam, a divisão entre os estados do Norte e do Sul ficava mais e mais evidente. No Norte, o pensamento liberal pedia a libertação imediata dos negros que, inegavelmente, constituíam uma das mais importantes engrenagens do país, tanto pelo trabalho por eles exercido nos campos, quanto pelo próprio comércio de pessoas em si. A questão dos negros, que durante os primeiros anos do século estava relegada aos quakers,¹¹⁷ ganhava as páginas de jornais abolicionistas, com o *The Liberator*, de 1830, enquanto os pregadores falavam com veemência contra o grande mal da escravidão em sermões com forte apelo emocional. Ellen White compartilhava desse mesmo pensamento ao afirmar que:

Deus não reconhece distinção alguma de nacionalidade, etnia ou classe social. É o Criador de todo homem. Todos os homens são de uma família pela criação, e todos são um pela redenção. Cristo veio para demolir toda parede de separação e abrir todos os compartimentos do templo a fim de que toda alma possa ter livre acesso a Deus. ... Em Cristo não há nem judeu nem grego, servo nem livre. Todos são aproximados por Seu precioso sangue.¹¹⁸

A problemática do negro, como pano de fundo para outras questões que chegavam ao limite, foi o ápice do desmoronamento do sonho de Jefferson de construir uma sociedade bucólica e igualitária, em virtude do desmoronamento econômico e social por conta da crise de 1819. Assim, o que estava em jogo nessa

charge only a penny to deliver a newspaper within a hundred miles of its printer and a penny and a half to send it farther". McDONALD, Robert M.S. **Early National Politics**. In: BARNEY, 2006, p. 11. (A tradução é minha).

¹¹⁶ GREENLEAF, Floyd; SCHWARZ, Richard W. **Portadores de Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2009. p. 19.

¹¹⁷ De acordo com GREENLEAF, 2009, p. 19.

¹¹⁸ WHITE, Ellen. **Christ's Object Lessons**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1941. p. 386. De acordo com o original: "No distinction on account of nationality, race, or caste, is recognized by God. He is the Maker of all mankind. All men are of one family by creation, and all are one through redemption. Christ came to demolish every wall of partition, to throw open every compartment of the temple, that every soul may have free access to God. His love is so broad, so deep, so full, that it penetrates everywhere. It lifts out of Satan's circle the poor souls who have been deluded by his deceptions. It places them within reach of the throne of God, the throne encircled by the rainbow of promise. In Christ there is neither Jew nor Greek, bond nor free. All are brought nigh by His precious blood." (A presente tradução é minha).

fase da história dos Estados Unidos da América era determinar qual sistema perduraria – o do Norte, com sua modernidade incipiente, ou o do Sul, conservador e perdulário, em um momento de grande desenvolvimento intelectual na América e na Europa, o que determinaria com que prisma os Estados Unidos olhariam para si próprio e para o mundo. Mesmo com a resolução das questões meramente econômicas, a do negro, mais cedo ou mais tarde, teria que ser sanada.

Nessa altura dos acontecimentos, o presidente de então era Andrew Jackson – o mesmo general que ajudou a liquidar os indígenas e avançar rumo ao Oeste – e a realidade de seu tempo revela essa ruptura que precisava ainda ser tecida. De acordo com Atkins:

A democracia Jacksoniana [1825-1844] tinha dois diferentes significados: um realista e outro romântico demais. A democracia realista envolvia padrões de comportamento político, e força por escritórios. A democracia romântica era composta por um conjunto de hipóteses e idéias sobre a bondade do homem e seus direitos naturais, que em conjunto composto de uma fé nacional.¹¹⁹

Realisticamente, a América não era mais a mesma de poucas décadas atrás. A profusão dos múltiplos interesses desencadearia uma fratricida guerra que levaria à morte seiscentos mil americanos em combates que se arrastariam por meia década, tão-somente para que a nação não se desmoronasse e fosse dividida em duas. Para a ascensão nacional, os recursos de todas as partes do país eram necessários e, ainda que novamente a liberdade constitucional fosse posta à prova, todos os esforços seriam feitos para que o Estado permanecesse.

¹¹⁹ KAMMEN, 1980, p. 260. Pelo original: “The Jacksonian [1825-1844] democracy had two different meanings: a realistic and another too romantic. The realistic democracy involved patterns of political behavior, and force offices. The romantic democracy was composed by a set of assumptions and ideas about the goodness of man and his natural rights, which together comprised a national faith” (A tradução é minha).

1.6.3 A Secessão

Em virtude da série de fatores acima abordados – ou seja, a diferença de interesses entre o Sul e o Norte, o grande motriz das eleições de 1860 seria efetivamente a questão da escravidão. O futuro presidente, Abraham Lincoln, seria o escolhido – ainda que majoritariamente pelo povo no Norte – para manter a unidade dos Estados Unidos.

Aliás, é importante frisar que, embora o tema da escravidão estivesse em primeiro plano no campo das discussões ideológicas e políticas – para que se mantivesse um sadio equilíbrio entre republicanos e democratas no Congresso [entre quem?], e isso parecia ser mais importante do que o próprio bem-estar, dignidade e moralidade da situação – em se tratando dos motivos que levaram ao conflito, o tema foi apenas incidental, ao menos até o final do conflito.

As causas primeiras foram o claro desejo de manter o país unificado, simplesmente mantendo o *status quo*. Ou seja, se os sulistas resolvessem permanecer pacificamente atrelados à Federação, é muito razoável pensar que a escravidão seria mantida por ainda muito tempo, dada a situação econômica do Sul e a crescente importância do escravo negro nesse processo. Portanto, o Norte simplesmente não iniciou a guerra por causa da questão escravocrata, mas basicamente porque os Estados do Sul, liderados por Virgínia, assinaram documento onde se desfilaram da União, criando estados confederados, liderados por um presidente não reconhecido nem pelo Norte e nem pelos Estados Europeus¹²⁰. Ainda, Lincoln tão-somente almejava, diante de todo aquele estado de coisas, que o sistema da escravidão não fosse adotado nos novos estados que, aos poucos, iam sendo agregados aos Estados Unidos.¹²¹

¹²⁰ Por se tratar de um tema tão vasto e delicado em tão poucas páginas, à título de resumo, cito BURTON, Vernon. *Civil War and Reconstruction, 1861-1877*. In: Barney, 2008, p. 47: “À despeito do interesse dos historiadores pela Guerra Civil [Secessão], e apesar do grande número de produções acadêmicas, não existe um consenso sobre as causas ou conseqüências da guerra, exceto que todos os historiadores sérios dão crédito à escravidão como sua raiz”. De acordo com o original: “Despite historians' interest in the Civil War, and despite the mountains of scholarship which have been produced, no consensus exists on the causes or consequences of the war, except that all serious historians credit slavery as its underlying root”. (A tradução é minha).

¹²¹ É preciso enfatizar que a chamada depressão após um novo colapso econômico em 1837, enfatizou a disparidade econômica entre as economias do Norte e do Sul. Antes e após a depressão, a economia do Sul prosperou e seu algodão, comercializado no exterior totalizaram 57% do total das exportações norte-americanas antes da guerra. O Pânico de 1857 devastou o Norte e deixou o Sul praticamente intocado. O choque entre um rico sul agrícola e os mais pobres do Norte industrial foi

Sua fala pacificadora e moderada não era nem escravocrata, nem abolicionista e sua retórica, durante certo tempo, equilibrou os ânimos mais exaltados. Conforme Karnal:

Seu discurso ambíguo e carregado de retórica foi capaz de administrar, por algum tempo, a forte pressão sofrida durante seu mandato. Afirmava, por exemplo, que a “raça branca” era sim superior. Dizia que não toleraria que algo fosse feito contra a escravidão nos territórios em que ela já existia, mas, ao mesmo tempo, que defenderia a todo custo os interesses da União, que invadiria os estados que quisessem se separar e recolheria, da mesma forma, os direitos aduaneiros de importação nos estados que fossem a favor da secessão.¹²²

Testemunhos como esse certamente arranham a aura consensual tão comumente atribuída a Lincoln de um guerreiro a favor da igualdade e ao final da guerra seria assassinado por um fanático insatisfeito com o rumo dos acontecimentos. O fato é que simplesmente coube a seu governo lidar com as disparidades e desilusões ocasionadas pelo choque de interesses e tensões ao longo de décadas mescladas por avanços e retrocessos. Ao mesmo tempo, com a pretensa maturidade da nação, o povo, mais atrelado a partidos políticos e instituições religiosas, deixou o apego inicial da busca de um sentido comum. De acordo com Barney:

Durante o curso do século, a economia tornou-se cada vez mais integrada a um mercado nacional, e uma ordem política e religiosa ancorada em às elites locais deram lugar ao povo embasado em partidos políticos organizados em todo o país e aos movimentos religiosos que responderam a demandas populares por igualdade espiritual. Divididos por raça, etnia e gênero, novas classes de trabalhadores remunerados e empregados assalariados substituíram fazendeiros brancos e trabalhadores negros escravizados como os elementos dominantes em uma força de trabalho reformulada pela emancipação e da imigração e do aumento das fábricas e das cidades.¹²³

intensificado por abolicionistas que usaram a luta de classes para promover sua causa.

¹²² KARNAL, 2008, p. 131.

¹²³ BARNEY, 2006, p. 1. De acordo com o original: “During the course of the century, localized economics increasingly became integrated into a national market, and a political and religious order anchored in deference to local elites gave way to mass-based political parties organized across the nation and religious movement that responded to popular demands for spiritual equality. Divided by race, ethnicity, and gender, new classes of wages laborers and salaried employees replaced independent white farmers and enslaved black laborers as the dominant elements in a workforce reshaped by emancipation and immigration and the rise of factories and cities”. (A tradução é minha.)

Seria necessário enfrentar uma guerra, que Lincoln não desejava, para que os clamores dos mais exaltados partidários do Norte abolicionista fossem ouvidos. Os combates apenas aconteceram pela aparente pujança dos estados do Sul, o que logo ficou eclipsado pela tecnologia¹²⁴ do Norte. Segundo Brown:

O revólver de Samuel Colt tornou-se a pistola favorita do soldado da União. O trabalho de Henry Burden produziu 60 ferraduras por minuto para o exército da União. [...] William Morton realizou operações no campo de batalha com éter anestésico em mais de 2.000 soldados feridos. E o telégrafo de Samuel Morse se provou indispensável para o presidente Abraham Lincoln manter contato com seus comandantes de campo.¹²⁵

A Guerra da Secessão foi a primeira guerra da modernidade a ser fotografada e a segunda - a Guerra Mexicano-Americana foi a primeira – a ser documentada dia após dia nos jornais de grande circulação. Por paradoxal que seja, no Sul havia total liberdade de expressão enquanto no Norte, diante das primeiras derrotas, a imprensa era cerceada. Apesar da proporção de quatro para um no número de pessoas aptas para o serviço militar a favor do Norte, os generais de grande vulto como Lee e Jackson estavam no Sul e, nos primeiros combates, eram os abolicionistas que colecionavam vitórias. Porém, pouco a pouco, com grande parte dos combates acontecendo no Sul, esta região foi sendo sistematicamente devastada, paralisando a atividade agrícola e diminuindo progressivamente os

¹²⁴ O desenvolvimento tecnológico no período, por permear todas as áreas temáticas desse recorte, também não foi privilegiado neste trabalho, por questões de espaço. Contudo, o barco a vapor desde o início do século imprimiu novas cores à paisagem, enquanto no campo das telecomunicações Samuel Morse criou o telégrafo, as armas foram aprimoradas, bem como a medicina e as ciências naturais receberam como contribuição máxima, os estudos de Darwin, o que causou muitos conflitos nas mentes protestantes dos Estados Unidos. Para tão-somente resumir em um parágrafo, cito Hobsbawm: “Começamos por passar em revista o estado do mundo em 1789. Concluamos com um relance por ele cinquenta anos mais tarde, ao findar o mais revolucionário meio século da história até então registrado. Foi uma época de superlativos. Os inúmeros novos compêndios de estatística em que este período de contas e cálculos procurou historiar todos os aspectos do mundo conhecido podiam concluir com justiça que praticamente todas as quantidades mensuráveis eram maiores (ou menores) do que até aí. A área do mundo conhecido e cartografado era maior do que nunca. E as comunicações incrivelmente mais rápidas. A população do mundo atingira o maior número de sempre, ultrapassando em vários casos todas as previsões. As cidades multiplicavam-se a um ritmo sem precedentes.” HOBBSAWM, Eric. J. **A Era das Revoluções**. Lisboa: Editorial Presença, 1962. p. 404.

¹²⁵ BROWN, Peter. The Triumph of Yankee Ingenuity. **American History** 45, no. 3, Agosto, 2010. ABNT!! p.41. Academic Search Premier, EBSCOhost (acessado em 18 de novembro de 2010). Pelo original: “Samuel Colt's revolver became the Union soldier's favorite pistol. Henry Burden's ironworks turned out 60 horseshoes a minute for the Union Army. [...], William Morton performed battlefield operations with anesthetic ether on more than 2.000 wounded soldiers. And Samuel Morse's telegraph proved indispensable to President Abraham Lincoln for keeping in touch with his field commanders”. (A tradução é minha).

recursos para o conflito. Ainda assim, os sulistas pareciam dispostos a lutar até o fim e eram mais habilidosos no manejo de armas. De acordo com Ellen White:

O Norte e o Sul foram apresentados diante de mim. O Norte tem sido enganado em relação ao sul. Eles estão melhor preparados para a guerra que parece. A maioria de seus homens são muito habilidosos no uso de armas, algumas delas a partir da experiência no campo de batalha, outros a partir do esporte. Eles têm vantagem sobre o Norte a este respeito, mas não tem, de modo geral, a valentia e a força de resistência que os homens do Norte têm.¹²⁶

Em 1861, um ano após o início dos conflitos, foi aprovada a Lei do Confisco, onde toda a terra conquistada no Sul seria imediatamente desapropriada e os escravos, libertos. Com isso, uma miríade de escravos fugiu para terras conquistadas, minando as forças produtivas do Sul e desequilibrando ainda mais os confederados, que perdiam seus campos e trabalhadores. Foi por causa de ações como essas que os abolicionistas, em nome da unidade nacional, iniciaram uma luta pedindo o fim da escravidão. Portanto, não é exagero dizer que foi essa guerra que efetivamente fundamentou e solidificou as bases que serviram como pressupostos aos Estados Unidos que ditariam os rumos do próximo século.

Finalmente, em maio de 1864, os últimos ataques da União foram perpetrados e o presidente confederado preso, finalizando os combates. Indubitavelmente, grande parte da vitória nortista se deu pela Revolução Industrial em curso no Norte e pelo colapso do Sul, de forma muito sucinta. As feridas demorariam muito tempo para cicatrizar e mesmo nos anos 60 do século XX a questão dos negros ainda não estava solucionada, do ponto de vista político. Novamente Ellen White, comentando acerca da resolução das questões raciais, mesmo com o fim da guerra, escreve:

O Senhor está aflito com a indiferença manifestada por seus seguidores professos para as ignorantes e oprimidas pessoas de cor. Se nosso povo tivesse tomado esse trabalho no final da Guerra Civil, o seu trabalho fiel teria feito muito para evitar a atual condição do sofrimento e do pecado.¹²⁷

¹²⁶ WHITE, Ellen. **Testimonies for the Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 1, 1948a. p. 266. Pelo original: The North and the South were presented before me. The North have been deceived in regard to the South. They are better prepared for war than has been represented. Most of their men are well skilled in the use of arms, some of them from experience in battle, others from habitual sporting. They have the advantage of the North in this respect, but have not, as a general thing, the valor and the power of endurance that Northern men have. (A tradução é minha).

¹²⁷ WHITE, Ellen. **Special Instruction Relating to the Review and Herald Office, and the Work**.

A alegada “aflição do Senhor” pela indiferença de seus seguidores descrita no comentário acima pode ser melhor visualizada quando em face dos censos de então, que indicavam número absurdo de escravos pertencentes a pastores protestantes. Na verdade, segundo publicação de 1858 – portanto, dois anos antes da Guerra Civil – havia mais de seiscentos mil escravos pertencentes a ministros evangélicos e/ou membros dessas comunidades.¹²⁸ Assim sendo, explica-se sua angústia ao ver o “povo do Senhor” diretamente envolvido no conflito, sem dimensionar a multiplicidade de interpretações favoráveis à escravidão, tão difundidas por cristãos protestantes naquele período.

A partir da constatação acima, pode-se perceber que o conflito iniciado professamente por motivos políticos e sociais evidenciou também uma crise teológica até hoje sem proporções naquele país. Afinal de contas, a espiritualidade da conservadora sulista - mas que ao mesmo tempo defendia a escravidão - parecia ser mais saliente do que a do norte, mais voltada à problemática capitalista incipiente típica do século XIX. Assim, a religião - e por suposto a teologia como um todo - serviu como espécie de “pano de fundo” belicoso. Finalmente, a estrutura da nação, baseada precisamente sobre esses pressupostos, agora seria testada pelas forças das armas. Conforme McPherson (1998):

A religião era central para o significado da guerra civil, como a geração que experienciou a guerra tentou entender. Religião deve também ser central para nossos esforços para recuperar esse significado.¹²⁹

Além disso, por volta de 1860, foi percebido um acréscimo de pessoas que, pela primeira vez na história daquele país, começaram a questionar a autossuficiência das Escrituras.¹³⁰ Esse grupo secularista crescente passou a dar

Battle Creek. 1896. p. 2. De acordo com o original: “The Lord is grieved at the indifference manifested by His professed followers toward the ignorant and oppressed colored people. If our people had taken up this work at the close of the Civil War, their faithful labor would have done much to prevent the present condition of suffering and sin.” (A tradução é minha. A citada fonte não foi publicada e pode ser acessada apenas por pesquisadores através de mídia magnética.)

¹²⁸ CORNELL, Merritt. **Facts for the times**: extracts from the writings of eminent authors, ancient and modern. Edição do Autor. Battle Creek, 1858. p.23-24.

¹²⁹ McPHERSON, James. **Battle for Freedom**: The Civil War Era. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998, p. 63 *apud* NOLL, Mark. **The Civil War as a Theological Crisis**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006. p. 10. Conforme o original: “Religion was central to the meaning of the Civil War, as the generation experienced the war tried understand it. Religion should also be central to our efforts to recover that meaning”.

¹³⁰ NOLL, 2006, p. 31.

mais atenção aos negócios do mundo sem mais nenhuma relação com as questões espirituais, ao contrário do que o próprio Alexis de Tocqueville havia apontado apenas duas décadas antes em sua viagem pela América.¹³¹ O grupo aqui apontado, crescendo em uma sociedade pluralista – e, portanto, nortista - fiava-se nos novos argumentos científicos contra o “atraso” da visão religiosa.¹³²

Essa visão dialética que opôs o pensamento secular e teológico - no Norte a visão do já citado Thomas Paine serviu para aprofundar a divisão - não foi a única. Havia entre os cristãos do Norte e do Sul diferentes interpretações bíblicas contrárias e favoráveis à escravidão. De forma geral “o poder da posição escravista bíblica - especialmente em um mundo protestante da crença intuitiva generalizada na inspiração plena de toda a Bíblia - reside na sua simplicidade”.¹³³ Entre esses escritores, destaca-se Thomas Thompson, que muito difundiu esta visão, que não podia ser mais direta: simplesmente abra a Bíblia, leia e acredite nela. A partir dessa leitura destituída de qualquer hermenêutica, trechos como os de Levítico 25.45-46a, no Antigo Testamento, e Filemon, no Novo serviam para sua aprovação radical do regime escravagista¹³⁴. Enquanto isso, contrariamente a Thompson, do outro lado do Atlântico, os direitos humanos foram abordados no Parlamento inglês. Conforme Noll:

De modo mais geral, o apego a ideias ocidentais de direitos humanos básicos, que, ironicamente, haviam sido muito estimuladas pela fundação dos Estados Unidos da América, tornou cada vez mais difícil imaginar como a escravidão poderia existir em uma política moderna e civilizada. Os mais recentes sentimentos sobre a inviolabilidade da pessoa humana foram associados aos movimentos românticos. O humanitarismo cristão foi superando o tradicionalismo bíblico.¹³⁵

O nascimento da Ku Klux Klan em 1873 a partir de vários outros grupos raciais, que, vestidos com lençóis brancos (em alusão aos “fantasmas” dos confederados mortos no conflito, para vingá-los) mostrou - em apenas um exemplo - que a sociedade ainda estava grandemente dividida socialmente, apesar da união

¹³¹ TOCQUEVILLE, 2004, p.43.

¹³² O'BRIEN, Michael. **Conjectures of Order**: Intellectual Life and the Antebellum South, 1810-1860. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004, v. 2, p. 1175.

¹³³ NOLL, 2006, p. 33.

¹³⁴ Outros textos preferidos pelos escravagistas: Gn 9.25-7; Gn 17.12; Dt 20.10-11; 1Co 7.21; Rm 13.1,7; Cl 3.22; 4.1; 1Tm 6.1-2.

¹³⁵ NOLL, 2006, p. 35.

política via forças das armas. Ellen White escreveria dezenas de páginas contrariamente à escravidão, demonstrando ao mesmo tempo sua identidade com a ideologia dominante no Norte e a liberdade das mulheres, que se envolviam com causas radicais.¹³⁶

1.7 Posfácio Capitular

Este pequeno estudo acerca do século XIX e séculos anteriores tão somente expõe tematicamente alguns dos assuntos mais preponderantes da historiografia estadunidense durante o curso do período. Por certo, apenas evidenciou questões que podem e devem ser aprofundadas. O objetivo principal, contudo, não foi o de tecer uma intensa e volumosa análise das questões mais contundentes do período no país em questão. Para este propósito, as referências utilizadas certamente serão de preciosa ajuda. De fato, muitos tópicos importantes, como as questões de gênero e do desenvolvimento material da nação foram apenas sucintamente abordadas.

A escolha dos temas apresentados tem relevância direta com a vida de Ellen White e da denominação de que ela seria cofundadora. A dinâmica dos acontecimentos nos Estados Unidos da América ajudaram a moldar o caráter e as visões de mundo de cada um dos pioneiros da futura Igreja Adventista do Sétimo Dia em um período de expansão, pujança, crises, guerras internas e externas e a busca constante de elementos psicológicos e materiais que fomentassem o sonho da construção efetiva de um Novo Mundo. É a soma desses acontecimentos, com seus respectivos avanços e retrocessos, que ao longo de sucessivas décadas de um século de cento e trinta anos, construiu o caráter e a identidade desta nação que, desde essa época, buscava a hegemonia mundial, hoje conquistada, embora tão

¹³⁶ De acordo com Karcher: “O exemplo mais impressionante de mulheres escritoras engajadas com causas radicais é Lydia Maria Child. Não só ela dedicou boa parte de sua ficção curta início?? de despertar a simpatia para os americanos nativos, mas por 1829, quando a cruzada contra a expatriação dos Cherokees foi ficando em forma, ela já havia repudiado o mito da raça que desaparece e chegou à conclusão de que era “definitivamente errado, falar da retirada ou extinção dos índios como inevitável. De acordo com a minha tradução a partir do original: “The most impressive example of women writers’ engagement with radical causes is Lydia Maria Child. Not only did she devote much of her early short fiction to arousing sympathy for Native Americans, but by 1829, when the crusade against the expatriation of the Cherokees was getting under way, she had already repudiated the myth of the vanishing race and come to the conclusion that it was ‘decidedly wrong, to speak of the removal, or extinction of the Indians as inevitable’”. KARCHER, Carolyn L. *Reconceiving nineteenth-century American literature: The challenge of women writers. American Literature* **66**, no. 4, Dezembro, 1994. p.781. Academic Search Premier, EBSCOhost (acessado em 18 de novembro de 2010).

contestada.

Conhecer a história dos Estados Unidos no século XIX é retornar à história de um povo que tinha consciência histórica de suas atribuições e aspirações em um mundo em transformação, com uma ideologia paradoxalmente bucólica e ao mesmo tempo conservadora, mas um tanto pragmática e moderna, que, de forma antitética, mas projetada, modificou o mundo ao propor novos paradigmas que, seja pela força da diplomacia ou das armas, foi submetido ao mundo em um período de tempo muito pequeno, em comparação com tantos outros países europeus milenares.

O século XIX viu os Estados Unidos da América passarem da infância à maturidade, deixando os pequenos vilarejos e povoados agrícolas rumo às grandes cidades. Ao mesmo tempo em que cresceram, certamente perderam a pretensa pureza de um mundo harmônico, democrático e igualitário. Nunca, porém, perderam a fé fundamentalmente protestante herdada de seus pais pioneiros, ainda que essa fé, que outrora apenas almejava tranquilidade na Terra e a busca pelo Céu, oscilasse para incursões deveras inescrupulosas em um mundo capitalista militante e por vezes desconectado das primeiras expectativas.

Mesmo diante de tamanhas ambivalências, o Estado progrediu e alcançou, em grande medida, seus objetivos. Enquanto hodiernamente o futuro parece um tanto sombrio, o início do século XX projetava a continuidade dos sonhos em materialização graças ao frutuoso complexo de realizações perpetrado no século anterior.

2. A QUESTÃO DA IMORTALIDADE CONDICIONAL COMO PONTO CENTRAL DA TEOLOGIA HOLÍSTICA WHITEANA

Coloque-se o homem sobre os joelhos, como súditos da graça, um suplicante aos pés da misericórdia. Assim deve testificar de que toda a alma, corpo e espírito estão em sujeição ao Seu Criador.¹³⁷ (Ellen White)

Enquanto o capítulo anterior serviu para constituir uma base histórica dos acontecimentos sociais, econômicos e culturais dos séculos XVII, XVIII e principalmente XIX tendo como base os comentários de Ellen White acerca dos mesmos, o atual demonstrará que, como sugere o próprio título, a questão da imortalidade condicional, ou a mortalidade ou sono da alma é uma das crenças fundamentais dos adventistas do sétimo dia. A respectiva crença, que em si abarca o mais distinto da própria teologia denominacional no que diz respeito a teoria e prática, faz franca oposição ao pensamento platônico e neoplatônico, como será aqui citado com o intuito de demonstrar o surgimento, a assimilação e o crescimento destas doutrinas que, segundo White, são totalmente contrárias à Bíblia em todos os seus múltiplos argumentos.

Ao demonstrar “inequivocamente” que o ser humano ao perecer e ser descido à sepultura não mantém qualquer tipo de contato ou envolvimento com outros mortos ou vivos, não sabendo de coisa alguma ou sentindo o que quer que seja, a Igreja Adventista do Sétimo Dia desde seus primórdios rejeitou qualquer princípio

¹³⁷ WHITE, Ellen. **Acceptable Worship**. Review and Herald. 30 de novembro de 1905. p. 15. Em inglês: “Let man come on bended knee, as a subject of grace, a suppliant at the foot-stool of mercy. Thus he is to testify that the whole soul, body, and spirit are in subjection to his Creator.” (Tradução própria)

filosófico grego ou aporte considerado por eles não-bíblico, tomando a Bíblia e tão-somente ela como única regra de fé e resposta a todos os problemas teológicos e cotidianos. Mais do que isso: ao alegar contundentemente a não comunicação dos mortos com os vivos e vice-versa, a denominação inequivocamente levantou uma trincheira - que persiste até hoje, talvez ainda mais municada - contra o espiritualismo que hodiernamente deu seus primeiros passos, muito tímidos, nos Estados Unidos, na casa das irmãs Fox, e hoje se constitui uma força “filosófico-religiosa” de alcance não facilmente demonstrável, em virtude de sua aceitação em muitas outras confissões, sem citar as miríades de pessoas que frequentam paralelamente centros espíritas e suas igrejas de origem, sem destacar estes centros oficialmente.¹³⁸

Ainda, ao destacar a imortalidade condicional, percebe-se com clareza o cuidado da Igreja Adventista do Sétimo Dia com a questão do corpo físico - o templo do espírito. Nos numerosos escritos de Ellen White acerca do tema, ela alinhou sempre a alimentação adequada, banhos regulares, luz solar e tantos outros conselhos como pressupostos obrigatórios para uma vida espiritual equilibrada, fazendo desses aportes uma “teologia do corpo”. Sem absolutamente deixar de divisar a restauração completa do ser humano na eternidade, depois de um lento e gradual processo de santificação, que justamente se solidifica com a renúncia do “eu”, estágio que se evidencia claramente com a negação do apetite em uma vida de temperança,¹³⁹ ela abordou sob esses matizes, de forma privilegiada, o equilíbrio entre corpo, alma e espírito. Neste capítulo, contudo, serão abordadas questões pontuais sobre a importância da doutrina da mortalidade aos adventistas do sétimo

¹³⁸ Conforme a apresentação oral e texto de DIAS, Agemir de Carvalho; LIMA, Fernando Raphael Ferro de. A diversidade religiosa no Brasil - transformações recentes. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (Orgs.). **Religião, Política, Poder e Cultura na América Latina**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012.

¹³⁹ Especificamente neste sentido, conforme Ellen White: “The law of temperance must control the life of every Christian. God is to be in all our thoughts; His glory is ever to be kept in view. We must break away from every influence that would captivate our thoughts and lead us from God. We are under sacred obligations to God so to govern our bodies and rule our appetites and passions that they will not lead us away from purity and holiness, or take our minds from the work God requires us to do” WHITE, Ellen. **Counsels on Health**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1957. p. 43. Em português: “A lei da temperança deve controlar a vida de cada cristão. Deus deve estar em todos os nossos pensamentos; Sua glória deve ser mantida em vista. Temos que nos libertar de toda a influência que cativa nossos pensamentos e leva-nos para longe de Deus. Estamos sob sagradas obrigações a Deus para governar nossos corpos e governar nossos apetites e paixões para que eles não nos levem para longe da pureza e santidade, ou tomar nossas mentes a partir do trabalho de Deus requer que façamos.” (A tradução é minha)

dia bem como embates contra correntes contrárias, deixando-se para o próximo as propostas whiteanas de prática a partir desses pressupostos.

2.1 Sobre a imortalidade condicional ou “sono da alma”: antecedentes histórico-doutrinários confessionais e importância do tema para a teologia adventista do sétimo dia incipiente

Precisamente no dia 21 de maio de 2013, a Igreja Adventista do Sétimo Dia comemorou 150 anos de nascimento. Nascida formalmente em Battle Creek, Michigan, Estados Unidos, com aproximadamente 3.500 membros, hoje consta com algo em torno de 17 milhões ao redor de todo o mundo.¹⁴⁰ Durante o século e meio decorrido, suas doutrinas foram sendo paulatinamente desenvolvidas e hoje podem ser sistematizadas ao separarmos as mesmas, apenas a título de investigação, em três diferentes vertentes, como apontou o historiador denominacional Georg R. Knight¹⁴¹: 1) o que é cristão no adventismo; 2) o que é fundamentalista no adventismo e 3) o que é “adventista” no adventismo.

Ao analisarmos o que é “cristão” no adventismo do sétimo dia, percebemos que a denominação estudada concordava com muitas das premissas de outras igrejas protestantes majoritárias (embora, prezando sua própria identidade, não costumasse divulgá-las com o mesmo ímpeto que suas crenças que a tornam única) como a questão da autoridade da Bíblia, a justificação pela fé, a trindade e a natureza de Cristo, dentre outras. Observando hodiernamente, dos 28 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia, apenas quatro parecem destoar das crenças “tradicionais”, a saber: o ensino do “Grande Conflito”, que advoga um conflito cósmico entre Cristo e Satanás iniciado ainda no Céu antes da criação do mundo e que dá sustentação ao corpo teológico ao ser seu “alfa” e “ômega” (sabendo que para Ellen White a restauração integral do ser humano e da Terra será efetuada

¹⁴⁰ No Brasil, de acordo com a 148ª. estatística anual da igreja, há 1.267.738 membros, um número de 293.333 membros a menos do que mostra do censo do IBGE. As estatísticas denominacionais podem ser visualizadas acessando o sítio <http://docs.adventistarchives.org>. A tabulação das estatísticas do IBGE aqui utilizadas são as disponíveis em DIAS e LIMA, 2012. Dados mais atualizados dizem que a denominação possui mais de 16,5 de membros no mundo, sendo mais de 1,5 milhões no Brasil, conforme OLIVER, Ansel. **Adventistas somam 16,6 milhões de membros em todo o mundo**. Disponível em <http://www.novotempo.org.br/advir/?p=3331> ASN. Página visitada em 25 de março de 2013.

¹⁴¹ KNIGHT, George R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 55-164.

somente com o fim do referido conflito); o ensino relativo ao “remanescente e sua missão”, caracterizando o adventista do sétimo dia como o último povo escolhido para terminar os dias na Terra antes da Parusia¹⁴²; o “dom de profecia”, que reconhece Ellen White como mensageira com características análogas às dos profetas bíblicos vétero e neotestamentários e, como não poderia deixar de ser, visto que aparece no próprio nome da referida igreja, o ensino do Sábado do sétimo dia como o dia de guarda - memorial da Criação e futuro ponto de embate, imediatamente antes da vinda do Senhor, bem como o ensino da imortalidade condicional ou o chamado “sono da alma”¹⁴³, como se verá neste capítulo.

O caráter fundamentalista da denominação, baseado em sua raiz teológica anabatista - que em “seu melhor era um afastamento da tradição igrejeira e da formulação de credos, e uma aproximação dos ideais da igreja do Novo Testamento”¹⁴⁴ - podia (e pode) ser percebido pelo caráter marcadamente escatológico/apocalíptico, o que não a distingue contundentemente. Contudo, e principalmente, a teologia adventista do sétimo dia, apesar de dissidências¹⁴⁵, sob nenhuma hipótese podia ser taxada de liberal, exceto em um ponto que persistiu ao longo de muitas décadas, ainda de acordo com Knight:

Desde os primórdios do seu movimento, os adventistas haviam conservado, de maneira unânime, todas as crenças fundamentais dos fundamentalistas, exceto seus rígidos pontos de vista sobre inspiração. Nessa área, [...] o adventismo entrou na década de 1920 bastante dividido, embora saísse dessa década muito mais unido.¹⁴⁶

Assim, “os rígidos pontos de vista sobre inspiração”, ou seja, focar os escritos de Ellen White ao corpo doutrinário adventista do sétimo dia, além de sua marcante

¹⁴² Hoje, há na própria Igreja Adventista do Sétimo Dia uma tendência a relativizar esta visão, conforme o já citado livro *Adventists and Lutherans in conversation*, ainda no primeiro capítulo deste trabalho.

¹⁴³ A expressão “sono da alma” aparece neste trabalho sempre entre aspas simplesmente porque os adventistas do sétimo dia não creem desta forma. Contudo, grande parte dos autores aqui elencados – não adventistas – se utilizam do termo, que indica, afinal de contas, que a alma não morre, mas descansa. Para a denominação ora citada, efetivamente a alma morre para posteriormente ressuscitar para a vida ou morte eternas.

¹⁴⁴ KNIGHT, 2005, p. 29.

¹⁴⁵ Embora existam várias vertentes dentro do adventismo do sétimo dia, há uma publicação que desde os primórdios dos anos 70 aborda temáticas denominacionais de forma mais acadêmica. Trata-se da Spectrum Magazine, que embora não aparente tendências liberais, em nada lembra o conservadorismo institucional atribuído à Igreja Adventista do Sétimo Dia. A revista pode ser acessada pelo endereço <http://spectrummagazine.org/>.

¹⁴⁶ KNIGHT, 2005, p. 136.

escatologia fazem a denominação *sui generis per se*, ainda sequer tocando nos pontos eminentemente “adventistas” do adventismo. O resultado dessa junção é um sistema complexo de crenças, que, paradoxalmente atrai um número cada vez maior de membros em todos os cantos da América Latina e do mundo - especialmente no Brasil e na África, embora se perceba - sem amparo de nenhuma publicação - que a maior parte dos novos membros se mostra ignorante quanto à totalidade de tal sistema de crenças em virtude da denominação dos aspectos práticos de suas doutrinas sem se demorar nos “cansativos” estudos bíblicos que supririam tal lacuna teórica.¹⁴⁷

Até aqui se tratou rapidamente de dois aspectos fundamentais relativos ao corpo doutrinário adventista do sétimo dia. Ao agora analisarmos de forma específica as questões que efetivamente causam certa “estranheza” e evidenciam rupturas teológicas com outras igrejas, entraremos simultaneamente nos pilares da denominação, suas “cláusulas pétreas”, de caráter inegociável, sem as quais ela simplesmente deixa de ser e perde seu sentido, tornando-se “evangélica”, indistintamente, ao invés de marcadamente “adventista”.¹⁴⁸

¹⁴⁷ Embora sem amparo nas publicações - na verdade, não há qualquer delas a esse respeito - pode-se perceber nos estudos bíblicos impressos a diminuição das lições requeridas ao candidato ao batismo. Por outro lado, é absolutamente visível, principalmente na última década, o enorme avanço midiático da Igreja Adventista do Sétimo Dia nas mais diversas mídias. Talvez por esse motivo e dada a urgência do “tempo do fim”, o foco atual seja o das questões práticas. Essa escolha, além de levar mais membros a igreja, afasta decididamente de perto de si seu caráter fundamentalista, tão utilizado pelos críticos até não muito tempo atrás.

¹⁴⁸ Na verdade, os adventistas do sétimo dia de forma geral não se sentem bem ao serem classificados como evangélicos, visto a multiplicidade denominacional e linhas doutrinárias que o termo abrange hoje. Assim, prefere-se o termo protestantes históricos, adventistas ou, melhor ainda, cristãos adventistas, enfatizando, como na nota anterior, o afastamento com qualquer traço fundamentalista - embora a igreja o seja, no melhor dos sentidos, a saber, de acordo com os textos editados por R.A. Torrey na famosa conferência Mundial sobre os Fundamentos Cristãos, dez anos depois da publicação da famosa Scofield Reference Bible. Para maiores informações, vide TORREY, R.A. **Os fundamentos**: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais. São Paulo: Hagnos, 2005. A despeito desta obra fundamental, paradoxalmente ao arrazoado acima, os adventistas do sétimo dia desde sempre rejeitaram o “paganismo” infiltrado à Bíblia no tocante a questão da imortalidade da alma, aporte órfico, ou na melhor das hipóteses, platônico associado ao pensamento cristão forjadamente. Outro exemplo, desta vez sob o ponto de vista “fundamentalista” da igreja, agora referindo-se a literalidade da Bíblia, neste caso acerca da semana da Criação pode ser encontrado, dentre muitíssimos outros, nesta passagem: “Mas a admissão de que os acontecimentos da primeira semana exigiram milhares de anos, fere diretamente a base do quarto mandamento. Representa o Criador a ordenar aos homens observarem a semana de dias literais em comemoração de vastos períodos, indefinidos. Isso não está conforme seu método de tratamento às suas criaturas. É de demasiada incredulidade em sua mais vil forma, a mais perigosa de todas: seu verdadeiro caráter se acha tão disfarçado que é tal opinião mantida por muitos que se acham professos crentes na Bíblia”. Conforme o original: “But the assumption that the events of the first week

Ainda em 1847 - 16 anos antes de sua institucionalização e menos de 3 anos após os primeiros escritos de Ellen White, que àquela altura contava com exatos 20 anos de idade - o movimento adventista era pouco coeso. Além de não ter seu sistema de crenças definido¹⁴⁹ - eis o motivo de seu estabelecimento formal - seu pequeno e disperso povo viu suas doutrinas serem compostas de forma independente por vários cristãos que nunca sequer tomaram parte naquela agremiação ainda incipiente. Naquele ano, existiam apenas quatro doutrinas básicas que uniam esses homens e mulheres de frágil condição sócio-econômica que em sua maioria não possuíam estudo e eram estigmatizados por sua atuação religiosa. Eis as quatro doutrinas: a volta de Cristo, conforme Miller - que faleceria em 1849 - pregava, embora já com a “solução” para o aludido “Grande Desapontamento”, a doutrina do Sábado, que ainda engatinhava e continuava seguindo os contornos batistas do sétimo dia, ao iniciar o repouso sabático à meia-noite e não ao pôr-do-Sol, como advogam os adventistas de todas as tendências, a doutrina do santuário¹⁵⁰, que prega que Cristo neste preciso momento está efetuando o chamado Juízo Investigativo - julgamento dos mortos e dos vivos - sendo que ao término voltará à Terra para resgatar os justos, e o estado inconsciente dos mortos. Esta última doutrina, sobre a qual falaremos a partir do próximo parágrafo, pouco a pouco veio a integrar todas as outras ao ressignificar os próprios conceitos de corpo, alma e espírito. Todas essas crenças formavam (e ainda formam) o núcleo básico em torno de suas interpretações específicas de Apocalipse 14, onde as 3

required thousands upon thousands of years, strikes directly at the foundation of the fourth commandment. It represents the Creator as commanding men to observe the week of literal days in commemoration of vast, indefinite periods. This is unlike His method of dealing with His creatures. It makes indefinite and obscure that which He has made very plain. It is infidelity in its most insidious and hence most dangerous form; its real character is so disguised that it is held and taught by many who profess to believe the Bible.” WHITE, Ellen. **Patriarchs and Prophets**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1958. p. 111. (A tradução é minha).

¹⁴⁹ Não há “doutrinas”, mas exatamente um sistema de crenças [qual a diferença?], que pode ser alterado a cada cinco anos, na reunião da Associação Geral, exceto em suas “cláusulas pétreas”: a questão do Sábado, do Santuário e da mortalidade da alma. Enquanto a doutrina tem um caráter pétreo, um “sistema de crenças” ou “crenças fundamentais” está em constante estado de mudança.

¹⁵⁰ Tão importante e distintiva é a doutrina do santuário para esta denominação que “Deus incumbiu os adventistas do sétimo dia de proclamar as gloriosas verdades atinentes ao ministério de Cristo no santuário celestial, e a Sua obra final pela redenção dos perdidos. Foi-nos confiada a mensagem da hora do juízo que deve ser dada ao mundo. Para sermos fiéis a esta incumbência, mister se faz que, sempre e sempre, mais e mais nos aprofundemos nestes sagrados mistérios, tornando-nos aptos a apresentar a derradeira mensagem divina à humanidade em toda a sua beleza e poder”. ANDREASEN, M. L. **O Ritual do Santuário**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 3a. ed., 1983. p. 11. Interessante notar na passagem apresentada o caráter exclusivista remanescente da igreja no início dos anos 80, no Brasil.

mensagens angélicas até hoje acabam por formar a identidade, motivação e razão de ser da igreja¹⁵¹, que se percebe (agora sim, sempre agora, mais do que nunca) no tempo do fim de todas as coisas tal como aqui se encontram.

2.1.1. A questão da imortalidade da alma na obra de Platão: fundamentos gregos e refutações whiteanas

Pode-se perceber sem grandes dificuldades, que Ellen White e os primeiros escritores da igreja não pouparam esforços no sentido de popularizar e convencer a todos quantos possíveis dos “erros nefastos” proporcionados pela má interpretação bíblica acerca do tema que tange à questão da imortalidade condicional da alma. Embora nenhum desses homens e mulheres pioneiros tenha completado formalmente qualquer estudo além do secundário, quando muito, julgavam ter conhecimentos bíblicos suficientes para refutar ministros academicamente mais gabaritados sobre questões filosóficas acerca não apenas da imortalidade da alma, mas muitas outras tantas discussões, como a própria maneira correta e coerente de guardar os mandamentos de Deus em sua integridade. Ao mesmo tempo em que White e seus correligionários tentaram “desvelar ao mundo” essas “mentiras” há muito arraigadas desde o tempo dos Pais da Igreja, percebe-se (novamente) seu caráter radical de separação das disciplinas acadêmicas das realmente importantes, a saber, o estudo da Bíblia. Contudo, com o passar dos anos, é possível visualizar nos escritos whiteanos uma busca pelo equilíbrio entre a educação formal e a baseada diretamente no conhecimento bíblico, sempre com maior ênfase nesta última.¹⁵²

Acerca da questão central relativa ao “sono da alma” ou imortalidade condicional (também conhecida como mortalidade da alma), faz-se necessário conhecer descritivamente sua antítese teórica, o dualismo, para comparativamente

¹⁵¹ Fontes não-confessionais confirmam essa identidade adventista. Coombs, ao criticar a religião escreveu que “três coisas definem o adventismo: a Profecia, o Sábado e o Estado dos Mortos”. COOMBS, J. V. **Religious Delusions: A Psychic Study**. Cincinnati: The Standard Publishing Company, 1905. p. 22.

¹⁵² Sua obra “Educação” de 1903 constitui um monumento à educação baseada em princípios bíblicos e é considerado seu grande livro acerca deste tão caro tema. Em 1904, ao escrever um artigo nomeado “Religião e Educação Científica”, deixou mais uma vez muito claro que educação e religião devem andar de braços dados e sua separação explica o porquê tantas mentes privilegiadas perdem de foco o cristianismo.

distinguir as duas. Esse exercício mostrará mais patentemente os esforços por refutar a interpretação dualista platônica e neoplatônica das doutrinas ao mesmo tempo em que, como já foi escrito, demonstrará o total apreço pela Bíblia por parte desses adventistas, quase a ponto de refutarem todos os livros que não contivessem precisamente material de cunho bíblico,¹⁵³ sob o perigo de assim encontrarem e não perceberem caminhos distintos daqueles até então trilhados ao beber diretamente da fonte escriturística. Assim, sem dúvida, é dualista a concepção platônica, de acordo com dois reconhecidos historiadores da filosofia:

Das relações entre a alma e o corpo, porquanto Platão introduz, além da participação da perspectiva metafísica-ontológica, a participação do elemento religioso derivado do orfismo, que transforma a *distinção* entre alma (=supra-sensível) e o corpo (=sensível) em *oposição*.¹⁵⁴

É interessante notar no parágrafo de Reale e Antiseri precisamente a palavra que contraria de forma total a teologia adventista como um todo sobre a mortalidade da alma: “oposição”. Ora, se falamos de uma teologia *holística*, por simples indução não é possível que exista qualquer tipo de enfrentamento ou disparidade entre corpo e espírito. Para Platão, o corpo sequer é receptáculo do espírito! Ainda se o fosse, o corpo provavelmente gozaria de algumas prerrogativas mais libertárias, mas é o contrário: para o antigo filósofo, o corpo não passa de prisão, cárcere e local onde o espírito tristemente terá de cumprir uma pena que levará esta vida inteira. Em seu famoso diálogo Górgias, Platão põe na boca de Sócrates e Calicles algumas palavras esclarecedoras sobre o tema, quando este, ao responder determinada inquietação do primeiro responde que “pedras e homens mortos são os mais felizes de todos” ao que Sócrates responde com as famosas palavras de Eurípedes: “Quem

¹⁵³ Assim mesmo, Ellen White leu os clássicos. Em sua biblioteca pessoal (que possuía mais de 1500 volumes no ano de sua morte) ou em seu escritório, pôde ser encontrado dentre outros, o "History of the Reformation of the Sixteenth Century", de J.H. Merle D'Aubigne, *The Bible History* e *The Life and Times of Jesus the Messiah* de Alfred Edersheim, o *Livro dos Mártires* de John Fox, *History of Protestantism* e *The History of the Waldenses* de James A. Wylie e inclusive o comentário de Lutero aos Gálatas. Indubitavelmente, todos os livros e autores, em seu tempo ou transcendendo a eles, foram e são contribuições que ainda hoje servem para contextualizar e instruir cristãos e estudiosos das Escrituras.

¹⁵⁴ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo, Paulos, 2007. p. 153. Para os adventistas não há apenas a questão da oposição, mas de própria separação entre os entes.

pode saber se viver não é o mesmo que morrer e morrer o mesmo que viver?”¹⁵⁵
 Sucintamente, para Ellen White,

[...] se fosse verdade que a alma passa diretamente para o Céu na hora do falecimento, bem poderíamos anelar mais a morte que a vida. Por essa crença, muitos têm sido levados a pôr termo à existência. Dominados por dificuldades e desapontamentos, parece coisa fácil romper o fio da vida e voar para as bênçãos do mundo eterno.¹⁵⁶

Embora não exista qualquer artigo ou publicação que apresente algum argumento atestando que Ellen White leu Platão ou teve qualquer relação com textos gregos ou mesmo egípcios acerca da imortalidade da alma, ela deixa claro que a vida não se dá diretamente de um estágio a outro passando desta para a outra existência. Para ela também o corpo obviamente não pode em absoluto ser cárcere do espírito - exceto como resultado de uma vida de excessos - visto que ambos precisam do mesmo cuidado. Em uma carta destinada a estudantes, ela escreveu que “mente e corpo devem ambos receber atenção, e, a menos que nossos jovens sejam versados na ciência de como cuidar do corpo bem como a mente, eles não serão os alunos bem-sucedidos.”¹⁵⁷ É mais um exemplo da distinção entre o dualismo platônico e a visão holística whiteana.

Embora não seja de fácil compreensão entender a ética platônica, parece correto fazer essa total distinção entre corpo e espírito na obra de Platão. Ainda de acordo com Reale a Antiseri sobre Platão, na tentativa de clarificar ainda mais a questão:

Considerando que possuímos um corpo, estamos “mortos”, porque somos fundamentalmente nossa alma;¹⁵⁸ e a alma, enquanto se encontra num corpo, acha-se numa tumba; e, com isso, encontra-se em situação de morte. Nosso morrer (com o corpo) é viver, porque morrendo o corpo a alma se liberta do cárcere. O corpo é raiz de todo mal, fonte de amores insensatos, de paixões, inimizades, discórdias, ignorância e loucura. E tudo isso representa precisamente fatores de morte para a alma.¹⁵⁹

¹⁵⁵ Platão. **Gorgias**. Filadélfia: The Penn State University Press, 19[--]. p. 112. (A tradução é minha).

¹⁵⁶ WHITE, Ellen. **O Grande Conflito**: acontecimentos que mudarão seu futuro (Edição Condensada). Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. p. 236. (Eis aqui uma edição condensada em português. Por este motivo, não apresentei traduções próprias de seus textos, como costume fazer.)

¹⁵⁷ WHITE, Ellen. **Christian Education**. Battle Creek: Internation Tract Society. 1894. p. 124. Conforme o original: “Mind and body must both receive attention; and unless our youth are versed in the science of how to care for the body as well the mind, they will not be successful students.

¹⁵⁸ Como se verá adiante, para White, alma é a junção de corpo e espírito. Contudo, sendo fiel às palavras do citado livro, mantive-as como estão.

¹⁵⁹ REALE e ANTISERI, 2007, p. 154.

Para White, o cuidado com a alma é a chave para a imortalidade, e dessa forma, o corpo certamente não pode ser a raiz de todos os males. O corpo, portanto, é de suma importância para que o espírito entre em contato com o Espírito que comunica vida e eternidade. Assim:

A semelhança a Cristo sempre deve ser preservada. A mente e o coração têm de ser purificados de todo pecado, de toda dessemelhança a Cristo. Deus tem deveres para todos em Seu serviço, para serem reafirmados por todo membro de igreja. Seu povo deve exaltar o poder da lei acima do juízo humano. Pondo todo o ser, corpo, alma e espírito em harmonia com a lei, devem eles estabelecer a lei.¹⁶⁰

Contudo, é em seu diálogo Fédon que Platão clarifica de forma inequívoca a imortalidade da alma e é a partir de ideias centrais como esta que pouco a pouco, embora tardiamente, o cristianismo passe a procurar nelas sua fundamentação acerca deste tema, como se verá a seguir. De acordo com Reale e Antiseri, é possível assim resumir a questão platônica da alma: A alma humana é capaz de conhecer coisas imutáveis e eternas.

Ora, para poder conhecer tais coisas, ela deve possuir, como *conditio sine qua non*, uma natureza dotada de afinidade com essas coisas. Caso contrário, estas ultrapassariam as capacidades da alma. Consequentemente, como as coisas que a alma conhece são imutáveis e eternas, a alma também precisa ser imutável e eterna.¹⁶¹

Uma das grandes questões do texto platônico (fruto de séculos de pesquisas posteriores)¹⁶² reside precisamente no fato de um homem do caráter e da grandeza de Sócrates se perder com sua morte. É uma das grandes questões existenciais que o primeiro dos filósofos existenciais respondeu de sorte que ainda hoje suscita admiração e atrai legiões de pessoas. Sereno como não pode deixar de ser a um homem de sua estatura, este responde que sua vida só terá valor se sua alma for imortal. “A alma traz sempre consigo a vida, cujo contrário é a morte. Ora, é

¹⁶⁰ WHITE, Ellen. **This Day With God**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1979. p. 199. Conforme o original: “The likeness to Christ must always be preserved. The mind and heart must be cleansed from all sin, all unlikeness to Christ. Duties for all God has in His service, to be reaffirmed by every member of the church. Your people shall exalt the power of the law above human judgment. Putting the whole being, body, soul and spirit in harmony with the law, they should lay down the law”.

¹⁶¹ REALE e ANTISERI (2007, p. 157).

¹⁶² De acordo com SANTOS, Bento Silva. A imortalidade da alma no Fédon de Platão: coerência e legitimidade da prova final (102A-107B). **O que nos faz pensar?** Volume 13, Abril, 1999, p. 33-34

impossível que a alma receba o contrário do que ela traz sempre.”¹⁶³ Então - e eis aqui o trecho a ser sempre extensivamente combatido pela teologia adventista do sétimo dia - é construído em grande medida o colossal edifício teórico que até hoje vem a, de acordo com esta mesma teologia, enganar milhões de cristãos, desde muitos séculos atrás. Diz Platão, pela boca de Sócrates:

Os que levaram uma existência reconhecidamente de grande piedade são libertados como de prisões das regiões interiores da Terra e levados para as altitudes da pura morada, para viver na superfície da verdadeira Terra! E, entre estes, aqueles que expiaram suas faltas pela filosofia passam a viver sem seus corpos, durante o resto do tempo, e a residir em lugares ainda mais belos que os demais.¹⁶⁴

Ao escrever Platão que no céu, ou nova Terra, a verdadeira, estão aqueles que foram expiados pela Filosofia, ele não poderia ter se utilizado de termo mais significativo. Ora, para o cristianismo majoritário, é Cristo que expia os pecados, não outra pessoa ou teoria. Quanto a isso, não carece aqui qualquer explicação, mas é interessante notar que o filósofo descreve a futura morada absolutamente sem os corpos, que, segundo o mesmo escreveu e acima está mencionado, terá ficado neste plano terrestre em virtude de nossa vitória contra o corpo. Para Ellen White, Cristo ascendeu aos céus, portanto, com Ele sua humanidade santa e santificada por excelência. Esta humanidade Ele levou para as cortes celestiais e é assim que será ao longo de toda a eternidade, visto que para ela é a obra do pecado a raiz de todos os males. No corpo, são visíveis as marcas deste pecado, mas com este mesmo corpo, restaurado por Cristo de todo o pecado, é que O veremos e assim viveremos para sempre. Assim, mesmo nas moradas eternas, haverá crescimento e

¹⁶³ SANTOS (1999, p. 43)

¹⁶⁴ PLATÃO. Fédon. In: **Os pensadores**: Platão. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 185. Dezenove séculos depois, Platão seria seriamente inquirido por filósofos contemporâneos de cunho cristão. Henri Bergson, que indubitavelmente não era adventista do sétimo dia, discordando da declaração platônica nos diz que “à filosofia cabe a tarefa de estudar a vida da alma em todas suas manifestações.” Experiente em observação interior, o filósofo deveria descer a fundo de si mesmo e depois, voltando à superfície, acompanhar o movimento gradual pelo qual a consciência se distende, se estende, se prepara para evoluir no espaço. Assistindo a esta materialização progressiva, espiando os procedimentos pelos quais a consciência se exterioriza, ele obteria pelo menos uma vaga intuição do que pode ser a inserção do espírito na matéria, a relação entre corpo e alma. Seria, sem dúvida, apenas um lampejo, não mais que isso. BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 37. O processo de santificação para Ellen White prevê intuitivamente este aporte sempre presente entre o corpo e o espírito, com o crente descendo para fundo de si mesmo e voltando à superfície para gradualmente crescer na materialidade da graça, sendo que tudo não passa de lampejo. Assim, novamente exclui-se qualquer possibilidade de ser o corpo prisão da alma, visto que, para a autora, não há essa dicotomia.

nossos corpos vão acompanhar, literalmente, essa nova vida. Ao contrário de Platão que não mencionou em seu texto acima citado a perenidade da verdadeira Terra, em virtude de sua outra teoria que diz respeito a reencarnação, como também será visto adiante, para White, não há nada para almejar além da continuidade eterna. Para ela, acerca da corporeidade de Cristo e da humanidade:

Jesus assumiu a natureza da humanidade com o objetivo de revelar ao homem um amor puro, altruísta, e nos ensinar a amar uns aos outros. Como homem, ascendeu ao Céu. Como homem, é o Substituto da humanidade. Como homem, vive para fazer intercessão por nós. Como homem, virá outra vez com majestoso poder e glória, a fim de buscar os que O amam e para quem está preparando lugar.¹⁶⁵

Para Ellen White, indissociável ao conhecimento da mortalidade da alma estava a percepção da humanidade de Cristo. Dessa forma, fecha-se o ciclo fazendo material absolutamente todo o processo desde a criação de tudo o que existe, passando por Sua vinda à Terra, ascensão aos céus, materialização do mesmo e retorno para levar os justos para suas vidas eternas naquele destino. Nesta lógica, fecham-se as portas para qualquer doutrina etérea de encaminhamento do espírito para outras paragens durante o período vacante para os mortos entre o desaparecimento destes e a Parusia. Volta-se Ellen White aos textos veterotestamentários que indicam que os mortos simplesmente vão ao mundo dos mortos, corporeamente.

É interessante notar que essa abordagem de humanização de Cristo na América do século XIX - durante o reavivamento religioso em busca da “santidade” - foi algo *sui generis* e que apenas Ellen White se utilizou, ao associar a humanidade de Cristo expressando Seu papel central de Alguém que tem poder para salvar. De acordo com o teólogo Woodrow W. Whidden, “nenhuma outra pessoa que estivesse promovendo a santificação e uma vida de vitória sobre o pecado se apropriou tanto do assunto da humanidade de Cristo como o fez Ellen White”.¹⁶⁶

¹⁶⁵ WHITE, Ellen. **The Seventh Day Adventist Bible Commentary**. Washington: Review and Herald Publishing Association, Volume 5, 1956. p. 1125. Segundo o original: “Jesus took the nature of humanity, in order to reveal to man a pure, unselfish love, to teach us how to love one another. As a man Christ ascended to heaven. As a man He is the substitute and surety for humanity. As a man He liveth to make intercession for us. He is preparing a place for all who love Him”. (A tradução é minha)

¹⁶⁶ WHIDDEN, Woodrow W. **Ellen White e a Humanidade de Cristo**: Cristo veio ao mundo com a natureza de Adão antes ou depois da queda? Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 75.

2.1.2 Dualismo e neoplatonismo: a entrada do pensamento na teologia cristã e o combate whiteano à “má filosofia”

Até agora foi escrito acerca do papel fundamental da doutrina órfica/platônica para o surgimento posterior da questão da imortalidade da alma na teologia cristã. Foram abordados também alguns aportes whiteanos na tentativa de refutar qualquer vestígio de relação filosófica grega aos textos bíblicos e mesmo a questão radical da humanidade de Cristo como ponto fundamentalmente discordante até mesmo das denominações genuinamente estadunidenses, os “*american originals*”,¹⁶⁷ que em si mesmos tentaram à sua maneira e com recursos próprios fazer da teologia da América do Norte, a despeito de Jonathan Edwards e toda a sorte de calvinistas anteriores, efetivamente uma experiência de vida, relevando como ponto central a prática ao invés da doutrina - ainda que sob aportes ditos científicos, como é o caso de Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã.

¹⁶⁷ Cabe aqui esta nota acerca das concepções dos testemunhas de Jeová, Mórmons e mesmo a Ciência Cristã, denominação fundada também por uma mulher e que “namorava” com o racionalismo, algo estranho às denominações aqui referenciadas. Esta comparação põe os escritos de Ellen White - como explicitado no corpo do texto - em um outro escopo no que diz respeito à mortalidade da alma e à questão da humanidade de Cristo, estando ela e os adventistas praticamente sozinhos nesta seara. Para os mórmons, de acordo com o próprio Livro de Mórmon: “Ora, com relação ao estado da alma entre a morte e a ressurreição - eis que me foi dado saber por um anjo que o espírito de todos os homens, logo que deixa este corpo mortal, sim, o espírito de todos os homens, sejam eles bons ou maus, é levado de volta pra aquele Deus que lhes deu vida. E então acontecerá que o espírito daqueles que são justos será recebido num estado de felicidade que é chamado paraíso, um estado de descanso, um estado de paz, onde descansará de todas as suas aflições e de todos os seus cuidados e tristezas”. LIVRO DE MÓRMON. ; SMITH JR., Joseph. IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **O livro de Mórmon**: outro testamento de Jesus Cristo. Salt Lake City, Utah: Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias, 1995. Já os testemunhas de Jeová seguem algumas diretrizes adventistas do sétimo dia visto que são dissidência desta, embora não fizessem parte da denominação. Segundo Charles Russel, o fundador, “rejeitava a doutrina que afirma que o homem tem em si uma alma imortal; eis o que escreveu: ‘Não tendo percebido o significado do termo ‘alma’ muitos tomam a liberdade de usá-lo a seu agrado, transpondo a declaração bíblica, pelo que, em lugar de falar do homem como sendo uma alma, falam dele como tendo uma alma (...) Mas sobre que fundamento se apoia uma teoria tão extravagante? Nós respondemos: Nenhum, porque tem origem no facto de o homem ter adoptado a sua própria concepção de uma vida futura e ter rejeitado a concepção do Plano de Deus’, e também: ‘Aos que pensam que a Bíblia está cheia de expressões como: alma imortal, alma eterna, alma que nunca morre, nós não podemos dar outro conselho melhor que o de pegar uma concordância bíblica, e procurar nela estas expressões e outras da mesma importância. Eles não encontrarão alguma delas.” As testemunhas de Jeová: a alma, o Hades e o Geena. Disponível em: http://portoghese.lanuovavia.org/portoghese_conf_1_tdg_05.htm. Acessado em 23 de julho de 2013. Finalmente, para Mary Baker Eddy, decididamente, “a verdadeira teoria sobre o universo, inclusive o homem, não está na história material, mas no desenvolvimento espiritual. O pensamento inspirado renuncia à teoria material, sensual e mortal sobre o universo, e adota a espiritual e imortal. É essa percepção espiritual das Escrituras que eleva a humanidade acima da moléstia e da morte e inspira a fé.” EDDY, Mary Baker. **Ciência e Saúde com a chave das escrituras** - Edição Bilingue. Massachussetts: The First Church of Christ, Scientist, 1990. p. 547.

Contudo, é necessário visualizar que o platonismo em sua vertente cristã chegou com renovado fôlego ao cristianismo majoritário - ou seja - a todas as denominações que, após a Reforma, efetivamente constituíam alguma força político-espiritual desde o segundo século depois de Cristo até os dias de hoje. Também se faz necessário levar em conta algumas tentativas de assimilação entre as duas vertentes, a judaica e a grega e suas decisivas incursões no cristianismo.

Filo de Alexandria (20 a.C. - 47 d.C.), um dos mais influentes e conhecidos escritores judeus do período helenístico foi um dos que tentou fazer a referida junção entre os dois sistemas de pensamento ao afirmar que “o homem tem uma alma irracional em comum com todos os seres vivos e uma alma racional em comum com as almas desencarnadas no céu.”¹⁶⁸ Froom afirma que seu *logos* era entendido “a maior das forças divinas, a alma do mundo, o intérprete e revelador de Deus”.¹⁶⁹ Ainda de acordo com citado autor, para Filo, “não há (1) julgamento formal geral, (2) não há ressurreição do corpo, mas (3) há castigo eterno dos ímpios”.¹⁷⁰ Em suma, seu posicionamento imiscuido pelo neoplatonismo pouco a pouco acabou chegando à igreja cristã, ainda que, segundo o entendimento dos teólogos adventistas do sétimo dia a imortalidade somente seja recebida na ressurreição, como dom, como atestam muitos outros cristãos, como o padre anglicano Henry Constable, também aqui citado de acordo com o texto de Froom:

Do princípio ao fim, não há nos pais apostólicos nenhuma palavra sobre imortalidade da alma, que seja tão proeminente nos escritos dos pais posteriores. A imortalidade é para eles direito assegurado aos redimidos. [...] Nenhum deles expressa qualquer frase que possa ser interpretada como conferindo aprovação à teoria da restauração após o sofrimento no purgatório.¹⁷¹

Como contraponto ao fundamento platônico de Filo, os pais apostólicos (que aqui serão apenas nominalmente citados) mantiveram o posicionamento cristão

¹⁶⁸ BACCHIOCCHI, Samuele. **Crenças Populares**: o que as pessoas acreditam e o que a Bíblia realmente diz. Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2012. p. 53. Samuele Bacchiocchi até hoje é lembrado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia como um todo por ter sido o primeiro não-católico a ter completado seus estudos doutorais na Universidade Gregoriana de Roma. O fato dele ter escrito acerca da guarda do Sábado como obrigatório desde os tempos imemoriais e ter sido condecorado pelo Papa João XXIII apenas aumenta sua grandiosa relevância entre os ainda poucos acadêmicos da denominação, principalmente no Brasil.

¹⁶⁹ FROOM, Le Roy Edwin. **Conditionalist Faith of Our Fathers**: the Conflict of the Ages Over the Nature and Destiny of Man. Washington: Review and Herald, 1959. p.724.

¹⁷⁰ FROOM, 1959, p. 726.

¹⁷¹ FROOM, 1959, p. 801.

primitivo, o da imortalidade apenas na ressurreição como dom, como Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Barnabé de Alexandria, Hermas de Roma e Policarpo de Esmirna, bem como Irineu, Arnóbio, Lactâncio e outros. Embora os pais da igreja não fossem realmente precisos historicamente,¹⁷² como aconteceu a alguns escritores bíblicos também, o que chamou a atenção dos teólogos adventistas do sétimo dia foi a vida de piedade e santificação dos mesmos, bem como a tentativa profícua de manter a doutrina “pura e reta”. Vale aqui dizer que os adventistas do sétimo dia, citando a capa do referido livro de Bacchiocchi, estão buscando saber “o que a Bíblia realmente diz”, refutando com veemência qualquer estudo dito sério e com base científica que descaracterize a Bíblia, embora os mesmos se apropriem de fontes acadêmicas que a tornem novamente relevante. O próprio Froom, em uma tentativa literalmente grandiosa de “resolver” a questão acerca da mortalidade da alma, escreveu mais de mil páginas sobre o assunto em dois livros refutando em detalhes inumeráveis teólogos e filósofos de todos os tempos, dando crédito à Bíblia e àqueles que, segundo seu entendimento a seguiram como regra de fé. Froom, conhecido na Igreja Adventista do Sétimo Dia como uma espécie de Balaão moderno, é assim como outros autores, “desmistificadores” da falsa doutrina. Afinal, como se verá mais tarde neste capítulo, o assunto torna-se para os adventistas do sétimo dia capital simplesmente porque a crença na imortalidade da alma desfavorece a crença na volta literal de Cristo e assim mata a maior esperança dos membros dessa denominação. Portanto, nomes como o de Filo, Tertuliano, Orígenes, Agostinho e Aquino, para os adventistas representam um entendimento descaracterizado da Bíblia Sagrada, fazendo com que Ellen White aconselhasse distância de todo e qualquer autor de qualquer época que se colocasse resolutamente contra os ensinamentos das Escrituras. Nesse sentido, segundo ela, deve-se privilegiadamente meditar na Bíblia, deixando os sofismas humanos de lado.

A razão pela qual os jovens, e até mesmo os de idade madura, são tão facilmente induzidos à tentação e ao pecado é que eles não estudam a palavra de Deus e meditam nela como deveriam. A falta de firme e decidida força de vontade, que se manifesta na vida e no caráter, os resultados de

¹⁷² MILLER, Stephen; HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua história**: o surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

sua negligência ao se inspirar no pensamento puro, santo desvia para o que é impuro e falso.¹⁷³

Para ela, não existe absolutamente nenhuma segurança de salvação ou mesmo de correto direcionamento caso cada jovem e velho deixe de inquirir diariamente a Bíblia e sua história, sob a inspiração divina, para então, positivamente apontar os flagrantes erros dos chamados falsos doutrinadores. Assim, afastando-se do “mal”, a sugestão é que se deixe de lado o profundo estudo filosófico e mesmo que se abandone as escolas não confessionais, sob pena de desencaminhamento dos jovens. Por este motivo tanto ela escreve a essa classe de pessoas, sabendo que é na tenra idade que se desenvolvem os marcantes traços de caráter que serão levados - e apenas esses traços - ao céu. Assim, para ela, evitar a Filosofia e se dedicar ao estudo da Bíblia constitui uma salvaguarda contra o mal e um prenúncio da salvação¹⁷⁴. Ainda segundo ela:

Deixe-me ensinar e escrever as coisas preciosas das Escrituras Sagradas. Deixe o pensamento, a aptidão, o exercício agudo de poder do cérebro, ser dada ao estudo dos pensamentos de Deus. Não estudar a filosofia de conjecturas do homem, mas o estudo da filosofia d'Aquele que é a verdade. Outra literatura é de pequeno valor, quando comparado com este Livro.¹⁷⁵

Ainda assim, os “filósofos proscritos”¹⁷⁶ são não poucas vezes citados em obras históricas ou teológicas dos adventistas do sétimo dia para que fique totalmente claro como eles, pouco a pouco foram desvirtuando a plenitude doutrinária original do cristianismo em face de suas elocubrações humanas, embora certamente

¹⁷³ WHITE, Ellen. **Testimonies for the Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 8, 1948d. p. 319. Conforme o original: “The reason why the youth, and even those of mature years, are so easily led into temptation and sin is that they do not study the word of God and meditate upon it as they should. The lack of firm, decided will power, which is manifest in life and character, results from their neglect to that which would inspire pure, holy thought and divert it from that which is impure and untrue” (A tradução é minha.)

¹⁷⁴ Ellen White era contrária à sistemas filosóficos contrários à Bíblia, mas não necessariamente à filosofia como estudo do conhecimento, visto que para ela, a “Bíblia contém simples e completo sistema de teologia e filosofia”. (WHITE, 1894, p. 106)

¹⁷⁵ WHITE, 1904, p. 319. Conforme o original: “Let me teach and write the precious things of the Holy Scriptures. Let the thought, the aptitude, the keen exercise of brain power, be given to the study of the thoughts of God. Study not the philosophy of man's conjectures, but study the philosophy of Him who is truth. Other literature is of little value when compared with this”. (A tradução é minha.)

¹⁷⁶ Além dos filósofos aqui citados, há um em especial, comentado no primeiro capítulo, que desempenhou papel de suma importância durante o processo de Independência dos Estados Unidos. Trata-se de Thomas Paine, a quem Ellen White escreveu duríssimas palavras citando sua conduta que, segundo ela, era totalmente antirreligiosa e contrária aos desígnios bíblicos. Talvez seja Paine o pensador mais clara e diretamente criticado pela pena de Ellen White.

não seja possível falar de plenitude original sabendo da construção pelo qual passou o cristianismo mesmo em seus primeiros anos - deixando-se mostrar aqui um dos fatores originalmente constitutivos do adventismo do sétimo dia, que é justamente o seu caráter laico, como já posto. Ellen White quase não tinha formação acadêmica, exceto a primária (em uma época em que pioneiramente as mulheres começavam a ingressar em estudos avançados nos Estados Unidos¹⁷⁷ e Europa); Miller era um fazendeiro; Bates um marinheiro reformado e James White e Andrews, simplesmente lenhadores. Ainda assim, a eles foi dada a luz e a pouca instrução que tiveram acabou não sendo um fator preponderante para suas carreiras, lembradas até hoje em livros e no púlpito. Paradoxalmente, J. N. Andrews que, oficialmente foi o primeiro missionário adventista do sétimo dia a cruzar o Oceano Atlântico,¹⁷⁸ vivendo uma penúria sem par. Era autodidata e, diz-se, poderia recitar o Novo Testamento de cor, bem como grandes porções do Antigo Testamento, hoje dá nome a uma grande universidade adventista nos Estados Unidos – considerada a mais importante dentre as controladas pela instituição. Ainda assim, mesmo hoje não é tão fácil aos pastores optarem pela vida acadêmica já que, prioritariamente, como sempre foi, o objetivo principal da igreja não é buscar aquela erudição tida como perigosa, se destituída da fé bíblica, mas levar a Cristo através do ensino da Escritura e, quando possível, sob os pontuais comentários de Ellen White, que escreveu seriadamente acerca de toda a Bíblia.

Dentre os alegados e citados “filósofos proscritos”, Tertuliano (160 – 220 d.C.) costuma ser frequentemente citado por, além de ser considerado o fundador da teologia latina, formular a doutrina do tormento eterno para aqueles considerados ímpios, ao sugerir a doutrina platônica tanto para os salvos quanto aos não salvos. Ensinava claramente Tertuliano - nascido em um lar pagão e convertido ao

¹⁷⁷ A Oberlin School, famosa por ainda em 1844 receber mulheres e dar especial atenção a educação física, sob os cuidados do reformador educacional Horace Man é apenas um dos mais vigorosos exemplos, lembrando que ao tempo da Secessão, era muito comum homens e mulheres, incluindo escravos, dominarem a leitura e a matemática básica, que despontava como moda que demarcou fortemente o racionalismo do período. Esse foi um dos motivos por tantos seguirem as profecias de William Miller...

¹⁷⁸ Por vontade própria e com apenas relativo sucesso certo M. B. Czechowski foi o primeiro a se aventurar na Europa. De acordo com Maxwell: “Aqui pode estar a grande diferença qualitativa entre seu serviço missionário e o de M. B. Czechowsk. Em vista de Andrews ter deixado o país em harmonia com as instruções de seus irmãos, a organização inteira, em certo sentido, seguiu com ele, e num abrir e fechar de olhos a igreja como um todo se viu como um movimento missionário internacional.” MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982. p. 181.

cristianismo ao testemunhar a vida dos mártires - que “pensamos que, quando o sofrimento eterno dos perdidos é que se procure justificar como contribuindo para a felicidade eterna dos salvos.”¹⁷⁹ Desta forma, para ele o inferno é algo real e está desde há muito preparado para os que não levarem uma vida de piedade e santidade, como os mártires que certamente ele viu perecer. Justificava ele seu pensamento do inferno afirmando que “algumas coisas se conhecem até pela natureza: a imortalidade da alma é crida por muitos”.¹⁸⁰ Samuele Bacchiocchi deixa claro que Tertuliano, ao longo de seus escritos não empreendeu absolutamente nenhum esforço para validar essa doutrina “espúria” pela autoridade das Escrituras Sagradas.¹⁸¹ Assim, ao concordar com Platão sem qualquer embargo e ainda ser considerado um grande pensador da igreja, a despeito das Escrituras, o cristianismo passou a incorrer em grande perigo, já que a Bíblia não era mais necessariamente a única regra de fé, sob a qual todos os pilares devem estar solidamente baseados.

Já Orígenes (185-254), considerado e reconhecido como um dos homens mais eruditos de sua geração, não poderia concordar com a teoria do tormento eterno de Tertuliano, mas, ao advogar a ideia de salvação universal independentemente das obras depois de certo período de castigo eterno, minou, sempre segundo a perspectiva bíblica adventista do sétimo dia, a ideia da justificação e santificação como algo processual, terminado e completado pelo Espírito Santo, sempre levando em consideração o livre-arbítrio. Ao declarar a salvação de todos os seres vivos independentemente de fé e obras, Orígenes defende um pensamento por certo otimista para os ímpios e impenitentes, mas comete uma verdadeira heresia ao se mostrar, como Tertuliano, antibíblico. Ambos se deleitam em Platão ao defenderem suas ideias, visto que para o filósofo grego a alma não pode ser destruída, visto participante da natureza de Deus. Então, raciocinava Orígenes que “a única forma de eliminar o mal moral era Deus restaurar a todos, até mesmo os ímpios incorrigíveis.”¹⁸² Ao proclamar a salvação eterna e universal aos seres humanos impenitentes, por certo longe dos preceitos bíblicos, de

¹⁷⁹ HUDSON, C. F. **Debt and Grace**: The Doctrine of a Future Life. Boston: John P. Jewett and Compay, 1858. p. 429-430. Parece ser impossível não notar que no presente capítulo da referida obra, o XI, este chama-se “Paradoxes of Penalty” e o IX, “Philosophy of Error”!

¹⁸⁰ TERTULLIAN. **On The Resurrection Of The Flesh**. Whitefish: Kessinger Publishing, 19[--]. p. 11.

¹⁸¹ BACCHIOCCHI, 2012, p. 54.

¹⁸² BACCHIOCCHI, 2012, p. 55.

acordo com Ellen White, ele se afasta da misericordiosa graça de Deus concedida ao pecador arrependido, assunto de toda a Bíblia. Diz White:

No professo mundo cristão, muitos se desviam dos claros ensinamentos da Bíblia, e edificam um credo com especulações humanas e fábulas apazíveis; e apontam para a sua torre como um caminho para subir ao Céu. Os homens ficam tomados de admiração ante a eloquência, enquanto esta ensina que o transgressor não morrerá, que a salvação pode ser conseguida sem a obediência à lei de Deus.¹⁸³

Considera White que toda a sorte de elocubrações humanas constitui uma verdadeira “Torre de Babel”, onde os homens tentam erigir para própria honra e glória portentoso monumento, deixando as claras evidências da reta doutrina divina dadas através da Bíblia de lado. Com isso, a exemplo do ocorrido com a referida torre ocorrerá com os homens e mulheres impenitentes. Confundidos em suas línguas estranhas, perecerão assistindo à ruína de sua falsa obra. Continua White, acerca de toda a “vã filosofia”:

Se os professos seguidores de Cristo aceitassem a norma de Deus, esta os levaria à unidade; mas enquanto a sabedoria humana for exaltada sobre Sua Santa Palavra, haverá divisões e dissensão. A confusão existente entre credos e seitas em conflito uns com os outros, é apropriadamente representada pelo termo Babilônia, que a profecia aplica às igrejas amantes do mundo, dos últimos dias.¹⁸⁴

Ao afirmar categoricamente que as denominações sectárias ou não que entre si brigam por questões doutrinárias estão longe da reta norma de Deus, ela - talvez de forma indireta - não parece ver sua própria denominação livre de toda a sorte de erros, mas conclui que somente haverá paz e unidade àqueles que viverem de acordo com a Lei de Deus. Ao escrever demoradamente sobre as chagas internas de sua própria igreja, White confirma que a salvação não está destinada a esta ou aquela igreja, mas é dom de Deus. Embora essas questões hoje possam parecer

¹⁸³ WHITE, 1958, p. 124. Conforme o original: “In the professedly Christian world many turn away from the plain teachings of the Bible and build up a creed from human speculations and pleasing fables, and they point to their tower as a way to climb up to heaven. Men hang with admiration upon the lips of eloquence while it teaches that the transgressor shall not die, that salvation may be secured without obedience to the law of God”.

¹⁸⁴ WHITE, 1958, p. 124. Conforme o original: “If the professed followers of Christ would accept God's standard, it would bring them into unity; but so long as human wisdom is exalted above His Holy Word, there will be divisions and dissension. The existing confusion of conflicting creeds and sects is fitly represented by the term “Babylon,” which prophecy (Revelation 14:8; 18:2) applies to the world-loving churches of the last days”.

óbvias, o assunto foi tema de acaloradas discussões ao longo de muitos anos¹⁸⁵. De todo modo, as questões consideradas por ela e pelos adventistas como sendo antibíblicas ainda hoje permeiam a realidade de milhões de pessoas e Agostinho foi um dos que mais contribuíram para isso.¹⁸⁶

Parece ser com Agostinho de Hipona que a ideia da imortalidade da alma foi cristalizada para grande parte da cristandade medieval, permanecendo assim na mente de considerável número de pessoas mesmo nos dias de hoje. Para ele, “a morte significava a destruição do corpo, o que permitia à alma imortal continuar vivendo ou na beatitude do *paraíso* ou no tormento sem fim do *inferno*”.¹⁸⁷ Contudo, Agostinho por certo efetuou certas mudanças ao pensamento platônico - embora este tenha se mantido basilar - ao afirmar que a alma, além de não existir eternamente, não estava sob nenhum aspecto aprisionada ao corpo. Mais do que isso: “presente em sua morada terrena, a alma teria funções ativas em relação ao corpo: atenta a tudo o que se passa ao redor, nada deixa escapar à sua ação”.¹⁸⁸ Enquanto para a doutrina adventista do sétimo dia a “má filosofia” deve ser completamente excluída do cristianismo, Agostinho simplesmente não via dessa forma. De acordo com Wachholz e Darius:

Para Agostinho, neoplatonismo e cristianismo não se excluíam, pelo contrário, aquele auxiliava no aprofundamento da compreensão deste, embora para ele a fórmula fundamental era *intellige ut credas, crede ut intelligas* (“compreender para crer, crer para compreender”).¹⁸⁹ Para o

¹⁸⁵ Para mais esclarecimentos acerca da dissensão interna por parte dos adventistas do sétimo dia com relação a salvação ser pela misericórdia divina ou pelas obras, vide: WHITE, 1987, p. 1821. A leitura dessa obra deixa patente as questões internas que durante os primeiros 40 anos fizeram com que os adventistas não pudessem plenamente constituir o grupo de cristãos crentes na salvação pela graça, como aceitam os protestantes históricos aos quais os adventistas do sétimo dia hoje fazem parte.

¹⁸⁶ A afirmação acima torna-se mais plausível de nota quando lê-se no capítulo primeiro do livro de Allan Kardec nomeado “O Evangelho Segundo o Espiritismo” o seguinte, sobre Santo Agostinho: “Santo Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda parte. A razão disso, encontramos-na na vida desse grande filósofo cristão. Pertence ele à vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais deve a cristandade seus mais sólidos esteios. [...] Agora que o Cristianismo se lhe mostra em toda a pureza, pode ele, sobre alguns pontos, pensar de modo diverso do que pensava quando vivo, sem deixar de ser um apóstolo cristão. Pode, sem renegar a sua fé, constituir-se disseminador do Espiritismo...” KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 90ª edição traduzida de Guillon Ribeiro da 3ª. edição francesa revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866, 1985. p. 64-65.

¹⁸⁷ AGOSTINHO. **Ante-Nicene Fathers**, 1995. p. 245, In: BACCHIOCCHI, 2012, p. 56

¹⁸⁸ PESSANHA, José Américo Motta. Vida e Obra. In: AGOSTINHO. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 15.

¹⁸⁹ PESSANHA, José Américo Motta. Vida e Obra. In: *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 13. (Coleção “Os Pensadores”: Santo Agostinho)

neoplatonismo, toda a busca humana é pela felicidade. [...] Contudo, a busca pela felicidade não se dirige simplesmente às coisas temporais, pois as coisas materiais não trazem a satisfação plena. Isso se evidencia no fato de que, quando o ser humano alcança um alvo material desejado, não se contenta com este, mas dirige sua busca na direção de um novo alvo, o que evidencia que os alvos materiais/temporais não tem valor absoluto. Além disso, o bem material e temporal é perecível e mutável, portanto, a tentativa de fazer repousar a felicidade no que é temporal, logo evidenciará também que a felicidade “morre” na dependência deste objeto passageiro. Por isso, o alvo da satisfação plena somente pode ser encontrada em Deus, que é *summum et incommutabile bonum*. Devido à busca humana pela felicidade suprema, Agostinho conclui que existe no ser humano um desejo natural por Deus.¹⁹⁰

Para o adventista do sétimo dia, assim como para Agostinho, a satisfação plena efetivamente só pode ser mesmo encontrada em Deus. Contudo, ao afirmar que “nossos alvos materiais/temporais não têm valor absoluto”, ele parece, como neoplatonista que era, relegar ao corpo um pequeno e insignificante valor que certamente não pode ser aceito pela teologia monista, embora, toda busca humana deva ser, necessariamente, para a liberdade do ser humano. Por certo muitos outros autores, como o sempre presente São Tomás de Aquino aqui deveriam aparecer, mas parece evidente com os que foram brevemente citados clarificar a negação da denominação aqui estudada por qualquer filiação de caráter filosófico. Há um texto, novamente de Ellen White, que parece ser revelador, tanto por sua clareza e franqueza, quanto por sua simplicidade e ao mesmo tempo dureza ao tratar simultaneamente de vários assuntos correlatos. Diz ela que:

A doutrina da imortalidade natural, a princípio tomada emprestada da filosofia pagã, e incorporada à fé cristã durante as trevas da grande apostasia, tem suplantado a verdade tão claramente ensinada nas Escrituras de que “os mortos não sabem coisa nenhuma”. Multidões tem chegado a crer que os espíritos dos mortos são os “espíritos ministradores, enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação”. E isto apesar do testemunho das Escrituras quanto à existência dos anjos, e sua relação com a história humana, antes do perecimento de qualquer ser humano.¹⁹¹

¹⁹⁰ WACHHOLZ, Wilhelm; DARIUS, Fábio Augusto. Sobre a Integralidade Humana e a Mortalidade da Alma a partir dos escritos de Ellen White. **Hermenêutica**. Cachoeira, 2012, Vol. 12, n. 2, p. 12

¹⁹¹ WHITE, 1907, p. 551. Pelo original: “The doctrine of natural immortality, first borrowed from the pagan philosophy, and in the darkness of the great apostasy incorporated into the Christian faith, has supplanted the truth, so plainly taught in Scripture, that “the dead know not anything.” Multitudes have come to believe that it is spirits of the dead who are the “ministering spirits, sent forth to minister for them who shall be heirs of salvation.” And this notwithstanding the testimony of Scripture to the existence of heavenly angels, and their connection with the history of man, before the death of a human being”.

A questão específica do espiritismo ou espiritualismo, que sem dúvida acaba sendo meticulosamente ligada a teorias platônicas, vem a ser grandemente combatida também por ela, no mesmo escopo da questão da imortalidade da alma, como atestado em uma série infindável de textos de sua pena. Claramente Ellen White pregou contra todas essas chamadas heresias. Segundo ela, acerca dos filósofos neoplatônicos e toda a sorte de filosofias posteriores:

Mesmo antes do estabelecimento do papado, os ensinamentos dos filósofos pagãos haviam recebido atenção e exercido influência na igreja. Muitos que se diziam conversos ainda se apegavam aos dogmas de sua filosofia pagã, e não somente continuaram no estudo desta, mas encareciam-na a outros como meio de estenderem sua influência entre os pagãos. Erros graves foram assim introduzidos na fé cristã. Destaca-se entre outros o da crença na imortalidade natural do homem e sua consciência na morte. Esta doutrina lançou os fundamentos sobre o qual Roma estabeleceu a invocação dos santos e a adoração da Virgem Maria. Disto também proveio a heresia do tormento eterno para os que morrem impenitentes, a qual logo de início se incorporava à fé papal.¹⁹²

Ao alertar para o perigo das heresias antibíblicas - que no trecho acima de uma só vez ela assinala todas as principais delas, citadas pelos filósofos platônicos e neoplatônicos, ela aconselha ao mesmo tempo para a real possibilidade da perda da fé nas escrituras com o pensamento disposto a aceitar filosofias não-inspiradas que como resultado induziriam multidões ao caminho mais fácil, como o apresentado pelo espiritualismo com múltiplas respostas para qualquer anseio e possibilidade de sentido da vida. Contudo, essas opções errôneas tão-somente levam à morte. Eis, em poucas linhas, a doutrina adventista sob a pena de Ellen White acerca dessa proeminente questão.

¹⁹² WHITE, Ellen. **The Story of Redemption**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1980, p. 332. Conforme o original: "Even before the establishment of the Papacy, the teachings of heathen philosophers had received attention and exerted an influence in the church. Many who professed conversion still clung to the tenets of their pagan philosophy, and not only continued its study themselves but urged it upon others as a means of extending their influence among the heathen. Thus were serious errors introduced into the Christian faith. Prominent among these was the belief in man's natural immortality and his consciousness in death. This doctrine laid the foundation upon which Rome established the invocation of saints and the adoration of the virgin Mary. From this sprung also the heresy of eternal torment for the finally impenitent, which was early incorporated into the papal faith".

2.1.3 O redescobrimto da teoria condicionalista pelos pré-reformadores e filósofos: retrospectiva e posição whiteana

A doutrina da imortalidade condicional ou sono da alma, embora tida pelos adventistas do sétimo dia como bíblica e, portanto, antiquíssima, foi pouco a pouco “redescoberta” em meados do século XIX e XX e conta com nomes conhecidos na teologia contemporânea, como Oscar Cullmann¹⁹³ e Emil Brunner.¹⁹⁴ Contudo, ainda no final da primeira metade do século XIX a doutrina surge nos Estados Unidos da América juntamente com o final do movimento conhecido como Grande Despertamento, em sua segunda onda - dando origem, dentro outros movimentos, ao movimento do Advento e seus múltiplos grupos dissonantes.

Por “imortalidade condicional” ou simplesmente “condicionalismo”¹⁹⁵ entende-se a “imposição” de algumas condições ao precioso dom da imortalidade, a saber: a aceitação da salvação tão-somente em Deus pela graça mediante a fé em Cristo Jesus. Percebe-se, portanto, tratar-se de uma doutrina de cunho indubitavelmente cristocêntrico, ainda que houvesse ao menos dois distintos grupos condicionalistas - tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra - com duas diferentes vertentes de cristocentrismo. Um desses grupos, encabeçado por Baldwin Brown, arvorava que “Cristo era o único em quem a relação do homem com Deus foi normativamente definido, e foi nessa relação que Deus perpetuamente quis trazer os homens,”¹⁹⁶ mesmo os pecadores e incrédulos, enquanto que para Edward White (nome sem qualquer relação com a Igreja Adventista do Sétimo Dia), “era só por meio dele [Cristo] que o homem poderia encontrar a salvação, mas acreditava que a salvação que Cristo ofereceu envolve uma mudança ontológica separando os homens [nesse plano e no celestial] em duas categorias fixas e imutáveis.”¹⁹⁷

¹⁹³ CULLMANN, Oscar. *Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?* Nova York: Macmillan. 1958.

¹⁹⁴ BRUNNER, Emil. *Man in Revolt: A Christian Anthropology*. Londres: Lutterworth, 2002. p. 475. No capítulo 16, seção 5 “Man and Creation” ele escreve: “This dying of the whole man must pass through an experience of annihilation which affects the whole man since the whole man is a sinner”.

¹⁹⁵ Em inglês, os termos mais frequentemente utilizados são “conditionalism” ou “soul sleep”, sono da alma.

¹⁹⁶ ROWELL, Geoffrey. *Hell and the Victorians: A study of the nineteenth-century theological controversies concerning eternal punishment and the future life*. Oxford: Clarendon Press, 1974. p. 204.

¹⁹⁷ ROWELL, 1974, p. 204.

A obra whiteana, aparentemente longe dessas querelas teológicas, visto que ela não tinha qualquer interesse de cunho teórico, ao menos a princípio, encontra abrigo na definição mais balanceada de Brown, visto que ela nunca aludiu a qualquer mudança corpórea entre este mundo e o próximo, exceto ao afirmar que este corpo será restaurado no novo mundo¹⁹⁸ e, ainda mais flagrantemente, sempre apelou a toda a sorte de pessoas que deixassem seus pecados e se voltassem ao misericordioso Salvador, o único que pode salvar.¹⁹⁹

No entanto, apesar desses dois diferentes escopos, é possível perceber que esta doutrina, longe dos chamados “erros papais” apontados tão claramente por Ellen White ao longo de toda a sua obra, era acalentada por vários dos principais doutrinadores imediatamente antes ou depois da Reforma. Este movimento, aliás, pouco a pouco foi substituindo termos como “purgatório”, “morte eterna” e “inferno” que de forma tão pouco benfazeja foram utilizadas por Tomás de Aquino e Dante, dentre muitos outros, por palavras mais esperançosas como “graça”, “misericórdia” e “fé”. Talvez seja este um dos motivos pelo qual a literatura adventista do sétimo dia coloca esses primeiros reformadores como grandes e fieis combatentes contra consideráveis porções daquelas heresias - deixando-os, ainda que de forma gradual, definitivamente de lado do platonismo, gnosticismo e judaísmo. Esses reformadores, aqui referidos apenas por poucos exemplos, de acordo com White, “havam edificado sobre Cristo e as portas do inferno não prevaleceriam contra eles”.²⁰⁰ Ainda que

¹⁹⁸ Para citar apenas um exemplo, vide: WHITE, Ellen. **The Desire of Ages**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1940. p. 804. Lemos ali que “As Jesus arose from the dead, so those who sleep in Him are to rise again. We shall know our friends, even as the disciples knew Jesus. They may have been deformed, diseased, or disfigured, in this mortal life, and they rise in perfect health and symmetry; yet in the glorified body their identity will be perfectly preserved”. Em português: “Assim como Jesus ressuscitou dentre os mortos, aqueles que Nele dormem ressuscitarão. Vamos conhecer os nossos amigos, assim como os discípulos conheciam Jesus. Eles podem ter sido deformados, doentes, ou desfigurados nesta vida mortal, mas ascenderão em perfeita saúde e simetria em corpo glorificado, e a sua identidade será preservada perfeitamente”. (A tradução é minha.)

¹⁹⁹ WHITE, Ellen. **Testimonies for The Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 3, 1948b. p. 260. Consta ali que: “Wrongs must be reprovved, sin must be called sin, and iniquity must be met promptly and decidedly, and put away from us as a people”. Em português: “Os erros devem ser reprovados, o pecado deve ser chamado de pecado e iniquidade devem ser atendidas prontamente e decididamente colocadas para longe de nós, como um povo.” (A tradução é de minha autoria.)

²⁰⁰ WHITE, 1907, p. 210. Conforme o original: “The Protestant reformers had built on Christ, and the gates of hell could not prevail against them.” Ellen White mostra-se absolutamente tão favorável aos ventos da Reforma que sem embargo, no mesmo livro, escreve que: “Houvesse a Reforma, depois de atingir certo grau de êxito, consentido em contemporizar a fim de conseguir favor do mundo, teria sido infiel para com Deus e para consigo mesma, além de assegurar a sua própria destruição. A experiência desses nobres reformadores contém uma lição para todas as eras subsequentes. A

historicamente estivessem postos diante de grandiosos perigos doutrinários e inenarráveis lacunas bíblicas, resolveram fazer a vontade de Deus voltando-se para Seu livro - a despeito das questões políticas prevaletentes - mesmo em perigo de suas próprias existências. Assim, na citada literatura denominacional, considera-se também esses reformadores e mártires da fé cristã como defensores da doutrina bíblica da mortalidade condicional.

Antes de o movimento reformatório sacudir a Europa no décimo sexto século, alguns grupos minoritários - hoje bem conhecidos e amplamente estudados²⁰¹ - resolveram não seguir as diretrizes romano-católicas - “papistas”, utilizando um termo muito comum no século XIX que posteriormente a própria Ellen White resolveu substituir para deixar seus textos mais palatáveis a esses grupos, visto que era sua ideia penetrar em toda e qualquer confissão religiosa, como acontece hodiernamente - sofrendo inumeráveis baixas, mas deixando seu testemunho demarcado para as gerações vindouras. Trata-se dos Valdenses e depois dos Hussitas²⁰² e dos Lolardos. Esses grupos, aferrados apenas à Bíblia,²⁰³ influenciaram os seguidores

maneira de agir de Satanás, contra Deus e Sua Palavra, não mudou. Ele ainda se opõe a que sejam as Escrituras adotadas como guia da vida, tanto quanto o fez no século dezesseis. Pelo original: “Had the Reformation, after attaining a degree of success, consented to temporize to secure favor with the world, it would have been untrue to God and to itself, and would thus have insured its own destruction. The experience of those noble reformers contains a lesson for all succeeding ages. Satan's manner of working against God and his Word has not changed; he is still as much opposed to the Scriptures being made the guide of life as in the sixteenth century.”

²⁰¹ Para um dos mais conhecidos exemplos, leia-se: WYLIE, J. A. **The History of the Waldenses**. London: Cassell and Company, 1860. A presente edição encontra-se (encontrava-se?) junto a biblioteca de Ellen White.

²⁰² Cabe aqui uma nota “antecipatória”: Embora alguns considerem o próprio Lutero como descendente dos hussitas (POTTER, Charles Francis. **História das Religiões: A Vida dos Líderes Religiosos**. São Paulo: Ediouro, 1968, p. 379) parece claramente não ser possível considerar esses grupos “puros” como monolíticos. A própria palavra do Reformador pode nos dar algumas valiosas pistas sobre isso: “Ouço, por fim, que ele forjou alguns comentários sobre certos artigos atribuídos a mim por parte desses irmãozinhos irrequietos e desejosos de sua própria ruína e que, uma vez mais, me descreveu perante os magnatas, com amor maravilhoso, como maniqueu, hussita, wyclifita e não sei que outras espécies de herege.” LUTERO, Martinho. **Comentários de Lutero sobre suas Teses Debatidas em Leipzig**. In: *Obras selecionadas: Os primórdios - Escritos de 1517 a 1519*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2004. p. 345.

²⁰³ Conforme Wylie, 1860, p. 17: “A lâmpada que tinha estado a ponto de expirar começou, após este sínodo, a queimar com o seu brilho. O antigo espírito dos valdenses foi revivido. Eles já não praticavam as dissimulações e ocultações covardes a que tinha recorrido para evitar a perseguição. Eles já não temiam a confessar sua fé. Daí em diante eles nunca mais foram vistos na missa, ou nas igrejas papistas. Eles se recusaram a reconhecer os sacerdotes de Roma, como ministros de Cristo, e sob nenhuma circunstância eles recebem qualquer benefício espiritual ou serviço em suas mãos.” (Note-se aqui, novamente, o termo “papistas”). (A tradução acima é de minha autoria). No original assim encontra-se: “The lamp which had been on the point of expiring began, after this synod, to burn with its former brightness. The ancient spirit of the Waldenses revived. They no longer practiced those dissimulations and cowardly concealments to which they had had recourse to avoid persecution. They no longer feared to confess their faith. Henceforward they were never seen at mass, or in the Popish

de Wyclif que se espalharam pela Itália, França, Espanha, Inglaterra, Boêmia e inclusive Bulgária e Turquia. A Igreja Adventista do Sétimo Dia considera-se indubitavelmente descendente espiritual dos valdenses.

John Wyclif (1328-1384), há muito aclamado como a "estrela da manhã da Reforma",²⁰⁴ segundo Froom foi "inquestionavelmente a mais influente personagem religiosa do século quatorze."²⁰⁵ Com prodigioso conhecimento tanto na lei civil como na lei eclesiástica, além de filosofia, foi um precoce defensor da liberdade religiosa, ousadamente condenando o papado. Ao estudar a Bíblia por si mesmo, percebeu que os romanistas tinham trocado as verdades bíblicas por tradições há muito arraigadas, sendo que a "verdadeira religião" deve ser um constante estado relacional entre o ser humano e Deus, precisamente na mesma linha de Ellen White vários séculos mais tarde. Sua vida de piedade e submissão à vontade divina fez de Wyclif um daqueles a quem ela, assim como Lutero, daria considerável quantidade de páginas, fazendo com que os adventistas do sétimo dia o conhecessem com certa profundidade e interesse.

Com relação ao estado dos mortos, Wyclif passou por um entendimento progressivo, assim como Ellen White, que em um primeiro momento rejeitou a presente doutrina, ainda em 1843²⁰⁶ no movimento millerita. O pré-reformador, depois de alguns embates com a teologia medieval e inclusive depois de apelar pessoalmente ao rei, em 1381, antecipou certos princípios protestantes como a questão da Bíblia como única regra de fé, bem como a salvação pela graça mediante a fé, atacando também a ordem dos mendicantes e várias outras questões que considerou estranhas à fé bíblica. Fazendo como os valdenses, passou a distribuir porções da Bíblia e, como talvez sua maior contribuição, fez sua própria tradução da Escritura para o inglês, abandonando assim a Vulgata Latina e suas imperfeições.²⁰⁷

churches. They refused to recognize the priests of Rome as ministers of Christ, and under no circumstances would they receive any spiritual benefit or service at their hands".

²⁰⁴ De acordo com John Foxe em: FOXE, John. **O livro dos mártires**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003. p. 53.

²⁰⁵ FROOM, 1959, p. 51.

²⁰⁶ Conforme LAND, Gary. **The A to Z of the Seventh-Day Adventists**. Lanham: The Scarecrow Press, 2005. p. 68.

²⁰⁷ Conforme Froom, 1956, p. 51.

Wyclif, este precursor da Reforma, foi indistintamente o precursor da “ressurreição da ideia bíblica” ao advogar o sono da alma durante a morte²⁰⁸, sendo que a imortalidade será tão-somente recebida quando da ressurreição do corpo.²⁰⁹ Assim, refutando a parábola bíblica sobre a morte de Lázaro como sendo texto indicativo da morte eterna e ao mesmo tempo refutando qualquer conceito relacionado ao purgatório, Wyclif definitivamente abriu caminho a outros pensadores reformistas, criando um grande lastro e caminho às próximas gerações.

William Tyndale (1484–1536), outro inglês pré-reforma e tradutor de uma das primeiras versões da Bíblia para o moderno inglês, foi outro que encontrou sentido na ideia da mortalidade da alma. O citado reformador, ao quebrar com a doutrina da imortalidade pregada pela igreja romana e, portanto, considerado rebelde, tinha sua própria interpretação para a primeira carta do Apóstolo Paulo aos de Corinto, quando este escreveu em seu capítulo 15 que a ressurreição é aquilo que dá maior significado à experiência cristã. De acordo com Burns:

Homens como Tyndale, que acreditavam que as ideias bem-aventuradas da imortalidade antes da ressurreição do corpo ameaçavam a crença cristã no drama prometido da conquista da morte no último dia, foram preparados para descobrir que a mortalidade da alma é a doutrina da Escritura. Ainda mais foram os quiliastas, que estudaram as escrituras apocalípticas e aguardavam impaciente o Reino, preparando-se para acreditar que a vida imortal foi adiada até que os corpos dos justos sejam ressuscitados e formado pessoas de bem.²¹⁰

É absolutamente interessante e de importância capital para este trabalho notar que o citado professor de Harvard, Norman Burns, no mesmo parágrafo escreveu que “como os seus homólogos em nosso tempo, os Adventistas do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová, os quiliastas foram alienados da maioria ortodoxa pela própria heresia milenar; a [doutrina do] sono da alma pouco acrescentou ao seu

²⁰⁸ Também conforme BALL, Bryan. **The Soul Sleepers**: Christian Mortalism from Wycliffe to Priestley. Cambridge: James Clarke, 2008. p. 15.

²⁰⁹ WYCLIF, John. **Select English Works**: Sermons on the Gospels for Sundays and Festivals. Oxford: Clarendon Press, vol. I, 1819, p. 339. In: Froom, 1956, p. 60.

²¹⁰ BURNS, Norman T. **Christian Mortalism from Tyndale to Milton**. Cambridge: Harvard University Press, 1972. p. 34-35. Segundo o original, visto que a tradução para a língua vernácula é minha: “Men like Tyndale, who believed that ideas of blissful immortality before the resurrection of the body threatened Christian belief in the promised drama of the conquest of death on the Last Day, were prepared to discover that soul sleeping is the doctrine of Scripture. Still more were the chiliasts, who studied the apocalyptic scriptures and impatiently awaited the Kingdom, prepared to believe that immortal life was deferred until the bodies of the just were resurrected and formed into the people of God.

fardo.”²¹¹ Dessa forma, pode-se dar mais crédito aos textos whiteanos que afirmam a prevaência das doutrinas bíblicas por parte dos reformadores do passado. Especificamente sobre William Tyndale, escreveu ela que:

O mártir Tyndale, referindo-se ao estado dos mortos, declarou: “Confesso abertamente que não estou persuadido de que eles já estejam na plena glória em que Cristo se acha, ou em que estão os anjos eleitos de Deus. Tampouco é isto artigo de minha fé; pois se assim fosse, não vejo nisso senão que o pregar a ressurreição da carne seria coisa vã.”²¹²

Os adventistas do sétimo dia também evocam Martim Lutero como um defensor da doutrina do sono da alma durante a morte. Proclamador da simplicidade do evangelho e cristocêntrico, escreveu contra as indulgências ainda em 1516 e efetivamente, após os efeitos deste e de outros acontecimentos. Rompeu com a Igreja de Roma, dando novo ímpeto aos trabalhos iniciados por Huss, Wyclif e Tyndale poucos séculos antes, ao, inquestionavelmente, ainda que não sendo de sua expressa vontade e muito posteriormente, fundar uma nova religião. É com desmedida alegria que os adventistas do sétimo dia leem certas declarações de Lutero como sendo inequivocamente inspiradas no sentido de ser a alma mortal.²¹³ Por certo há diferentes interpretações e possivelmente falta ainda para a citada denominação um conhecimento mais denso e acurado da obra do reformador. Ainda assim, por estas declarações, a denominação coloca Lutero como sendo um dos “nossos pais”. As palavras de Froom a esse respeito parecem dar vazão a este pensamento:

Com irônica permissão Lutero concede ao papa o direito e o poder de fazer "artigo de fé" especial para si e para seus próprios seguidores. Ele enumera cinco artigos da série, incluindo a "imortalidade da alma", como o quinto, todos e cada um dos quais Lutero rejeita expressamente. A importância de

²¹¹ BURNS, 1972, p. 35.

²¹² WHITE, 1950, p. 547. Conforme o original: “ The martyr Tyndale, referring to the state of the dead, declared: "I confess openly, that I am not persuaded that they be already in the full glory that Christ is in, or the elect angels of God are in. Neither is it any article of my faith; for if it were so, I see not but then the preaching of the resurrection of the flesh were a thing in vain”.

²¹³ Há certo número delas no: IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Questões sobre doutrina:** o clássico mais polêmico da história do adventismo. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 385-387. No presente livro, há a citação de uma dissertação de mestrado de certo T. N. Ketola onde o mesmo cita 125 referências de Lutero à morte como sono. É bem verdade que o autor “menciona um grupo menor de referências mostrando que Lutero cria na consciência periódica de alguns.”

incluir o "a imortalidade da alma" ["animal esse immortalem"] e o que ele denomina de opiniões monstruosas e corrupção romana, é, claro, óbvio.²¹⁴

Há ainda muitas outras pistas, ao menos para o olhar em treinamento de um pesquisador adventista do sétimo dia acerca do tema - que tende a ver essas pretensas pistas - ao pesquisar certas obras de Lutero no sentido de ali encontrar evidências de que o Reformador tinha uma tendência ao pensamento holístico. Assim, juntando sua crença na mortalidade da alma ao monismo bíblico, ele teria redescoberto algumas das mais caras doutrinas que séculos depois seriam sumamente importantes para a constituição da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Dessa forma, mais uma vez, Lutero fica elencado como um dos precursores do adventismo, ao abrir as portas para uma nova e libertária abordagem Escriturística, longe dos desvios romano-católicos. No que tange ao ser humano ser constituído por “corpo, alma e espírito”, escreve Lutero que “a Escritura divide o ser humano em três partes [...] que Deus da paz nos santifique não apenas em uma dessas partes, mas totalmente, por inteiro, de modo que sejam santos o espírito, a alma e o corpo”.²¹⁵ Ao longo do *Magnificat* (1521) parece ele transcorrer acerca desse tema. Também é possível encontrar textos na edição da Bíblia pela Sociedade Bíblica do Brasil com reflexões de Lutero.²¹⁶ Embora o entendimento de Lutero pareça bastante claro²¹⁷, esse aporte, de acordo com a teologia adventista do sétimo dia, talvez não tenha ainda sido redescoberto pelo iluminado e multicultural povo luterano. A grandiloquência e a profundidade de seus textos, como acontece com a literalmente enorme obra de Ellen White, são pouco estudadas de forma sistemática por seus membros, fazendo com que preciosas gemas, tanto escondidas nas páginas inspiradas de Lutero quanto de White, acabem ficando ali, sem qualquer valor, visto que perdidas. Assim, é de forma lacônica que se encontra em literatura

²¹⁴ FROOM, 1959, p. 73. Uma pesquisa por diferentes fontes foi efetuada e a mesma citação de Lutero foi encontrada em WHITMORE, James Herman. **The Doctrine of Immortality**. Buchanan: Western Advent-Christian Publishing Association, 1870. p. 44 e também em no Assertio Omnium Articulorum M. Lutheri per Bullam Leonis X. Novissimam Damnatorum (Assertion of all the articles of M. Luther condemned by the latest Bull of Leo X), article 27, as found in the Weimar edition of Luther's Works, vol. 7, pp. 131, 132. Disponível em: <http://www.portlandbible.com/en/Docs/LutherImmortality.pdf>. Acessado em 24 de julho de 2013.

²¹⁵ LUTERO, Martinho. O Magnificat (1521). In: **Obras Selecionadas** - Volume 6 Ética: Fundamentação da Ética Política. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2004. p. 28

²¹⁶ BÍBLIA Sagrada com reflexões de Lutero. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 1042.

²¹⁷ Vide também o comentário do Reformador sobre o livro de Eclesiastes em: LUTERO, Martin. **Exposição do livro de Salomão, chamado Eclesiastes**. In: WHITE, 1911, p. 549.

denominacional adventista do sétimo dia, a despeito das linhas de Ellen White, pequeno trecho sobre a dita “inconsistência” de Lutero. Dessa forma, infelizmente, de acordo com o entendimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, “a Igreja Luterana não seguiu o inconsistente exemplo de Lutero sobre a imortalidade condicional, e retrocedeu essencialmente às tradições medievais.”²¹⁸ Tampouco se encontra melhores palavras para Calvino, neste sentido. Para o reformador de Genebra, os anabatistas crentes na doutrina da mortalidade da alma (dentre esses, os adventistas do sétimo dia se incluíam, séculos depois) estavam errados em suas crenças e a eles suas palavras foram bastante duras. Segundo Calvino, essa doutrina não vem do materialismo judaico ou de interpretações antigas das Escrituras, mas de pessoas que não devem ser levadas a sério, para se dizer o mínimo. Assim ele escreve:

Lembre-se que os Catabatistas (que, como que incorporando todos os tipos de abominação, são suficiente para ter o nome) são os autores deste dogma famoso. Bem podemos suspeitar de tudo o que precede de tal forja - uma forja que já fabricada e está diariamente fabricando tantos monstros.²¹⁹

Resta ainda, para compor o quadro dos reformadores mais aludidos pela teologia adventista do sétimo dia, o posicionamento de John Wesley, visto que durante mais de quarenta anos a família White pertenceu ao metodismo, sendo expulsa da comunidade quando de seu envolvimento com os correligionários do já citado William Miller, na primeira metade do século XIX.

John (1703-1791) e Charles Wesley (1707-1788), fundadores do Metodismo, eram adeptos de uma religião baseada em propostas pragmáticas, bem como fé inabalável em Cristo, e recomendavam firmemente a leitura diária da Bíblia, assim como incessante oração. Dessa forma, ou seja, preparados espiritualmente e tentando viver uma vida semelhante à vida de Cristo, se dedicavam a obras sociais como visitas a presídios e pregações públicas, algo até então inédito na Igreja da Inglaterra. Afinal, ele não poderia ficar circunscrito a sua própria igreja, inclusive

²¹⁸ ANDREASEN, Niels-Erik. **Morte: Origem, Natureza e Erradicação**. In: DEDEREN, Raoul. (Org.) Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 381.

²¹⁹ CALVIN, John. **Tracts and Treatises in Defense of the Reformed Faith**. Grand Rapids: Eerdmans, 1958, vol. III, p. 490. Na obra, Calvino se utilizou do termo “Catabaptists”, sem uma tradução confiável para a língua portuguesa. Assim, simplesmente traduzi por “catabatistas”. Ainda, BURNS, 1972. p. 115, comenta que uma das perseguições de Calvino aos anabatistas se deu especificamente com relação ao sono da alma.

escrevendo que “o mundo é minha paróquia”²²⁰ e, assim, servindo de exemplo para os futuros adventistas do sétimo dia em seu vasto campo missionário. No entanto, especificamente acerca da morte e então castigo porvir, seus seguidores acreditavam firmemente na punição dos corpos dos ímpios durante o Julgamento. Nesse sentido, o próprio Wesley em seu sermão número 137, um de seus mais conhecidos (*On the Resurrection of the Dead*), cria na literalidade de criação humana *ex-nihilo*, apenas a partir do pó da terra. Ainda segundo ele, este nosso mesmo corpo - hoje alma vivente pelo poder do Espírito Santo - mesmo que morto, *poderá ou não* ser avivado misteriosamente.²²¹ Ainda que paradoxal, não quer dizer que o mesmo acreditasse na ressurreição literal de *nossos* corpos, visto que:

A simples noção de uma ressurreição requer, que o mesmo corpo que morreu deve novamente ascender. Se Deus dá as nossas almas no último dia um novo corpo, isso não pode ser chamado de ressurreição do nosso corpo; porque essa palavra implica claramente a nova produção do que antes era.²²²

A partir da análise do acima exposto, conclui-se que John Wesley tenha escrito que receberemos ou voltaremos a ser uma alma no último dia, ou seja, diferente do recebimento de nossa alma vivente ora reestabelecida no contexto da ressurreição. Ainda assim, a despeito de supostas diferenças doutrinárias concernentes a este ponto, White e Wesley criam na literalidade do céu²²³ e na corporeidade de seus habitantes embora discordassem da questão do estado da

²²⁰ WESLEY, John. **The Journal of John Wesley**. Chicago: Moody Press, 1951. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/wesley/journal.vi.iii.v.html>. Acessado em 25 de julho, 2013. Note-se que Ellen White, talvez por sua proximidade durante tantos anos com a teologia wesleyana, tenha escrito mais de uma vez que “o campo é o mundo”, como em: WHITE, Ellen, 1957, p. 509.

²²¹ WESLEY, John. **Sermons on Several Occasions, Book II**. New York: B. Waugh and T Mason, 1836. p. 506. Wesley e White concordam numa perspectiva da ressurreição como uma nova criação em perfeição, como fica explícito no sermão 137. Contudo, cria Wesley no estado intermediário dos mortos, o 3o céu aguardando a ressurreição. Certamente White era contrária a esse ensino.

²²² WESLEY, 1836, p. 507. Conforme o original: “The plain notion of a resurrection requires, that the self-same body that died should rise again. (...) If God give to our souls at the last day a new body, this cannot be called the resurrection of our body; because that word plainly implies the fresh production of what was before.” (A tradução livre, no corpo do texto, é minha).

²²³ Embora White discordasse da literalidade do inferno, contrariando o pensamento vitoriano que norteou seu pensamento. De acordo com ela: “They were responsible only for the light which shone in their time; we are accountable for that which shines in our day. If we turn from the testimony of God's Word, and accept false doctrines because our fathers taught them, we fall under the condemnation pronounced upon Babylon; we are drinking of the wine of her abominations”. WHITE, Ellen, 1907, pp. 536-537. Em português: “Eram responsáveis apenas pela luz que resplandecia em seu tempo; nós o somos pela que brilha em nossa época. Se nos desviamos do testemunho da Palavra de Deus, aceitando falsas doutrinas porque nossos pais as ensinaram, caímos sob a condenação pronunciada sobre Babilônia; estamos a beber do vinho de suas abominações”.

alma durante o transcurso da ressurreição, como por vezes se deu com o “inconsistente” Lutero. Novamente, para White, classificada como restauracionista bíblica, indubitavelmente, a alma é mortal, enquanto para Wesley ela simplesmente não é.²²⁴

Ainda assim - e isso parece singularmente importante no escopo desse trabalho - a rápida tentativa de diálogo entre John Wesley e Ellen White, como exposto acima, provoca graves rupturas teóricas principalmente para um adventista do sétimo dia, que tem a doutrina da imortalidade condicional como ponto inegociável - mas interessantes e inquestionáveis aproximações práticas em relação ao corpo e na própria dinâmica pragmática da teologia whiteana.²²⁵

A retrospectiva acima privilegiou aqueles reformadores que foram de alguma forma significativos para a formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, com suas flagrantes diferenças teológicas. Sem os referidos autores, certamente a denominação não teria encontrado o necessário lastro que hoje a torna sólida e crescente. Faz-se agora necessário dar maior ênfase aos autores do século XIX que, em uma interessante conjuntura histórica especificamente trouxeram ao seio adventista do sétimo dia, ainda nos primórdios, a teoria condicionalista que até hoje é distintiva em seus quadros.

2.1.4 O condicionalismo no século XIX e seu aparecimento na Igreja Adventista do Sétimo Dia como “resposta aos novos tempos”: o vitorianismo e a igreja

Abrindo aqui uma lacuna de vários séculos, cabe, a título de citação, antes de efetivamente elencar os pioneiros adventistas do sétimo dia que empreenderam seus estudos na questão do sono da alma, o outrora comentado Oscar Cullmann que em sua obra *Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?* explana brevemente acerca de Sócrates e Jesus, no primeiro capítulo, fazendo um paralelo entre o entendimento hebraico e o cristão sobre a mortalidade da alma, sendo que

²²⁴ Conforme LEE, L. **The Immortality of the Soul**, Syracuse: Wesleyan Methodist Book Room. 1865.

²²⁵ “Practical religion seemed to be the harmonizing theme throughout Ellen White’s writings. She saw a direct connection between doing church work and properly representing the character of God”. DOUGLASS, H. **Messenger of the Lord: The Prophetic Ministry of Ellen G. White**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1998. p. 97. “Religião prática parecia ser o tema harmonização ao longo de escritos de Ellen White. Ela viu uma conexão direta entre fazer o trabalho de Igreja e devidamente representando o caráter de Deus”.

especificamente no segundo, ele parte para a questão da unicidade entre corpo, alma e espírito, explicando de forma breve a não possibilidade de assimilação entre os ditos gregos e judaicos. Finalmente, na terceira parte de sua obra, Cullmann explica o que se passa no corpo durante o interlúdio entre a morte e a ressurreição. Entendem os adventistas que é precisamente pela obra desse autor que a questão da mortalidade da alma acabou ganhando mais espaço no século XX ao clarear o entendimento dos primeiros cristãos e, principalmente, voltar as Sagradas Escrituras.²²⁶

Entre os pioneiros do movimento adventista a adotar o posicionamento do sono da alma durante o período da morte antes da ressurreição literal do corpo aparece o ministro metodista George Storrs. Storrs, assim como Rachel Oakes, uma batista do sétimo dia, são dois personagens importantes vindos de fora da denominação que incutiram pouco a pouco alguns de seus elementos distintivos mais significativos, como a questão ora estudada e a da relevância e guarda do próprio Sábado do sétimo dia como período de descanso, trazida por Oakes e somente mais tarde amplamente aceita pelos membros da nova e incipiente denominação. Embora Oakes nunca tenha se juntado ao movimento adventista ou mesmo à igreja alguns anos depois, o mesmo não se pode dizer de Storrs, que abraçou com fervor o movimento de William Miller e esteve entre os seus principais correligionários, sendo fiel ajudante na divulgação da “verdade do advento”. Ele é apenas um dentre as milhares de pessoas que, independentemente de religião até

²²⁶ ANDREASEN, 2011, p. 383. Embora pouco citado pela denominação por seu posicionamento liberal da teologia, sem dúvida contrária à linha da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Paul Tillich percebia a imortalidade “como símbolo e como conceito”. Diz Tillich que: “A imortalidade [...] não contradiz o símbolo da Vida Eterna. Mas o termo é tradicionalmente usado na expressão “imortalidade da alma”. Isso torna o seu emprego no pensamento cristão problemático ainda em outro sentido: ele implica um dualismo entre alma e corpo, contradizendo o conceito cristão de Espírito, que engloba todas as dimensões do ser, e além disso é incompatível com o símbolo da ressurreição do corpo. Mas também aqui deveríamos perguntar se o termo não pode ser compreendido de forma não-dualista.” Na continuação de seu pensamento, escreve que “não há dúvida de que os diálogos de Platão são em boa medida responsáveis por este entendimento. Mas é preciso enfatizar que, no próprio Platão, há resistências contra a compreensão objetivamente (“coisificante”) da imortalidade. [...] Eles só podem ser compreendidos por quem participa do bem e do belo.” TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5. edição revista São Leopoldo: Sinodal, p. 835-836. Comenta ainda Tillich que “nós participamos na vida divina como indivíduos por meio do processo histórico, e só participamos na vida divina na medida em que participamos neste processo. Hegel, Schelling e os filósofos alemães clássicos chamavam esta participação de vida eterna. Conseguiram se basear na Bíblia para afirmar que a imortalidade pertence apenas a Deus e que o homem não possui essa imortalidade em si, nem mesmo antes da queda, segundo o simbolismo mitológico bíblico.” TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 2010. p. 151.

então professada, engrossou as fileiras do movimento de Miller. No entanto, nem todos seguiram o pregador imbuídos de sentimentos religiosos, mas sim com pretensões mais terrestres, como mero exercício intelectual. Até hoje há muitos frequentadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia - não necessariamente membros batizados - que ainda agem da mesma forma: interessados nos frequentes e profundos estudos escatológicos (os adventistas popularmente se consideram bons quiliastas),²²⁷ estes dão muito mais atenção ao caráter histórico-social das explicações pertinentes aos livros de Daniel e Apocalipse do que em suas facetas propriamente espirituais, o que quase sempre acaba contrariando as pretensões denominacionais de apresentar Cristo a essas pessoas, além de aprofundar o sectarismo ainda alegado à denominação.

Notadamente na biografia de George Storrs (1796-1879), percebe-se que quase até os vinte anos de idade o mesmo se manteve fora de qualquer círculo cristão precisamente por causa do terrível temor da destruição de sua fiel esperança de encontro com um Cristo benfazejo face ao tormento eterno dos fogos infernais na ocasião de sua morte. Somente após esse período de sua juventude tardia, depois de insistentes pedidos de sua mãe é que Storrs se voltou para a Igreja Congregacional. Faz-se aqui necessário um paralelo entre esse escopo de sua vida e a turbulenta existência de Ellen White em seus primeiros anos. Ela, exatamente pelos mesmos motivos de Storrs - o paralisante medo de passar a eternidade ardendo lentamente - não era uma frequentadora assídua da igreja metodista e nem mesmo o acidente que quase acabou precocemente com sua vida²²⁸ a fez mudar de

²²⁷ Pode-se provar tal afirmação ao enumerar seus livros escatológicos...

²²⁸ A própria Ellen White conta em livro o episódio, que serve para dar luz ao seu contexto de vida, tão comum a tantos que necessitavam de cuidados médicos no século XIX. Diz o seguinte: While I was but a child, my parents removed from Gorham to Portland, Maine. Here, at the age of nine years, an accident happened to me which was to affect my whole life. In company with my twin sister and one of our schoolmates, I was crossing a common in the city of Portland, when a girl about thirteen years of age, becoming angry at some trifle, threw a stone that hit me on the nose. I was stunned by the blow, and fell senseless to the ground. WHITE, Ellen. **Christian Experience and Teachings of Ellen G. White**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1940, p. 13. Em português: "Sendo eu criança, meus pais se mudaram de Gorham para Portland (Maine). Aí, na idade de nove anos sofri um acidente que iria me afetar a vida inteira. Em companhia de minha irmã gêmea e de uma de nossas colegas, atravessava eu uma praça na cidade de Portland, quando uma menina de treze anos aproximadamente, zangando-se por qualquer futilidade, atirou uma pedra que me atingiu o nariz. Fiquei aturdida com o golpe e caí ao chão, desmaiada". Sobre a agonia, ela ainda relatou: "Physicians thought that a silver wire could be put in my nose to hold it in shape, but said that it would be of little use; that I had lost so much blood my recovery was doubtful; that if I should get better, I could not live long. I was reduced almost to a skeleton. [...] My health failed rapidly. I could only talk in a whisper, or broken tone of voice. One physician said my disease was dropsical consumption; that

ideia acerca da religião, exceto quando conheceu Miller. O encontro dela com o fazendeiro leigo que faria com que ela se sentisse incluída em um grupo nascente ao renovar sua fé e dar origem ao seu ministério que duraria até seu perecimento, mais de 70 anos depois, teve em Storrs, de acordo com a literatura o mesmo efeito. Esses exemplos, ligados a própria vida de Miller e de tantos outros seguidores, talvez seja um indicativo do caráter reavivamentista do movimento, a despeito de suas predições históricas e escatológicas. Diz Ellen White, com seu pensamento marcadamente vitoriano:

Intensos eram os meus sofrimentos mentais. Algumas vezes, durante a noite toda, eu não ousava cerrar os olhos, mas esperava até que minha irmã gêmea dormisse profundamente; deixava então silenciosamente o leito e ajoelhava-me no assoalho, orando em silêncio, com uma agonia intensa que se não pode descrever. Os horrores de um inferno a arder eternamente estavam sempre diante de mim. Sabia que me era impossível viver por muito tempo nesse estado, e não ousava morrer e enfrentar a terrível sorte do pecador. Com que inveja eu olhava àqueles que reconheciam a sua aceitação por parte de Deus! Quão preciosa parecia para minha alma agoniada a esperança cristã. Frequentemente eu ficava prostrada em oração quase a noite toda, gemendo e tremendo, com angústia inexprimível e desespero indescritível. "Senhor, tem misericórdia!" era meu clamor, e semelhante ao pobre publicano eu não ousava levantar os olhos para o céu, mas curvava a fronte para o soalho. Fiquei muito magra e fraca, e não obstante ocultei meu sofrimento e desespero.²²⁹

my right lung was gone, and my left affected. He thought I could not live long, might die very suddenly. It was very difficult for me to breathe lying down, and nights was bolstered almost in a sitting posture, and would often awake with my mouth full of blood." WHITE, Ellen. **Spiritual Gifts, Book II**. Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1945. 9 e 30. Em português: "Os médicos acharam que era possível enfiar um fio de prata em meu nariz para manter sua forma, mas me disseram que isso seria de pouca utilidade. Disseram que eu havia perdido tanto sangue e sofrera abalo nervoso tão grande que meu restabelecimento era muito improvável; disseram também que, ainda que eu melhorasse, não conseguiria viver muito tempo. Fiquei quase reduzida a um esqueleto. Minha saúde decaiu rapidamente. Eu só conseguia falar em sussurros ou num tom de voz baixo. Certo médico disse que minha doença era uma tuberculose hidrópica; que meu pulmão direito estava perdido, e o meu esquerdo afetado. Seu prognóstico era o de que eu não viveria muito tempo, podendo até morrer subitamente. Eu sentia grande dificuldade em respirar deitada. Passava as noites apoiada em um travesseiro, em uma posição quase sentada. Despertava muitas vezes com a boca cheia de sangue."

²²⁹ WHITE, 1940, p. 24. Conforme os manuscritos originais de sua pena: "My sufferings of mind were intense. Sometimes for a whole night I would not dare to close my eyes, but would wait until my twin sister was fast asleep, then quietly leave my bed and kneel upon the floor, praying silently, with a dumb agony that cannot be described. The horrors of an eternally burning hell were ever before me. I knew that it was impossible for me to live long in this state, and I dared not die and meet the terrible fate of the sinner. With what envy did I regard those who realized their acceptance with God! How precious did the Christian's hope seem to my agonized soul! I frequently remained bowed in prayer nearly all night, groaning and trembling with inexpressible anguish, and a hopelessness that passes all description. "Lord, have mercy!" was my plea, and like the poor publican I dared not lift my eyes to heaven, but bowed my face upon the floor. I became very much reduced in flesh and strength, yet kept my suffering and despair to myself.

Contudo, há muito mais que essas alegadas meras coincidências entre os dois para que ambos, posteriormente, aceitassem a doutrina do sono da alma durante a morte. No século XIX - e principalmente durante o vitorianismo - houve um verdadeiro culto à morte disseminado nos países saxões dos dois lados do Atlântico²³⁰. Aliás, de toda a doutrina cristã ortodoxa legada aos homens e mulheres vitorianos, “nenhum causou mais ansiedade do que o castigo eterno ao perverso²³¹”, com as ardentes chamas do inferno vívidas no inconsciente coletivo de praticamente todos os habitantes desses países.

Essa terrível noção de inferno dava a Deus um caráter sumamente impessoal e mesmo distante e deveras perverso, em evidente contraste com os secularistas que para muito além da física newtoniana que moldou toda a Modernidade, levando os filósofos de uma fase de contemplação (que predominava desde a Antiguidade) à ação (com todo o desenvolvimento que tem seu ápice no então século XIX), agora imbricados com a nova teoria da evolução das espécies sob nenhum aspecto poderiam concordar com esses cristãos ortodoxos. Para os referidos secularistas - de forma genérica todos e todas que simplesmente não se adequavam a nenhuma religião estabelecida, de acordo com Austin Holyoake, essas ideias de inferno oriundas do ainda do longínquo medievo, simplesmente “brutalizavam a todos os crentes”.²³² Esse evidente antagonismo friccional visível mesmo muito antes do vitorianismo entre os secularistas esclarecidos e os cristãos ortodoxos com suas mentes obscurecidas pelas freementes ideias de inferno extraídas de suas velhas Bíblias acabou servindo como pano de fundo na construção dos Estados Unidos, que pragmáticos e esclarecidos não abandonaram suas antigas crenças. Nesse

²³⁰ Até hoje existem miríades de sítios na internet com as mais variadas histórias de culto a morte no período. Destaco aqui uma loja virtual que vende - a preços nada módicos - a indumentária da época, sempre levando em consideração o referido tema. Trata-se do “Victorian Death Kult”, disponibilizado em <http://victoriandeathkult.bigcartel.com/>. É dessa época as terríveis histórias da noite vitoriana com os crimes de Jack, o estripador, que nem de longe chegou perto de sua contemporânea Amelia Dyer, a pior serial killer de todos os tempos na Inglaterra, sendo acusada de matar mais de 400 bebês, de acordo com matéria do periódico Daily News, disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2283302/Britains-worst-serial-killer-The-Victorian-angel-death-murdered-400-babies.html>. A literatura sobre o tema também é profícua. Destaco aqui JALLAND, Pat. **Death in the Victorian Family**. Oxford: Oxford University Press, 1996, onde, na página 18 ela analisa o modelo protestante da “boa morte” como prenúncio da salvação, modelo este posteriormente integrado ao movimento evangelical. Ainda destaco a obra de CURL, James Stevens. **The Victorian Celebration of Death**. Thrupp: Sutton Publishing, 2000, p. 176 onde o autor aborda o florescimento dos cemitérios públicos e privados (pps. 69-80) e o desenvolvimento da cremação.

²³¹ ROWELL, 1974, p. 7.

²³² ROWELL, 1974, p. 2.

sentido, de acordo com Hofstadter “a religião foi o primeiro campo para o surgimento de uma tendência antiintelectualista.”²³³

Paradoxalmente, porém, nota-se que foi precisamente nas congregações americanas que surgiram os primeiros intelectuais e filósofos do calibre de Jonathan Edwards. A questão é que essa precisão acadêmica equilibrada pela vida piedosa não fazia parte integrante do movimento reavivamentista do qual Storrs e White eram partes constituintes. Ainda de acordo com Hofstadter:

Logo se tornou evidente que os expoentes radicais do revivalismo estavam desafiando todos os conceitos das igrejas constituídas, fosse congregacional, *dutch reformed*, a presbiteriana ou a anglicana. Os congregacionalistas da Nova Inglaterra e os presbiterianos em geral, estabeleceram que os clérigos deviam ser profissionais formados. Seus ministros eram tradicionalmente respeitados não só pela cultura como por sua devoção e qualidades espirituais. Mas a cultura era tida como essencial porque o conhecimento e a compreensão racional eram considerados vitais para a vida religiosa.²³⁴

Foi justamente por causa desse embate, com exortantes leigos solapando o clero profissional que Ellen White e sua família foram expulsos do seio metodista. Contudo, mesmo na denominação, exige-se que cada pastor, como condição obrigatória para sua ordenação, seja formado em seus seminários. Mais do que isso, em muitos casos (e sem bibliografia, como se é esperado) é visto por certos quadros como exagero. Dessa forma, até hoje (embora por parte de alguns e de forma cada vez menos majoritária) mantém-se certa dinâmica antiintelectualista que outrora fundamentou a igreja, com raras exceções que orgulham seus membros, sendo os mesmos excessivamente citados.

Os jornais da época, quando não devidamente centralizados totalmente em outros assuntos, visto que para muitos essas questões pertinentes ao céu e inferno pertenciam aos séculos anteriores, tentavam da melhor forma possível contemporizar ambas as discussões em debates acalorados. Neste sentido, destaca-se o periódico *The Church and the World* com artigos de autores das mais diversas linhas de pensamento, organizado pelo Rev. Orby Shipley. O periódico pode ser tomado como um exemplo das tensões entre os teólogos (leigos ou não) e

²³³ HOFSTADTER, Richard. **Antiintelectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 69.

²³⁴ HOFSTADTER, 1967, p. 85.

os secularistas, onde se propõe que cada qual fique restrito à sua própria área, o que era e ainda é algo simplesmente inimaginável para a Igreja Adventista do Sétimo Dia com seu pensamento holístico que, por certo, também abrange a chamada vida secular em todos os seus mais diferentes aspectos, indistintamente. No referido jornal, lê-se, acerca dessas tensões, entre a igreja e o mundo, certo artigo tenazmente denominado “Ciência e Oração” que diz o seguinte:

Os teólogos às vezes são acusados, e nem sempre injustamente, de se intrometer na província da ciência, e é impor as próprias interpretações arbitrárias na natureza. O aluno da Natureza, por outro lado, cai em um erro não menos grave, quando ele empurra suas conclusões para além dos limites legítimos de suas premissas, e argumenta a falsidade dos dogmas teológicos dos testes experimentais de ciência física.²³⁵

Sabe-se, no entanto, que o obsessivo culto vitoriano à morte segundo os padrões vitorianos²³⁶ não impressionou apenas os piedosos crentes, mas toda uma vasta geração de artistas (notadamente escritores e pintores), homens e mulheres que fizeram do século XIX, o século da morte, independentemente do antiintelectualismo algumas vezes ali embricado. Para tanto, basta uma rápida olhada nas obras do estadunidense Edgar Allan Poe para que o assunto - tanto da morte, quanto da imortalidade salte aos olhos. Poe, criador do gênero policial e mestre do terror, que até hoje leva consigo uma legião de “góticos” fãs e inspira novos escritores, escreveu que “todas as sensações pareceram ter sido engolidas num louco e precipitado mergulho, como se a alma afundasse no Hades”. Logo em seguida, talvez um tanto mais otimista e aludindo a Platão, diz que “nem mesmo no túmulo tudo está perdido. De outra forma, não haveria imortalidade para o homem.”²³⁷ A esses exemplos, tantos outros se somam ao período que Alberto Manguel afirma que “o conto de horror define suas regras e chega a seu apogeu na literatura anglo-saxônica”.²³⁸ Ainda, segundo o crítico Dawn Sova, o poema “Annabel Lee”, um dos mais conhecidos e comentados do autor é um poema “muito

²³⁵ MACCOLL, Malcolm. Science and Prayer. In: Shipley, Orbey (Org.) **The Church and the World: Essays on questions of the day**. Londres: Longmans, 1866. p. 412.

²³⁶ De acordo com HUNTER, Lyn. **A Victorian Obsession With Death: Fetishistic Rituals Helped Survivors Cope With Loss of Loved One**. Berkeleyan Online. Volume 28, número 27. April 2000. Disponível em <http://www.berkeley.edu/news/berkeleyan/2000/04/05/death.html>. Acessado em 25 de julho de 2013.

²³⁷ POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Cia das Letras, 2012. p. 110.

²³⁸ MANGUEL, Alberto (Org.) **Contos de Horror do Século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

preocupado com o efeito que a morte tem sobre a pessoa ou pessoas que deixaram para tudo para trás e explora os problemas que enfrentam em continuar a viver.”²³⁹ Como Poe, tantos outros,²⁴⁰ que não por acaso encheram as prateleiras das bibliotecas daquele século deram tenebrosa e mortificante cor ao imaginário do período, contribuindo para aumentar, mesmo nos púlpitos, o medo da morte e suas consequências eternas. Também na poesia feminina encontramos as mais diversas referências à “morte vitoriana”, indicando que as mulheres tinham relevância ao menos em assuntos artísticos e espirituais,²⁴¹ embora inclusive algumas poesias o neguem.²⁴²

Contudo, apesar do clima tenebrosamente pesado da morte vitoriana em todas as áreas da vida sobre o imaginário da população anglo-saxã, algumas vertentes pouco a pouco começavam a se destacar ao perceber que a morte eterna estava em franca desconexão com as novas teorias científicas, como a evolucionista, que ao enfatizar a conexão entre o homem e o mundo animal, “dificultou grandiosamente a doutrina da imortalidade como doutrina da religião natural”.²⁴³ Ainda, a doutrina da imortalidade da alma, vista sem embargo com grande pessimismo pelas consequências eternas oriundas de uma vida impenitente mostrava-se amplamente paradoxal ao potencial econômico sem paralelo da Inglaterra e do nascente Estados Unidos. Assim, a doutrina condicionalista proposta para a Igreja Adventista do Sétimo Dia e aceita pela denominação pouco depois - em 1848, quatro anos depois de sua constituição informal²⁴⁴ - criou as bases para

²³⁹ SOVA, Dawn B. **Critical Companion to Edgar Allan Poe: A literary Reference to his life and work.** Nova Iorque: Infobase Publishng, 2001, p. 25.

²⁴⁰ Para “não citar” Ann Radcliffe e H. P. Lovecraft.

²⁴¹ Mark G. Toulouse e James O. Duke encontraram, desde os tempos coloniais nos Estados Unidos, mulheres proeminentes na religião e espiritualidade. Destaca-se Anne Hutchinson, Phoebe Palmer, Margareth Fuller, Antoinette Brown, Lydia Maria Child, Georgia E. Harkness, Rosemary Radford Ruether e Sallie McFague. Ellen White não é citada e para os autores, não constitui fonte para a teologia daquele país, talvez precisamente por seu caráter antiintelectual. TOULOUSE, Mark; DUKE, James. **Sources of Christian Theology in America.** Nashville: Abingdon Press, 1999.

²⁴² Uma mulher anônima, simplesmente nomeada “*a lady*” escreveu por volta do início do século XIX o bonito texto “*Woman’s Hard Fate*”, onde clama que “subject to man in every state, how can she then be free from woes?” Especificamente sobre a morte, escreve Ellen Wilcox: “Why do I feel no fear”, I asked, Meeting YOU here this way? For I have sinned, I know full well; And is there heaven, and is there hell, And s ths the Judgment Day?”. BENNETT, Paula Bernat. **Nineteenth-Century American Women Poets: An Anthology.** Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998. p. 385 e 496.

²⁴³ ROWELL, 1974, p. 4. O espiritismo, filosofia que nasceu precisamente neste contexto, apesar de adepta da teoria da evolução tem, como se sabe, a imortalidade da alma em seus fundamentos inegociáveis.

²⁴⁴ Conforme ZACKRISON, Edwin. **In the Loins of Adam: A Historical Study of original sin in adventist theology.** Nova Iorque: iUniverse, 2004. p. 156.

todo o sistema de crenças da denominação, que ao mesmo tempo que clamava aos povos uma preparação para o “tempo do fim”, arrazoava acerca da necessidade irrestrita de cuidados intensivos tanto do corpo quanto do espírito, a fim de que o ser humano inteiro recebesse de Deus a salvação e o dom da imortalidade.

Esse cuidado da alma como um todo, fazendo da teologia adventista uma “teologia integral”, aliado ao seu ímpeto antipapal e contrária a tudo o que a denominação julgava antibíblica ao mesmo tempo que a tornou distinta da maioria das outras existentes, ainda assim não a colocou totalmente distante da época vitoriana sob termos teológicos. Na literatura da época, como oposição à ideia do tormento eterno, era comum mesmo aos anglicanos a leitura de textos que falavam sobre a materialidade e corporeidade do céu, aliado ao fato de uma boa morte ser um claro sinal de santificação e, portanto, de salvação. O Príncipe Albert e a Rainha leram juntos, nos seis meses imediatamente posteriores à morte da rainha mãe, como forma de consolação, o livro *Heaven our Home*²⁴⁵, onde se encontra textualmente a descrição de um céu sentimental e antropomórfico. Esse tipo de literatura era extremamente comum em Ellen White. A diferença é que para ela e os adventistas do sétimo dia, esses textos eram parte constitutiva de sua fé desde o princípio, não sendo um paliativo diante das agruras da vida face à morte. Parece ser impossível crer na literalidade da Parusia conforme as crenças adventistas do sétimo dia sem efetivamente crer na literalidade do céu e na ressurreição da carne. No âmago dessa esperança, indubitavelmente repousa a crença na imortalidade condicional. Diz ela, sem sombra de dúvidas, que

[...] estamos a caminho de casa. Aquele que nos amou de tal maneira que morreu por nós, construiu para nós uma cidade. A Nova Jerusalém é nosso lugar de repouso. Não haverá tristeza na cidade de Deus. Nenhum véu de infortúnio, nenhuma lamentação de esperanças frustradas e afeições sepultadas serão jamais ouvidas. Logo as vestes da opressão serão trocadas pela veste nupcial. Logo testemunharemos a coroação de nosso Rei!²⁴⁶

²⁴⁵ ROWELL, 1974, p. 10.

²⁴⁶ WHITE, Ellen. **Heaven**. Nampa. Pacific Press Publishing Association, 2003. p. 8. Conforme o original: We are homeward bound. He who loved us so much as to die for us hath builded for us a city. The New Jerusalem is our place of rest. There will be no sadness in the city of God. No wail of sorrow, no dirge of crushed hopes and buried affections, will ever more be heard. Soon the garments of heaviness will be changed for the wedding garment. Soon we shall witness the coronation of our King.

Dando crédito aos textos de Ellen White, além da vivência eterna dos justos na Nova Jerusalém, também lá reconheceremos nossos conhecidos e amigos, dando-se ênfase ao já destacado céu sentimental. A diferença - fazer aqui este destaque parece salutar - reside nos pré-requisitos para a obtenção deste corpo glorificado, ao contrário da categoria platônica que vê a alma em um constante estado de crescimento e júbilo. Para ela, sem a necessidade de um Salvador:

O semblante do Salvador ressuscitado, Sua maneira, Sua linguagem, tudo era familiar aos discípulos. Como Jesus ressurgiu dos mortos, assim hão de ressuscitar os que nEle dormem. Reconhecemos os nossos amigos, da mesma maneira que os discípulos a Jesus. Talvez hajam sido deformados, doentes, desfigurados nesta vida mortal, ressurgindo em plena saúde e formosura; no entanto, no corpo glorificado será perfeitamente mantida a identidade. Então conheceremos como também somos conhecidos.²⁴⁷

Até aqui foi evidenciado o momento histórico do surgimento do condicionalismo nos primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia bem como a relevância da doutrina como contraposição ao pessimismo daqueles tempos. Também foram percebidas certas semelhanças entre os escritos whiteanos e os vitorianos em relação à materialidade eterna - embora com diferentes aportes. Faz-se agora necessário nomear aqueles que, por essa linha condicionalista de pensamento, diretamente contribuíram para a construção teológica da denominação.

²⁴⁷ WHITE, 1940, p. 804. Pelo original: "The countenance of the risen Saviour, His manner, His speech, were all familiar to His disciples. As Jesus arose from the dead, so those who sleep in Him are to rise again. We shall know our friends, even as the disciples knew Jesus. They may have been deformed, diseased, or disfigured, in this mortal life, and they rise in perfect health and symmetry; yet in the glorified body their identity will be perfectly preserved. Then shall we know even as also we are known".

2.1.5 Os condicionalistas pioneiros na Igreja Adventista do Sétimo Dia

O já citado Georg Storrs levou definitivamente a teoria condicionalista ao movimento adventista - assim, quando esta se tornou denominação a crença já estava constituída - ainda em 1855 com sua publicação "*Six Sermons on the Inquiry Is There Immortality in Sin and Suffering?*" O livro com 164 páginas é o resultado de seis sermões específicos sobre o tema que, até o final do século XX tinha pelo menos 200 mil cópias impressas distribuídas.²⁴⁸

Ainda antes, em 1841, Storrs publicou três textos que reunidos formaram o *Are the Souls of the Wicked Immortal? In Three Letters*. Essa sua exposição, ampliada e revista, o levaria à publicação da obra de 1855. Durante este período, Storrs foi visitado pelo ministro millerita Calvin French, que pela primeira vez o levou a conhecer os distintos pontos de vista sobre a volta de Cristo em sua mais pujante vibração e literalidade, conforme as linhas de Miller. Devidamente convencido, Storrs acabou tomando parte plena e ativa no movimento, trabalhando com Charles Fitch, um dos mais proeminentes pregadores correligionários de Miller. Fitch, nos anos 30 do século XIX havia trabalhado com o famoso evangelista Charles Finney, também conhecido como o pai do "moderno reavivalismo".²⁴⁹ Essa relação, se não coloca o movimento adventista na vanguarda do reavivalismo, sem sombra de dúvida o arrola para muito próximo de seu seio. Assim, indiretamente, Storrs e sua redescoberta da doutrina condicionalista acaba constituindo um marco indelével no movimento.

A publicação de 1855 de Storrs não cita os filósofos gregos e baseia-se totalmente nas Escrituras, opondo-se ao "fatalismo calvinista".²⁵⁰ Para ele, não há qualquer evidência bíblica de que há imortalidade, exceto como dom de Deus, assunto que posteriormente seria retomado por seus seguidores, sem nenhuma

²⁴⁸ FROOM, 1959, p. 807.

²⁴⁹ De acordo com BARRY, Hankins. **The Second Great Awakening and the Transcendentalists**. Westport: Greenwood Press, 2004. p.137. Como John Wesley, Ellen White, Storrs, Miller e muitos outros reavivamentistas, uma dramática e assimilada conversão fez parte de sua vida. A conversão assinalada é ponto comum entre os membros desse grupo, de acordo com JOHNSON, James E. Charles G. Finney and a Theology of Revivalism. In: **Church History: Studies in Christianity & Culture**. Vol. 38, No. 3, Setembro, 1969, p. 338. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/3163157?uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102182338873>. Acessado em 26 de julho de 2013.

²⁵⁰ ZACKRISON, 2004, p. 133.

objeção. Ainda, o autor trata sobre a integralidade da alma, antecipando-se aos escritos holísticos de Ellen White. De acordo com Storrs:

O termo "imortalidade", ocorre apenas cinco vezes na Bíblia, e nunca se fala do ímpio, mas é aplicada a Deus e Seu Cristo, e está no sentido de algo a ser procurado para ser encontrado somente em Cristo . "Para os que, com perseverança em fazer bem, procuram honra, glória, imortalidade - vida eterna", Rom 2. 7. Por que, eu oro, são os homens a procurar por ele, se ele é a herança de todos?" "Pode o homem mortal ser mais justo do que Deus?" O corpo do homem não é justo nem injusto em si. Este texto, portanto, fala do homem, como tal, ou o homem inteiro, que se diz ser mortal. Paulo diz: "Se Cristo está em vós, o corpo está morto" (ou seja mortal, condenado a morrer), "por causa do pecado, mas o espírito é vida" (por que seria a alma imortal?) "por causa da justiça," o que implica claramente que ele está sendo justo, ou tendo Cristo neles, e tendo o Espírito de Deus, que vai torná-los imortais [...]. Assegura-lhes que os seus corpos mortais, deve ser ascendidos, ou seja, serem tornados imortais pelo Espírito daquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos.²⁵¹

Orgulhavam-se Storrs e os milleritas de consultarem apenas a Bíblia. O texto acima, sem qualquer outra fonte, assevera precisamente isso. Sua análise do texto de Mateus capítulo 25, versos 25 e 26, parece não deixar dúvidas ao alegar que qualquer objeção contrária pode ser considerada como uma perversão das Escrituras. Segundo ele:

Aqui não há idéia de eterna existência consciente, ou uma vida eterna miserável, mas a perda de vidas. Não poderia ser uma perda da alma, se a alma continua vivendo. Não, diz o objetor, isso significa perda de felicidade para a alma. Eu respondo, a perda de felicidade é uma coisa, e a perda da alma é outra e uma coisa muito diferente. Suponha que eu deveria interpretar a expressão: "Quem quiser salvar a sua vida vai perdê-la", para significar que a pessoa que procura salvar a sua vida perder, não sua vida, mas a felicidade! Não seria o próprio objetor chamá-lo de uma perversão das Escrituras? Mas isso não é mais uma perversão ao dizer que a perda da alma significa apenas a perda de sua felicidade.²⁵²

Essa hermenêutica bíblica leiga peculiar tornar-se-ia padrão também na interpretação das Escrituras pelos adventistas do sétimo dia. Sob a mesma perspectiva considerada otimista é que ainda hoje esses crentes continuam alegando ponto por ponto as considerações bíblicas originalmente apresentadas

²⁵¹ STORRS, George. **Six Sermons on the inquiry Is There Immortality In Sin and Suffering?:** Also, a Sermon on Christ the Life-Giver: or, The Faith of the Gospel. Nova Iorque: Bible Examiner, 1855. p. 43. (A tradução é minha).

²⁵² STORRS, 1855, p. 93.

pelo até então metodista Storrs, demonstrando a multiplicidade de fontes que deram origem à denominação.

Roswell Fenner Cottrel (1814-1892) é outro adepto da doutrina condicionalista que figura nos quadros da igreja, considerado pioneiro e ainda hoje lido. Aos 30 anos de idade assistiu a uma reunião pública de Miller e logo sentiu a experiência da conversão típica das descritas entre os reavivalistas, definitivamente ingressando no movimento. Logo passou a escrever prolificamente nas primeiras revistas adventistas do sétimo dia sobre os mais distintos temas como “lições da Escola Sabatina sobre a Lei de Deus, a Fé de Jesus, a Queda das Estrelas em 1833 e problemas nacionais”.²⁵³ A multiplicidade de temas por ele redigidos, desde questões soteriológicas, passando por escatologia e questões de cunho nacional indicam, como já demonstrado, a carência de distintos autores que fossem responsáveis por áreas de estudo e interesse.

Em relação ao seu pensamento condicionalista, Cottrel segue as linhas mestras de Storrs. Contudo, Cottrel não mantém o caráter panfletário de Storrs ao tornar a divulgação dessa doutrina como missão de vida. Cottrel, no entanto, coloca a questão da mortalidade do ser humano em contraposição às glórias do futuro. Segundo ele:

O dia perfeito, quando os justos se tornam perfeitos está ainda no futuro. É verdade que o homem do pecado, quando chegou à idade adulta, tinha guardado essas "coisas de menino", como profecias, línguas e conhecimentos, e também a fé, esperança e caridade dos cristãos primitivos. Mas não há nada no texto para mostrar que Deus projetou tirar os dons que ele havia criado na igreja e até mesmo a consumação de sua fé e esperança e a gloriosa superação do estado imortal deve eclipsar as telas mais brilhantes do poder e do conhecimento espiritual, já manifestada neste estado mortal em que nos encontramos.²⁵⁴

Ainda James White (1821-1881), outro pregador millerita e esposo de Ellen White, foi quem desde cedo abraçou a doutrina da mortalidade condicional. Como Cottrel, escreveu inúmeros artigos acerca dos mais distintos temas de fé em várias revistas denominacionais, muitas delas dirigidas por ele mesmo. Durante boa parte do transcurso de sua vida na igreja, ele a presidiu e não poucas vezes, ainda que

²⁵³ STEINWEG, Marlene. Roswell Fenner Cottrel (1814-1892). In: **Adventist Pioneer Library**, Vol. 4., No. 3, 1994, p. 5.

²⁵⁴ COTTREL, Roswell Fenner. **Spiritual Gifts**. Uriah Smith: Battle Creek, 185[-]. p. 6. (A tradução é minha)

hesitante²⁵⁵, publicou dezenas de textos da pena de sua esposa. Acerca da mortalidade da alma durante a duração da morte antes da Ressurreição, escreveu ele que:

É razoável supor que em toda a vasta multidão de passagens em que Cristo prometeu a vida, vida eterna, para seus seguidores, foram literalizadas as palavras que disse? Isso ele não poderia [dizer], se todos os homens têm vida imortal por natureza. Nesse caso, o ímpio vai viver por toda a eternidade, assim como o justo.²⁵⁶

Continua James White, deixando bastante claras as suas ideias de negação ao tormento eterno materializado pelo purgatório ou o inferno ao dizer que:

É possível que Deus possa lançar em uma massa indiscriminada de tormento ardente, a menos perverso entre as nações, juntamente com o mais culpado nesta terra cristã? Tal deve ser o caso, se suas almas são imortais, o seu tormento eterno. Não pode haver gradação aquilo que é infinito.²⁵⁷

Outros autores adventistas pioneiros foram excluídos destas páginas visto que os acima citados parecem ser suficientes. Mesmo os que aqui aparecem, escreveram muito mais do que o apresentado, mas a ideia básica é unir os autores a um dos pontos mais caro do adventismo, que é atrelar a mortalidade a uma teologia integral.

Ao tornar a questão do sono da alma de importância fundamental para o adventismo do sétimo dia, a igreja tem trazido à luz (desde sempre) a questão do monismo bíblico. Assim, segundo a interpretação adventista, toda e qualquer expressão do ser, para sua plenitude possível neste mundo de realizações ainda não plenas, depende do todo humano, incluindo, sem embargo, também o sistema orgânico, ou seja, o ser humano em sua existência física, real e processual: o “ser-aí” complementado pelo aporte espiritual. Contudo, este ser-aí não é tão-somente um ser, ao modo existencialista, sem sentido ou mesmo noção de sentido: ao contrário, o ser humano, homem e mulher, percebe-se absolutamente importante na

²⁵⁵ Temas polêmicos que “não deveriam ser escritos por mulheres”, como a pornografia e a sexualidade, hoje publicados em um volume especial devidamente organizado pelos depositários dos escritos de Ellen G. White.

²⁵⁶ WHITE, James. **Appeal on Immortality**. Seventh-day Adventist Publishing Association. Battle Creek, 18[--]. p. 1.

²⁵⁷ WHITE, 18[--], p. 4.

obra criadora divina, possuindo mesmo uma fagulha Daquele que tudo criou. Dessa forma, os componentes constituintes do ser humano trabalham em conjunto formando uma totalidade inseparável: a separação do corpo como um ente distinto vivendo longe da espiritualidade que o faz equilibrado pode ser indicativo de uma vida que levará à morte eterna.²⁵⁸ Assim, a teologia adventista sob este ou qualquer aspecto doutrinário - percebendo a unidade de sua doutrina sob o escopo principal da imortalidade condicional da alma dentro do escopo ainda maior do grande conflito cósmico²⁵⁹ - é uma doutrina também do corpo que afirma não existir uma segunda chance de redenção, caso este se perca ou pereça sob o pó da terra sem espírito quebrantado. Por essa associação, esta é uma teologia teleológica e marcadamente processual, pois no fim de tudo aqui na Terra nesse estado, embora o fim não se dê com o fim do corpo - afinal haverá imortalidade aos justos no céu literal. Essa premissa faz com que o ser humano seja posto em foco com seu todo, pois que o mesmo encerra dentro de si um espírito que sozinho não tem qualquer poder de sair da carne viva ou podre e assim imiscuir-se em intrigas, sabores ou dissabores humanos, visto que, com a morte, este não estará em qualquer plano acessável por seres humanos. Eis, para o adventista do sétimo dia, a importância da real percepção do destino do corpo e sua função para a salvação. Concordam os adventistas do sétimo dia com as palavras de Parley Pratt, pioneiro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acerca da integralidade entre corpo e espírito que poeticamente escreveu que:

A carne, ossos, tendões, nervos - todos os órgãos - todas as partículas do corpo celeste, devem ser preenchidas, cercadas com esse elemento divino

²⁵⁸ O “pode” da frase deve ser negrito em virtude dos adventistas do sétimo dia, como os cristãos protestantes históricos, se considerarem crentes no Deus que salva pela graça, mediante a fé por Ele mesmo imposta. Dessa forma, mesmo aqueles que tratem seus corpos com desleixo e mesmo duvidarem de Deus até seus momentos finais, ainda poderão ser salvos pela misericordiosa graça divina, se tão-somente confessaram seus pecados e entregarem corpo e espírito Àquele que os criou. A ênfase adventista se encontra precisamente no que esses homens e mulheres perdem, mesmo na terra, ao assim trarem seus corpos, ainda que posteriormente ganhem o céu. Para os adventistas, em virtude da literalidade como veem as coisas celestiais, apregoam que aqui mesmo na Terra em seu estado atual é possível viver, ainda que por momentos, como no Céu. Desse forma, obviamente, o corpo saudável e equilibrado favorece esse sentimento.

²⁵⁹ O aporte material terrestre presentifica-se no conflito que começou no Céu terrestre e terminará na terra. Assim, novamente, o corpo está aqui bastante demarcado.

e sagrado, que é mais puro, mais inteligente, mais refinado e ativo, mais cheio de luz e vida, do que qualquer outra substância no universo.²⁶⁰

A unidade integral e indissociável entre o corpo físico em busca do corpo espiritual e imortal, o chamado monismo bíblico, como se verá no próximo capítulo, foi grandemente ilustrada por Ellen White magistralmente descreveu o estado do homem na morte. A natureza e o destino do homem, bem como as perspectivas bíblicas da morte comentadas por Ellen White serão vistas a seguir.

2.2 A natureza e destino do ser humano e sua condição mortal segundo a teologia whiteana legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia

O cristianismo, conforme entendido certamente não apenas por Ellen White, ensina que a ressurreição eterna atingirá o ser humano como um todo, com seu corpo e sua alma. Para tanto, é tão-somente pela fé que homens e mulheres podem abraçar esta firme esperança. São os ventos que trouxeram outras filosofias totalmente diferentes dessas que provocam desintegrações morais e toda sorte de perturbações em nossos tempos. A crise existencial pela qual passam os seres humanos simplesmente não será superada até que estes se voltem para Deus. Eis aí, em linhas gerais, o pensamento adventista do sétimo dia, que põe em linha ao mesmo tempo o desenvolvimento espiritual e o físico em mesmo grau de importância. O materialismo whiteano legado à sua denominação não encontra morada nos anseios materiais peculiares a homens e mulheres, mas fala da materialidade de um corpo em busca de sua alma - ou seja, o homem em busca de Deus, encontrando neste caminho uma vida de santificação. Por este motivo, como alegado, é uma teologia teleológica e, portanto, finalista, procurando levar a homens e mulheres o equilibrado anseio que só uma vida em Cristo pode proporcionar. É inegável que a busca pela santificação seja aqui plenamente anelado por esses crentes - a santificação também do corpo.

Contrariamente à filosofia clássica que diz que o destino da alma não pode ser função humana, os escritores bíblicos, tanto os do Novo quanto os do Antigo

²⁶⁰ PRATT, Parley P. **Key to the Science of Theology**: an introduction to the first principles of spiritual philosophy; religion; law and government. Liverpool: R.D. Richards, 1855. p. 81. (A tradução é minha).

Testamento, afirmam que “o desejo pela imortalidade é encontrado nas profundezas da natureza humana”.²⁶¹ Eis aí, para o autor, o desejo mais profundo da religião cristã. A grande questão do cristianismo, que contrapõe a filosofia é que enquanto esta tende a ver o homem e a mulher como um todo de forma puramente metafísica, aquela coloca o ser todo, ainda que imiscuido de grandes responsabilidades pessoais (eis aí a busca pela santificação), nos braços de Deus. Segundo Zurcher, é a leitura monística (não dual) da Bíblia que equilibra perfeitamente o ser humano em indissociável unidade. Segundo ele:

A psicologia bíblica é monista, ou seja, apresenta o homem como uma unidade perfeita e indissolúvel: corpo, alma e espírito. Este é o resultado natural da tendência do espírito semita. [...] É de suma importância para a compreensão da Bíblia e não pode ser exagerada: para a compreensão do homem, esta noção é essencial. [...] Nos textos referentes às manifestações da vida física, psíquica e espiritual, não há dúvida de que cada um é sempre a expressão de uma totalidade indivisível, da realidade humana por inteiro.²⁶²

Para Zurcher, não há qualquer sombra de dúvida que o homem é completo enquanto possuidor de um corpo e de uma alma, alma esta mortal, como já anteriormente visto. Certamente, essa compreensão transforma o ser humano, de acordo com a compreensão bíblica, em um ser muito maior e mais relevante do que qualquer animal, visto que dotado de caracteres divinos, ainda que encarnados e em busca da glorificação. Diz Ellen White neste sentido que:

²⁶¹ ZURCHER, J. R. **The Nature and Destiny of Man**: Essay on the problem of the Union of the Soul and the Body in Relation to the Christian Views of Man. Nova Iorque: Philosophical Library, 1969. p. 147. (A tradução é minha). Concorda com ele, como não poderia deixar de ser, Froom, que escreveu que: “O cristianismo primitivo era monista, afirmando que “tudo o que existe” foi derivado de uma única origem - o absoluto, infinito Deus do Antigo e do Novo Testamento, de quem Paulo diz que só Nele há imortalidade. FROOM, 1959, p. 860. Também o já aludido Jonathan Edwards - embora Calvino fosse conscientemente contrário à concepção monística - concebia o corpo e a “alma” como um só órgão, conforme McClymond e McDermott: Logo no início, Edwards havia determinado que a única maneira de Deus estar em uma criatura era pelo Espírito Santo [...] dizendo que o Logos fala e age usando a natureza humana de Cristo, sendo o corpo e a alma, como um único órgão. MCCLYMOND, Michael James; MCDERMOTT, Gerald R. **The Theology of Jonathan Edwards**. Oxford: University Press, 2012. p. 256. Conforme o original: “Early on, Edwards had determined that the only way for God to be in a creature was by the Holy Spirit acting as a... by saying that the Logos speaks and acts by using the human nature of Christ, both body and soul, as an organ.” (Traduzido pelo autor). Ainda assim, analisou Edwards essa relação sob diferentes escopos: “Edwards acreditava na unidade da pessoa humana, mas isso não o impediu de analisar diferentes aspectos do que a unidade, como corpo e alma”. MCCLYMOND e MCDERMOTT, 2012, p. 468.

²⁶² ZURCHER, 1969, p. 150.

O homem é um ser dual, intelectualmente falando. Ele é criado com uma inteligência que é formada em sua corporeidade, ou, como poderíamos dizer, em sua parte, com propensões e desejos. Este departamento da natureza humana corresponde ao primeiro compartimento do santuário. "Mas o homem também é dotado de uma inteligência que é distinta da sua natureza animal, e infinitamente superior a ele. Isso é chamado de "homem interior". Quando Cristo vem a nós nos méritos de Seu próprio sangue e como Sumo Sacerdote entra no coração, o lugar mais sagrado, Ele fala da vida e poder para as energias adormecidas da glória divina, e da alma humana Sua glória resplandece.²⁶³

Ao dizer que a glória divina resplandece na alma humana e que o ser humano é dotado de corporeidade, clarifica Ellen White o que é o ser humano - pouco menor em glória do que um anjo, mas totalmente dependente da misericórdia de Deus. Dá-se assim uma cooperação divino-humana²⁶⁴ (cujo trabalho conjunto reside na base de seus escritos sobre santificação), sem a qual, aí sim, o ser humano não passa de

²⁶³ WHITE, Ellen. *The Medical Missionary*, June 1904, 169, p. 170. Disponível em: <http://egwtext.whiteestate.org/publication.php?pubtype=Book&bookCode=IJWEGW&lang=en&collection=6§ion=all&pagenumber=3¶graphReferences=1>. Acessado em 26 de julho de 2013. Conforme o original: "Man is a dual being, intellectually speaking. He is created with an intelligence which is formed of his bodily, or, as we might say, his animal, propensities and desires. . . . This department of human nature corresponds with the first compartment of the sanctuary. But man is also endowed with an intelligence that is distinct from his animal nature, and infinitely superior to it. This is called the 'inward' or 'inner man.'... When Christ comes to us in the merits of His own blood and as High Priest enters into the heart, the holiest place, He speaks life and power to the dormant energies of divine glory, and then from the human soul the glory shines forth.

²⁶⁴ Há realmente muitas citações whiteanas ao trabalho divino-humano como de valor imprescindível para a salvação. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, de caráter arminiano, crê, portanto, no livre-arbítrio, mas advoga que sem a cooperação com o divino não há chance de santificação e salvação. Diz ela que: "The world is a workshop in which, through the cooperation of human and divine agencies, Jesus is making experiments by His grace and divine mercy upon human hearts". WHITE, Ellen. **Counsels for the Church**. Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 1991. p. 240. Em português: "O mundo é uma oficina em que, através da cooperação de agências humanas e divinas, Jesus está fazendo experimentos por Sua graça e misericórdia divina nos corações humanos." Ainda: "It is important that every worker should understand that conviction and conversion of souls follow the cooperation of the human effort with the divine power." WHITE, Ellen. **Counsels on Sabbath School**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1938. p. 157. Em português: "É importante que todos os trabalhadores devem entender que a convicção e conversão das almas siga a cooperação do esforço humano com o poder divino". Também encontramos que: "Christ is waiting for the cooperation of human agencies, that He may impress the hearts of our children and youth. With intense desire heavenly beings long to see parents making that preparation which is essential if they and their children stand loyal to God in the coming conflict, and enter in through the gates to the city of God." WHITE, Ellen. **In Heavenly Places**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1967. p. 213. Em português: "Cristo está esperando a cooperação de agentes humanos, para que Ele possa impressionar os corações de nossas crianças e jovens. Com desejo intenso seres celestiais há muito querem ver os pais fazendo esse preparo que é essencial para que eles e seus filhos sejam leais a Deus no conflito que vem, e entrar pelas portas da cidade de Deus". Finalmente, diz White que: "It must be line upon line, and precept upon precept, to guide and train the human moral agent to work in cooperation with God. God works in the human agent by the light of His truth. The mind enlightened by the truth, sees truth in distinction from error". WHITE, Ellen. **Mind, Character, and Personality**. Nashville: Southern Publishing Association, 1977. p. 350. Em português: "Deve ser linha sobre linha, preceito sobre preceito, para orientar e treinar o agente moral humano para trabalhar em cooperação com Deus. Deus trabalha com o agente humano à luz da Sua verdade. A mente iluminada pela verdade, vê a verdade em distinção do erro". (As traduções são de minha autoria).

um animal, visto que sua relação pessoal com Deus é nula. Sem Deus, o corpo não cumpre seus propósitos e a alma se perde.²⁶⁵ Ellen White também aludiria às palavras de Zucher e Froom ao pretender que a Bíblia inteira, indistintamente o Antigo e o Novo Testamento estão imbuídos do mesmo poder visto que inspirada pelo mesmo Autor²⁶⁶. Portanto, a dimensão judaica da totalidade humana - “o espírito semítico” - é por ela afirmada inclusive ao aconselhar a alimentação descrita no Antigo Testamento como a melhor também (e cada vez mais) em nossos dias.

Dessa forma, o ser humano encarnado não é um pecador tão-somente por ser carnal, mas apenas e somente quando sua carne, comandada por sua mente, se coloca em posição de rebelião contra Deus. Precisa o ser humano, dotado de forças sobre-humanas e, portanto, divinas, receber o devido potencial para que o mesmo tenha determinante poder para de forma ousada vencer as tentações que levam inequivocadamente ao pecado e à morte. Contudo, em razão do pecado perpetrado pelo primeiro casal criado por Deus, este entrou amplamente no mundo e resta ao homem e à mulher de todas as épocas lutarem contra ele. O pecado, portanto, tem o seu lugar privilegiado no corpo e, por isso, é a partir de uma mente equilibrada que este mesmo corpo precisa estar devidamente habilitado para lutar contra o mal²⁶⁷. O Grande Conflito cósmico é, sempre segundo a teologia adventista do sétimo dia, corporal e sanguíneo, atingindo cada ser humano com maior ou menor intensidade, dependendo de próprio autodomínio para se libertar do seu “eu” que ainda tem parte com o pecado.

Note-se aqui a relevância grandiosa do corpo em estrita e indissociável relação com a alma e seu cuidado para o destino final desta e a inquestionável

²⁶⁵ Conforme WHITE, 1958, p. 143: “[homens e mulheres] saem para o trabalho como o boi ou o cavalo, sem um pensamento de Deus ou do Céu. Têm almas tão preciosas que, em vez de consentir o Filho do homem ficassem elas desesperadamente perdidas, deu Ele a vida para resgatá-las; eles, porém, têm pouco mais apreciação de Sua grande bondade do que a têm os animais que perecem”. Conforme o original: “They have no time to offer prayer for divine help and guidance and for the abiding presence of Jesus in the household. They go forth to labor as the ox or the horse goes, without one thought of God or heaven. They have souls so precious that rather than permit them to be hopelessly lost, the Son of God gave His life to ransom them; but they have little more appreciation of His great goodness than have the beasts that perish.”

²⁶⁶ Isso pode ser visualizado em WHITE, Ellen. **Selected Messages III**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1980. p. 88.

²⁶⁷ De acordo com ANDREASEN In: DEDEREN, 2011, p. 383. “Ellen White enfatizou que, como consequência do pecado, a morte é causada pelo desrespeito humano à lei de Deus, inclusive a lei da natureza e as leis da saúde. Esse discernimento, por sua vez combinado com sua concepção holística do desenvolvimento humano, trouxe finalmente para os adventistas do sétimo dia o compromisso com o cuidado da saúde e a educação.”

relevância da doutrina do pecado original e suas implicações para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. O pecado corporal de Adão e Eva fez com que a raça humana caísse e necessitasse sem embargo de um Salvador.²⁶⁸ Com relação à tríade “corpo, alma e espírito”, Ellen White escreveu prolificamente acerca da união dos três - na verdade, corpo e espírito que formam uma alma, como se verá adiante - fazendo do todo humano sua teologia, não sendo esta fixada em questões amplamente doutrinárias e teológicas. De acordo com suas palavras:

Todos quantos consagram corpo, alma e espírito a Seu serviço estarão constantemente recebendo nova provisão de poder físico, mental e espiritual. Os inesgotáveis abastecimentos celestes se acham a sua disposição. Cristo lhes dá o alento de Seu próprio espírito, a vida de Sua vida. O Espírito Santo desenvolve suas mais altas energias para operar na mente e no coração. Mediante a graça a nós dada podemos conseguir vitórias que, devido a nossas opiniões errôneas e preconcebidas, nossos defeitos de caráter, nossa pouca fé, têm-se-nos afigurado impossíveis.²⁶⁹

Embora a declaração acima indubitavelmente afirme que o corpo e o espírito constituam fonte de poder mútuos sem o qual não vive o ser humano, fica também plenamente a isto associado o labor divino na pessoa do Espírito Santo, sem o qual não há qualquer possibilidade de equilíbrio entre as partes componentes do ser humano. Dessa forma, sob a perspectiva whiteana legada aos adventistas do sétimo dia, o materialismo (ou “corporalismo”) tão aludidos em seus escritos não são de nenhum valor quando colocados fora do campo de atuação de Deus. Aqui, mais uma vez, fica evidente a comentada cooperação divino-humana dos escritos de White em sua proposta de santificação. Fica também plenamente patenteado ao adventismo do sétimo dia seu caráter arminiano, visto que, ao serem permitidos ao ser humano possibilidades de escolha com relação aos usos e abusos de seu corpo e mesmo de assimilação ou não ao trabalho do Espírito Santo, tem este ser percepção de seu livre-arbítrio. Contudo, deve o ser humano, por sua livre e espontânea vontade - fruto

²⁶⁸ WHITE, 1907, p. 544. Segundo ela: “In consequence of Adam’s sin, death passed upon the whole human race. All alike go down into the grave”. Em nossa língua: “Em consequência do pecado de Adão, a morte passou a todo o gênero humano. Todos devem descer à sepultura”

²⁶⁹ WHITE, 1942, p. 159. Pelo original: “All who consecrate body, soul, and spirit to His service will be constantly receiving a new endowment of physical, mental, and spiritual power. The inexhaustible supplies of heaven are at their command. Christ gives them the breath of His own Spirit, the life of His own life. The Holy Spirit puts forth its highest energies to work in mind and heart. Through the grace given us we may achieve victories that because of our own erroneous and preconceived opinions, our defects of character, our smallness of faith, have seemed impossible.”(A tradução é de minha autoria).

do trabalho do Espírito Santo - entregar todas as suas potencialidades a Deus. Sobre isto - e ainda tratando da relação entre corpo, alma e espírito, escreve Ellen White que:

Dêem-se de corpo, alma e espírito a Deus, para ser empregados por Ele em salvar almas. Eles não estão na liberdade de fazerem de si mesmos o que lhes aprouver; pertencem a Deus; pois Ele os comprou com o sangue de Seu Filho unigênito. E, à medida que eles aprenderem a permanecer em Cristo, não restará no coração nenhum espaço para o egoísmo. Em Seu serviço encontrarão a mais plena satisfação.²⁷⁰

É interessante perceber que precisamente nesta tênue relação entre a liberdade proporcionada pelo livre-arbítrio e a clara afirmação whiteana que diz que homens e mulheres “não estão na liberdade de fazerem de si mesmos o que lhes aprouver” reside certas e ainda não resolvidas questões entre o “adventismo legalista” e aquele considerado mais equilibrado. De todo modo, ainda que os dois “adventismos” proporcionem momentos de disparidades, a igreja pensa de forma monolítica essa efetiva relação entre corpo e espírito.

Em outro texto, Ellen White facilita seu entendimento, resumindo em um ditame sua concepção conectiva entre as partes do todo humano e a Lei de Deus, presumindo que a partir do amor a Deus descendem todas as coisas. Assim mesmo, este amor não deve e não pode ser manifestado apenas em orações, sem qualquer relação com o ser e fazer. Assim afirmar seria destruir ao tão aludido pragmatismo estadunidense do século XIX e ainda hoje perceptível, herdado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Afirma ainda Ellen White que:

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo." Luc. 10:27. Estas palavras resumem todo o dever do homem. Significam a consagração de todo o ser, corpo, alma e espírito, ao serviço de Deus. Como podem os homens obedecer a essas palavras e ao mesmo tempo comprometer-se a apoiar aquilo que priva seus vizinhos da liberdade de ação? E como podem os homens obedecer a essas palavras e formar combinações que roubam às classes mais pobres as vantagens que

²⁷⁰ WHITE, Ellen. **Counsels to Parents, Teachers, and Students**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1943. p. 523. Pelo original: "Let them give themselves, body, soul, and spirit, to God, to be used by Him in saving souls. They are not at liberty to do with themselves as they please; they belong to God, for He has bought them with the lifeblood of His only-begotten Son. And as they learn to abide in Christ, there will remain in the heart no room for selfishness. In His service they will find the fullest satisfaction." (Tradução do autor).

justamente lhes pertencem, privando-as de comprar ou vender, exceto sob certas condições?²⁷¹

Aqui, a proposta holística whiteana transcende qualquer ser humano dentro de si e o eleva a fazer aquilo que fez o próprio Cristo. Desta forma o corpo - embora assim denominado porque se refere à materialidade do ser - não é apenas o corpo individual, mas a totalidade dos filhos e filhas de Deus. Quando homens e mulheres entregam-se de corpo, alma e espírito Àquele que os fez, o mundo inteiro, sem restrições, passam a ser o corpo e a alma de Cristo, visto que todos os assim envolvidos vivem em conformidade com Seu Espírito. As quase inumeráveis propostas e conselhos dela em relação ao cuidado de cada parte do ser humano, indiscutivelmente convergem para esta unidade e humanidade planetária. Eis porque a teologia adventista do sétimo dia, em sua materialidade, é idílica ao pressupor a tentativa de reconstrução do Éden em cada lar com o objetivo de expansão à vizinhança e adiante. A integralidade whiteana tem início no ser humano individual, mas objetiva-se por concretizar que, ainda que somente depois da Parusia, “Deus será tudo em todos” - material e imaterialmente. Eis, nos mais diversos contextos, textos whiteanos que, seguindo o modelo monista semítico, transcende a lógica filosófica em suas pretensões metafísicas, ao buscar este ser a humanidade em busca de si mesmo - um processo ontológico, portanto.

2.3. Alma e Espírito: Definições Adventistas do Sétimo Dia

Até aqui foi visto acerca da relevância da concepção monista do ser humano para o desenvolvimento prático e doutrinário da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Compete agora abordar suas definições de corpo, alma e espírito. Assim fazendo, será percebido que a teologia da referida denominação - apesar de sempre revisada - neste ponto, ou seja, nestas concepções, não mudou, atestando ela própria sua centralidade bíblica ao afirmar desde seus inícios, a mortalidade da alma e seu

²⁷¹ WHITE, Ellen. **Country Living**. Washington.: Review and Herald Publishing Association, 1946. p. 11. Pelo original: "Thou shalt love the Lord thy God with all thy heart, and with all thy soul, and with all thy strength, and with all thy mind; and thy neighbor as thyself." These words sum up the whole duty of man. They mean the consecration of the whole being, body, soul, and spirit, to God's service. How can men obey these words, and at the same time pledge themselves to support that which deprives their neighbors of freedom of action? And how can men obey these words, and form combinations that rob the poorer classes of the advantages which justly belong to them, preventing them from buying or selling, except under certain conditions?"

posicionamento contrário às propostas científico-filosóficas majoritárias²⁷². Essa perspectiva coloca os adventistas do sétimo dia em uma posição minoritária em relação às outras denominações cristãs. De acordo com Conkin:

[...] As corrupções do mundo atual exigem um evento apocalíptico com a intervenção de um salvador divino, o reino vindouro será, em todos os sentidos, um reino, literal mundano, presidido por Jesus. Vai envolver uma ressurreição literal. As pessoas vão voltar à vida novamente. Isso indica (...) um repúdio a qualquer crença em uma mente separável, ou alma, qualquer concepção "espiritual" do reino, e de qualquer continuação da pessoa humana após a morte e antes da ressurreição (uma doutrina muitas vezes chamado sono da alma). Esta rejeição de imaterialismo grego tem permanecido um marco distintivo dos adventistas, e correlativo a esta tem sido uma rejeição de qualquer conceito de tormento sem fim.²⁷³

Para os adventistas do sétimo dia, os fundamentos de suas doutrinas ou crenças fundamentais estão estritamente ligados a sua forma peculiar de ler alguns pontos da Bíblia, sem qualquer outra literatura de apoio, exceto os livros que comentam sobre as Escrituras (os de Ellen White, por exemplo) mantendo os mesmos posicionamentos da denominação. Para esses, a Bíblia deve ser lida sob alguns princípios fundamentais de interpretação, tais como a exclusividade e suficiência da Escritura e sua totalidade, percebendo assim que toda a Escritura é inspirada por Deus. Por essa concepção, são facilmente perceptíveis grandes aportes extraídos do judaísmo antigo e contemporaneamente inseridos na teologia adventista do sétimo dia, como as questões alimentares e a própria doutrina da mortalidade da alma, extraída diretamente do pensamento semítico e sem qualquer conexão com o grego²⁷⁴. Tão importante quanto a leitura total das Sagradas Escrituras é a percepção que a Bíblia é a Palavra de Deus e não simplesmente a contém. Sendo “Palavra de Deus”, esta deve ser interpretada por si mesma - sendo os comentários de outros autores de caráter didático e ilustrativo - bem como ser

²⁷² “Os adventistas do sétimo dia nem mesmo por um momento admitem a possibilidade de um conflito entre a ciência e a religião”. GENERAL CONFERENCE. **Belief and Work of Seventh-day Adventists**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1937. p. 29.

²⁷³ CONKIN, Paul K. **American Originals: homemade varieties of Christianity**. Chapel Hill: The University of North Caroline Press, 1997. p.115.

²⁷⁴ De acordo com Joel B. Green: “Para Escrituras de Israel, a morte nunca é uma questão meramente de cessação biológica. [...] Estes incluem pelo menos três afirmações - em primeiro lugar, a existência humana é marcada pela finitude, em segundo lugar, a morte é absoluta e, terceiro, a morte é considerada como a esfera em que a comunhão com o Senhor está perdido.” GREEN, Joel B. **Body, Soul and Human Life: The Nature of Humanity in the Bible**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008. p. 146. Original?

clara e harmônica entre si, sendo mediada pelo Espírito Santo e enriquecendo a vida espiritual do próprio leitor-intérprete. Partindo desses pressupostos, os adventistas do sétimo dia concordam com a declaração de Karl Barth (apesar de sua diferente linha geral de pensamento), ao afirmar que “nós encontramos na Bíblia um novo mundo”,²⁷⁵ um mundo de positivas possibilidades materiais e transcendentais, bem com a “glória e o incompreensível amor de Deus”. Ao “escutar” a Palavra de Deus, exclui-se qualquer possibilidade de salvação em outra fonte e por essa mesma razão, como já aventado anteriormente, qualquer possibilidade de ruptura com a Bíblia em razão da Ciência está previamente descartada.

Afinal, para estes, muitas vezes, a Bíblia tem sido afirmada à luz das mais diferentes ciências, sendo uma questão de tempo e adequação para aquelas questões ainda destoantes. Com esse pensamento, os adventistas do sétimo dia tendem a se perceber como estudantes cientes da necessidade de beber apenas daquela fonte. Deve o labor teológico, ainda que leigo, e a humildade, ser dois distintivos do leitor bíblico, que sempre deve fazê-lo para ser engrandecido de fé e espiritualidade, não por louvores de seus pares. Assim, novamente esses concordam com o já citado Barth ao este afirmar que

A Bíblia nos diz não como devemos falar com Deus, mas o que ele nos diz, não como nós encontramos o caminho para Ele, mas como ele procurou e encontrou o caminho para nós, não a relação correta em que devemos nos colocar diante Dele, mas o concerto que Ele fez com todos os que são filhos espirituais de Abraão e que selou de uma vez por todas em Jesus Cristo. É isto o que está na Bíblia.²⁷⁶

Guiados por esse pensamento, ou seja, partir daquilo que Ele nos diz e não aquilo que gostaríamos de ouvir, é que os adventistas do sétimo dia marcham contra a grande e majoritária corrente doutrinária cristã (ainda que com aliados contemporâneos famosos) no que diz respeito à unidade do ser humano e suas definições de alma e espírito. Este é apenas exemplo da propalada “contracultura adventista” perpetrada pelo grupo nos Estados Unidos do século XIX, como ainda será abordado.

²⁷⁵ BARTH, Karl. *The Word of God and the Word of Man*. Gloucester: Peter Smith, 1978. p. 43. Original?

²⁷⁶ BARTH, 1978, p. 45.

Não parece ser novidade aos estudantes da Bíblia de qualquer tendência religiosa que no Antigo Testamento a palavra alma pode ser traduzida por *nephesh*, e que esta ocorre 755 vezes na Bíblia Almeida Revista e Atualizada,²⁷⁷ 432 vezes na King James²⁷⁸ e 425 na American Standard²⁷⁹. Essa drástica diferença pode ser aludida a diferentes traduções, sabendo que as edições inglesas se valem de outras expressões com o mesmo sentido, como “*breath*”, “*life*” ou “*living principle*” segundo a versão de 1897 do Easton’s Dictionary of the Bible²⁸⁰ - para se utilizar de literatura da época de Ellen White.

Nephesh - cujo verbo parece significar “respiração”, pode ser aplicado não apenas aos seres humanos, mas também aos animais, conforme interpretação de Gn 1.20. “Essa ideia básica de ser a ‘alma’ o indivíduo, e não uma *parte* constituinte [...] parece ser a base das várias ocorrências de *nephesh*²⁸¹.” Em relação ao Novo Testamento, a palavra utilizada é *psyche*, com o sentido de “vida” ou “alma” sendo que “não existe coisa alguma na palavra em si que, mesmo remotamente, implique numa entidade consciente, capaz de sobreviver à morte do corpo”.²⁸² Dessa forma, o ser humano não tem uma alma, mas simplesmente é uma alma.²⁸³ Esta, assim que o ser humano perece, morre junto com ele, com a transformação do corpo em pó e o fôlego de vida voltado para Deus.²⁸⁴ A Igreja Adventista do Sétimo Dia,

²⁷⁷ A BIBLIA, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

²⁷⁸ THE HOLY BIBLE, King James Version. New York: American Bible Society: 1999. Disponível em: www.bartleby.com/108/. Acessado em 31 de julho, 2013.

²⁷⁹ NEW AMERICAN STANDARD BIBLE. The Lockman Foundation: La Habra. Disponível em: <http://www.biblegateway.com/versions/New-American-Standard-Bible-NASB/#copy>. Acessado em 31 de Julho, 2013.

²⁸⁰ EASTON, M.G. **Easton's 1897 Bible Dictionary**. Nova Iorque: Thomas Nelson, 1897.

²⁸¹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2008, p. 353.

²⁸² IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2008, p. 353.

²⁸³ Rudolf Bultmann é outro teólogo não-adventista contemporâneo que neste ponto concorda com os adventistas do sétimo dia, conforme disposto em: BULTMANN, Rudolf. **Theology of the New Testament**. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1951, vol. 1, p. 194. Diz ele que o “homem não tem um soma, ele é um soma” e continua ao afirmar que o “homem, sua pessoa como um todo, pode ser denotado como um soma. Aliás, cabe ao citado autor o mérito pelo novo olhar ao ser humano de acordo com a antropologia bíblica. De acordo com Green, “se, até o início do século XX, a antropologia paulina foi entendida em termos dicotômicos (corpo-alma), ou mesmo tricotômica (corpo-alma-espírito), o mesmo não pode ser dito em meados do século ou posteriormente”. GREEN, 2008, p. 4. Ellen White e os adventistas do sétimo dia, longe dessas discussões e apegados ao texto bíblico, sempre ficaram de fora das questões acadêmicas que concluiu o mesmo que ela, por outras análises.

²⁸⁴ De acordo com o filósofo John W. Cooper, “quando morremos, há uma dicotomia entre o ego e o organismo terrestre. Nós somos constituídos de tal forma que podemos sobreviver “vindo distante” no momento da morte, como não natural, como pode ser.” COOPER, John W. **Body, Soul, and Life Everlasting: Biblical Anthropology and the Monism-Dualism Debate**. Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 163 In: Green, 2008, p. 140.

respondendo à questão conceitual proposta afirma que não se baseia nos antigos moldes teológicos, mas nos novos modelos fisiológicos aludindo que:

Em harmonia com o que foi declarado, nós, adventistas, cremos que, em geral, as Escrituras ensinam que a alma do homem representa o homem todo, e não uma parte independente de outras partes componentes da natureza do homem. Mais ainda, cremos que a alma não pode existir à parte do corpo, pois o homem é uma unidade.²⁸⁵

Para eles, “psyche não é imortal, mas sujeita a morte (Apoc. 16.3) e pode ser destruída (Mat. 10.28)”.²⁸⁶ Certamente aqui poderiam ser citados ainda outros famosos autores adventistas como o já comentado Froom, mas em vista da aludida relação de corpo e espírito, formando uma alma²⁸⁷, presentes em tantos textos de Ellen White aqui fornecidos, a ideia é tão-somente complementar com literatura bíblica fornecida por teólogos adventistas esse pensamento bíblico, fazendo um paralelo histórico desde os primórdios da denominação e mesmo imediatamente antes, com Georg Storrs, até os dias atuais.

Dando continuidade à conceituação proposta, por espírito tem-se no hebraico *ruach* e no grego *phantasma* ou, como é muito mais comum, *pneuma*. *Ruach* pode ser traduzida também por “fôlego”,²⁸⁸ “espírito”,²⁸⁹ “vento”,²⁹⁰ “ânimo”,²⁹¹ “ira”²⁹² e descreve aquele princípio vital dos homens e animais. Conforme pensam os adventistas do sétimo dia, “em nenhuma das 379 vezes de seu emprego no Antigo Testamento *ruach* denota que *no homem* exista uma unidade separada [...] à parte

²⁸⁵ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2008, p. 354.

²⁸⁶ LESSA, Rubens S.; GUARDA, Márcio; SCHEFFEL, Rubem M. **Nisto cremos: 27 ensinamentos dos Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 120. Segundo Bacchiocchi, 2012. p. 61, “as pessoas que leem as referências do Antigo Testamento a *nephesh* com uma percepção dualista terão grandes dificuldades em entender a concepção bíblica de corpo e alma como sendo a mesma pessoa vista de diferentes perspectivas. Enfrentarão problemas em aceitar o significado bíblico de “alma” como o princípio que anima tanto a vida humana como a animal. Também ficarão confusas em explicar passagens bíblicas que falam da *pessoa morta* como uma *nephesh-alma morte* (Lv 19.28; 21.1; 22.4; Nm 5.2; 6.6; 11; 9.6-7) É inconcebível para elas que uma alma imortal morra junto com o corpo.”

²⁸⁷ Sem que se pareça a ideia de um todo feito de partes, visto que estas, como já relatado, formam um todo indivisível, monista.

²⁸⁸ Em Ezequiel 37.5, na passagem do vale de ossos lê-se que: “Assim diz o SENHOR Deus a estes ossos: Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis”.

²⁸⁹ Em Juízes 15.19a, pode-se ler: “Então, o SENHOR fendeu a cavidade que estava em Leí, e dela saiu água; tendo Sansão bebido, recobrou alento e reviveu.”

²⁹⁰ Em Gênesis 8.1b, está escrito que “Deus fez soprar um vento sobre a terra, e baixaram as águas”.

²⁹¹ Lê-se em Josué 2.11: “Ouvindo isto, desmaiou-nos o coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o SENHOR, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra.”

²⁹² Conforme Juízes 8.3b: “que pude eu fazer comparável com o que fizestes? Então, com falar-lhes esta palavra, abrandou-se-lhes a ira para com ele.”

do corpo físico”.²⁹³ Já *Pneuma*,²⁹⁴ pode vir a significar “vento” e “espírito”. O fato é que para esses cristãos “não há nada inerente à palavra *pneuma* que lhe pudesse dar o sentido de alguma suposta entidade consciente do homem.”²⁹⁵ Assim, como atestam outros autores não ligados à denominação - e não anabatistas, evitando as duras palavras de Calvino! - a alma não é imortal. Segundo Pieper:

O Novo Testamento não menciona uma única vez a "alma imortal". A palavra "imortalidade" em si ocorre apenas três vezes, e, em seguida, a imortalidade é atribuída não à alma, mas para o Cristo ressuscitado e - mais uma vez corporalmente. Além disso, a expressão "imortalidade da alma" é notavelmente ausente das grande tradição teológica.²⁹⁶

Para os adventistas do sétimo dia, parece óbvio que homens e mulheres podem ser destruídos, mas que viveriam para sempre, desde que pudessem ter acesso à Árvore da Vida. Ao se efetivamente pensar, como os adventistas, de forma holística e, portanto, integral, poder-se-á concluir que os seres humanos, indissociáveis e indivizíveis são seres mortais em busca de imortalidade, visto que o próprio Cristo declarou ser o corpo passível de destruição (Mt 10.28) e apenas eterno é o Espírito de Deus (Hb 9.14). Assim, para os adventistas, ao aceitarmos a vida oferecida por Cristo somos justificados. Passo seguinte, a santificação de corpo e espírito tende a nos proporcionar cotidianamente um encontro com Ele próprio ao sujeitarmos a Ele mesmo nosso “eu”, renunciando a nossos desejos carnis. Portanto, a única possibilidade de salvação final e eterna imortalidade reside na fé em Cristo mediante Sua graça. A tão grandiosa ênfase whiteana no cuidado integral do corpo e da alma confirma que ela, à despeito das críticas,²⁹⁷ se mostrou fiel às interpretações bíblicas desprovidas da intelectualidade filosófica.

²⁹³ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2008, p. 355.

²⁹⁴ Aqui são muitas as definições, de sorte que não vamos citá-las textualmente, como feito com o termo *ruach*, indicando suas principais acepções. Para tanto, vide: Ap. 11.11; Lc 8.55; 1Cor 4.21; 2Cor 12.18 e Mt 8.16, dentre outras.

²⁹⁵ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2008, p. 355.

²⁹⁶ PIEPER, Josef. **Death and Immortality**. St. Augustine's Press: South Bend, 2000, p. 29.

²⁹⁷ O assunto vez por outra vem à tona e novos textos são publicados em sua defesa. Para as principais razões para críticas, vide BRAND, Leonard; MCMAHON, Don. **The Prophet and her critics**. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 2005. p. 11-14.

2.4. Os “espíritos” do Moderno Espiritismo e o beligerante espírito adventista do sétimo dia contra propaladas interpretações consideradas antibíblicas

As explicações até aqui levantadas acerca da mortalidade da alma durante o período do perecimento, extensivo até a Parusia tornaram os adventistas do sétimo dia beligerantes “soldados” imbuídos de levar ao mundo a uma profunda verdade, intuindo a toda “nação, tribo, povo ou língua” as vigorosas verdades da Palavra de Deus. Certamente a denominação não foi a única e possivelmente nem a primeira a se levantar contra os espíritos do espiritismo moderno, mas indubitavelmente sua luta pode ser expressa em inumeráveis textos de vários de seus pioneiros. Para esses, traçar uma franca e divisória linha entre as claras e preciosas gemas da verdade Bíblia e aquelas oriundas de outras fontes constituía tarefa exemplar que aos seus contemporâneos também foi franqueada. Exatamente por este motivo, ainda hoje é comum que se encontre nos púlpitos das igrejas adventistas do sétimo dia não apenas pastores, mas anciãos e membros leigos - homens e mulheres com os mais diferentes graus de instrução, visto que os púlpitos são disponibilizados aos escolhidos pela igreja local, aqueles que demonstrem algum conhecimento bíblico e principalmente, exerçam benfazeja influência sobre a comunidade - exaustivamente pregando a não dualidade do ser humano com toda a sorte de exemplos e explicações.

Assim, a Casa Publicadora Brasileira, editora dos adventistas do sétimo dia, tão citada ao longo dos referências deste trabalho, vez por outra publica ou republica obras que “expõem” claramente os supostos erros dos que seguem a doutrina espírita²⁹⁸, apontando ali os mais destacados prenúncios do breve fim de todas as coisas tais como estão e a transformação destas mediante o poder de Cristo. De

²⁹⁸ Além das muitas obras de Ellen White que serão citadas ao longo desta seção, bem como os textos dos autores pioneiros e mesmo o já referido Bacchiocchi, cito também, da Casa Publicadora Brasileira e de Casas Publicadoras de língua inglesa e espanhola (excluindo monografias), apenas as obras mais frequentemente citadas: CHRISTIANINI, Arnaldo B. **Subtilezas do Erro: Contradita ao Sabatismo à luz da Palavra de Deus** de R. Pitrowski e D. M. Canright. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1965; CHAIJ, Fernando. **Forças Misteriosas que atuam sobre a mente humana**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1979; ANDERSON, Roy Allan. **Secrets of the Spirit World**. Mountain View: Pacific Press, 1965; CHAIJ, Fernando. **Potencias supranormales que actuan en la vida humana**. Mountain View: Pacific Press, 1964; WHELPLEY, Theresa A. **Unmasking the Spirit**. Washington: Review and Herald, 1977; HAYNES, Carlyle B. **Spiritualism and the Bible**. Nashville: Southern Publishing Association, 1931; FROOM, LeRoy Edwin. **Spiritualism Today**. Washington: Review and Herald, 1963 e um dos mais divulgados no Brasil atualmente, sobre a conversão de um ex-espírita: MORNEAU, Roger. **Viagem ao Sobrenatural**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. A publicação e divulgação dessas obras não difere em muito do trabalho principalmente dos batistas e presbiterianos.

fato, entre os adventistas do sétimo dia, não parece ser possível falar sobre uma de suas mais distintas crenças fundamentais não citando, como exemplo contrário, os “enganos do espiritismo”, que nasceu praticamente na mesma época e geograficamente próximo do local de nascimento desses adventistas. Como aconteceu com muitos grupos cristãos ao redor do mundo, ao refutar as doutrinas espíritas tidas como espúrias, os adventistas do sétimo dia reafirmavam suas próprias doutrinas²⁹⁹, principalmente ao distinguir as diferentes nuances que opõem Ellen White de Allan Kardec, apesar de os dois terem sido diretamente influenciados de forma sobrenatural. Mais do que isso: para o adventista do sétimo dia, embora não se aconselhe o estudo da doutrina espírita por questões óbvias, interpretar seu desenvolvimento é chave para melhor exemplificar de forma inequívoca os acontecimentos imediatamente anteriores à volta de Cristo³⁰⁰. Desta forma, mais do que um emaranhado de questões doutrinárias, estudar o Espiritismo sob a ótica adventista do sétimo dia evoca o senso de urgência escatológica tão presente nas falas dos muitos quiliastas leigos ou profissionais da igreja.³⁰¹

²⁹⁹ O processo se deu no Brasil com igrejas protestantes de missão, o caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para informações acuradas, veja: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A inserção do protestantismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 75-79 e 121-140.

³⁰⁰ A leitura do segundo capítulo do citado livro exemplifica o referenciado. DOUGLASS, Herbert E. **Profecias Surpreendentes: Predições dramáticas de Ellen White sobre eventos mundiais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. pp. 20-41.

³⁰¹ Enquanto o Espiritismo, visualizado por si mesmo como a "Terceira Revelação" inicia uma "nova fase na humanidade", inicial rumo a plenitude infinita, Ellen White vê os tempos em situação precisamente oposta: é a fase final do estado de coisas tal como ele se encontra, rumo a um novo lar, físico, mas ainda assim espiritual. Para tanto, leia-se: “A Terceira Revelação é o Espiritismo [precedida pelo Monoteísmo e Cristianismo], representação sintética apriorística da IDEIA que nos vem da colocação premonitória do Monoteísmo, como centro de nossas reflexões filosóficas. É o Consolador prometido, antes da volta de Jesus às plagas espirituais, que chega no cumprimento da palavra dada. É o Paráclito que relembriaria tudo o que seria esquecido do excelso acervo, e faria acrescentamentos que a época revelatória não comportaria, e, por isso, foram transferidos para o momento mais oportuno.” MARCOS, Manoel Pelicas São. **Filosofia Espírita e seus temas**. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1993. p. 55. O próprio Kardec fala com grande otimismo dos dias vindouros, que para Ellen White, seriam dias de angústia e perseguição ao povo de Deus. Diz ele: “Quem se der ao trabalho de aprofundar a questão do Espiritismo, nele encontra uma satisfação moral tão grande, a solução de tantos problemas que inutilmente havia pedido às teorias vulgares; o futuro se desdobra à sua frente de maneira tão clara, tão precisa e tão lógica, que a si mesmo confessa a impossibilidade de as coisas realmente não se passarem assim; já que um sentimento íntimo lhe dizia que assim deveria ser, é de causar admiração que não as tenha compreendido mais cedo”. KARDEC, Allan. **Instruções de Allan Kardec ao Movimento Espírita**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005. p. 83.

2.4.1. O nascimento do espiritismo nos Estados Unidos: à luz do adventismo do sétimo dia, contrafação de Satanás

O nascimento do moderno Espiritismo nos Estados Unidos, à luz do adventismo do sétimo dia, com suas estranhas batidas e seus inexplicáveis fenômenos sempre foi abordado como simplesmente uma contrafação satânica para abafar a luz da verdade. A historiadora estadunidense Barbara Weisberg destacou mais de 250 profetisas (assim como Ellen White!) só no século XIX estadunidense,³⁰² que para a historiografia adventista do sétimo dia, também não passam de contrafação via espiritismo³⁰³. Para citar apenas duas das mais famosas, já no primeiro século da história daquele país surgiu Ana Hutchinson, morta por indígenas perto de Hellgate, às margens do rio Hudson, além da fundadora da Ciência Cristã, Mary Backer Eddy.

Oficialmente, uma das primeiras manifestações espíritas modernas dá-se na vila de Hydesville, uma pequena cidade no estado de Nova Iorque - perto da cidade de Rochester - em uma humilde casa de madeira habitada por família de sobrenome Fox, nada incomum nos Estados Unidos. Contudo, esses mesmos Fox já haviam sido apóstolos Quakers e assim sendo, frequentado os cultos de puritanos pioneiros nos Estados Unidos. É com as três filhas do casal Fox, Margareth, Kate e Leah - que estava estudando música em Rochester e, portanto, é apenas personagem secundária - que se dá o estranho fenômeno.

Certa noite, as irmãs passaram a ouvir estranhos sons produzidos na parede da velha casa de madeira. No início, aparentemente não se intrigaram muito com o barulho, sabendo as duas que velhas casas de madeira costumam ranger. Com o passar dos dias e o não cessar dos barulhos, mesmo sem qualquer tipo de vento ou outro tipo de atividade de pudesse provocá-los, as irmãs, dando mais atenção ao fenômeno que se começava a arvorar estranho, perceberam ser este de caráter sobrenatural. Mesmo com o comunicado delas aos pais e a tranquilizadora confirmação de que os sons obviamente se deviam ao estado da casa, elas

³⁰² WEISBERG, Barbara. **Falando com os mortos**: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo. São Paulo: Agir, 2011. p.150.

³⁰³ Existe mesmo uma suposta profetisa que tentou exercer seu dom na Igreja Adventista do Sétimo Dia, sendo absolutamente execrada por suas comissões locais e internacionais. Trata-se de Jeanine Sutron, nascida em 1947. Foi excluída da igreja em 15 de junho de 1990. TIMM, Alberto. **Movimentos, Tendências e Interpretações Particulares na Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil (1980-1999)**. Apostila de Classe, p. 18-20.

continuaram a dar particular atenção ao mesmo, chegando à conclusão que as misteriosas batidas só poderiam ser brincadeira de mau gosto ou algo oriundo do além. Certificando-se que ninguém de estranho circundava a casa e que assim mesmo as batidas simplesmente não cessavam, as irmãs, agora prestando atenção à dinâmica dos sons, perceberam que elas significavam alguma forma de contato. Assim, depois de acurada investigação infantil, perceberam sequências repetidas de batidas que eram sistematicamente respondidas quando as meninas batiam com suas mãos na parede. Dessa forma, ainda que precariamente, foi estabelecida a primeira comunicação moderna dos vivos com os mortos.

Para configurar um toque de terror à história, conta-se que naquela casa, um tempo atrás, vivia certo viajor que estranhamente desapareceu. Após várias semanas de intensas comunicações com a invisível mão que proporcionava as estranhas batidas, as jovens concluíram resolutamente, pela sequência de toques - um toque seria equivalente à letra “a”, dois, “b” e assim por diante - que o viajor encontrava-se enterrado no porão da casa. Conseguiram as duas investigar a tal ponto que apresentaram o nome do infeliz assassinado, bem como detalhes de sua vida, que sozinhas não poderiam saber - como se dá nas sessões espíritas atuais. Depois de várias tentativas de escavação, finalmente a ossada determinada pelas irmãs foi encontrada no local por elas indicado e a partir de então o Espiritismo não lentamente foi tomando grandes proporções, deixando de ser apenas um fenômeno curioso proporcionado pelas chamadas “mesas girantes”,³⁰⁴ para se tornar uma religião ou estilo de vida de alcance mundial, cativando pessoas de todas as classes sociais. Contudo, o kardecismo, ou seja, o seguimento que estuda sistematicamente as obras de Allan Kardec, o chamado “codificador” do Espiritismo,³⁰⁵ pertence às classes sociais mais elevadas. Hodiernamente, tanto a casa das irmãs Fox quanto o esqueleto,³⁰⁶ podem ser encontrados no museu onde há um obelisco erigido pelos

³⁰⁴ As mesas girantes constituíram fenômeno bastante comum no século XIX. Eram intimamente ligadas a efeitos mediúnicos. Allan Kardec foi um dos primeiros a estudá-las academicamente.

³⁰⁵ Conforme XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **O Espírito da Verdade**: estudos e dissertações em torno da obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 19[--]. p. 113.

³⁰⁶ Muitas pesquisas foram feitas com o esqueleto encontrado através do contato das irmãs Fox com essa mão invisível. Um artigo sobre ele e sua relação com as origens do espiritualismo [distinguir/definir melhor espiritualismo/Espiritismo/espiritualismo] pode ser encontrada em: NICKELL, Joe. **A Skeleton’s Tale**: The origins of Modern Spiritualism. In: Investigative Files, Vol. 32, No. 4, de julho/agosto de 2008, disponível em: http://www.csicop.org/si/show/skeletons_tale_the_origins_of_modern_spiritualism/. Acessado em 5 de agosto de 2013. (White não distingue claramente “espiritismo” de “espiritualismo”).

“espiritualistas do mundo”.³⁰⁷ Confirma essa história Arthur Conan Doyle, o famoso criador de Sherlock Holmes e escritor de uma excelente obra sobre o Espiritismo em dois volumes, ao afirmar que “foi descoberta uma caixa de lata de mascate, bem como os ossos, e esta caixa é agora preservada em Lilydale, o ‘quartel-general dos espíritas’, para onde também a velha casa de Hydesville foi transportada”.³⁰⁸

A partir de então houve um rápido crescimento do espiritismo nos Estados Unidos, a partir de Rochester. Esse fenômeno certamente mexeu com os brios de muitos ministros evangélicos de então e, mesmo na casa de alguns deles, se deram alguns dos fenômenos espíritas, conforme nos conta Doyle:

O resultado foi que os médiuns foram ouvidos em números cada vez maiores. Em abril de 1849, manifestações ocorreram na família do Rev. A. H. Jervis, ministro metodista de Rochester, na casa do Sr. Lyman Granger, também de Rochester, e na casa do Diácono Hale, na cidade vizinha de Grécia. Assim, também, seis famílias na cidade vizinha de Auburn começaram a desenvolver a mediunidade. Em nenhum destes casos as meninas Fox tinham qualquer ligação com o que ocorreu. Então, esses líderes simplesmente abriram o caminho ao longo do qual os outros se seguiram.³⁰⁹

Também as próprias irmãs Fox, conforme livro dos primeiros anos do século XX, foram grandes entusiastas do espiritismo, levando a nova crença aos maiores auditórios dos Estados Unidos durante as duas décadas seguintes aos fenômenos em sua casa. Os eventos, grandemente alardeados e fartamente publicizados, atraíam grande público e alguma crítica. De acordo com Podmore, os primeiros anos das irmãs Fox após as manifestações foram muito agitados:

A família Fox e suas três filhas praticaram sem parcimônia seus dons espirituais. Ao longo dos anos 1849 e 1850, eles parecem ter dado demonstrações de seu poder em várias cidades grandes ante públicos consideráveis. Suas reivindicações de poder sobrenatural, é claro, não escapavam de desafios. Uma e outra vez comitês foram designados para examinar o assunto e tecer relatórios.³¹⁰

³⁰⁷ Uma imagem do citado obelisco, bem como a da localização da casa podem ser encontrados em: <http://www.waymarking.com/gallery/default.aspx?f=1&guid=9ea91292-4720-4ed2-9214-e4db453c0f11&gid=2>. Acessado em 5 de agosto de 2013.

³⁰⁸ DOYLE, Arthur Conan. **The History of Spiritualism**. London: Cassel and Company, Ltd, 1926. p. 70.

³⁰⁹ DOYLE, 1926, p. 124.

³¹⁰ PODMORE, Frank. **Modern Spiritualism: A History and a Criticism**. London: Methuen, 1904. p. 183.

As pancadas das irmãs Fox, que “abriram os trabalhos” do moderno espiritismo na América do Norte e no mundo não passaram despercebidas por Ellen White, que cerca de cinco anos depois do ocorrido (as pancadas se deram em 1844, no mesmo ano em que White começou a redigir, antes dos vinte anos de idade) escreveu proficuamente sobre o assunto ao afirmar indubitavelmente que as batidas misteriosas representavam o poder de Satanás. Conforme White:

Vi que as batidas misteriosas em Nova Iorque e outros lugares eram o poder de Satanás, e que essas coisas seriam cada vez mais comuns, abrigadas em vestes religiosas, a fim de adormecer os enganados e fazê-los sentirem-se em segurança maior, e a atrair a mente do povo de Deus tanto quanto possível para essas coisas e levá-lo a duvidar dos ensinamentos e poder do Espírito Santo.³¹¹

Continua Ellen White, dando maiores detalhes de sua visão ao antecipar manifestações vindouras e hoje absolutamente comuns, como o contato dos mortos com os vivos intermediado por um médium espírita que permitirá aos aflitos parentes ouvir a voz de seus entes queridos ou ler suas próprias palavras em textos de caráter particular. Até então, ao que parece, esses casos ainda não eram de pleno conhecimento do público, visto que naqueles anos os fenômenos espíritas constituíam verdadeiras exposições - com mesas, cadeiras, camas e talheres voando, bem como sons extraídos de instrumentos musicais sem qualquer executante - de modo a atrair variado e grande público que imiscuido de todo esse encanto e fantasia, além da natural curiosidade humana ante o desconhecido, deixava de lado a Palavra de Deus operada por outro Espírito. Foi precisamente nesse sentido que as primeiras palavras acerca do Espiritismo foram proferidas pela pena de Ellen White. Somente depois é que ela passou a escrever acerca daquela doutrina achando-a em evidente desacordo com a Palavra de Deus. Segundo ela:

Vi o engano das pancadas - o progresso que estava fazendo - e que se fosse possível enganaria os próprios escolhidos. Satanás terá poder para trazer perante nós o aparecimento de formas que pretendem ser nossos parentes ou amigos que agora dormem em Jesus. Far-se-á parecer como se esses amigos estivessem efetivamente presentes; as palavras que proferiram enquanto estiveram aqui, com as quais estamos familiarizados, serão pronunciadas, e o mesmo tom de voz que tinham quando vivos, cairá

³¹¹ WHITE, Ellen. **Early Writings of Ellen G. White**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1945. p. 86. Conforme o original: "I saw that the mysterious knocking in New York and other places was the power of Satan, and that such things would be more and more common, clothed in a religious garb so as to lull the deceived to greater security and to draw the minds of God's people, if possible, to those things and cause them to doubt the teaching and power of the Holy Ghost."

em nossos ouvidos. Tudo isso visa enganar os santos e enlaçá-los na crença deste engano.³¹²

As palavras de Ellen White marcam o tom do discurso do texto adventista do sétimo dia acerca do moderno espiritismo. Seu alerta ainda hoje ecoa fortemente nos muitos templos da denominação por ela fundada e são raros os casos de ex-adventistas que alegam abandonar a fé em virtude das doutrinas espíritas ou mesmo romano católicas. Contudo, mesmo nas primeiras páginas da história da denominação, há ao menos um ministro que assim fez, depois de debater com espíritas acerca da fé cristã. Trata-se de certo Moses Hull, ordenado em 1858 depois de provavelmente ter se convertido à fé cristã durante um encontro evangelístico em 1857. Pelas datas de sua conversão e ordenamento, pode-se claramente notar que naquele momento da história denominacional ainda não havia qualquer seminário teológico sendo que a preparação dos ministros era totalmente prática.

Também deve-se observar que em 1857 os primeiros textos de Ellen White sobre a questão já haviam sido publicados, bem como o de outros pioneiros, embora o primoroso capítulo sobre o tema em seu livro “O Grande Conflito” não sairia antes de 1888. Em 1862, o então pastor Hull resolveu contender com os espíritas em um debate público no estado de Michigan. Ao terminar o debate, Hull comentou que ficou bastante confuso e mesmo dividido com o que ouviu. Alguns líderes adventistas do sétimo dia, percebendo seu estado de “confusão” com o fato convidaram-no a trabalhar com o famoso John N. Loughborough, um dos primeiros historiadores denominacionais e presidente da Conferência de Michigan, mas tudo em vão. No ano seguinte ao debate, o agora ex-pastor Hull abandonou para sempre as fileiras adventistas do sétimo dia, tornando-se um proeminente professor e escritor sendo que uma de suas obras contém pesadas críticas aos adventistas.

O caso de Hull, que após sua saída da igreja contraiu matrimônio com uma médium, é emblemático e até hoje enfatiza o grande perigo de se envolver longe das sendas cristãs. Sobre ele, escreveu Ellen White algumas duras palavras que servem

³¹² WHITE, 1945, p. 86. Conforme o original: “I saw the rapping delusion-what progress it was making, and that if it were possible it would deceive the very elect. Satan will have power to bring before us the appearance of forms purporting to be our relatives or friends now sleeping in Jesus. It will be made to appear as if these friends were present; the words that they uttered while here, with which we were familiar, will be spoken, and the same tone of voice that they had while living will fall upon the ear. All this is to deceive the saints and ensnare them into the belief of this delusion.”

de forma genérica a todos e todas que ainda procuram ler a literatura espírita. Segundo ela, seu grande problema foi o de ter dispendido muito tempo em estudo e trabalhos mentais, deixando de lado a vida devocional e a oração. Afinal, para White, a santificação não é um trabalho acadêmico.

Conclui-se, pelas palavras de White, que Hull simplesmente abandonou a fé cristã por já antes vacilava, não sendo efetivamente um homem de Deus. De acordo com ela:

Foram-me mostradas algumas coisas em relação à obra de Deus e à propagação da verdade. Os pregadores e as pessoas têm muito pouca fé, pouca devoção e verdadeira piedade. As pessoas imitam o pregador, e, portanto, ele tem uma influência muito grande sobre eles. Irmão Hull, Deus quer que você venha mais perto Dele, onde você possa tomar posse de Sua força, e pela fé viva reivindicar Sua salvação, e ser um homem forte. Se você fosse um homem piedoso e devocional, no púlpito e fora, uma poderosa influência iria assistir a sua pregação. Você não procura atentamente seu próprio coração. Você estudou muitos trabalhos para fazer seus discursos completos, hábeis e agradáveis, mas você tem negligenciado o maior e mais necessário estudo, o estudo de si mesmo. Um conhecimento profundo de si mesmo, meditação e oração, são vistos por você como coisas secundárias. O seu sucesso como ministro depende de manter seu próprio coração. Você receberá mais força, gastando uma hora por dia em meditação, e em luto por suas falhas e corrupções coração e pedindo perdão de Deus.³¹³

A história do moderno espiritismo certamente possui muitas outras e determinantes nuances que aqui não serão abordadas por questões de espaço. Contudo, a percepção do perigo desta doutrina, ao menos sob o escopo dos adventistas do sétimo dia parece muito cristalina. A seguir, dando continuidade ao tema, serão abordados alguns conceitos espíritas em comparação a certos textos whiteanos, bem como a inserção de autores da denominação.

³¹³ WHITE, Ellen, 1948a, p. 433. De acordo com o original: "I was shown some things in regard to the work of God and the spread of the truth. Preachers and people have too little faith, too little devotion and true godliness. The people imitate the preacher, and thus he has a very great influence upon them. Brother Hull, God wants you to come nearer to Him, where you can take hold of His strength, and by living faith claim His salvation, and be a strong man. If you were a devotional, godly man, in the pulpit and out, a mighty influence would attend your preaching. You do not closely search your own heart. You have studied many works to make your discourses thorough, able, and pleasing; but you have neglected the greatest and most necessary study, the study of yourself. A thorough knowledge of yourself, meditation and prayer, have come in as secondary things. Your success as a minister depends upon your keeping your own heart. You will receive more strength by spending one hour each day in meditation, and in mourning over your failings and heart corruptions and pleading for God's pardoning". (A tradução é minha).

2.4.2. Principais diferenças doutrinárias entre o Espiritismo e o Adventismo: a crença na mortalidade da alma como ponto central de divergência

A belicosidade doutrinária entre o espiritismo e o adventismo do sétimo dia se mostra claríssima à luz das próprias declarações escritas dos maiores vultos de ambas as denominações, os já amplamente citados Allan Kardec e Ellen White. Ainda que ele nunca a tenha citado textualmente - é possível que nunca tivesse ouvido falar dela, visto que viveu na França e pertenceu à elite, falecendo em 1869 - e ela tampouco, as especificidades de cada doutrina mostram-se amplamente contrárias e de impossível conexão. Assim, a compreensão e aceitação de alguns conceitos espíritas certamente fará com que seja impossível aludir também a conceitos adventistas do sétimo dia, a começar pela doutrina da imortalidade da alma, base do espiritismo em face da doutrina da mortalidade da alma, diferencial do adventismo do sétimo dia, antítese inquestionável em relação ao espiritismo. Visualizar este assunto em particular será voltar aos textos dos platônicos e neoplatônicos aqui já abordados. Assim, tratar-se-á diretamente dos textos de Kardec e a refutação whiteana. É precisamente analisando o espiritismo que Ellen White comenta tão extensivamente acerca dos perigos da chamada doutrina antibíblica da imortalidade da alma. Segundo Kardec, sobre para que serve o espiritismo:

Ante a incerteza das revelações feitas pelos Espíritos, perguntarão: para que serve, então, o estudo do Espiritismo? Para provar materialmente a existência do mundo espiritual. Sendo o mundo espiritual formado pelas almas daqueles que viveram, resulta de sua admissão a prova da existência da alma e sua sobrevivência ao corpo.³¹⁴

Ao tocar no assunto “das almas daqueles que viveram”, entra Kardec em pauta proibida para Ellen White e o adventismo do sétimo Dia. Para ela, como já visto, esse assunto foge ao escopo das positivas deliberações divinas. Simplesmente há certas coisas que homens e mulheres não podem e a eles ainda não competem saber. É este querer saber sobre o desconhecido e a sempre insaciável curiosidade humana que faz com que seres humanos se precipitem e se afastem da reta doutrina cristã. Ao falar em “prova de existência da alma”, fora do

³¹⁴ KARDEC, Allan. **O que é espiritismo**: noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos Espíritos, com o resumo dos princípios da Doutrina Espírita e resposta às principais objeções que podem ser apresentadas. 54. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. p. 206.

corpo, entra Kardec, segundo White, em descaminhos que levam à perda da fé, tal como descreve o cristianismo. Refutando essa busca pelo conhecimento proibido, escreve White que:

O ministério popular, não pode resistir com êxito ao espiritismo. Eles não têm nada com que proteger seus rebanhos a partir de sua influência funesta. Grande parte do triste resultado do espiritismo irá repousar sobre os ministros desta época, pois eles pisaram a verdade sob seus pés, e em seu lugar têm preferido fábulas. O sermão que Satanás pregou a Eva sobre a imortalidade da alma - "Certamente não morrerás" - eles têm reiterado a partir do púlpito, e as pessoas recebem isso como verdade bíblica pura. É a base do espiritismo. A palavra de Deus em nenhum lugar ensina que a alma do homem é imortal.³¹⁵

As “discussões entre os dois” continuam firmemente a partir da observação da mudança de paradigma entre um e outro. Enquanto para Kardec, os sábios depois de muita meditação não se opõem às evidências pelas mais diferentes áreas em favor do espiritismo, Ellen White afirma que essa falta de oposição levará o “verdadeiro povo de Deus”³¹⁶, à angústia temporária, seguida de indizível alegria, visto que Cristo estará às portas mostrando Seu livramento. Para Kardec:

Quando as crenças espíritas se houverem vulgarizado, quando estiverem aceitas pelas massas humanas (e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não vem longe), com elas se dará o que tem acontecido a todas as ideias novas que não encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência. Lá chegarão, individualmente, pela força das coisas.³¹⁷

Parece evidente hoje - e o livro de Kardec remonta a 1857 - que as crenças espíritas estão há muito já popularizadas e plenamente aceitas pelas massas humanas. Evidente também parece a constatação que muitos eminentes pesquisadores e grandes personalidades das mais distintas áreas também aderem ao espiritismo, o que pode ser percebido até mesmo em filmes e novelas de grande

³¹⁵ WHITE, 1948a, p. 343. Pelo original: “The popular ministry cannot successfully resist spiritualism. They have nothing wherewith to shield their flocks from its baleful influence. Much of the sad result of spiritualism will rest upon ministers of this age; for they have trampled the truth under their feet, and in its stead have preferred fables. The sermon which Satan preached to Eve upon the immortality of the soul--"Ye shall not surely die"--they have reiterated from the pulpit; and the people receive it as pure Bible truth. It is the foundation of spiritualism. The word of God nowhere teaches that the soul of man is immortal. (A tradução é minha)

³¹⁶ Para ela, o “verdadeiro povo de Deus” ou o “remanescente de Deus” é todo aquele que, independente de crença religiosa, guardar os 10 mandamentos e ter o testemunho de Jesus. A esse assunto será dada especial atenção no capítulo 3, em consonância com a doutrina do Sábado bíblico.

³¹⁷ KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. 74. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 19[-]. p. 29.

público e crítica³¹⁸. Ellen White, assim como Kardec, também previu certas mudanças no mundo a partir da irrupção do espiritismo, mas com outro olhar, afirmando que:

Vi que logo seria considerado blasfêmia falar contra as “pancadas”, que isso se espalharia mais e mais, o poder de Satanás aumentaria, e alguns de seus dedicados seguidores teriam poder para operar milagres, e mesmo fazer descer fogo do céu à vista dos homens. Foi-me mostrado que, por essas pancadas e pelo magnetismo, estes mágicos modernos procurariam ainda explicar todos os milagres operados por nosso Senhor Jesus Cristo, e muitos criam que todas as poderosas obras do Filho de Deus, realizadas quando estive na Terra, foram executadas pelo mesmo poder.³¹⁹

Ora, assim como as “profecias” de Kardec estão diariamente se cumprindo, percebe-se a dificuldade de hoje falar contra elas, que parecem ganhar mais forças pelo evidente apoio da mídia. Embora no século XIX e parte do século XX os apologetos escrevessem vigorosamente *contra* os outros e hoje a fala é pluralista e integradora, Ellen White em sua cruzada contra a doutrina espírita, percebeu ali, em vívidas cores, parte importante do tema unificador de sua obra, o amor de Deus em meio ao Grande Conflito entre o bem e o mal. As hostes satânicas que seriam vigorosas nos últimos dias, atacariam com grande poder via espiritismo. Porém, ao se perpetrar o insidioso ataque, o filho e a filha de Deus serão poderosamente guardados por anjo celeste que “protegerá e salvará Seu povo, se este nEle puser

³¹⁸ Alguns filmes e novelas de cunho espírita, confirmando a "profecia" de Kardec acima citada: Antes que Termine o Dia; Sempre ao seu Lado; Amor Além da Vida; Em Algum Lugar do Passado; Fernão Capelo Gaivota; Minha Vida na Outra Vida; Minhas Vidas; O Último Espírito; Poder Além da Vida; Um Amor para Recordar; Dr. Bezerra de Menezes - O Diário de um Espírito; As Cinco Pessoas que Você encontra no Céu; Chico Xavier - O Filme; A Casa dos Espíritos; Paixão Eterna; Vozes do Além; Depois de Partir; Voltar a Morrer; A Borboleta Azul e o óbvio Ghost: Do Outro Lado da Vida ou O Espírito do Amor são apenas alguns poucos exemplos. Em relação a novelas, "Amor à Vida" trata de uma personagem que morreu de algum tipo de câncer e volta repetidas vezes para azucrinar a consciência de seus inimigos; sem falar em "Escrito nas Estrelas"; "Amor, Eterno Amor"; "A Viagem"; "O Profeta"; "O Sétimo Sentido"; "Anjo de Mim"; "Alma Gêmea" e possivelmente muitas outras. Talvez muito maior seja a lista de romances espíritas. Quanto a isso, mais de uma vez, a conservadora Ellen White alertou quanto aos perigos da literatura ficcional. Com relação ao assunto, vide a última parte do artigo de GOMES, Marta B.; SOUZA, Solange de Fátima; LIMA; Neumar. Raízes Históricas, Culturais e Ideológicas do Pensamento de Ellen G. White sobre romance ficcional e drama. **Acta Científica**, Vol 2, No. 11, 2º. semestre, 2006, p. 16 sobre o conselho dela contra esse tipo de literatura.

³¹⁹ WHITE, 1940, p. 168 e 169. Segundo o original: "I saw that soon it would be considered blasphemy to speak against the rapping, and that it would spread more and more, that Satan's power would increase, and some of his devoted followers would have power to work miracles, and even to bring down fire from heaven in the sight of men. I was shown that by the rapping and mesmerism, these modern magicians would yet account for all the miracles wrought by our Lord Jesus Christ, and that many would believe that all the mighty works of the Son of God when on earth were accomplished by this same power".

sua confiança.”³²⁰ Para ela e seu povo, é um grandioso exercício prático de santificação, mesmo contra os aparentemente excelentes prognósticos oriundos do espiritismo e de sua união com o catolicismo e protestantismo³²¹, manter-se firmemente aferrado às verdades bíblicas, que protegem de toda cilada inimiga.

Continua Kardec afirmando que os espíritos estarão adiante nessa sua obra de divulgação, mesmo que lhes faltem os homens e mulheres. Ellen White, por sua vez, concorda com ele quando este afirma que “milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa”. O resultado, contudo, é para ela a morte eterna, exatamente pelo mesmo motivo que morreu Saul ao ter deixado o conselho de Deus e seguido as palavras da pitonisa de En-dor, mesmo sabendo Saul que ele próprio tinha autorizado a morte de todas as pitonisas, necromantes e qualquer espécie de pessoa que fossem contrários aos ditames do Senhor e se utilizassem de outros recursos para obtenção de força e poder. Para o codificador da doutrina espírita:

Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se livros, mas não se podem queimar os Espíritos.³²²

Ellen White recebeu neste mesmo sentido um sonho - afinal, ela era povoada por sonhos e visões - de um grande trem pavorosamente lotado com miríades de pessoas, quase o mundo inteiro, sendo Satanás o próprio maquinista, reunidos em

³²⁰ WHITE, 1940, p. 170.

³²¹ Sua profecia é clara: quando espiritismo, catolicismo e protestantismo andarem juntos, o fim estará efetivamente às portas. Quando ela escreveu essas palavras, em 1884, o Papado enfrentava dias não tão promissores, o espiritismo ainda engatinhava e o protestantismo parecia inexpugnável nos Estados Unidos. Segundo ela: “Por um decreto que terá por objetivo impor uma instituição papal em contraposição à lei de Deus, a nação americana se divorciará por completo dos princípios da justiça. Quando o protestantismo estender os braços através do abismo, a fim de dar uma das mãos ao poder romano e a outra ao espiritismo, quando por influência dessa tríplice aliança, os Estados Unidos forem induzidos a repudiar todos os princípios de sua Constituição, que fez deles um governo protestante e republicano, e adotar medidas para a propagação dos erros e falsidades do papado, podemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo.” WHITE, Ellen. **Testimonies for the Church**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, Volume 5, 1948c. p. 451. Conforme o original: By the decree enforcing the institution of the papacy in violation of the law of God, our nation will disconnect herself fully from righteousness. When Protestantism shall stretch her hand across the gulf to grasp the hand of the Roman power, when she shall reach over the abyss to clasp hands with spiritualism, when, under the influence of this threefold union, our country shall repudiate every principle of its Constitution as a Protestant and republican government, and shall make provision for the propagation of papal falsehoods and delusions, then we may know that the time has come for the marvelous working of Satan and that the end is near

³²² KARDEC, 1985, p. 29.

feixes prontos para serem destruídos, “todos indo para a perdição, com a velocidade do relâmpago³²³”. Eis para ela, os resultados dos enganos do Espiritismo. No entanto, segundo a visão whiteana, é muito mais difícil distinguir os erros do espiritismo para além da questão da mortalidade da alma, visto que ali a Bíblia tem evidentes respostas. Questões como a virtude cristã em relação aos preceitos espíritas exigem dos estudantes das Escrituras muito mais decidido cuidado, para muito além do senso comum. Exemplifica Kardec, por exemplo, que a virtude, sendo um dom de Deus, não pode ser ensinada. Ao que diz que “é quase a doutrina cristã sobre a graça; mas se a virtude é um dom de Deus, é um favor, então pode perguntar-se por que não é concedida a todos”. Mas emenda terminando que “o Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços”.³²⁴ Assim, segundo a visão adventista do sétimo dia, ele põe em dúvida o texto bíblico e afirma que o que conseguimos, conseguimos por nós mesmos, sem qualquer ajuda do Espírito Santo, visto que em “nossas experiências sucessivas” despojamo-nos de nossas imperfeições. Nesse sentido, absolutamente toda a teologia whiteana legada à igreja sobre santificação cai por terra, visto que é uma obra que apenas e tão somente o Espírito Santo pode fazer por nós e em nós. Para White:

O fato de declararem algumas verdades, e poderem por vezes predizer acontecimentos futuros, dão às suas declarações uma aparência de crédito, de modo que seus falsos ensinamentos são aceitos. A lei de Deus é posta de lado, o Espírito da graça é desprezado. Os espíritos negam a divindade de Cristo e colocam o Criador no mesmo nível em que eles próprios estão.³²⁵

Em poucas palavras, para Ellen White, a doutrina espírita simplesmente põe por terra toda a busca pela santificação bem como a quase totalidade dos fundamentos bíblicos, conforme as definições adventistas do sétimo dia.³²⁶ Com

³²³ WHITE, 1945, p. 88.

³²⁴ KARDEC, 1985, p. 51.

³²⁵ WHITE, Ellen. **Darkness Before Dawn**. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1997. p. 19. Pelo original: “The fact that they state some truths, and are able at times to foretell future events, gives to their statements an appearance of reliability; and their false teachings are accepted by the multitudes as readily, and believed as implicitly, as if they were the most sacred truths of the Bible. The law of God is set aside, the Spirit of grace despised, the blood of the covenant counted an unholy thing. The spirits deny the deity of Christ and place even the Creator on a level with themselves”.

³²⁶ Para ser mais claro do que isso, o próprio Kardec escreveu que: “A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste. Se a alma não sobrevivesse ao corpo, o homem só teria por perspectiva o nada, do mesmo modo que se a faculdade de pensar fosse produto da matéria. Se não conservasse a sua individualidade, isto é, se se dissolvesse no reservatório comum chamado o grande todo, como as gotas d’água no Oceano, seria igualmente, para o homem,

relação à especificidade da santificação, conceitual e exemplificadamente, tornaremos a falar no terceiro capítulo deste trabalho. De todo modo, não há experiências sucessivas para fazer do ser humano finito um ser infinito e dotado de possibilidades. Não em outras vidas. Ellen White diz que “quem procura alcançar o Céu por suas próprias obras, guardando a lei, tenta uma impossibilidade”.

Assim, ela afirma que, apesar de seus muitos conselhos acerca de detalhes que possibilitam uma melhor comunicação com o Divino, “não pode o homem salvar-se sem a obediência, mas suas obras não devem provir de si mesmo” visto que “tudo o que o homem pode fazer sem Cristo é poluído pelo egoísmo³²⁷”. Para os adventistas do sétimo dia, o Espiritismo, além de pregar franca e diretamente acerca da imortalidade da alma (fazendo com que esta crença deva tão-somente por este motivo ser evitada) prega também uma vida autocentrada, o que por si é pecado..

Enquanto White muitas vezes prega acerca da renúncia do “eu”,³²⁸ Kardec fala que nossos esforços são suma e decisivamente importantes para a obtenção da liberdade deste corpo e mundo - embora com relação aos “mundos”, ambos, por mais paradoxal que possa parecer, diziam que estes eram múltiplos e que a Terra era para White o pior deles, visto ser o único habitado por seres caídos, enquanto para Kardec, em um progressivo grau de evolução, a Terra, embora não fosse o pior dos mundos, estava em uma linha bem abaixo do desejável. Ainda assim, esta

o nada do pensamento e as conseqüências seriam absolutamente as mesmas que se não houvesse alma.” KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. São José do Rio Preto: Virtue, 2012. p. 57.

³²⁷ WHITE, Ellen. **A maravilhosa graça de Deus**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1974. p. 175.

³²⁸ Dentre os muitos textos de White a respeito desta renúncia, um deles mostra-se bem claro no preciso escopo da discussão. Diz ela que: “Nenhuma cerimônia exterior pode substituir a simples fé e a renúncia completa do eu. Todavia ninguém se pode esvaziar a si mesmo do eu. Somente podemos consentir em que Cristo execute a obra. Então a linguagem da alma será: Senhor, toma meu coração; pois não o posso dar. É Tua propriedade. Conserva-o puro; pois não posso conservá-lo para Ti. Salva-me a despeito de mim mesmo, tão fraco e tão dessemelhante de Cristo. Molda-me, forma-me e eleva-me a uma atmosfera pura e santa, onde a rica corrente de Teu amor possa fluir por minha alma. Não é só no princípio da vida cristã que esta entrega do próprio eu deve ser feita. Deve ser renovada a cada passo dado em direção do Céu. Todas as nossas boas obras dependem de um poder que não está em nós. Portanto deve haver um contínuo almejar do coração após Deus, uma contínua, fervorosa, contrita confissão de pecado e humilhação da alma perante Ele. Só podemos caminhar com segurança por uma constante negação do próprio eu e confiança em Cristo”. De acordo com o original: “No outward observances can take the place of simple faith and entire renunciation of self. But no man can empty himself of self. We can only consent for Christ to accomplish the work. Then the language of the soul will be, Lord, take my heart; for I cannot give it. It is Thy property. Keep it pure, for I cannot keep it for Thee. Save me in spite of myself, my weak, unchristlike self. Mold me, fashion me, raise me into a pure and holy atmosphere, where the rich current of Thy love can flow through my soul.” WHITE, 1941, p. 186.

possível acepção, mesmo que de forma muito diferente em suas próprias construções intrínsecas, em nada aproximam os dois distintos autores³²⁹.

Para White, esta concepção de múltiplos mundos em nada altera sua doutrina da santificação, visto que há apenas um Salvador, Cristo, homem, e que se sua raça atender Seu chamado, todos viverão eternamente e sem lembrança do mal do passado - característica que novamente diverge em muito da doutrina espírita. Nesse sentido, apenas a título de citação, os comentários whiteanos acerca do último dia de Saul e seus filhos depois que este consultou a profetisa de En-dor³³⁰ tornam-se capitais para, mais uma vez, essa negar veementemente o espiritismo e suas manifestações sendo que, para ela, a continuidade neles resultará na morte eterna - a não ser que se deixem levar pela misericordiosa graça de Deus a algum lugar para mais próximo das verdades bíblicas.

Nota-se que Ellen White, vivendo em um mundo pré-ecumênico, não se mostrava focada na salvação fora do círculo cristão, assunto este hoje abordado com cautela na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Há mesmo “judeus-adventistas” e vice-versa, bem como alguns adventistas em contato com o mundo muçulmano e com outras confissões cristãs. Contudo, em nenhum momento, existiu qualquer contato oficial desta igreja com os membros da doutrina espírita com o intuito de qualquer tipo de união, pelos mesmos motivos amplamente alegados nas páginas anteriores, de ordens vivencial e doutrinária.

2.4.3. Outros autores adventistas do sétimo dia pioneiros e a cruzada contra o Espiritismo

Pode-se corretamente supor que outros muitos autores adventistas do sétimo dia, ainda nos primórdios da denominação escreveram amplamente contra o espiritismo, buscando, ao destruir os fundamentos destes, afirmar não somente o adventismo em si, como já alegado, mas também a eficácia da Palavra de Deus como única regra de fé. Mais do que isso, ao “demonstrar os erros” do espiritismo, os adventistas sempre alegavam a perenidade da lei?? e a própria constituição e o destino do ser humano em sua integralidade e particularidade. Desta forma,

³²⁹ Vide KARDEC, 1985, p. 78-86 e WHITE, 1941, p. 191; WHITE, Ellen. **The Act of the Apostles**. Mountain View: Pacific Press, 1911, p. 472; WHITE, Ellen. **The Adventist Home**. Hagerstown: Review and Herald, 1980. p. 548, para citar apenas alguns.

³³⁰ WHITE, 1958, p. 684-686.

remontar a esses autores é contar e reafirmar, a partir de suas próprias penas, os primórdios até aqui imutáveis da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ao citá-los, mostrar-se-á também que embora a relevância de Ellen White durante décadas em sua igreja tenha sido inquestionável, esta não era única, como uma espécie de messianismo sectário, da qual muitas vezes ela é acusada³³¹.

Joseph Harvey Waggoner, um dos ministros adventistas do sétimo dia que, juntamente com Alonso Jones em 1888 pregaram fervorosamente acerca da salvação pela graça, tendo neste assunto o apoio de Ellen White na ocasião (ambos apostataram anos depois), cedo apontou sobre os perigos do moderno espiritismo. Waggoner, que escreveu prolificamente - conta-se ao menos 22 livros de sua pena sobre os mais variados assuntos, desde escatologia até religião natural - pelo menos em duas ocasiões descreveu a doutrina espírita. Segundo ele, é possível conciliar esta doutrina com as profecias bíblicas que apontam para o fim dos tempos e a volta de Jesus, bem como apontar seus erros, ainda que de forma totalmente clara, para que todos os seus leitores, sem exceção, possam compreendê-lo. Para o autor, a total liberdade oferecida pelo espiritismo é totalmente deplorável à Lei de Deus. De acordo com Waggoner:

Neste ponto de vista, não vemos fundamento possível de oposição, a menos que uma pergunta possa surgir quanto à perseguição induzida por estes falsos milagres, isto é, pelo Espiritismo, na medida em que é tolerante na profissão, e, em vez de cercear os privilégios de qualquer, ele vai para o extremo oposto, e oferece a todos a liberdade. Mas nenhum que levantar esta questão e examinar este assunto com cuidado ou que tem alguma idéia apenas do trabalho presente e futuro do Espiritismo vai concordar com elas. Observamos: 1. Se o Espiritismo é um engano de Satanás, não podemos esperar que ele vai apresentá-lo ao anunciar a sua verdadeira intenção. 2. Os espíritas falam de paz e contra a guerra, mas o objeto final da decepção é reunir as nações para a batalha do grande dia. Veja Ap. 16. 3. O Espiritismo ama popularidade, mas odeia a Bíblia e as suas instituições e por isso pode muito bem ser esperado para se opor à obediência aos mandamentos de Deus.³³²

³³¹ Ex-adventistas e outros grupos acusam a Igreja Adventista do Sétimo Dia de dar a ela tão grande ênfase quanto tem o Papa poder na Igreja Católica. Esses grupos podem ser visualizados em <http://www.cacp.org.br/a-cadeira-papal-de-ellen-white-quem-a-sucedeu/> e http://www.adventistas.com/julho2001/e-mails_egw.htm (Acessados em 14 de agosto de 2013). O CACP, grupo cristão apologético, tem inclusive uma bíblia comentada contra seitas e heresias. O site "adventistas.com" é formado por ex-adventistas, muitos dos quais rejeitaram os ensinamentos de Ellen White, mostrando que mesmo a Igreja Adventista do Sétimo Dia está muito longe de ser monolítica.

³³² WAGGONER, Joseph Harvey. **The Nature and Tendency of Modern Spiritualism**. Battle Creek: Steam Press: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1884. p. 13. Conforme o original: "In this view we see no possible ground of objection, unless a question may arise as to the persecution induced by these false miracles, that is, by Spiritualism, inasmuch as it is tolerant in profession, and, instead of curtailing the privileges of any, it goes to the opposite extreme, and offers to all freedom from restraint. But none, we apprehend, will raise this question who examine this subject with, care, or

Ora, para o citado autor, é o espiritismo um erro, disfarce de Satanás para levar miríades à perdição, oferecendo talvez mais do que liberdade, libertinagem, visto que “odeiam a Bíblia” e por este mesmo motivo não se oporão à oposição aos filhos e filhas de Deus. Suas duras palavras, notadamente seguem a linha de pensamento de Ellen White, embora sejam bem mais coesas, duras.

Uriah Smith (1832-1903), outro pioneiro e também quiliasta, escreveu sobre o espiritismo com as piores cores possíveis. Como Waggoner e Ellen White, apontou naquela doutrina o prenúncio da perseguição e do fim, a cartada final de Satanás para enganar, se possível, os eleitos. Contudo, Smith, resolveu abordar a questão sendo menos belicoso e mais bíblico, ao apontar racionalmente, de acordo com a abordagem escriturística, o estado do ser humano na morte. Desta forma, o espiritismo facilmente poderia ser refutado. Em uma época onde as pessoas costumavam ler as Sagradas Escrituras sem fazer tanto uso de textos de autoajuda e acreditar piamente nas palavras dos pastores, seus escritos eram de grande serventia - mesmo assim ele expunha os perigos dos livros extra-bíblicos. O biblista leigo Smith, desde cedo, foi um dos primeiros a transmitir aos adventistas do sétimo dia os conceitos de corpo, alma e espírito, “comprovando” que a alma é mortal³³³. Ao questionar sua compreensão de que mesmo os protestantes não tinham mais a verdade em suas mãos, não mediu esforços, chegando a escrever que:

who have any just idea of the present and future work of Spiritualism 1. If Spiritualism be a deception of Satan, we cannot expect that he will introduce it by announcing his real intention. 2. Spiritualists talk of peace and oppose war, but the final object of the deception is to gather the nations to the battle of the great day. See Rev. 16.3. Spiritualism loves popularity, but hates the Bible and its institutions; therefore it may well be expected to oppose obedience to God's commandments”. (A tradução é minha).

³³³ SMITH, Uriah. **Man's Nature and Destiny**: Or the State of the Dead, the Reward of the Righteous and the End of the Wicked. Oakland: Pacific Press Publishing Company, 1884. p. 14-66. Para ele: “Should we, without opening the Bible, endeavor to form an opinion of its teachings from the current phraseology of modern theology we should conclude it to be full of declarations in the most explicit terms that man is in possession of an immortal soul and deathless spirit; for the popular religious literature of to-day, which claims to be a true reflection of the declarations of God's word, is full of these expressions. Glibly they fall from the lips of the religious teacher. Broadcast they go forth from the religious press. Into orthodox sermons and prayers they enter as essential elements. They are appealed to as the all-prolific source of comfort and consolation in case of those who mourn the loss of friends by death.” SMITH, 1884, p. 14. Em português: “Devemos, sem abrir a Bíblia, se esforçar para formar uma opinião de seus ensinamentos da fraseologia corrente da teologia moderna e concluir que ela seja cheia de declarações nos termos mais explícitos de que o homem está na posse de uma alma imortal e do espírito imortal; para a literatura religiosa popular de hoje, que pretende ser um verdadeiro reflexo das declarações da Palavra de Deus, está cheio dessas expressões.

O diabo, através da serpente no jardim, ensinou a Adão e Eva que a alma é imortal, e transmitiu a mesma idéia com muito sucesso através de paganismo, catolicismo e protestantismo, mas ele também disse: "Sereis como deuses". Agora, ao que parece, ele está tentando fazer o mundo engolir essa outra parte de sua falsidade. Porém, ao fazê-lo sob a forma do antigo panteísmo pagão, que tudo é Deus e Deus é tudo, ele revela a mentira que proferiu no Éden; pois, nesse caso, Adão e Eva não ficaram mais deuses depois que comeram [do fruto] do que já eram antes.³³⁴

Em Smith, encontram-se eco os textos de White em que o catolicismo e o espiritismo darão suas mãos ao protestantismo, dando início ao "fim dos tempos". Concorda com Smith Charles Snow, que em seu livro "On the Throne of Sin", declara que o espiritismo está fora da lei de Deus e que o resultado desde pecado, como qualquer outro, é a morte. Alerta, porém, que os espíritos do espiritismo são reais e não passam de demônios. Sendo assim, não se tratam de falsidade, mágica ou fantasia, servindo como alerta para que todos os verdadeiros cristãos se mantenham bem longe dessa doutrina. Conforme afirma Snow:

Enquanto os líderes espíritas sabem bem o suficiente que muita fraude e trapaça são praticados, eles também sabem que a fraude e a trapaça não explicam mais do que uma porção dessas manifestações misteriosas. E sabendo disso, eles aceitam as reivindicações que esses espíritos são os espíritos dos mortos. Nenhuma outra conclusão é necessária ou justificada. Para o cristão bíblico, isso é absolutamente indefensável.³³⁵

Outros autores poderiam ser aqui citados, mas certamente a inserção destes não acrescentaria nenhuma novidade substancial, visto que a mensagem de todos, mesmo com as suas especificidades pessoais, são bastante claras e basicamente dizem que o espiritismo é muito mais do que contraditório à Bíblia, mas enfraquece a crença literal na volta de Cristo e a preparação para esta, que deve ser o objetivo principal da vida do cristão. Por este motivo por si só, esta doutrina poderia ser pessimamente considerada e não parece ser por outro motivo, além dos já citados, que ela, muito mais do que as outras é amplamente condenada pelos adventistas do sétimo dia, que ao identificar em outras denominações traços dessa chamada

³³⁴ SMITH, Uriah. **Modern Spiritualism: A Subject of Prophecy and a Sign of the Times**. Battle Creek: Review and Herald Publishing Company, 1896. p. 79. Pelo original: "The Devil, through the serpent in the garden, taught Adam and Eve that the soul is immortal, and has transfused the same idea very successfully through paganism, Romanism, and Protestantism; but he also said, 'Ye shall be as gods'; and now, it seems, he is trying to make the world swallow this other leg of his falsehood; but by putting it forth under the form of the old pagan pantheism, that everything is God, and God is everything, he betrays the lie he uttered in Eden; for in that case, Adam and Eve were no more gods after they ate than they were before."

³³⁵ SNOW, Charles. **On the Throne of Sin: Spiritism and the Nature of Man as Related to Demonism, Witchcraft, and Modern Spiritualism**. Washington: Review and Harold, 1927. p. 127.

“espúria doutrina”, avoluma seus apelos para que todos os crentes ou não crentes se unam à “igreja verdadeira”, a saber, a que segue os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Cristo.

2.5. Parusia, “sono da alma” e santificação: contracultura adventista do sétimo dia

Faz-se necessário precisar o sentido do vocábulo “contracultura” aqui utilizado. É sabido que o termo surgiu e foi largamente utilizado em sua primeira acepção nos Estados Unidos da América do século XX, nos anos 60. Empregou-se a palavra para se referir aos espíritos “libertários”, underground, hippies, alternativos. Pouco depois, surgiram os beatniks, partidários de um movimento encabeçado pela juventude mais intelectualizada que punha em xeque o materialismo, pregando uma vida mais equilibrada. Sob viés filosófico, Jean-Paul Sartre se arvorou como o grande ícone da contracultura como um todo, embora ele tenha se esquivado de uma participação ativa nos movimentos de Maio de 1968 em Paris. Genericamente, qualquer ato destoante da cultura majoritária em si, pode ser chamada de contracultural e é nesse particular que a Igreja Adventista do Sétimo Dia pode ser classificada em seus primeiros momentos.

Certamente os pioneiros adventistas do sétimo dia e Ellen White ficariam horrorizados se o termo em seu sentido original fosse utilizado para se referir a igreja como um todo. Porém, em termos culturais, ou culturais-religiosos (se é que o termo existe!) o adventismo do sétimo dia assim foi em suas primeiras décadas de existência e não tão somente por suas doutrinas particulares, “desafiando” (ao propor novas idéias, e não sob protestos) o status quo político e religioso que incidentalmente formou o American Way of Life discorrido no primeiro capítulo deste trabalho.

Como exemplo do descrito acima, sabe-se que a apocalíptica Igreja Adventista do Sétimo Dia, povoada por quiliastas leigos e profissionais pensavam muito diferente do que sua nação estadunidense e aqui não se fala mais acerca do espiritismo, tão combatido também e ainda hoje por outros grupos. A igreja se colocava em oposição visto que no século XIX, de acordo com os sociólogos Malcolm Bull e Keith Lockhard, “muitos americanos acreditavam que seu país seria

um veículo através do qual o Milênio seria realizado na Terra”³³⁶, enquanto os adventistas simplesmente acreditavam - e acreditam! - que simplesmente não haverá qualquer fato ou fenômeno semelhante ao Milênio, ao contrário: o país será o local privilegiado do anticristo e de sua destruição imediatamente antes do retorno de Cristo. Não foram poucas as páginas descritas por Ellen White sobre esses últimos eventos, alguns dos quais parecem flagrantemente recentes, como, aos olhos de alguns observadores, o estado do mundo e dos Estados Unidos “nos últimos dias”, onde parece ser possível perceber inclusive os instantes finais das Torres Gêmeas³³⁷ em sua descrição - fato logo negado pela igreja.³³⁸

A igreja sempre negou o eufórico estado de excitação e desenvolvimento dos Estados Unidos, embora tenha sem qualquer dúvida se aproveitado desse mundo de possibilidades para divulgar seu evangelho: o movimento de Miller desde o início negava o sonho otimista de progresso... O materialismo exarcebado deste período parece pouco ou nada ter em conexão com a materialidade da perspectiva humana integralista propostas pelos adventistas do sétimo dia, mas algo parece ser pouco questionável: a busca pela santificação e, ainda mais, o preparo para a volta de Jesus e a procura por uma vida mais saudável - fundamental na teologia denominacional - não estava em conexão com os planos dos progressistas estadunidenses.

³³⁶ BULL, Malcolm; LOCKHART, Keith. **Seeking a Sanctuary**: Seventh-day Adventism and the American Dream. Bloomington: Indiana Press, 2007. p. 244.

³³⁷ De acordo com ela, supostamente a esse episódio: “On one occasion, when in New York City, I was in the night season called upon to behold buildings rising story after story toward heaven. These buildings were warranted to be fireproof, and they were erected to glorify their owners and builders. The scene that next passed before me was an alarm of fire. Men looked at the lofty and supposedly fireproof buildings and said: ‘They are perfectly safe.’ But these buildings were consumed as if made of pitch. The fire engines could do nothing to stay the destruction. The firemen were unable to operate the engines.” Em português: “Em uma ocasião, quando em Nova York, eu estava no período noturno chamados a contemplar os edifícios que se erguiam, andar sobre andar, para o céu. Estes edifícios foram garantidos à prova de fogo, e eles foram construídos para glorificar seus proprietários e construtores. A cena que em seguida passou perante mim foi um alarme de incêndio. Os homens olharam para os prédios à prova de fogo elevados e, supostamente, e disse: ‘Eles são perfeitamente seguros’. Mas esses edifícios foram consumidos como se fossem feitos de piche. Os bombeiros não podiam fazer nada para deter a destruição. Os bombeiros não podiam fazer funcionar os motores.” (Tradução própria). WHITE, Ellen. **Last Day Events**. Boise: Pacific Press Publishing Association, 1992. p. 113.

³³⁸ A partir do disposto na página oficial relacionada a Ellen White: “Contrary to unsubstantiated reports, Ellen White made no prediction concerning the destruction of a twin-towered building in New York or any other place in the world. She did foresee great disasters of various kinds resulting in the loss of magnificent buildings and many lives in the large cities before Jesus' return. She spoke of demonic forces exercising their power in earthquakes, fires, and other calamities. She also warned that the time will come when defiant rejection of God's Spirit will result in the complete removal of His restraining power over such destructive elements in the earth.” Disponível em: <http://www.whiteestate.org/issues/conflicts.asp>. Acessada em 14 de agosto de 2013.

Ora, crer na mortalidade da alma mesmo sob o fogo cruzado da camada tida por educada, seja de outras igrejas, seja dos intelectuais racionalistas e acreditar na volta de Cristo literalmente nas nuvens de céu constituía - e ainda constitui - um grande esforço de fé em um mundo cada vez menos predisposto a acreditar nas manifestações espirituais. Na verdade, como já bastante comentado acima, a crença na mortalidade da alma tal como abordada pela instituição é sem par: se a isso se aliar a ideia da Parusia, exatamente como pressupõem os adventistas - literal, depois de uma série de drásticos acontecimentos, dentre os quais um sistema político-religioso dominado pelos Estados Unidos em união com o Vaticano - efetivamente o posicionamento da igreja em questão é único.

Complementando as questões acima expostas, no que diz respeito à santificação, a Igreja Adventista do Sétimo Dia *parece* ser a única hodiernamente, de acordo com seus próprios estatutos, a incentivar seus membros a viverem (ou ao menos fazerem grandes esforços nesse sentido) uma vida santificada desde uma perspectiva monista. Embora a prerrogativa sem dúvida pareça ser das mais pretensiosas e mesmo ousadas, a resposta não poderia surgir muito longe do próprio *modus vivendi* da denominação em sua estreita relação com os mandamentos de Deus. Ellen White afirma de forma categórica que “obediência à Lei de Deus é santificação”.³³⁹ Portanto, sob essa ótica, não é possível afirmar buscar santificação ao abandonar a explícita guarda de um dos mandamentos. Dessa forma, para citar dois exemplos, nem mesmo a Igreja Luterana em quaisquer de suas vertentes ou a Igreja Metodista, seja ela a histórica ou a pentecostal ainda hoje “verdadeiramente” buscam pela santificação conforme os desígnios bíblicos propalados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, ainda que as ideias acerca da mesma tenham influenciado a escrita e vivência de Ellen White e seus

³³⁹ WHITE, 1890, p. 3. Assim ela continua o texto, afirmando que ‘há muitos que têm idéias erradas a respeito dessa obra na vida, mas Jesus orou que Seus discípulos fossem santificados pela verdade, e acrescentou: ‘A Tua Palavra é a verdade’. [João 17:17]. A santificação não é uma obra instantânea, mas progressiva, assim como a obediência é contínua. Enquanto Satanás nos importunar com suas tentações, a batalha pela vitória sobre o próprio eu terá de ser travada reiteradas vezes; mas pela obediência, a verdade santificará a alma. Os que são leais à verdade irão, pelos méritos de Cristo, vencer toda debilidade de caráter que tem feito com que sejam moldados por toda e multiforme circunstância da vida’. De acordo com o original: “There are many who have erroneous ideas in regard to this work in the soul, but Jesus prayed that his disciples might be sanctified through the truth, and added, ‘Thy word is truth.’ Sanctification is not an instantaneous but a progressive work, as obedience is continuous. Just as long as Satan urges his temptations upon us, the battle for self-conquest will have to be fought over and over again; but by obedience, the truth will sanctify the soul. Those who are loyal to the truth will, through the merits of Christ, overcome all weakness of character which has led them to be moulded by every varying circumstance of life”.

correligionários, ao menos nos primeiros dias. O propalado legalismo carecedor de graça pelas igrejas, em outra circunstância genérica foi tema de reflexão de Lutero. Segundo Elmer L. Towns, o conceito de santificação no reformador alemão, por sua contingência histórica, é de difícil acepção. Para o autor:

Este malentendido do conceito de santificação de Lutero pode ter surgido porque ele usa mensagem do primeiro século acerca do tema da graça em Paulo em oposição às obras para atacar o legalismo soteriológico encontrado na igreja do século XVI. Devido à ênfase de Lutero sobre a graça e liberdade, muitos podem acusá-lo de um conceito fraco de santificação.³⁴⁰

Concordando com Towns, a questão da graça para Lutero era tão absorvente que, para ele, conceituar e vivenciar a santificação não necessitava estar em primeiro plano, visto que o “Espírito Santo torna-nos santos”,³⁴¹ opinião da qual não discordaria Ellen White ao escrever que “a santificação da alma pela operação do Espírito Santo é a implantação da natureza de Cristo na humanidade”.³⁴² Aliás, concordaria White em muito com Lutero, visto que para ele, de acordo com os subtítulos do artigo de Towns, santificação significa a habitação do Espírito Santo no homem, pela fé, sendo que essa habitação o purifica e o liberta para fazer boas obras, sendo este crescimento diário e no contexto da igreja. Por esses prismas, pode-se perceber inclusive o caráter prático da santificação, irrevogável para White.³⁴³ Contudo - volto a afirmar - esta santificação não pode ser completa tão-somente porque não pressupõe a obediência irrestrita à Lei de Deus, incluindo as delicadas minúcias alimentares e toda e qualquer que diga respeito ao ser humano a partir dos moldes escriturísticos. Assim, de acordo com a doutrina adventista, até 1844, quando do início do Juízo Investigativo, todos os crentes estariam salvos por fazer todas as coisas para o corpo e espírito que até então entendiam como corretas, visto que ainda não tinham a luz mais completa, ou seja, a compreensão clara dos mandamentos e a obrigatoriedade de cumpri-los. Diante desta imperiosa

³⁴⁰ TOWNS, Elmer L. Martin Luther on Sanctification. **Bibliotecha Sacra**, Abril, 1969. p. 115-122. Pelo original: “This misunderstanding of Luther’s concept of sanctification might have arisen because he uses Paul’s first-century message of grace as opposed to works to attack legalistic salvation found in the sixteenth-century church. Because of Luther’s emphasis on grace and liberty, many might accuse him of a weak concept of sanctification”

³⁴¹ TOWNS, 1969, p. 118.

³⁴² WHITE, 1941, p. 384. Pelo original: “The sanctification of the soul by the working of the Holy Spirit is the implanting of Christ’s nature in humanity”.

³⁴³ WHITE, 1941, p. 384. De acordo com ela, “the principles of the gospel cannot be disconnected from any department of practical life. Every line of Christian experience and labor is to be a representation of the life of Christ”.

dificuldade, faz-se grandemente necessário, ainda que apenas brevemente, entrar em um importante conceito que, ao menos para os adventistas do sétimo dia, faz toda a diferença: o da “igreja verdadeira” - conceito que pode preponderar para o fanatismo religioso em caso de resposta desequilibrada por outras fontes e interpretações equivocadas do cânone sagrado. Todo esse grandioso esforço e diferenciação por parte desta em relação a todas as outras é fundamentado por um princípio muitíssimo simples que afirma que a verdadeira igreja é aquela descrita em Apocalipse 14 verso 12, que afirma que verdadeira igreja é a que tem a fé de Jesus e guardam seus mandamentos. Portanto, o Sábado e sua guarda consciente está no âmago do processo de santificação adventista do sétimo dia, como se verá mais discorridamente no terceiro capítulo deste trabalho. Para White:

Hoje os inimigos da verdadeira igreja vêm no pequeno grupo de guardadores do sábado, um Mardoqueu à porta. A reverência do povo de Deus por Sua lei é uma constante repreensão aos que têm deixado o temor do Senhor, e estão pisando o Seu sábado.³⁴⁴

Ao afirmar a importância da guarda do Sábado sob o prisma histórico, diz Ellen White que este foi um dos principais motivos pelo qual Roma perseguiu e separou dela os remanescentes sabáticos. Todas as outras igrejas que ao romanismo aderiram foram assim convencidas por meios vis que perverteram a palavra de Deus em sua amplitude. Assim, White escreve que:

Entre as principais causas que levaram à separação da verdadeira igreja de Roma, foi o ódio do último para o sábado bíblico. Como predito pela profecia, o poder papal lançou a verdade por terra. A lei de Deus foi pisada no pó, enquanto as tradições e costumes dos homens eram exaltados. As igrejas que estavam sob o domínio do papado, foram logo compelidas a honrar o domingo como um dia santo.³⁴⁵

Assim mesmo, para incluir os “outros” verdadeiros cristãos pertencentes as mais diversas religiões e mesmo a nenhuma delas, a Igreja Adventista do Sétimo

³⁴⁴ WHITE, Ellen. **Conflict and Courage**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1970. p. 239. Conforme o original: “Today the enemies of the true church see in the little company keeping the Sabbath commandment, a Mordecai at the gate. The reverence of God's people for His law is a constant rebuke to those who have cast off the fear of the Lord and are trampling on His Sabbath.”

³⁴⁵ WHITE, 1907, p. 64. De acordo com o original: “Among the leading causes that had led to the separation of the true church from Rome, was the hatred of the latter toward the Bible Sabbath. As foretold by prophecy, the papal power cast down the truth to the ground. The law of God was trampled in the dust, while the traditions and customs of men were exalted. The churches that were under the rule of the papacy were early compelled to honor the Sunday as a holy day.”

Dia hodiernamente - mas sem deixar em absoluto as palavras de Ellen White - retoma Lutero com seu conceito de igreja invisível, emprestado de Agostinho³⁴⁶, embora o reformador alemão em “nada tenha minimamente sugerido que a Igreja é uma entidade metafísica, no sentido platônico”,³⁴⁷ o que é correto segundo a visão whiteana. A igreja invisível, ou igreja universal, são aqueles que “têm seguido a luz que Cristo lhes concedeu [sendo que] este último inclui aqueles que jamais tiveram a oportunidade de aprender a respeito de Jesus Cristo”.³⁴⁸ A diferença entre os dias atuais e os anos pré-1844 reside no fato de que hoje existe suficiente luz para que ninguém se perca por falta de entendimento. Por esse mesmo motivo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, ao receber para si um novo membro egresso de outra denominação cristã ou não-cristã procede ao ritual do rebatismo. Afinal, agora o novo membro está a par de toda verdadeira doutrina, embora o processo de assimilação da mesma, tal qual o processo de santificação, seja processual.

O conceito de igreja verdadeira em Lutero, segundo Mark Noll, é um dos únicos que devem ser levados em conta pelos reformadores.³⁴⁹ Ao fazer a analogia entre igreja verdadeira como o corpo e a igreja invisível a alma, indissociável, escreve Noll acerca do tema em Lutero que:

A igreja verdadeira/escondida é a antítese absoluta de qualquer igreja organizada pela palavra do homem e impulsionada pela arrogância de Satanás. A igreja visível, por outro lado, é o corpo da igreja verdadeira/escondida, que contém o mal e está constantemente ameaçada por distorção na doutrina, mas na e através da Igreja visível, o olho da fé percebe Cristo e os crentes carentes recebem o bálsamo do Evangelho.³⁵⁰

³⁴⁶ Conforme GONZALEZ, Justo L. **A History of Christian Thought: from Augustine to eve of the Reformation**. Nashville: Abingdon Press 1987. p. 50.

³⁴⁷ De acordo com GANE, Erwin R. **Luther's view of Church and State**, p. 121. Disponível em http://www.auss.info/auss_publication_file.php?pub_id=466&journal=1&type=pdf, acessado em 9 de outubro de 2013.

³⁴⁸ LESSA, GUARDA e SCHEFFEL, 2003, p. 199.

³⁴⁹ NOLL, Mark. **Martin Luther and the concept of a “true”church**. The Evangelical Quartely, 2o. semestre, 1978. p. 79 – revista – ABNT!!

³⁵⁰ NOLL, 1978, p. 85. Assim como Lutero, White também não conseguia facilmente distinguir justificação de santificação, Ellen White. Para ela, “muitos cometem o erro de tentar definir minuciosamente os pontos de distinção entre justificação e santificação. Para as definições desses dois termos, muitos trazem suas próprias idéias e especulações. Por que tentar ser mais do que é a inspiração sobre a questão vital da justificação pela fé? Por que tentar trabalhar cada ponto, como se a salvação da alma dependesse de todos exatamente como é seu entendimento sobre este assunto? Nem todos podem ver na mesma linha de visão. Você está em perigo de fazer do mundo um átomo, e de um átomo o mundo”. Pelo original, “Many commit the error of trying to define minutely the fine points of distinction between justification and sanctification. Into the definitions of these two terms they often bring their own ideas and speculations. Why try to be more minute than is Inspiration on the vital question of righteousness by faith? Why try to work out every minute point, as if the salvation of the soul depended upon all having exactly your understanding of this matter? All cannot see in the same line of vision. You are in danger of making a world of an atom, and an atom of a world” (Tradução

Embora certamente a Igreja Adventista do Sétimo Dia esteja também constantemente ameaçada por distorções doutrinárias, o tripé Parusia, sono da alma e santificação, com todos os seus pressupostos, desde seus inícios manteve-se absolutamente inalterado. Assim, para os adventistas, a verdadeira igreja é a sua, ainda que a igreja invisível contenha membros de outras denominações e mesmo pessoas que não pertencem a nenhuma delas e até mesmo exclua a maioria dos próprios adventistas. Aliás, White escreveu que mesmo em sua própria igreja, a verdadeira, sequer um em cada vinte estão preparados para abandonar a história terrestre³⁵¹, denotando aqui a grandiosa tarefa dos filhos de Deus, iniciada e terminada pelo Espírito Santo.

própria). WHITE, Ellen. **Christ Triumphant** Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1999, p. 150. O Professor de História e Teologia da Reforma da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, Wilhelm Wachholz, é ainda mais claro e conciso ao detectar a impossibilidade de separação, mas distinção entre justificação e santificação ao afirmar que “a pessoa cristã precisa de constante justificação e santificação, operadas pelo Espírito Santo. Justificação e santificação não devem ser separadas, mas distinguidas. Ambas, como obras de Deus no ser humano, são operadas paralelamente. A justificação, assim como a santificação, não é um ato inicial, mas contínuo”. WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**: Introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 99.

³⁵¹ WHITE, Ellen. **Christian Service**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1947. p. 41. Diz ela: “It is a solemn statement that I make to the church, that not one in twenty whose names are registered upon the church books are prepared to close their earthly history, and would be as verily without God and without hope in the world as the common sinner. They are professedly serving God, but they are more earnestly serving mammon. This half-and-half work is a constant denying of Christ, rather than a confessing of Christ”. Para o português: “É uma declaração solene que eu faço à igreja, que não um em cada vinte cujos nomes estão registrados nos livros da igreja está preparado para finalizar sua história terrestre, e estão verdadeiramente sem Deus e sem esperança no mundo, como o pecador comum. Eles estão declaradamente servindo a Deus, mas servem a Mamom. Este trabalho ‘pela metade’ é uma constante negação de Cristo, ao invés de uma confissão de Cristo.”(Tradução do autor)

2.6. Posfácio capitular

O presente capítulo intentou abordar de forma clara e exemplificar, porém concisa, aquilo que o autor considera mais significativo e mesmo central na doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A questão da mortalidade da alma, ou em outras palavras, da mortalidade condicional é ao mesmo tempo fio condutor e elo entre que coaduta os pressupostos integralizadores do ser humano.

Ao estudar e defender a tese da mortalidade da alma como central para seu *corpus* doutrinário, os adventistas do sétimo dia pioneiros afirmaram (e os atuais subscrevem) que o ser humano é um ser absolutamente indivisível, sendo uma alma que é composta por corpo (físico) e espírito. Embora essa concepção não seja única e exclusiva desta denominação, esta igreja pressupõe o corpo como um “reino”, ainda que seu castelo e posto de comando seja a mente. Desta forma, a manutenção saudável tanto do corpo quanto da mente são pressupostos inegociáveis no irrenunciável caminho da santificação.

Contudo, o acima propalado apenas diz respeito a uma pequena parte da intransigência adventista por esta doutrina: ao defender o a mortalidade da alma, a Igreja Adventista do Sétimo Dia automaticamente condena toda e qualquer forma de comunicação com qualquer outro tipo de pretense ente penado, bem como condena e tipifica como embuste qualquer manifestação reencarnacionista. Ao assim proceder, esta denominação enfatiza sem medida e intermediário a ação direta e assinalada do Espírito Santo sobre qualquer ser humano, seja qual for sua situação física, mental e espiritual. Assim procedendo e ao mesmo tempo defendendo sua doutrina mais cara, a referida igreja protesta contra toda e qualquer outra instituição que se utiliza de fontes extra-bíblicas ou mesmo bíblicas, mas sem fundamento escriturístico total e finca sua marca como intransigente na defesa de suas crenças.

Ao analisar os pretensos “diálogos” entre Ellen White e Allan Kardec, as diferenças tornam-se por demais cristalinas para que seja possível elencar qualquer semelhança, ainda que tênue, entre as duas diferentes formas de pensamento. A “cruzada” contra o Espiritismo é a afirmação da antropologia bíblica e a mais assinalada das ênfases à uma vida de santidade, sem embargos.

Ao propor essas implementações em plena Era Vitoriana, período em que ficou patenteado o medo e a obsessão pela morte, a referida igreja almejou fundar

uma denominação cristã contemporânea que vivesse a contemporaneidade ao mesmo tempo em que se favorecia de suas descobertas e denunciava os seus excessos. Ao fazer a denúncia e concomitantemente anunciar para muito em breve a irrupção de um novo mundo - material e espiritual - profetizou o fim dos tempos e de forma muito clara conclamou à santificação através da redescoberta das premissas bíblicas, questionando toda e qualquer doutrina que fosse contrária e ela.

Eis o objetivo fundante da Igreja Adventista do Sétimo dia. Por isso sua ênfase tamanha na salvação humana e a busca de integralidade entre este e todos os seus múltiplos aspectos e a Criação. No novo capítulo, serão trabalhados estes pressupostos integralizadores e holísticos, já balizados pela crença irrefutável da mortalidade humana.

3 SANTIFICAÇÃO E INTEGRALIDADE HUMANA

Vamos para a palavra de Deus em busca de orientação. Vamos procurar pelo "Assim diz o Senhor". Nós tivemos o suficiente de métodos humanos. A mente treinada na ciência mundana não consegue compreender as coisas de Deus, mas a mesma mente, convertida e santificada, verá o poder divino na palavra. Só a mente e o coração purificados pela santificação do Espírito podem discernir as coisas celestiais.³⁵² (Ellen White)

O último e presente capítulo deste trabalho tem o objetivo de abordar a relação inequívoca entre santificação e integralidade humana a partir dos pressupostos adventistas do sétimo dia. Para tanto, o mesmo será dividido em três distintas partes – depois de conceituar historicamente o conceito de santificação para White - entrelaçando os temas gerais que para ela são fundamentais e autocomplementares para a busca de santificação: saúde, educação e espiritualidade. Certamente que, ao tratar de saúde e educação, o tema “espiritualidade” viceja, visto que para ela, de acordo com as palavras que abrem este capítulo, apenas a mente e o coração purificados pelo espírito podem discernir o que vem do alto, a saber, as próprias divinas lições contidas na Bíblia e no Livro da Natureza acerca de saúde e educação. Contudo, o escopo da dinâmica da espiritualidade por ela aqui abordada orbitará também, indissociavelmente, em sua concepção pressupostamente bíblica do Sábado, onde o equilíbrio possível neste

³⁵² WHITE, 1991, p. 327. Pelo original: “Let us go to the word of God for guidance. Let us seek for a ‘Thus saith the Lord’. We have had enough of human methods. A mind trained only in worldly science fails to understand the things of God; but the same mind, converted and sanctified, will see the divine power in the word. Only the mind and heart cleansed by the sanctification of the Spirit can discern heavenly things” (Tradução do autor).

mundo é alcançado. É tão-somente vivendo a experiência natural de “fruir” o Sábado que o ser humano encontra paz e conforto: onde seu corpo físico descansa e sua alma é refrigerada. Assim, há uma relação bastante clara entre corpo, alma e espírito ao dispô-los ante o Senhor em seu santo dia, o dia da Natureza por excelência, visto que “a criação se orienta para o sábado, dia em que participa do descanso com Deus [...] e prefigura o tempo vindouro”³⁵³, além de privilegiadamente servir para que o ser humano se proponha a um autoexame de consciência e se reconheça como criatura. Portanto, o Sábado é ou representa o ápice da comunhão integral dos seres humanos com Deus, segundo a visão whiteana (e judaica³⁵⁴). Assim, a espiritualidade materializada no cuidado do corpo e aquela centrada em meditativa oração encontra colo a partir da fruição do Sábado.

Os três temas elencados formam ainda uma tríade composta por corpo, alma e espírito, que nos livros e escritos de Ellen White podem ser assim percebidos (embora os temas converjam sem uma separação tão clara, apesar do excelente trabalho dos compiladores): os escritos sobre o corpo pressupõem seus muitos textos sobre a saúde; os escritos sobre educação dizem respeito à alma, visto que fazem a ponte entre o físico e o metafísico, e os textos que concernem ao Sábado e sua vivência dizem respeito às questões do Espírito, que ao visualizar privilegiadamente as obras da Criação, descansa em paz. Dessa forma, a escrita whiteana acerca da indissociável e mortal alma humana em íntima conexão com o tema “santificação” faz dela uma escritora holística ou integracionista, sensível para unir fragmentos da verdade, sendo este (a questão da santificação) um dos temas centrais e unificadores de sua pena³⁵⁵.

Antes dessa abordagem, contudo, será preciso identificar a construção do conceito de santificação whiteano, para que assim seja possível claramente

³⁵³ TAMAYO, Juan José. A Ecologia como lugar de encontro no diálogo inter-religioso. In: SUSIN, Luiz Carlos; SANTOS, Joe Maçal G. dos (Orgs.). **Nosso Planeta, Nossa Vida: Ecologia e Teologia**. São Paulo: Paulinas. 2011. p. 122.

³⁵⁴ O rabino Meir Matzliah Melamed ao comentar o livro de Gênesis capítulo 2, verso 3, escreve que: “a observância do *Shabat* é o sinal que testemunha que o Eterno é o Criador do Universo e que completou seu trabalho no sétimo dia. Nós, entretanto, devemos abster-nos de todo trabalho criativo no sábado para demonstrar que não somos os donos deste mundo, mas somente os servidores de Deus para cumprir Seus mandamentos.” **TORÁ**. São Paulo: Sêfer. 2001. p. 4.

³⁵⁵ DOUGLASS, 1998, p. 256, afirma que o tema unificador dos escritos de Ellen White é o “tema do grande conflito” (brevemente citado no tópico 2.1 deste trabalho). Contudo, para vencer o conflito, é necessário que o Espírito Santo em íntima conexão com o ser humano atue no processo de santificação. Assim, advogo que sem santificação, obviamente não há possibilidade de êxito no grande conflito e para melhor preparação e vivência do cotidiano que por si só é conflituoso é que Ellen White tanto escreveu acerca dos temas aqui abordados.

contextualizá-lo e/ou percebê-lo imiscuido aos temas. Essa construção não se mostra tão simples em virtude da já alegada pouca sistematicidade de seus escritos. Assim mesmo, essa construção mostra-se muito frutífera porque é possível perceber que por mais plural que seja, se mantém inalterável com relação à centralidade da mensagem.

3.1. Ellen White e a construção do “seu” conceito de santificação: a busca pelas origens e pelos significados do termo nos pioneiros e construção vivencial posterior

A construção do conceito whiteano de santificação ao longo da história do movimento e posteriormente da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi estudado por este autor ao longo de sua dissertação de mestrado.³⁵⁶ Como posto na introdução deste trabalho, não foi tão simples encontrar um único conceito, embora todos fossem intercambiáveis, visto manter o mesmo núcleo central da mensagem integralista whiteana.

William Miller, o pioneiro dos pioneiros adventistas, em seu afã de pregar a breve volta de Jesus para os seus dias, não se ocupou de sistematizar o assunto. Na verdade, publicou alguns panfletos comentando sobre as relações que encontrou nos livros de Daniel e Apocalipse e não fez muito mais do que isso em termos literários, embora não seja lúcido desprezar o valor de sua obra. Na verdade, de todas as obras pesquisadas de autoria de Miller, pouquíssimas vezes (talvez não mais de 3) ele citou textualmente o termo “santificação” e em pouco mais de 20, o termo “santidade”. Em todas elas as palavras aparecem extraídas de citações bíblicas ou, em poucos casos, em comentários a partir de citações escriturísticas.

Em Miller, não é possível encontrar uma chave de leitura que tenha fornecido a Ellen White, alguns anos depois, a confecção do termo que lhe seria tão caro ao longo de toda a vida. Ainda assim, afirmar que Miller não tocou no assunto é desconhecer o caráter de sua obra: ao tão-somente falar sobre a volta de Jesus, ele arregimentou centenas de milhares de pessoas ao longo de mais de uma década e certamente muitas delas aceitaram o cristianismo e mudaram suas vidas. Mais do que isso: em William Miller, percebe-se um florescer ou último suspiro do “segundo grande despertamento”, iniciado décadas antes por Jonathan Edwards e Charles

³⁵⁶ DARIUS; WACHHOLZ, 2010. (Vide nota 11)

Finney, dentre muitos outros. Ora, o que Miller fez foi, a seu modo, pregar acerca da santificação ao falar de profecias³⁵⁷. O resultado foi que, imediatamente antes da data marcada por seus correligionários para a volta de Jesus, muitas pessoas fizeram as pazes entre si e com Deus, enchendo seus auditórios a ponto de não servir mais ninguém³⁵⁸. Isso é santificação na prática, ao menos sob os moldes whiteanos.

Ao analisar alguns dos principais escritos de Joseph Bates, também pioneiro adventista do sétimo dia, não mais do que duas vezes foi percebido o termo. Ainda

³⁵⁷ Entre 1843-44 e 1847, houve um grandíssimo fervor em torno da volta de Jesus, tanto nos Estados Unidos, como, com menos fervor, na Europa. Ao menos 700 sacerdotes anglicanos anunciaram a volta de Cristo na Inglaterra em 1844. FROOM, Le Roy Edwin. **The Prophetic Faith of our Fathers: the historical development of prophetic interpretation.** Book III. Washington: Review and Herald, 1946. p. 704-705.

³⁵⁸ Essas informações podem ser auferidas a partir de leituras de James White e Joseph Bates, pioneiros adventistas do sétimo dia. Segundo James White, acerca de uma de suas reuniões escreveu que: "Mr. William Miller, the celebrated writer and lecturer on the second advent of our Saviour, and the speedy destruction of the world, has recently visited our city, and delivered a course of lectures to an immense concourse of eager listeners in the First Methodist Church. It is estimated that not less than three thousand persons were in attendance at the church, on each evening, for a week; and if the almost breathless silence which reigned throughout the immense throng for two or three hours at a time is any evidence of interest in the subject of the lectures, it cannot be said that our community are devoid of feeling on this momentous question". WHITE, James. **Life Incidents: Connection With the Great Advent Movement, as Illustrated by the Three Angels of Revelation XIV.** Battle Creek: Steam Press: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1868. p. 68. Em português: "Mr. William Miller, o célebre escritor e conferencista sobre a segunda vinda de nosso Salvador, e a breve destruição do mundo, recentemente visitou a nossa cidade, e fez um ciclo de palestras para uma imensa multidão de ávidos ouvintes na Primeira Igreja Metodista. Estima-se que pelo menos três mil pessoas estavam presentes na igreja, em cada noite, durante uma semana, e se o silêncio quase sem fôlego, que reinou durante toda a imensa multidão por duas ou três horas evidencia interesse no assunto das palestras, não se pode dizer que a nossa comunidade é desprovida de sentimento sobre esta questão momentosa. (Tradução própria). Ou ainda o interessante trecho que confirma a presença da aristocracia, onde pode ser lido que: "His next course of lectures commenced the next week, in the North Christian meeting-house, in the city of New Bedford, about two miles distant. It was supposed that here he had about fifteen hundred hearers, the number that the house would accommodate at one time. A large portion of the aristocracy and ministers were in attendance. No such religious excitement for the time was ever heard of there. The interest seemed deep and wide-spread. At the close of the last meeting, Bro. Miller affectionately addressed the ministers, and exhorted them to faithfulness in their responsible work, and said, "I have been preaching to your people on the soon-coming of our Lord Jesus Christ, as I understand it from the Scriptures," and added that, if they thought he was right, it was highly important that they should teach it to their respective congregations". WHITE, James. **The Early Life and Later Experience and Labors of Elder Joseph Bates.** Battle Creek: Steam Press: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1877, p. 263 e 264. Em português: "Seu próximo ciclo de palestras começou na semana seguinte, na casa de reunião cristã do Norte, na cidade de New Bedford, cerca de dois quilômetros de distância. Supunha-se que aqui ele tinha cerca de mil e quinhentos ouvintes, o número que a casa iria acomodar ao mesmo tempo. Uma grande parte da aristocracia e os ministros estavam presentes. Tanta excitação religiosa nunca foi ouvido de lá. O interesse parecia profunda e generalizada. No final da reunião passada, Irmão Miller carinhosamente dirigiu aos ministros, e exortou-os a fidelidade em seu trabalho responsável, e disse: 'Tenho pregado ao seu povo sobre a breve vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como eu entendo das Escrituras', e acrescentou que se eles achavam que ele estava certo, era muito importante que eles ensinassem às suas respectivas congregações". (Tradução do autor).

assim, em ambos tratava Bates a respeito de questões relativas ao Sábado³⁵⁹. Já em Uriah Smith, o termo pôde ser visualizado pelo menos outras 20 vezes, mas em boa parte delas, também em estrita relação com a questão sabática.³⁶⁰

Mais autores adventistas pioneiros foram analisados, como Roswell Cottrell e John Loughborough, dentre outros, com os mesmos resultados. Com isso, é possível perceber que em seus primórdios a Igreja Adventista do Sétimo Dia não parecia interessada em se aprofundar em muitos outros temas além da questão do Sábado bem como de questões puramente doutrinárias. Essa descoberta leva a crer que a busca pela santificação enquanto projeto de vida prático e holístico, embora não tenha sido empresa única e exclusiva de Ellen White, encontrou nela magnânimo apoio, sem a qual muito provavelmente o tema mal seria discutido entre os adventistas hoje, visto que praticamente tudo o que foi publicado - ao menos no Brasil no meio adventista - acerca do tema ou é dela, ou de algum autor contemporâneo que a toma como autora principal, fonte privilegiada de seu livro. Essa parece ser uma constatação importante visto que recebe apoio histórico, sabendo que a questão da temperança era um tema tipicamente feminino nos Estados Unidos do século XIX³⁶¹.

Ao fazer uma rápida busca pelos termos “*sanctification*” (santificação) e “*holiness*” (santidade) no acervo digital das obras da autora, disponibilizado pela Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, nota-se que o primeiro termo

³⁵⁹ BATES, Joseph. **The Seventh Day Sabbath, A Perpetual Sign**: From The Beginning to the Entering into the Gates of the Holy City, According to the Commandment. Press of Benjamin Lindsey, 1847. p. 85.

³⁶⁰ SMITH, Uriah.. **Synopsis of the Present Truth**: A Brief Exposition of the Views of S. D. Adventists. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1884. p. 65-65.

³⁶¹ Há um livro cujo título é fantástico por fazer um trocadilho com a monumental obra de J.S. Bach, *The Well-Tempered Clavier* (O cravo bem temperado), escrito por Carol Mattingly onde pode ser lido que: “Em meados do século XIX, muitas mulheres reconheceram que a questão da temperança oferecia um veículo ideal para falar sobre as preocupações das mulheres. [...] Além disso, a intemperança dos homens servia exclusivamente para destacar as muitas desigualdades e injustiças dentro do sistema jurídico, especialmente em relação às mulheres casadas. MATTINGLY, Carol. **The Well-Tempered Women**: nineteenth-Century Temperance rhetoric. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1998. p. 13-14. Pelo original: “By the mid-nineteenth century, many women recognized that the temperance issue offered an ideal vehicle for speaking about women's concerns. [...] Furthermore, men's intemperance uniquely served to highlight the many inequities and injustices within the legal system, specially with regard to married women”. (A tradução é minha). Cito ainda outras obras que atestam o caráter altamente feminino dos movimentos pela temperança nos Estados Unidos, a saber: BORDIN, Ruth Birgitta Anderson. **Woman and Temperance**: the quest for power and liberty, 1873-1900. Philadelphia: Temple University Press, 1981; WILLARD, Frances Elizabeth; LATHBURY, Mary An. **Woman and Temperance**: or the work and workers of the woman's christian temperance uniion. Hartford: Park Pub Company, 1883 e GORDON, Anna A. **Songs of the Young Woman's Christian Temperance Union**. Chicago: The Woman's Temperance Publication Association. 1889. A própria Ellen White tem um livro nomeado simplesmente “Temperança”. (WHITE, Ellen. **Temperance**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1949.)

aparece 1737 vezes, enquanto o segundo, 3189. Em uma antiga versão disponibilizada nos idos de 1994, o primeiro termo aparecia 1599 vezes, enquanto o segundo, 2965³⁶². Conta-se aí todas as vezes em que as palavras foram encontradas em livros, periódicos, panfletos, manuscritos e coleções miscelâneas, embora algumas vezes certos textos tenham sido repetidos, ao serem transcritos dos periódicos para as coleções. Ainda assim, o número de vezes em que os termos aparecem não deixa de impressionar. Essa diferença bem grande entre uma busca e outra deve-se ao fato de que continuamente esse banco de dados é alimentado, depois que esses documentos são lidos e digitalizados. Mesmo com essa atualização, o primeiro uso do termo por ela em seus escritos permanece o mesmo da primeira versão, disponibilizado em livro muito divulgado pela denominação:

O primeiro desses registros pode ser encontrado já em sua primeira obra publicada, *Early Writings* (1851) ou *Primeiros Escritos*, na tradução para o português. O livro abarca os dois pequenos textos iniciais de sua pena, conhecidos como “Experiências e Visões” e “Dons Espirituais”. Ali, sem dúvida nenhuma o termo original holiness pode ser traduzido por “santidade”, pois o contexto aborda sua visão sobre a cidade santa e a aparência dos habitantes do lugar. Esse tema – o da plenitude do Céu enquanto lugar físico – é intensamente abordado por ela nesse primeiro livro, certamente influenciada por William Miller. No citado exemplar, há uma vigorosa defesa da guarda do Sábado como mandamento válido como os outros nove do Decálogo e diversas referências a perseguições passadas ou futuras pelo povo de Deus.³⁶³

Novamente, em virtude da proximidade temporal de seus primeiros escritos sobre a questão com o tema todo-absorvente dos adventistas do sétimo dia de então, assim como Miller, Bates e tantos outros, ela vinculou a guarda do Sábado à santificação. Contudo, ao longo de muitos outros textos, sua percepção seria ampliada ao visualizá-la no centro de sua mensagem, como questão integradora do relacionamento intrínseco entre as faculdades da alma, sempre mediado pela graça divina. Segundo ela, “santificação não é obra de um momento, uma hora ou um dia. É um contínuo crescimento em graça”.³⁶⁴

Essa graça irrenunciável para os que buscam santificação proporciona

³⁶² Grande parte dos livros da autora podem ser encontrados on-line por um sítio subsidiado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Trata-se do endereço <http://www.ellenwhitebooks.com>. Acessado em 11 de outubro de 2012. Contudo, o referido acervo digital foi disponibilizado em CD-ROM, conforme nota de rodapé número 9. Sobre isto (situação das fontes) deverá dizer mais na introdução.

³⁶³ DARIUS e WACHHOLZ, 2010, p. 104.

³⁶⁴ WHITE, 1991, p. 51. Conforme o original: “Sanctification is not the work of a moment, an hour, or a day. It is a continual growth in grace”. (Tradução própria).

sentido à existência humana, dando vida ao mandamento que pressupõe o amor entre os homens. É exatamente por isso que, novamente se utilizando de uma metáfora natural, ela vai afirmar categoricamente que tudo o que foi criado por Deus, animado e inanimado, nasceu com o propósito de dar³⁶⁵: os rios dão suas águas aos mares, as árvores dão seus frutos e sombra aos seres humanos e estes, transformados, dão aquilo que recebem pela graça aos seus semelhantes e compartilham o que têm e o que sabem com as outras criaturas divinas. Por este processo, entende-se que Ellen White fala em santificação como o fruto de um íntimo processo de reavivamento espiritual que é seguido por intensa reforma nos mais diversos recônditos do ser, trabalho este iniciado e terminado pelo Espírito Santo, em estreita colaboração com o ser humano, sem o qual nada pode acontecer - o que faz de Ellen White, indubitavelmente uma arminiana, cessando aqui maiores possíveis flertes com o já citado Lutero. Dessa forma, para White, é somente através do livre-arbítrio que homens e mulheres podem seguir o conselho e buscar a Deus, a partir da aceitação do chamado do Espírito Santo. Este firme posicionamento whiteano costuma ser esquecido e faz com que não raras vezes editores e leitores adventistas do sétimo dia tendam a ver nos escritos de White aconselhamentos cuja não observação impossibilitaria totalmente a salvação, incorrendo aqui em grave erro por ela mesma descortinado. Um de seus livros clássicos, publicado originalmente por uma editora não-adventista de forma proposital para que o livro não sofresse preconceito em virtude do próprio preconceito da Igreja Adventista do Sétimo Dia à época contra as outras denominações cristãs³⁶⁶, em sua versão

³⁶⁵ Segundo White, em uma de suas páginas mais significativas: “Não há nada, a não ser o coração egoísta do homem, que viva voltado a si mesmo. Nenhum pássaro que fende os ares, nenhum animal que se move sobre a terra, deixa de servir a qualquer outra vida. Folha alguma da floresta, nem humilde haste de erva é sem utilidade. Toda árvore, arbusto e folha exalam aquele elemento de vida sem o qual nenhum homem ou animal poderia existir; e animal e homem servem, por sua vez, à vida da folha, do arbusto e da árvore. As flores exalam sua fragrância e desdobram sua beleza em bênção ao mundo. O Sol derrama sua luz para alegrar a mil mundos. O próprio oceano, a origem de todas as nossas fontes, recebe as correntes de toda a terra, mas recebe para dar. Os vapores que lhe ascendem ao seio caem em chuveiros para regar a terra a fim de que ela produza e floresça.” De acordo com o original: “Even now all created things declare the glory of His excellence. There is nothing, save the selfish heart of man, that lives unto itself. No bird that cleaves the air, no animal that moves upon the ground, but ministers to some other life. There is no leaf of the forest, or lowly blade of grass, but has its ministry. Every tree and shrub and leaf pours forth that element of life without which neither man nor animal could live; and man and animal, in turn, minister to the life of tree and shrub and leaf. The flowers breathe fragrance and unfold their beauty in blessing to the world. The sun sheds its light to gladden a thousand worlds. The ocean, itself the source of all our springs and fountains, receives the streams from every land, but takes to give. The mists ascending from its bosom fall in showers to water the earth, that it may bring forth and bud”. (WHITE, 1940, p. 20-21)

³⁶⁶ Em Minneapolis, em 1888, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, utilizando de uma metáfora extraída de sua própria prática, foi rebatizada ao efetivamente aceitar sem embargo a questão bíblica da

contemporânea, ganhou o subtítulo “passos que conduzem à certeza da salvação”. Em nenhuma edição anterior o referido subtítulo pôde ser encontrado.³⁶⁷

No entanto, verifica-se que embora em nenhum momento esses editores tenham comentado acerca da autossalvação, este é um efetivo problema concernente tanto a certos grupos pietistas como aos reavivamentistas, o que é necessariamente o caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Conforme Paul Tillich:

O pietismo, por exemplo, exigia um comprometimento pessoal radical em termos de uma experiência de conversão e de uma dedicação devocional da própria vida (incluindo elementos legais e doutrinários de renúncia). A tentação da auto-salvação está presente no pietismo e em todas as formas de reavivamentismo, pois ambos provocam o desejo de emoções que não são genuínas, mas artificialmente criadas. Isso acontece através de evangelistas e da canalização artificial das próprias possibilidades emocionais para experiências de conversão e santificação. Nessa situação, os elementos de auto-salvação são introduzidos no âmbito dos atos divinos de salvação dos quais desejamos nos apropriar.³⁶⁸

Para White, há uma perceptível preocupação em demonstrar claramente ao seu povo que a verdadeira santificação nada tem a ver com perfeccionismo - o que aqui precisa ser dito em função da relação entre a Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Lei -, ainda que ela tenha escrito que “nos arranjos para a educação do povo escolhido manifesta-se o fato de que a vida centralizada em Deus é uma vida de perfeição”³⁶⁹. Ora, para ela, uma vida centralizada em Deus é uma vida de perfeição,³⁷⁰ visto que Ele é perfeito e ao contemplá-Lo somos transformados e pouco a pouco santificados. Portanto, apesar dos seus muitos conselhos sobre tantos temas, ela não concordava com os adeptos do perfeccionismo. Sua crítica

justificação pela fé. Pode-se afirmar com certeza que antes desse ano, a igreja tendia a um legalismo generalizado, sendo este posicionamento altamente prejudicial interna e externamente, afetando seu relacionamento institucional com denominações históricas.

³⁶⁷ Trata-se do livro “Caminho a Cristo”, em sua edição de 2008 reimpressa para a coleção “Conectando com Jesus”. A edição original da obra remonta à 1892 e foi publicada pela Fleming H. Revell Company, editora então estabelecida em Chicago e Nova Iorque.

³⁶⁸ TILLICH, 2005, p. 378.

³⁶⁹ WHITE, 1980, p. 455. Pelo original: “In the arrangements for the education of the chosen people it is made manifest that a life centered in God is a life of completeness”. Deve-se aqui notar que ela utiliza a palavra *completeness* e não *perfection*!

³⁷⁰ Contudo, nem sempre White bem separava os termos “santificação” e “perfeição”, como pode ser percebido em DARIUS e WACHHOLZ, 2010, p. 105: “Esse dado pode facilmente ser comprovado ao comparar dois de seus mais famosos livros: No clássico ‘O Grande Conflito’ ela não utiliza o termo ‘perfeição’, enquanto no ‘Desejado de Todas as Nações’, aparece justamente o termo santificação. Nesse último livro ela fala em “perfeição de caráter”, que pode ser compreendido como estágio alcançado no processo de santificação. Para fundamentar a tese, cito de seu livro devocional *My Life Today*: “Esta santificação é uma obra progressiva, e um avanço de um estágio de perfeição a outro.” WHITE, Ellen. **My Life Today**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association. 1952. p. 250”.

(talvez a mais contundente) seja contra um movimento conhecido como “Carne Santa³⁷¹”, cujos membros pretensamente, depois do batismo nunca mais pecariam e ridiculamente se comportariam como crianças, engatinhando e falando como uma! Em seus escritos, a santificação é integral: não pode ser atestada simplesmente por uma pretensa felicidade aparente ou emoção, mesmo que o batismo seja um momento muito feliz e emocionante. Neste importante conceito, ela não deixa de introduzir a necessidade de bons hábitos alimentares, tornando mesmo agora muito difícil separar o termo de seu devido contexto tal como previsto e sumarizado neste trabalho. Para ela:

Esta é a verdadeira santificação. Não é apenas uma teoria, uma emoção, ou uma forma de palavras, mas um princípio vivo e ativo, entrando na vida cotidiana. Ela exige que os nossos hábitos de comer, beber e vestir-se ser de modo a garantir a preservação da saúde física, mental e moral, para que possamos apresentar ao Senhor nosso corpo, - não uma oferta corrompida por hábitos errados, mas "um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus³⁷².

Tão caro era para Ellen White o tema da santificação que em 1889 ela escreveu um pequenino livro (hoje vendido em formato de bolso contendo não muito mais do que 100 páginas) nomeado *The Sanctified Life* ou literalmente “Santificação”, título da obra em português. Eis nesse diminuto volume um resumo estendido acerca de seu entendimento sobre o assunto. Em seus onze capítulos, ela comenta sobre o que considera a “verdadeira” santificação em comparação com a falsa e logo dedica os dois capítulos seguintes a falar sobre princípios de temperança e controle dos apetites e paixões. A partir dos exemplos dos personagens bíblicos Daniel e João, ela termina sua obra discorrendo sobre o caráter e o privilégio do cristão.

³⁷¹ De acordo com G. A. Roberts “os seguidores dessa doutrina reuniam-se num porão vazio da igreja e um grande número deles dançavam em grande círculo gritando e levantando as mãos. Em seus cultos na igreja pregavam e gritavam até que alguém da congregação caísse do assento, inconsciente. Um ou dois homens andavam para cima e para baixo nos corredores, esperando justamente essa demonstração e pegavam a pessoa que havia caído, arrastando-a literalmente pela fila e colocando-a no estrado. Então certo número, talvez uma dúzia, reunia-se ao redor do corpo prostrado, alguns gritando, outros cantando, e alguns orando. Finalmente o indivíduo revivia, e então era contado entre os fiéis que haviam passado pelo jardim [visto que] o aspecto essencial da doutrina era que quando Jesus passou pelo jardim do Getsêmani, teve uma experiência que todos os que O seguem devem ter.” G. A. Roberts. **O Fanatismo da Carne Santa**. In: Notas e Manuscritos de E.G. White. Capão Redondo: Centro de de Pesquisa E.G. White, 19[--]. p. 185.

³⁷² WHITE, 1976, p. 57. Pelo original: “This is true sanctification. It is not merely a theory, an emotion, or a form of words, but a living, active principle, entering into the everyday life. It requires that our habits of eating, drinking, and dressing be such as to secure the preservation of physical, mental, and moral health, that we may present to the Lord our bodies,--not an offering corrupted by wrong habits, but ‘a living sacrifice, holy, acceptable unto God’.” (Tradução própria).

Nesta obra, fica bastante claro que White, como sempre foi defendido ao longo deste trabalho, critica a teorização da religião ou de qualquer área e defende a Bíblia como única regra de fé, bem como, novamente, um espírito, físico e moral. O primeiro capítulo do livro é iniciado com as seguintes palavras:

A Santificação exposta nas Sagradas Escrituras diz respeito ao todo - as partes espiritual, física e moral. Eis a verdadeira ideia sobre a perfeita consagração. Paulo ora para que a igreja em Tessalônica possa gozar esta grande bênção: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". I Tess. 5:23. Há no mundo religioso uma teoria de santificação que, em si mesma, é falsa, e perigosa em sua influência. Em muitos casos aqueles que professam santificação não a possuem verdadeiramente. Sua santificação consiste em um culto por palavras e em teoria. Aqueles que estão realmente buscando o perfeito caráter cristão, jamais condescenderão com o pensamento de que estão sem pecado³⁷³.

Claramente pode ser percebido que, ao não condescender com a ideia de impecabilidade, os adventistas do sétimo dia caminham longe das trilhas dos que advogam o perfeccionismo como possibilidade real³⁷⁴. Limpidamente percebe-se que a exigência de uma consagração perfeita nas faculdades constituintes do todo é possível sim, por mais paradoxal que isso seja, como acima exposto. Nisso escreve Ellen White, em outra obra, que "santificação significa a cultura e o treinamento de

³⁷³ WHITE, Ellen. **The Sanctified Life**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1956, p. 7. No original lê-se que "The sanctification set forth in the Sacred Scriptures has to do with the entire being--spirit, soul, and body. Here is the true idea of entire consecration. Paul prays that the church at Thessalonica may enjoy this great blessing. "The very God of peace sanctify you wholly; and I pray God your whole spirit and soul and body be preserved blameless unto the coming of our Lord Jesus Christ" (1 Thessalonians 5:23). There is in the religious world a theory of sanctification which is false in itself and dangerous in its influence. In many cases those who profess sanctification do not possess the genuine article. Their sanctification consists in talk and will worship. Those who are really seeking to perfect Christian character will never indulge the thought that they are sinless." (Tradução própria)

³⁷⁴ Hoje em dia, essa ideia de perfeição possível aqui na Terra parece totalmente abandonada. Conforme Standish: "Often perfection and perfectionism are confounded. Scores of times Sister White uses the word 'perfect'. She consistently upholds it as a God-given gift to every submitted Christian. Further, she states that God not only imputes perfection but He also imparts it." Em nossa língua, "Muitas vezes, perfeição e perfeccionismo são confundidos. Dezenas de vezes Irmã White usa a palavra 'perfeito'. Ela consistentemente defende como um dom dado por Deus a todos os cristãos submissos. Além disso, ela afirma que Deus não apenas imputa a perfeição, mas Ele também a dá". Ainda: "While good works contribute nothing to the basis or merit of man's salvation, good works provide the condition of salvation. Good works are the fruit of a holy life." Em português: "Embora as boas obras não contribuam em nada para a base ou mérito da salvação do homem, as boas obras fornecem a condição de salvação. As boas obras são o fruto de uma vida santa." STANDISH, Colin D. **Perfection**. Rapidan: Hartland Publications, 2009. p. 49 e 249. (Tradução própria.)

cada capacidade para o serviço do Senhor.”³⁷⁵ Assim, o esforço divino-humano novamente pode ser percebido, ao “continuamente crescer na graça e no conhecimento da verdade” ao longo de toda a vida.³⁷⁶ Ainda, somente por palavras e erudição, nada pode ser ganho neste sentido.

Algo também importante a se destacar na construção do conceito whiteano de santificação é a presença e necessidade do amor de Deus. Embora não se tenha encontrado praticamente nenhum vínculo entre os primeiros autores adventistas do sétimo dia e Ellen White, aqui não é possível dizer que ela não foi influenciada, ainda que indiretamente por John Wesley e a sua religião do coração. É pelo amor de Deus por sua criação que o Espírito atua neste para que o mesmo receba forças para lutar contra o seu próprio “eu”. Segundo Lindstroem, para Wesley

A santidade é considerada como uma transformação ética do coração e da vida do homem. Sua essência é o amor. Ser cristão significa ter uma fé que atua no amor. Amor a Deus e ao próximo com base na fé são dadas como as verdadeiras características do cristão. Ele tem o temperamento de Cristo. Aquele que crê em Cristo caminha no Espírito Santo. Nele são revelados os frutos do Espírito. Ele é santificado no coração e na vida.³⁷⁷

É no mínimo interessante notar que Ellen White ao descrever vigorosamente o tema do Grande Conflito através de uma série de livros onde comenta do Gênesis ao Apocalipse, as primeiras três palavras do primeiro livro - Patriarcas e Profetas - e

³⁷⁵ WHITE, Ellen. **Selected Messages**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1958, Volume I, p. 33. Pelo original: “sanctification means the culture and training of every capability for the Lord’s service.” (Tradução própria).

³⁷⁶ WHITE, 1958, p. 317 mostra mais uma vez sua teologia holística ao afirmar que “a obra da santificação é a obra de uma vida, que deve seguir continuamente, mas esse trabalho não pode continuar no coração enquanto a luz em qualquer parte da verdade é rejeitada ou negligenciada. A alma santificada não se contentará em permanecer na ignorância, mas deseja caminhar na luz e buscar mais luz. Como um mineiro cava ouro e prata, o seguidor de Cristo vai procurar a verdade como a tesouros escondidos, e vai pressionar de luz para uma luz maior, cada vez mais no conhecimento. Ele continuará a crescer na graça e no conhecimento da verdade. O ‘eu’ deve ser superado. Todo defeito de caráter deve ser discernido no grande espelho de Deus. Podemos descobrir se estamos ou não condenados pela norma do caráter de Deus.” Pelo original: “The work of sanctification is the work of a lifetime; it must go on continually; but this work cannot go on in the heart while the light on any part of the truth is rejected or neglected. The sanctified soul will not be content to remain in ignorance, but will desire to walk in the light and to seek for greater light. As a miner digs for gold and silver, so the follower of Christ will seek for truth as for hidden treasures, and will press from light to a greater light, ever increasing in knowledge. He will continually grow in grace and in the knowledge of the truth. Self must be overcome. Every defect of character must be discerned in God’s great mirror. We may discover whether or not we are condemned by God’s standard of character.” (Tradução própria).

³⁷⁷ LINDSTROEM, Harald. **Wesley and sanctification: a study in the Doctrine of salvation**. London: The Epworth Press, 1956, p. 102. Ou, de forma ainda mais direta: “Santidade é amar a Deus com o meu coração, mente, alma e força, e amar o meu próximo como a mim mesmo. Simplificando, a santidade é Cristo”. DRURY, Keith. **Holiness for ordinary people**. Indianapolis: Wesleyan Publishing House, 2009, p. 15. Pelo original: “Holiness is loving God with my heart, mind, soul and strength, and loving my neighbor as myself. Simply put, holiness is Christlikeness.” (Tradução própria).

as três últimas do último - O Grande Conflito - são “Deus é amor”³⁷⁸. É somente a partir da perspectiva de um Deus infinitamente amoroso que é possível compreender em Ellen White, tanto o grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás, quanto o processo de santificação para que o ser humano vença esse mundo e viva eternamente com Cristo nas mansões celestiais. Natural, portanto, que em alguns de seus textos sobre o tema, o amor de Deus seja facilmente observável, seguindo os passos de Wesley. Assim, para ela:

A verdadeira santificação vem através da operação do princípio do amor. "Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele." 1 João 4:16. A vida daquele em cujo coração Cristo habita, revelará a piedade prática. O caráter será purificado, elevado, enobrecido e glorificado. Doutrina pura vai misturar-se com obras de justiça; preceitos celestiais misturar-se-ão com as práticas sagradas.³⁷⁹

Apesar de ser o amor de Deus aquele responsável pela santificação, em White, amar a Deus também pressupõe, necessariamente, obediência aos mandamentos. Assim, volta-se propositalmente à “carteira de identidade” da Igreja Adventista do Sétimo Dia, encontrado em Apocalipse 14, verso 12, sobre a guarda dos mandamentos e a fé de Jesus. Santificação, portanto, é, ao mesmo tempo, fruto do amor divino pela criação e a resposta desse amor recebido pela criatura para Deus, onde aqueles que aceitam esse amor oferecem como gratidão, todo o seu “eu” em submissão Àquele que não pode errar. Esse círculo retroalimentado pelo amor, para aquele que persiste, é eterno, ao passar para um novo e esperado estado: a glorificação³⁸⁰, com vistas à imortalidade. A centralidade do conceito de santificação é um dos fatores que pode explicar a tamanha ânsia dos adventistas do sétimo dia pela volta de Jesus, visto que a prática do conceito muda o foco de visão

³⁷⁸ WHITE, 1958, p. 33 em comparação com WHITE, 1907, p. 678.

³⁷⁹ WHITE, 1941, p. 560. Pelo original, lê-se que “True sanctification comes through the working out of the principle of love. "God is love; and he that dwelleth in love dwelleth in God, and God in him." 1 John 4:16. The life of him in whose heart Christ abides, will reveal practical godliness. The character will be purified, elevated, ennobled, and glorified. Pure doctrine will blend with works of righteousness; heavenly precepts will mingle with holy practices.” (Tradução própria)

³⁸⁰ Aquilo que Ellen White chama de glorificação, outros autores contemporâneos a ela consideravam ainda santificação. Para Samuel Chadwick, ministro metodista nascido em 1860 e bastante popular no início do século XX, escreveu que “Sanctification in its beginnings, process, and final issues, is the full eradication of the sin itself, which reigning in the unregenerate co-exists with the new life in the regenerate, is abolished in the wholly sanctified”. Em português: “Santificação em seus primórdios, processos e questões finais, é a erradicação completa do próprio pecado, que reina no regenerado co-existe com a nova vida no regenerado, e é abolida nos santificados”. CHADWICK, Samuel. **The Call to Christian Perfection**. London: Epworth Press, 1936. p. 59. Para White, a erradicação do pecado e a santificação completa, ou seja, a glorificação, se dará apenas no fim do Grande Conflito.

da Terra para o Céu, fazendo com que a Terra se torne parte daquela outra morada, ainda que não plenamente, por ora. Portanto, enquanto resumo geral dos conceitos até aqui colhidos, talvez este abarque de forma mais completa o pensamento whiteano neste tocante:

A verdadeira santificação significa perfeito amor, perfeita obediência, perfeita conformidade com a vontade de Deus. Devemos ser santificados a Deus pela obediência à verdade. Nossa consciência deve ser purificada de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo. Nós ainda não somos perfeitos, mas é nosso privilégio ficarmos fora das confusões do eu e do pecado, e avançar para a perfeição. Grandes possibilidades e realizações elevadas e santas, são colocadas ao alcance de todos.³⁸¹

Ao levar o conceito de santificação para além da doutrina do Sábado (como será apresentado mais tarde, neste capítulo) e integrá-lo ao estilo de vida cotidiano³⁸², fundando uma das denominações “originais” da América do Norte, Ellen White se “transformou em uma das mais coloridas figuras religiosas dos Estados Unidos no século XIX”³⁸³, alterando às vezes radicalmente o agir ao influenciar o pensar de muitas e sucessivas gerações. Tentou ao longo de toda a sua vida, a partir de comunhão diária com Cristo, viver o que tanto escreveu e pregou. Assim, com grande êxito, conseguiu fazer importantes pontes entre santificação e corpo, alma e espírito.

³⁸¹ WHITE, 1941, p. 565. No original, encontra-se: “True sanctification means perfect love, perfect obedience, perfect conformity to the will of God. We are to be sanctified to God through obedience to the truth. Our conscience must be purged from dead works to serve the living God. We are not yet perfect; but it is our privilege to cut away from the entanglements of self and sin, and advance to perfection. Great possibilities, high and holy attainments, are placed within the reach of all.” (Tradução própria).

³⁸² De acordo com BULL e LOCKHART, 2007, p. xiii, “de todas as alternativas de estilo de vida norte-americano, o adventismo do sétimo dia é uma das mais habilmente diferenciadas, sistematicamente desenvolvidas e institucionalmente bem-sucedidas.”

³⁸³ BALMER, Randall. **White, Ellen Gould (née Harmon)**. In: Encyclopedia of Evangelicalism. Westminster: John Knox Press, 19[–]. p. 614–615.

3.2. Santificação e Corpo: princípios de saúde e estilo de vida como componentes espirituais na dimensão humana

A dimensão humana, seguindo a antropologia bíblica conforme a interpretação adventista do sétimo dia, como comentado, encontra no cuidado do corpo físico grande relevância que contribui para o equilíbrio espiritual, chave no processo de santificação. O corpo, que tinha grande significado para os antigos judeus e era plenamente idealizado para os gregos³⁸⁴, perdeu ênfase ao longo de toda a Idade Média sendo repositório do pecado e “abominável vestimenta da alma”³⁸⁵. Foi relativamente reestabelecido na Modernidade, sendo ao mesmo tempo “lugar de salvação e condenação do indivíduo”³⁸⁶, ainda que separado de outras faculdades constituintes do ser humano. Apenas na contemporaneidade que o medieval e moderno viés pejorativo aos poucos deixa de ser relevado, para que - por parte de alguns pesquisadores - se volte aos antigos conceitos holísticos, dando ao corpo sua devida importância tanto no processo de salvação, como em sua indissociável relação com o espírito.

Seguindo esta linha, Ellen White abordou muito séria e profundamente essa relação ao comentar extensamente sobre o verso bíblico que afirma que o “corpo é templo do Espírito Santo”³⁸⁷, sendo mote para muitos de seus capítulos, quase todos em conexão com a alimentação. Para melhor abordar essa tão proeminente questão, é necessário conhecer o contexto histórico em que nasceu a mensagem de saúde no seio adventista do sétimo dia.

³⁸⁴ BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, volume 23, número 1, 2011, p. 25. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>. Acessado em 14 de outubro de 2013.

³⁸⁵ Le GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 11-12.

³⁸⁶ DUARTE, Bárbara Nascimento. O corpo da modernidade: lugar da condenação e da salvação do indivíduo. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, volume 9, número 26, Agosto 2010, p. 532-579. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/BarbaraArt.pdf>. Acessado em 14 de outubro de 2013.

³⁸⁷ BÍBLIA, 2012, p.1077.

3.2.1. Contexto histórico da mensagem da saúde adventista do sétimo dia e importância do tema para Ellen White

Otsego é uma pequenina cidade do estado de Michigan. Atualmente conta com apenas 3901 habitantes³⁸⁸ e é inexpressiva em praticamente qualquer aspecto que se observe. Fundada em 1831, teve um posto dos correios estabelecido no ano seguinte e apenas em 1883, formou seus primeiros alunos em sua escola: uma turma composta por três almas! Em 1861, um pequeno grupo de adventistas do sétimo dia fundou ali uma diminuta congregação que bem poderia ter se perdido ao longo da história. Ainda assim, é uma cidade extremamente significativa para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi precisamente ali, em 6 de junho de 1863 na casa de certo prosélito de nome A. Hilliard, que Ellen White teve sua primeira visão acerca de uma necessária reforma de saúde³⁸⁹. Essa tão propalada reforma que se mantém firme até os dias de hoje é um dos marcos mais distintivos do adventismo militante e nova luz hodierna, trabalho continuador da Reforma, que nas palavras de Ellen White, apenas começou com Lutero. Compreender os motivos e abraçar esta nova faceta da Reforma, portanto, é positivamente confirmar a criação humana por Deus e a Ele adorar, entregando a Ele nosso melhor, conservado da melhor forma, em todos os aspectos. Conforme Ellen White:

A Reforma não acabou, como muitos supõem, com Lutero. Ele deve ser continuado até ao fim da história deste mundo. Lutero tinha um grande trabalho a fazer, transmitindo a outros a luz que Deus havia permitido brilhar sobre ele, mas ele não recebeu toda a luz que deveria ser dada ao mundo. Desde aquele tempo até hoje, nova luz tem sido continuamente brilhando sobre as Escrituras, e novas verdades têm sido constantemente se desdobrando.³⁹⁰

Sabendo que naquele mesmo ano, em 21 de maio, a referida igreja foi oficialmente fundada, percebe-se que esta é uma das primeiras visões de Ellen White neste novo contexto. Na verdade, pode-se contar uma anterior em ordem de relevância (dentre suas aproximadamente duas mil ao longo da vida!) na qual em 5 de junho, ela teve uma visão sobre “esposas não consagradas que objetivavam

³⁸⁸ Seguindo os dados do Censo dos Estados Unidos (United States Census Bureau). Disponível em <http://quickfacts.census.gov/qfd/states/36/36077.html>. Acessado em 13 de outubro de 2013.

³⁸⁹ WHITE, 1976, p. 481.

³⁹⁰ WHITE, 1980, p. 353.

desencaminhar seus maridos pastores de suas missões”³⁹¹ e ainda outra muito importante concernente ao alistamento na Guerra Civil, embora esta remeta à janeiro daquele ano³⁹². Portanto, não parece ser exagero afirmar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu com a proposta de reforma da saúde, sem no entanto deixar de lado seu grande tema do “grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás”, sob o prisma do amor de Deus.

Não é possível afirmar, no entanto, que a mensagem de saúde visualizada por Ellen White seja algo totalmente nova nos Estados Unidos. Afinal, como foi destacado no primeiro capítulo, ela ao mesmo tempo foi “filha e mãe” de seu próprio tempo, ao se utilizar dos meios e recursos disponíveis naquele período para propor novidades que não foram necessariamente bem recebidas em seus dias, nem mesmo pelos primeiros adventistas. Assim, observa-se que em seus primeiros panfletos temáticos, ela citou extensivamente outros reformadores da saúde de seu tempo³⁹³, embora com ressalvas: ao não apresentar uma mensagem genuinamente nova, mas contextualizar os princípios de saúde dentro do escopo divino, ela optou por evitar “ideias de reformadores de saúde da sua época que estavam em conflito com os princípios que ela recebera em visão”.³⁹⁴

Prova disso é a abertura do primeiro de seis panfletos que assina com seu esposo James nomeado “Health, or, How to live” ao aludir à terceira carta de João,

³⁹¹ WHITE, 1948a, p. 450-455.

³⁹² WHITE, Arthur. **The Ellen G. White Biography**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1982. p. 49. Deve-se notar também aqui que ela conclama às leis de Deus e a consciência. Segundo ela: “Foi-me mostrado que o povo de Deus, Seu tesouro peculiar, não pode se envolver nesta guerra desconcertante, pois é contrário a todos os princípios de sua fé. No exército eles não podem obedecer à verdade e ao mesmo tempo obedecer às exigências de seus oficiais. Haveria contínua violação da consciência. Os homens do mundo são regidos por princípios mundanos. Mas o povo de Deus não pode ser governado por estes motivos. Aquele que ama os mandamentos de Deus estará de acordo com toda a boa lei da terra. Mas se as exigências dos governantes são tais que entrem em conflito com as leis de Deus, a única questão a ser resolvida é: Devemos obedecer a Deus, ou o homem?”. Conforme o original: “I was shown that God's people, who are His peculiar treasure, cannot engage in this perplexing war, for it is opposed to every principle of their faith. In the army they cannot obey the truth and at the same time obey the requirements of their officers. There would be continual violation of conscience. Worldly men are governed by worldly principles. But God's people cannot be governed by these motives. Those who love God's commandments will conform to every good law of the land. But if the requirements of the rulers are such as conflict with the laws of God, the only question to be settled is: Shall we obey God, or man?” (Tradução própria). Julguei necessário inserir neste momento esta nota para clarificar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia desde os seus primórdios foi contrária ao envolvimento de seus membros em qualquer tipo de combate ou guerra. Isso a distingue de outras “igrejas adventistas”, como a Igreja Adventista do Sétimo Dia da Reforma, de vertente alemã, que por este particular se separou da mãe. Eis um dos motivos para escrever o nome por completo da denominação, criada no ano da visão da reforma da saúde.

³⁹³ DOUGLASS, 1998, p. 288.

³⁹⁴ DOUGLASS, 1998, p. 288.

dirigido a Gaio, onde se lê: “Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma” (3 Jo 1,2).³⁹⁵ Os dois autores fazem absoluta questão de deixar “saúde” em caixa alta, destacando-o totalmente ao colocar o tema em íntima relação com a alma, novamente ressaltando o caráter holístico da doutrina adventista e, principalmente, de Ellen White. Ao comentar acerca desse versículo, ela não se furta de fazer alusões à reforma de saúde. Diz ela que:

Nosso trabalho inclui muito mais do que de ficar de pé diante das pessoas e pregar a eles. Em nosso trabalho estamos a ministrar às enfermidades físicas daqueles com quem somos postos em contato. Estamos a apresentar os princípios da reforma de saúde, impressionando nossos ouvintes com o pensamento de que eles têm uma parte a desempenhar em manter-se na área da saúde. O corpo deve ser mantido em uma condição saudável, a fim de que a alma possa estar saudável. O estado do corpo atinge o estado da alma. Ele, que teria a força física e espiritual deve educar seu apetite nas linhas certas. Ele deve ter cuidado para não sobrecarregar a alma por sobrecarregar seus poderes físicos ou espirituais. Fidelidade aos princípios corretos do comer, beber e vestir-se é um dever que Deus impôs aos seres humanos. O Senhor deseja que obedeçamos às leis da saúde e da vida. Ele detém cada um responsável para cuidar adequadamente de seu corpo, que pode ser mantido com saúde.³⁹⁶

Dos muitos autores não-adventistas citados por James e Ellen White, encontram-se nomes bastante conhecidos, como o do reformador Horace Mann que atuou diretamente com o pastor, teólogo e reformador reavivamentista Charles Finney (que ao lado de Jonathan Edwards se destaca enquanto figura popular no

³⁹⁵ A BÍBLIA, 2012, p. 1203.

³⁹⁶ WHITE, Ellen. **Evangelism**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1970. p. 261. Pelo original: “Our work includes far more than standing before the people to preach to them. In our work we are to minister to the physical infirmities of those with whom we are brought in contact. We are to present the principles of health reform, impressing our hearers with the thought that they have a part to act in keeping themselves in health. The body must be kept in a healthy condition in order that the soul may be in health. The condition of the body affects the condition of the soul. He who would have physical and spiritual strength must educate his appetite in right lines. He must be careful not to burden the soul by overtaxing his physical or spiritual powers. Faithful adherence to right principles in eating, drinking, and dressing is a duty that God has laid upon human beings. The Lord desires us to obey the laws of health and life. He holds each one responsible to care properly for his body, that it may be kept in health”. (Tradução própria). Em vários outros textos ela volta a falar sobre sua propalada reforma de saúde ao destacar o texto bíblico citado. Dentre tantos, cito: WHITE, 1942, p. 113; WHITE, Ellen. **Welfare Ministry**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1952, p. 117 e principalmente, WHITE, 1977. p. 27 onde ela escreve que: “a saúde do corpo depende em grande parte a saúde da alma e, portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus. A religião pessoal é revelada pelo comportamento, as palavras e as ações. Isso faz com que o crescimento, até que finalmente a perfeição reivindica o louvor do Senhor: ‘Vós sois completamente n’Ele’”. Pelo original: “Health of body depends largely upon health of soul; therefore whether you eat or drink, or whatsoever you do, do all to the glory of God. Personal religion is revealed by the deportment, the words, and the actions. It causes growth, till at last perfection claims the commendation of the Lord, “Ye are complete in Him””. (Tradução própria).

cenário religioso dos Estados Unidos) bem como o médico Diocletian Lewis, um dos mais conhecidos líderes do movimento de temperança dos Estados Unidos³⁹⁷. James e Ellen White citam também nomes hoje menos conhecidos, como John C. Gunn. Este último, ainda nos anos 50 do século XIX colocou-se contra o uso do tabaco, alertando acerca de seus malefícios. (Sobre ele, há um interessante artigo onde o autor compara frases de outros autores utilizadas por Ellen White em seus textos³⁹⁸.) As palavras desses autores, mais uma vez comprovam a importância capital do contexto histórico para a recepção dos textos de Ellen White, servindo como eco às dificuldades absurdas enfrentadas pelos estadunidenses no século XIX no que diz respeito à saúde básica.

Ao adentrar nesses e outros autores, faz-se necessário melhor caracterizar as condições médicas e sanitárias dos Estados Unidos. Assim, ao citá-los, bem como a pesquisadores que remetem à história médica daquele país, poderão ser melhor percebidas as nuances presentes nos escritos whiteanos sobre o assunto, bem como suas fontes diretas e indiretas. Percebe-se dessa forma que, embora as linhas gerais de seus escritos sobre o tema em si mesmo não contenham grandes novidades, sua alusão à santificação a partir da temperança mostra-se bastante distinta.

³⁹⁷ Dr. Lewis praticou ao longo de parte de sua vida, a medicina homeopática, largamente condenada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia atualmente, embora Ellen White, em sua postura equilibrada fosse contrária ao uso exagerado dos medicamentos alopáticos e homeopáticos. Segundo ela: “Em sua prática, os médicos devem procurar cada vez mais diminuir o uso de drogas, em vez de aumentá-la. Quando o Dra. “A” veio para o Retiro de Saúde, ela deixou de lado seu conhecimento e prática de higiene, e administrou pequenas doses homeopáticas para quase todos os males. Esta era contra a luz que Deus havia dado. Assim, o nosso povo, que havia sido ensinado a evitar as drogas em quase todas as formas, recebiam uma educação diferente. Conforme o original: “In their practice, the physicians should seek more and more to lessen the use of drugs instead of increasing it. When Dr. A came to the Health Retreat, she laid aside her knowledge and practice of hygiene, and administered the little homeopathic doses for almost every ailment. This was against the light God had given. Thus our people, who had been taught to avoid drugs in almost every form, were receiving a different education. WHITE, Ellen. **Selected Messages**. Volume Três. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1980. p. 282. (Tradução própria).

³⁹⁸ Conforme OLSON, Robert W. **Ellen White's Denials**. Disponível em <https://www.ministrymagazine.org/archive/1991/02/ellen-whites-denials>. Acessado em 13 de outubro de 2013. Aliás, ao longo de toda a sua vida e posteriormente, Ellen White foi diversas vezes acusada de plágio. No entanto, essas acusações podem ser relativizadas se levar em conta as “frouxas” normas de seus dias. Para mais informações, recomendo a leitura de um artigo onde o caso é apresentado. Trata-se de FORTIN, Denis; MOON, Jerry. **Borrowing and Plagiarism**. Disponível em <http://www.andrews.edu/~fortind/EGWPlagiarism-Encyclopedia.htm>. Acessado em 14 de outubro de 2013.

3.2.2. *Sobre as condições médicas e sanitárias nos Estados Unidos à época de Ellen White e os primeiros protagonistas da saúde que a influenciaram*

Apesar das grandes conquistas dos Estados Unidos em muitas distintas áreas, a começar pela vitória na guerra contra os ingleses em 1812 e a posterior aceitação destes da independência de sua antiga colônia, em termos higiênicos e sanitários, os Estados Unidos padeciam miseravelmente. Suas condições eram totalmente diversas daquela encontrada na capital da antiga metrópole e ainda tudo havia por ser feito - desde um sistema de esgoto, passando pelo tratamento da água, até hospitais que suprissem as demandas da época.

Dado o caráter rural dos Estados Unidos na virada para o século XIX, eram bastante raros os hospitais. A média de vida era extremamente baixa (conforme visto no primeiro capítulo) e até a Guerra Civil, sequer havia anestesia, sendo que, de maneira geral, o curso de medicina durava não mais de um ano. Conforme Christianson, acerca das condições médicas na região da Nova Inglaterra, local de nascimento de Ellen White:

Hospitais não surgiram na Nova Inglaterra [...] até o século 19. Vários fatores contribuíram para esse atraso. Apenas as grandes cidades poderiam dar ao luxo de manter um hospital, e durante o período colonial a Nova Inglaterra permaneceu predominantemente rural. Além disso, a maioria dos imigrantes veio da Inglaterra provincial e, portanto, ao contrário de moradores de Londres, não estavam acostumados à presença de hospitais. As famílias e os municípios assumiram a responsabilidade pela caridade médica. Finalmente, o sistema de aprendizagem de formação de médicos incentivou a prática nas casas de seus pacientes.³⁹⁹

Christianson, em seu artigo, se atém a um fato histórico muito importante percebido e vivenciado por Ellen White: a região da Nova Inglaterra recebeu imigrantes ingleses pobres e mesmo paupérrimos, que não teriam condições de frequentar hospitais, a menos que estes fossem públicos, mesmo sendo este o caso da maioria deles na época. A precária medicina doméstica da época tornava

³⁹⁹ CHRISTIANSON, Eric. H. **Medicine in New England**. In: LEAVITT, Judith Walzer; NUMBERS; Ronald L. *Sickness and Health in America: Readings in the History of Medicine and Public Health*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1997, p. 61. Conforme o original: "Hospitals did not appear in New England, however, until the 19th century. Several factors contributed to this delay. Only large towns and cities could afford to maintain a hospital, and during the colonial period New England remained predominantly rural. Besides, most immigrants came from provincial England and thus, unlike London residents, were unaccustomed to the presence of hospitals. Families and municipalities assumed responsibility for medical charity. Finally, the apprenticeship system of training doctors encouraged practice in the homes of their patients." (Tradução própria)

dolorosa e restrita a vida da grande maioria dos habitantes daquele país. Como exemplos, pode-se perceber John Herbert White, um dos filhos de Ellen e James, nascido e morto em 1860 tendo como *causa mortis* a eripisela. A eripisela é uma erupção cutânea causada por bactérias que penetram a partir de um diminuto ferimento, geralmente frieira ou picada de inseto. A doença basicamente pode ser evitada pela higiene corporal. Ainda, Henry, seu filho mais velho, veio a falecer aos dezesseis anos de idade, vítima de pneumonia, em grande medida provocada por sua baixa imunidade, decorrência de hábitos intemperantes aliado ao inóspito clima de Michigan.

A morte do primogênito Henry por pneumonia no frescor da juventude, fato infelizmente comum à época naquela região mesmo em face às grandes dificuldades subsistenciais, expõe a ausência de condições médicas mínimas, tanto em termos estruturais como em desenvolvimento e pesquisa de uma forma geral. A eripisela, que vitimou John Herbert era potencialmente fatal antes do advento dos antibióticos. Sabe-se que nos Estados Unidos, apenas em 1876 é que antibióticos foram utilizados pela primeira vez.⁴⁰⁰

Enquanto as condições médicas reinantes nos Estados Unidos eram preocupantes, os hábitos alimentares da maioria da população seriam absolutamente não recomendáveis em nossos dias. Praticamente sem a presença de frutas e legumes e com a ingestão de grandes quantidades de comida pesada aliado a falta das horas saudáveis de sono e trabalho braçal pesado (com banhos raros), a morte prematura por indigestão era provavelmente corriqueira, bem como frequentes problemas estomacais. Basicamente, o estadunidense médio do século XIX não mantinha em equilíbrio seu corpo em relação a sua alma, embora o

⁴⁰⁰ PARASCANDOLA, John. **The Introduction of Antibiotics into Therapeutics**. In: LEAVITT e NUMBERS, 1997. p. 102. Ao longo do século XIX, a relação entre médico e paciente foi pouco a pouco sendo modificada. De acordo com Warner: “A exposição terapêutica e prática médica nos Estados Unidos, foi alterada fundamentalmente ao longo do século 19. As práticas tradicionais, fundadas em pressupostos sobre a doença compartilhada pelo médico e paciente e orientado para alterar visivelmente os sintomas de indivíduos doentes, começou a ser suplantado por estratégias terapêuticas baseadas em ciência experimental [...], minimizando as diferenças entre os pacientes”. Pelo original: “Medical therapeutic explanation and practice in the United States were altered fundamentally over the course of the 19th century. Traditional practices, founded upon assumptions about disease shared by doctor and patient and oriented toward visibly altering the symptoms of sick individuals, began to be supplanted by therapeutic strategies grounded in experimental science that objectified disease while minimizing the differences among patients.” WARNER, John Harley. From Specificity to Universalism in Medical Therapeutics: Transformation in the 19th-Century United States. In: LEAVITT; NUMBERS, 1997, p. 87.

conceito hoje tão comentado simplesmente não existisse ainda para as grandes massas. De acordo com Numbers:

Por toda a sua vitalidade aparente, a América no início do século XIX era uma nação doente e suja. O saneamento público era manifestamente insuficiente, e higiene pessoal, praticamente inexistente. A grande maioria dos norte-americanos raramente, ou nunca, se banhava. Seus hábitos alimentares, incluía o consumo de quantidades gigantescas de carne, o suficiente para manter a maioria dos estômagos continuamente perturbados. Frutas e vegetais verdes raramente apareciam em cima da mesa, e a comida era muitas vezes foi saturada com manteiga ou banha de porco. Um desjejum "comum" consistia em "pão quente, feito com banha e sais fortes, e embebido com manteiga e bolos quentes, coberto com manteiga e xarope; carnes fritas com gordura, batata pingando gordura; presunto e ovos frito cheios de gordura em uma indigestibilidade complicada - tudo regado com muitas xícaras de café brasileiro.⁴⁰¹

Diante dessa questão que hoje nos Estados Unidos é tema de estudos na área de saúde pública⁴⁰², surgiram vários pesquisadores e escritores, estadunidenses e europeus que se embrenharam nessa luta a favor de melhores condições sanitárias e alimentares. Além dos destacados por Ellen e James White em seus panfletos, há outros cujos trabalhos até hoje são marcos não apenas para o desenvolvimento do tema entre os adventistas do sétimo dia, mas para os americanos de forma geral. Alguns extrapolaram a questão dietética, como, por exemplo, Sylvester Grahan, que

[...] foi muito além da questão da dieta ao comentar sobre praticamente todas as áreas da atividade humana, enfatizando a importância do descanso, exercício, limpeza, vestimenta - e nunca a recorrer a medicamentos. Horários regulares deveriam ser seguidos para dormir, de preferência antes da meia-noite e sempre em um local bem ventilado.

⁴⁰¹ NUMBERS, Ronald L. **Prophetess of Health**: A study of Ellen G. White. Grand Rapids e Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008. p. 95. Conforme o original: "For all its apparent vitality, America in the early nineteenth century was a sick and dirty nation. Public sanitation was grossly inadequate, and personal hygiene, virtually nonexistent. The great majority of Americans seldom, if ever, bathed. Their eating habits, including the consumption of gargantuan amounts of meat, were enough to keep most stomachs continually upset. Fruits and green and leafy vegetables seldom appeared on the table, and the food that did appear was often saturated with butter or lard. A "common" breakfast consisted of "Hot bread, made with lard and strong alkalies, and soaked with butter; hot griddle cakes, covered with butter and syrup; meats fried in fat or baked in it; potatoes dripping with grease; ham and eggs fried in grease into a leathery indigestibility - all washed down with many cups of strong Brazil coffee". (Tradução própria)

⁴⁰² Há literalmente centenas de artigos sobre o tema disponíveis em bibliotecas digitais. Dentre essas, destaca-se um pequeno que em linhas gerais analisa a questão de forma crítica e honesta: NESTLE, Marion. Toward More Healthful Dietary Patterns - A Matter Of Policy. **Public Health Reports**, Setembro/Outubro de 1998, volume 113. Disponível em <http://www.foodpolitics.com/wp-content/uploads/diet-policy.pdf>. Acessado em 14 de outubro de 2013.

Exercício físico frequente era absolutamente necessário para uma circulação saudável do sangue.⁴⁰³

Embora Grahan tenha fundamentalmente unido vários dos conceitos que depois Ellen White utilizaria em seus escritos, ele não fez qualquer alusão deste em relação à espiritualidade, embora seja possível destacar ao menos um autor que o fez: coincidentemente ou não, ele foi correligionário de William Miller e posteriormente, sábado após sábado, fazia uso dos púlpitos da igreja para levar aos membros daquelas congregações a mensagem da saúde a partir de princípios moralistas. Trata-se de Larkin B. Coles. Ele “defendeu o tratamento hidroterápico e acusou contra os malefícios do tabaco”.⁴⁰⁴ Mais do que isso, Coles relevou tão grandemente a questão do cuidado do corpo que afirmou que a mesma era tão importante quanto a estrita observância aos 10 mandamentos dispostos na Bíblia. Estranhamente, no corpus whiteano, Coles não é citado, exceto quando da obra “How to Live” e algumas vezes em certas edições de periódicos da denominação. Ainda assim, ao se analisar estes escritos denominacionais onde seu nome é citado, pode-se perceber certa relevância entre Coles e a fundamentação adventista do sétimo dia acerca do tema. A Lei, de alcance universal e moral, pressupõe, afinal, o cuidado para com Deus e com os semelhantes, nas mais diversas situações. Sem o necessário equilíbrio, introjetar a própria lei torna-se tarefa grandemente dificultosa, sendo que, a partir da observância às leis sanitárias espirituais é possível plenamente, sempre com mediação do Espírito Santo, vivenciar a Lei.

Além de Coles, Dr. Dio Lewis destacadamente influenciou o pensamento de Ellen White, agora contra o excesso e perigo de medicamentos. A medicina alopática de ontem e de hoje se utiliza de certos elementos potencialmente mortais quando mal administrados. A proposta médica natural de White, em conformidade com os escritos de Lewis, condena o uso cotidiano de remédios, exceto em casos de premente necessidade. Conforme James White:

Diz Dio Lewis: - "Não é uma observação incomum entre os médicos, ao falar sobre consumo [de remédios], como de outras doenças, que: 'ela foi muito envenenada ou exaurida por drogas, que eu temo nada pode ser feito

⁴⁰³ NUMBERS, 2008, p. 101. De acordo com o original: “Sylvester Graham ranged far beyond the subject of diet to comment on just about every area of human activity, emphasizing the importance of rest, exercise, cleanliness, dress - and of never the resorting to medicines. Regular hours were to be set aside for sleeping, preferably before midnight and always in a well- ventilated room. Frequent physical exercise was absolutely necessary for a healthy circulation of the blood”. (Tradução própria).

⁴⁰⁴ NUMBERS, 2008, p. 110.

para ela'. Grande número de doenças destrutivas, seria fácil provar por numerosas autoridades".⁴⁰⁵

Alguns anos mais tarde, acerca da mesma problemática, Ellen White escreveria um de seus textos mais famosos em qualquer área de seus estudos. Nesse texto, ela introduziria o difundido conceito entre os adventistas do sétimo dia dos “oito remédios naturais”, que praticamente excluem a necessidade da introdução de qualquer outro, seja em casa, seja em hospitais. Diz White:

O povo precisa que se lhes ensine que as drogas não curam as doenças. É verdade que elas por vezes proporcionam temporário alívio, e o paciente parece restabelecer-se em resultado de havê-las usado; isso acontece porque a natureza possui bastante força vital para expelir o veneno, e corrigir as condições ocasionadoras do mal. A saúde é recuperada a despeito da droga. Mas na maioria dos casos ela apenas muda a forma e o local da doença. Muitas vezes o efeito do veneno parece ser vencido por algum tempo, mas os resultados permanecem no organismo, operando posteriormente grande dano. [...] A única esperança de coisas melhores está na educação do povo nos verdadeiros princípios. Ensinem os médicos ao povo que o poder restaurador não se encontra em drogas, porém na natureza. A doença é um esforço da natureza para libertar o organismo de condições resultantes da violação das leis da saúde. Em caso de doença, convém verificar a causa. As condições insalubres devem ser mudadas, os maus hábitos corrigidos. Então se auxilia a natureza em seu esforço para expelir as impurezas e restabelecer as condições normais no organismo.⁴⁰⁶

A partir do texto de Ellen White acima exposto⁴⁰⁷, é arrolada a percepção da igreja acerca das drogas medicamentosas de então, que para ela poderiam tão-somente ser substituídas por “ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino — eis os verdadeiros

⁴⁰⁵ WHITE, James; WHITE, Ellen. **Health, or, How to live. Battle.** Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1865. p. 176. Conforme o original: “Says Dio Lewis:- ‘It is not an uncommon remark among physicians, in speaking of consumption, as of other diseases, - ‘she has been so much poisoned or exhausted, by drugs, that I fear nothing can be done for her.’” (Tradução própria).

⁴⁰⁶ WHITE, 1957, p. 89-90. Pelo original: “People need to be taught that drugs do not cure disease. It is true that they sometimes afford present relief, and the patient appears to recover as the result of their use; this is because nature has sufficient vital force to expel the poison and to correct the conditions that caused the disease. Health is recovered in spite of the drug. But in most cases the drug only changes the form and location of the disease. Often the effect of the poison seems to be overcome for a time, but the results remain in the system, and work great harm at some later period. [...] The only hope of better things is in the education of the people in right principles. Let physicians teach the people that restorative power is not in drugs, but in nature. Disease is an effort of nature to free the system from conditions that result from a violation of the laws of health. In case of sickness, the cause should be ascertained. Unhealthful conditions should be changed, wrong habits corrected. Then nature is to be assisted in her effort to expel impurities and to re-establish right conditions in the system”.

⁴⁰⁷ O texto, de 1905, dentre outros sobre o tema pinçados por grupos de adventistas marcadamente ainda mais fundamentalistas que os adventistas do sétimo dia, fundaram uma outra denominação de caráter pentecostal, ainda durante durante a primeira onda do pentecostalismo no Brasil, no início dos anos 1930. Esses “outros” adventistas se abstém totalmente de qualquer tipo de medicação.

remédios” para a grande maioria dos casos.⁴⁰⁸

3.2.3. A importância capital do corpo como um todo na teologia adventista do sétimo dia: temperança no vestir e comer como pressuposto de espiritualidade plena

Ainda em 1848, Ellen White, novamente em visão, verificou sobre os perigos do fumo, café e chá,⁴⁰⁹ mas apenas muitos anos depois, em 1863 é que efetivamente a visão de Otsego realmente levou um número crescente de adventistas do sétimo dia a seguirem seus conselhos. As visões e admoestações sobre saúde, nesse caso, perpassam a vida da igreja do início até o presente momento, sendo uma das mensagens centrais do adventismo do sétimo dia hodiernamente - principalmente para a divulgação de suas doutrinas, ao oferecer cursos gratuitos para deixar de fumar e de culinária vegetariana. Nesses 15 anos, segundo a ponderação do historiador denominacional Herbert Douglass,⁴¹⁰ a Igreja Adventista do Sétimo Dia parecia muito mais propensa a se estabelecer doutrinariamente do que apresentar uma mensagem aparentemente indigesta a um povo muito incipiente que ainda não estava firmemente fundamentado nas verdades bíblicas pouco a pouco estudadas e propostas como caminhos a seguir. Talvez apenas depois da oficialização da Igreja em 1863, já com o corpo doutrinário alinhado, é que a visão sobre a reforma de saúde viesse a ter sucesso, como a história mostrou parcialmente verdadeira. Foi precisamente isso o que pensou James White ao escrever que:

O Senhor também sabia como apresentar a Seu povo expectante o grande assunto da reforma da saúde, passo a passo, pois elas podem suportar, e fazer uma boa utilização do mesmo, sem azedar a opinião pública. Foi vinte e dois anos atrás que nossas mentes foram chamados para os efeitos prejudiciais do tabaco, chá e café. Através do testemunho da Sra. White, Deus tem maravilhosamente abençoado o esforço para colocar essas coisas para nós de modo que, como uma denominação, pode se alegrar na vitória, com poucas exceções, ao longo dessas perniciosas indulgências do apetite.⁴¹¹

⁴⁰⁸ WHITE, 1957, p. 90.

⁴⁰⁹ WHITE, 1980, p. 272. Com relação ao cigarro, White escreveu, em carta destinada a um jovem de nome Victory Jones. “Se você tivesse deixado o fumo completamente e nunca mais tocado naquela erva imunda depois que começou da última vez, você poderia ter vencido mais prontamente o apetite pela bebida forte.” DOUGLASS, Herbert. **Testemunhas Oculares**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 57.

⁴¹⁰ DOUGLASS, 1998, p. 280.

⁴¹¹ WHITE, 1976, p. 495. De acordo com o original: “The Lord also knew how to introduce to His waiting people the great subject of health reform, step by step, as they could bear it, and make a good

Seguindo o pensamento de James White, parece ser correto afirmar que a visão de 1863 exige (ainda hoje) uma grandíssima disposição para mudar velhos hábitos de vida. Fica claro - ao menos pela obra de sua esposa - que a visão, para ser seguramente seguida exige ativa espiritualidade e irrenunciável busca pela santificação. Isso pode ser comprovado no primeiro capítulo da compilação dos escritos de White sobre regime alimentar nomeado *Counsels on Diet and Foods*. Neste livro, em seu apêndice, pode ser detalhadamente visualizada a mensagem em si, mas o que parece ser capital é que os compiladores, no primeiro capítulo desta obra, deixaram muito claras as “razões para a reforma”. É precisamente aqui, em contato direto com os escritos sobre a visão que se pode facilmente elencar relação entre regime alimentar, saúde e espiritualidade, bem como suas relações com a alma. Segundo White:

Na Palavra escrita e no grande livro da Natureza, Deus revelou os princípios da vida. É nossa obra conhecer estes princípios e, pela obediência, cooperar com Ele na restauração da saúde do corpo, bem como da alma⁴¹².

Como em muitos outros exemplos, a Palavra de Deus e o estudo do Livro da Natureza se juntam à restauração integral que Deus gratuitamente oferece a partir da entrega do próprio “eu” aos Seus cuidados. Aqui entra a cooperação divino-humana. Esta reforma, portanto, conclama homens e mulheres à perfeição. A obra holística de White neste tocante pode ainda ser percebida um pouco mais à frente neste mesmo livro, quando ela escreve que a reforma deve ser levada adiante como medida de proteção ao ser humano, “para que pelo exercício da temperança na vida cotidiana, sejam santificados pela verdade”⁴¹³, além desta reforma propiciar o

use of it, without souring the public mind. It was twenty two years ago the present autumn, that our minds were called to the injurious effects of tobacco, tea, and coffee through the testimony of Mrs. White. God has wonderfully blessed the effort to put these things away from us, so that we as a denomination can rejoice in victory, with very few exceptions, over these pernicious indulgences of appetite.” (Tradução própria)

⁴¹² WHITE, 1976, p.16. Pelo original: “In His written word and in the great book of nature He has revealed the principles of life. It is our work to obtain a knowledge of these principles, and by obedience to cooperate with Him in restoring health to the body as well as to the soul.” (Tradução própria).

⁴¹³ WHITE, 1976, p. 23. Pelo original: “He has provided for them, and that by exercising temperance in daily life, they may be sanctified through the truth”. (Tradução própria).

“desenvolvimento mais elevado possível da mente, da alma e do corpo”.⁴¹⁴ Para os que não seguirem os conselhos divinos, há uma solene e imperiosa advertência: “O Deus da Natureza não vai agir para salvar os homens da violação das leis da Natureza [visto que] o homem é arquiteto de seu próprio destino.”⁴¹⁵ Em sua concepção, não será tido por inocente aquele que morrer vítima da intemperança, mesmo conhecendo os desígnios de Deus a esse respeito, visto que a ignorância voluntária é sempre um agravante ao pecado, ainda que ela aconselhe a reforma progressiva. Em mais um apelo à reforma, diz White que “um corpo enfermo [...] torna impossível a santificação do corpo e do espírito”.⁴¹⁶

Diante de todos esses chamados, em resumo, a mensagem de 1863 mostra-se imbuída de duplo sentido: admoestar os crentes à santificação pela submissão do apetite a Deus e ternamente Nele confiar sobre as inúmeras dificuldades ao longo do caminho em busca do equilíbrio. Na mensagem, ela conclama a um regime frugal, com alimentos integrais e frutas, o uso moderado de alimentos com nozes, a abstenção de alimentos cárneos, principalmente a carne de porco, a abstenção de chá, café e álcool bem como do açúcar, a preferência por apenas duas refeições ao dia, sendo que, se houver uma terceira, que esta seja feita várias horas antes de dormir. Ela também comenta ainda que a condescendência sexual é grandemente aumentada quando se faz uso da carne, recomenda banho⁴¹⁷ e deixa claro que corpo são e mente sã fazem com que os seres humanos sejam capazes de discernir mais facilmente a verdade do erro e, por isso, é uma questão espiritual irrevogável àqueles que almejam as mansões celestiais quando da breve vinda de Cristo. Ao propor as reformas, Ellen White rompe definitivamente com o antigo pensamento

⁴¹⁴ WHITE, 1976, p. 23. Pelo original: “Let it ever be kept before the mind that the great object of hygienic reform is to secure the highest possible development of mind and soul and body.” (Tradução própria).

⁴¹⁵ WHITE, 1976, p. 29. De acordo com o texto em inglês: “Nature's God will not interfere to preserve men from the consequences of violating nature's laws. There is much sterling truth in the adage, “Every man is the architect of his own fortune.” (Tradução própria)

⁴¹⁶ WHITE, 1976, p. 44. Pelo vernáculo original: “A diseased body and disordered intellect, because of continual indulgence in hurtful lust, make sanctification of the body and spirit impossible.” (Tradução do autor.)

⁴¹⁷ Não se deve, no entanto, imaginar que ao propor banhos regulares ela tenha se colocado tão a frente de seu tempo. Isso deve ser percebido no texto em que comenta que “as pessoas que têm saúde não devem, de modo algum, negligenciar o banho. Devem, de toda maneira, banhar-se (pelo menos) duas vezes por semana. [...] A pele necessita ser cuidada e inteiramente limpa, para que os poros possam fazer seu trabalho livrando o corpo das impurezas. Portanto, as pessoas fracas e enfêrmas necessitam com certeza as vantagens e bênçãos de um banho (pelo menos) duas vezes por semana, e, muitas vezes, ainda mais do que isto é positivamente necessário.” WHITE, Ellen. **Lar Ideal**. São Paulo: MVP, 1968. p. 125.

medieval acerca do corpo, fazendo com que o mesmo deixe de ser vergonha ao glorificar integralmente o Criador.

Muito mais poderia ser descrito acerca da questão da alimentação em contexto indissociável com a espiritualidade, incluindo aqui inúmeros testemunhos da pena de Ellen White, bem como conselhos específicos e individuais de pessoas que foram reestabelecidas – no passado e no presente – depois de experimentarem uma vida mais saudável, equilibrada e frugal. Poder-se-ia também descrever outros aspectos diversos da questão da saúde (a reforma do vestuário, tratada na sequência, assim como outras matizes da reforma alimentar são apenas mais duas de suas múltiplas facetas neste sentido) como a sexualidade humana⁴¹⁸, abordada de forma honesta e bastante direta para os rígidos padrões vitorianos, mas em todos os casos – sob a perspectiva whiteana – as conclusões seriam as mesmas: qualquer atitude contra o corpo é uma atitude contra o espírito, sendo a recíproca verdadeira. Não há nada de diferente no espírito de seus escritos daquilo encontrado na Bíblia Sagrada. Ela apenas esmiuça e compartimenta para depois juntar todas as partes, mostrando que indubitavelmente o corpo é templo do espírito. Nos dias atuais, há vários autores de múltiplas denominações escrevendo sobre comida⁴¹⁹ (e saúde

⁴¹⁸ Há um livro sobre conduta sexual, também de autoria de Ellen White, onde fica claro, novamente, a relação entre corpo e espírito quando do desrespeito ao sétimo mandamento. Diz ela: “Ninguém será capaz de glorificar a Deus em seu corpo, conforme Ele pede, enquanto viver em transgressão da lei de Deus. Se o corpo viola o sétimo mandamento, ele o faz a partir da direção da mente. Se ela for impura, o corpo naturalmente se envolverá em atos impuros. É impossível que exista pureza na mente de alguém que entrega o corpo à prática de ações impuras.”. WHITE, Ellen. **Testemunhos sobre abuso, homossexualidade, adultério e divórcio**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 73.

⁴¹⁹ Em minhas pesquisas, várias vezes me deparei com textos de Norman Wirzba, Professor Pesquisador de Teologia, Ecologia e Vida Rural da Duke Divinity School, na Carolina do Norte. Em um de seus artigos nomeado “Food for Theologians” escreve Wirzba que “when we turn to Scripture, we discover a deepening of the understanding that food is the material medium of love”. Na introdução deste mesmo artigo, argumenta que “food is now on the agenda for a growing number of theologians. An increasing number of books and articles are being written that consider what we eat, how food is grown and distributed, how we eat it, and with whom, all from a distinctly Christian point of view”. WIRZBA, Norman. **Food for Theologians**. Interpretation: A Journal of Bible and Theology, volume 67, número 4, p. 378 e 374. Em português: “quando nos voltamos para as Escrituras, descobrimos um aprofundamento da compreensão de que a comida é o meio material de amor”. Ainda: “a comida está agora na agenda de um número crescente de teólogos. Um grande número de livros e artigos estão sendo escritos considerando o que nós comemos, como os alimentos e são produzidos e distribuídos, como comemos e com quem, tudo a partir de um ponto de vista cristão, distintamente.” (A tradução é minha). Sob outra perspectiva, Kristin Johnston Largen, Professora Associada de Teologia Sistemática no Lutheran Theological Seminary, em Gettysburg, fala sobre um racionalidade cristã que preza pelo vegetarianismo a partir de uma ética equilibrada entre criaturas. Segundo ela: “developing a theological rationale for vegetarianism is not new, and its roots extend deep into the Christian tradition, with some arguing persuasively that a case for vegetarianism can be made from Scripture”. Em português: “O desenvolvimento de uma razão teológica para o vegetarianismo não é nova e suas raízes se estendem profundamente na tradição cristã, com alguns argumentando

física de um modo geral) e espiritualidade. É uma boa indicação que atesta que os textos whiteanos – neste e em muitas outras áreas – se mantêm atuais, 170 anos depois de seus primeiros escritos.

Não satisfeita com essa reforma física fez Ellen White ainda mais, ao também propor uma modificação nas vestimentas das mulheres, algo praticamente impensável naqueles tempos, em que basicamente se buscava a estética medieval. Essa estética era preferida em virtude da idealização do imaginário fantástico dos tempos medievos, com toda a sorte de príncipes salvadores e donzelas e princesas em perigo quase sempre encarceradas em lúgubres castelos, idealização esta proporcionada através do quase irresistível teatro do século XIX⁴²⁰. Há fartos exemplos na literatura de escritores de vida quase efêmera, que longe de uma vida saudável⁴²¹, eram quase sempre pálidos e tristes. As roupas, sempre muito apertadas - com o uso de acessórios como o espartilho - dificultavam em muito praticamente qualquer trabalho feminino. A reforma também no vestuário basicamente não teria o propósito principal de dar às mulheres maior liberdade física ou sexual, mas permitira que seus corpos, menos modelados por pesadas roupas pudessem ser melhor cuidados. Ellen White foi estrita ao afirmar que a reforma de

persuasivamente que o vegetarianismo pode ser vivenciado a partir das Escrituras”. (Tradução própria). LARGEN, Kristin Johnston. A Christian Rationale for Vegetarianism. **Dialog: A Journal of Theology**, Volume 48, Número 2, junho de 2009, p. 151.

⁴²⁰ Certamente que a moralista Ellen White também escreveu contra os teatros, bem como as danças de salão e as casas de jogos. Lugares como este jamais deveriam ser frequentados por cristãos à espera de Jesus, visto que ali sob hipótese alguma seu nome poderia ser reverenciado. Condenou também toda a literatura espetacular e demasiado romântica que fizesse com que os leitores abandonassem suas próprias realidades. A esse respeito, pode-se pensar que certamente White condenaria com veemência as novelas atuais. De acordo com ela: “Foi-me mostrado que nos defrontaremos com todas as espécies de experiências e que os homens procurarão introduzir representações estranhas na obra de Deus. Já nos encontramos com tais em muitos lugares. No início de meu trabalho, recebi a mensagem de que todas as representações teatrais, em conexão com a pregação da verdade presente, fossem desaconselhadas e proibidas. Os homens que pensavam ter um admirável trabalho a fazer procuraram adotar uma estranha atitude e manifestavam esquisitices ao movimentar seus corpos. Eis a instrução que me foi dada: ‘Não aproveis tal coisa.’ Estas atitudes, com sabor teatral, não devem ocorrer na proclamação das solenes mensagens que nos foram confiadas.” WHITE, 1970, p. 137-138. Pelo original: “I am instructed that we shall meet with all kinds of experiences and that men will try to bring strange performances into the work of God. We have met such things in many places. In my very first labors the message was given that all theatrical performances in connection with the preaching of present truth were to be discouraged and forbidden. Men who thought they had a wonderful work to do sought to adopt a strange deportment and manifested oddities in bodily exercise. The light given me was, “Give this no sanction.” These performances, which savored of the theatrical, were to have no place in the proclamation of the solemn messages entrusted to us. The enemy will watch closely and will take every advantage of circumstances to degrade the truth by the introduction of undignified demonstrations. None of these demonstrations are to be encouraged. The precious truths given us are to be spoken in all solemnity and with sacred awe.” (Tradução própria).

⁴²¹ Retomo o exemplo de E.A.Poe como imagem de sua época.

saúde passa também pela modificação e melhora no uso das roupas. Isso pode ser evidenciado pelo fato que o comentário se dá no panfleto *How to Live*, já citado - que é um dos mais evidentes acerca dessa reforma. Sobre este assunto neste panfleto, escreveu Ellen White que

Uma vez que o artigo sobre o vestido apareceu em *How to Live*, tem havido um mal-entendido com algumas das idéias que eu queria transmitir. Eles tomaram o sentido extremo do que eu escrevi em relação ao comprimento do vestido, e evidentemente houve momentos muito duros sobre o assunto. Com suas visões distorcidas do assunto, discutiram a questão de encurtar o vestido até a sua visão espiritual e tornou-se tão confuso que eles só podem ver as pessoas como árvores andando.⁴²²

Pelo desabafo, nota-se um estranho paradoxo: a considerada moralista Ellen White sendo “condenada” por aconselhar vestimentas menores às mulheres de seu tempo! Percebe-se por este testemunho, uma postura vanguardista, ainda que recatada em White, reafirmando sua posição de filha e mãe de seu tempo. Este fato a deixou visivelmente perturbada, visto que seu objetivo, como já demonstrado, não era este, mas o de permitir que elas tivessem melhor mobilidade e saúde. Ora, o mais básico que se pode dizer a respeito dela é que ela esteve totalmente imersa em seu mundo, não só vivendo-o, mas principalmente escrevendo de tal forma que fosse plenamente entendida. Porém, ao receber uma mensagem, ela não parecia pensar muito em como esta seria recebida por sua denominação, desde que a igreja estivesse minimamente preparada para suportar as exigências oriundas daquelas palavras.

Contudo, nesta simples constatação observa-se algo intrínseco aos adventistas do sétimo dia: ao divulgar a mudança, Ellen White propôs também neste campo muito mais do que fomentar a saúde do corpo, mas sempre de novo, fugir dos ditames do mundo, não fazendo com que seu povo, sob praticamente nenhum aspecto se juntasse “aos mundanos”. Essa marca divisória deveria ser, por aqueles, percebidos também no modo de vestir, sendo que esta “nova vestimenta” seria tão-somente um decidido passo na busca pela santificação em todas as áreas. Ou seja:

⁴²² WHITE, 1948a, p. 462. Pelo original: “Since the article on dress appeared in *How to Live*, there has been with some a misunderstanding of the idea I wished to convey. They have taken the extreme meaning of that which I have written in regard to the length of the dress, and have evidently had a very hard time over the matter. With their distorted views of the matter they have discussed the question of shortening the dress until their spiritual vision has become so confused that they can only see men as trees walking”. (Tradução própria).

Ellen White propõe uma reforma radical ao corpo - tanto interna, pela alimentação, quanto externa, pelas roupas - ao propor um regime alimentar sem porco e o mais frugal possível, afastando-se das tradições de seu próprio país que já naqueles tempos se alimentava de bacon logo no café da manhã⁴²³ (substituindo-o aos poucos por flocos de milho ou sucrilhos, invenção atribuída a John Kellogg⁴²⁴, por muitos anos adventista do sétimo dia e em consonância aos escritos whiteanos). E também ao se vestir, rompendo com os costumes cotidianos de seu povo. Sobre esta última questão, ela escreveu que:

Alguns dos que acreditam que na verdade poderiam pensar que seria mais saudável para as irmãs adotar o costume americano, digo que esse modo de se vestir deixaria aleijada nossa influência entre os incrédulos, de tal modo que não poderíamos tão facilmente ter acesso a eles, devendo de modo nenhum adotá-lo, embora soframos muito em consequência.⁴²⁵

Contudo, essa sua propalada reforma foi muito mal recebida, servindo como fonte de amargura para ela. Ainda hoje, poucos são, mesmo dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que estão familiarizados com esses escritos em particular. Em 1873, ela comentou que “a reforma do vestuário é tratada por alguns com grande indiferença e por outros com desprezo, porque há uma cruz ligada a eles.”⁴²⁶ Sem olhar para a cruz de Cristo e fazer Sua vontade em todos os aspectos, não há possibilidade de santificação plena derramada pelo Espírito Santo. Enquanto não houvesse total separação entre os cristãos em preparação para a vinda de Cristo e

⁴²³ O dicionário *Oxford* considera atualmente que o café da manhã tipicamente americano pode ser composto tanto de cereais como de ovos com bacon. Disponível em: <http://oald8.oxfordlearnersdictionaries.com/dictionary/american-breakfast>. Acessado em 16 de outubro de 2013

⁴²⁴ Conforme o obituário de John Kellog publicado em 16 de dezembro de 1943 pelo *The New York Times* Disponível em <http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/bday/0226.html>. Acessado em 16 de outubro de 2013. “John Kellog inventou os flocos de milho para um paciente com problemas dentários. Charles Post inventou um cereal matinal (com uva-passa) chamado Grape Nuts. O Dr. Kellog era o gerente de um *spa* (clínica de tratamento) e Post era um paciente. Esse *spa* foi fundado por Sylvester Grahan, inventor dos biscoitos integrais Grahan, e pioneiro do movimento do início de 1800 que visava incentivar as pessoas a comer mais fibras de cereais. Visionário Teen On-line: Revista Eletrônica do Patrimônio Literário Ellen G. White, volume I, número 2, abril-junho 2008, p. 3. Disponível em http://www.centrowhite.org.br/visionario/arquivos/visionario_teen2.pdf. Acessado em 16 de outubro de 2013.

⁴²⁵ WHITE, 1948a, p. 456. De acordo com o original: “Some who believe the truth may think that it would be more healthful for the sisters to adopt the American costume, yet if that mode of dress would cripple our influence among unbelievers so that we could not so readily gain access to them, we should by no means adopt it, though we suffered much in consequence”. (Tradução própria). Eis aqui, mais um caso da “contracultura” adventista do sétimo dia.

⁴²⁶ WHITE, 1948a, p. 171. No vernáculo original, lê-se: “The dress reform is treated by some with great indifference and by others with contempt, because there is a cross attached to it.”. (Tradução própria).

os professos cristãos nominais, bem como todas as hordas de seres humanos incrédulos, não haveria verdadeira reforma interior e mesmo exterior.

Ainda há outra justificativa para a introdução desta reforma de vestuário que não passa longe desse seu “medo” de identificação com o “mundo”, inclusive podendo ser lida em conexão com aquela. Trata-se da tentativa de Ellen White ficar longe dos espiritualistas, também exteriormente, para que todas e claras distinções se pudessem fazer entre os adventistas do sétimo dia e estes que se comunicavam com os mortos. A incomunicabilidade dos crentes na segunda vinda de Cristo com esses espíritos, ainda que não expressada sob forma de palavras ou doutrina deveria estar patente, tal qual os judeus excluídos do mundo pelas perseguições nazistas deveriam portar em seus ombros a estrela de Davi. É muito clara Ellen White ao fazer conexão entre esses espiritualistas e a reforma da vestimenta, mostrando a necessidade também de santificação externa ao escrever que:

Nós não somos espiritualistas. Somos mulheres cristãs, acreditando em tudo o que as Escrituras dizem acerca da criação do homem, de sua queda, seus sofrimentos e infortúnios por conta da contínua transgressão, de sua esperança de redenção em Cristo e do seu dever de glorificar a Deus em seu corpo e espírito a fim de sermos salvas. Nós não utilizamos o estilo de vestimenta aqui representado por ser esquisito – para que possamos chamar a atenção. Nós não diferimos do estilo comum de vestimenta da mulher em qualquer particular. Nós escolhemos concordar na teoria e prática para estarmos em harmonia com a Lei de Deus e com as leis de nosso ser.⁴²⁷

Segundo o entendimento da profetisa adventista, eis que precisamente o pecado original trouxe à luz a primeira manifestação espírita da História⁴²⁸ sob a forma de uma serpente que induziu Eva, a primeira mulher, a comer do fruto proibido. Isso indica mais uma vez a importância da questão do espiritualismo também na relação direta e intrínseca com a iniquidade e com o alimento, visto que um pecado segue outro, sempre, inexoravelmente, até o arrependimento e perdão dos céus. Assim, a primeira das tentações da família humana foi consumada

⁴²⁷ WHITE, Ellen. **The Dress Reform: An Appeal to the People in Its Behalf.** Battle Creek: Seventh-Day Adventist Publishing, 1868. p.1 (Panfleto). Pelo original: “We are not Spiritualists. We are Christian women, believing all that the Scriptures say concerning man's creation, his fall, his sufferings and woes on account of continued transgression, of his hope of redemption thro' Christ, and of his duty to glorify God in his body and spirit which are his, in order to be saved. We do not wear the style of dress here represented to be odd, - that we may attract notice. We do not differ from the common style of woman's dress for any such object. We choose to agree with others in theory and in practice, if we can do so, and at the same time be in harmony with the law of God, and with the laws of our being.” (Tradução do autor).

⁴²⁸ WHITE, 1907, p. 554.

oralmente, pela ingestão de determinado fruto proibido, o que para Ellen White aconteceu de fato e não metaforicamente. Essa ingestão foi a causa originária para a deterioração gradual do corpo e do intelecto humano, que pode ser verificado pela continuidade do registro do livro de Gênesis. Eis a original causa, portanto, de desequilíbrio entre corpo e mente. Para redimir essa falha, a primeira tentação de Cristo quando Este se encontrou no deserto imediatamente após Seu batismo nas águas do Jordão foi também física e alimentar, algo muito bem frisado por White. Sendo Cristo o antítipo de Adão e Restaurador da Humanidade, é altamente significativo que Ele tenha vencido seu apetite (bem como Satanás), por primeiro em seu ministério, exatamente o ponto causador da queda do primeiro homem. Nos textos sinópticos, em Mt. 4.3 e Lc. 4.3 (Marcos é bastante sucinto, de forma geral) evidencia-se que a primeira tentação de Cristo foi uma luta aberta contra seu apetite, em virtude da fraqueza de Seu corpo ocasionado pelo prolongado jejum - a purificação corporal para fins espirituais, grandemente aludida por Ellen White⁴²⁹. Nota-se que na sequência dos textos dos evangelistas citados, há disparidade com relação à ordem das outras tentações, indicando positivamente que esta tentação forjada pelo alimento foi sem dúvida a primeira delas, ao menos segundo os textos escriturísticos.

Do acima exposto temos que, para ela, a condescendência com o apetite constitui o primeiro e mais difícil dos pecados a serem evitados, ruína do corpo e da alma e perdição eterna da raça humana - caso não seja dominada. Eis mais uma vez a sua relevância para o processo de santificação. Por conseguinte, para ela:

Tudo foi perdido quando Adão rendeu-se ao poder do apetite. O Redentor, em quem o ser humano e o divino eram unidos, levantou-se no lugar de Adão e sofreu um terrível jejum de cerca de seis semanas. O comprimento é a evidência mais forte do grande pecado do apetite rebaixado e o poder que tem sobre a família humana⁴³⁰.

⁴²⁹ A Igreja Adventista do Sétimo Dia recomenda firmemente ainda hoje o jejum para purificação do corpo e da mente, com vistas ao aperfeiçoamento humano pela facilidade de reflexão e meditação pelo abster-se do alimento. Sobre o assunto, escreveu Ellen White que: “A intemperança no comer é muitas vezes o causador da doença, e o que a natureza precisa mais é ser aliviada de tão pesada carga que lhe foi imposta. Em muitos casos de doença, o melhor remédio é o jejum por parte do paciente por uma ou duas refeições, a fim de que os órgãos digestivos sobrecarregados tenham oportunidade de descansar”. WHITE, 1976, p. 189. Pelo original: “Intemperate eating is often the cause of sickness, and what nature most needs is to be relieved of the undue burden that has been placed upon her. In many cases of sickness, the very best remedy is for the patient to fast for a meal or two, that the overworked organs of digestion may have an opportunity to rest”. Recomenda ainda ela, na mesma página, uma dieta à base de fruta por alguns dias, para melhores resultados.

⁴³⁰ WHITE, Ellen. **Confrontation**. Washington, Review and Herald Publishing Association, 1970. p. 38-39. De acordo com o original: “All was lost when Adam yielded to the power of appetite. The

Concomitantemente às lutas específicas do movimento pró-saúde whiteano, o grande movimento de temperança nos Estados Unidos do século XIX que chegou a ter mais de 176 mil pessoas, e foi a maior organização feminina de todos os tempos até então,⁴³¹ certamente concordaria com muitas das especificidades da visão de Ellen White. Por parte dela, isso seria recíproco, visto que mais de uma vez escreveu que membros deste grupo deveriam fazer parte das reuniões dos adventistas, afirmando ainda que Deus estaria com eles ao longo daquela obra⁴³² e desejando que seus textos sobre o assunto circulassem também entre eles. Isso é bem aceitável principalmente no que diz respeito ao álcool, responsável pela miséria em tantas famílias. Parece ser correto afirmar ainda que esse grande movimento foi precursor do feminismo e do sufrágio das mulheres,⁴³³ mas é absolutamente incorreto supor que Ellen White tivesse alguma participação nesses movimentos. Ao entrar grandemente no movimento de temperança, embora desconcatenada do movimento oficial, Ellen White se mostrou simplesmente uma típica mulher vitoriana. Conforme este autor havia outrora destacado:

Da mesma forma, embora sob outros meios, o que fez efetivamente Ellen White, assim como muitas mulheres moderadas (mas atuantes) de sua geração, foi participar ativamente em causas consideradas femininas por excelência, como as de temperança – mas sem deixar de escrever sobre aquilo que não convinha a uma mulher clarificar, mesmo que sejam assuntos tão díspares como excessos sexuais – onde nesse caso ela considerava o homem “mais animal do que humano” e no tocante à remuneração das mulheres – que segundo ela deve ser a mesma do homem. Contudo, o fim último de sua causa como um todo foi o de promover o equilíbrio integral entre todos os membros da família e da igreja em relação a todos os aspectos do ser e, especificamente, proteger a família e o bem-estar social e espiritual. Assim, embora a seu modo elevasse o papel feminino na família e na sociedade, ela não fez mais, ainda que sob outras formas, que destacar o papel da mulher como – essencialmente, mas não somente – mãe e dona de casa, protetora e

Redeemer, in whom both the human and the divine were united, stood in Adam's place and endured a terrible fast of nearly six weeks. The length of this fast is the strongest evidence of the great sinfulness of debased appetite and the power it has upon the human family.” (Tradução própria)

⁴³¹ EPSTEIN, Barbara Leslie. **The Politics of Domesticity: Women, Evangelism and Temperance in Nineteenth-Century America**. Middletown: Wesleyan University Press, 1981. p. 115.

⁴³² WHITE, Ellen. **Special Testimonies for Ministers and Workers**. Battle Creek: Seventh-Day Adventist Publishing, 1897, p.46 (Panfleto). Nestas páginas lê-se que “Great good will result from bringing these books to the attention of the leaders of the Woman's Christian Temperance Union. We should invite these workers to our meetings, and give them an opportunity to become acquainted with our people”. Em português: “Grande bem resultará de trazer esses livros a atenção dos líderes da Christian Women Temperance Union. Devemos convidar os trabalhadores para as nossas reuniões, e dar-lhes a oportunidade de se familiarizar com o nosso povo.” (Tradução própria).

⁴³³ EPSTEIN, 1981, p. 120-122.

educadora de seus filhos, ou seja, o papel da mulher vitoriana por excelência.⁴³⁴

Temperança no comer, beber e vestir: eis para Ellen White os pressupostos básicos para uma vida de boas obras⁴³⁵, graça e paz, completados pela observância integral dos mandamentos de Deus para cumprimento sem reserva do texto bíblico de Apocalipse 12. Assim fazendo, haverá uma relação absolutamente harmoniosa e necessária entre o corpo e a mente e positiva será a tão necessária busca pela santificação. Assim, conclui-se esta parte da teologia whiteana com suas próprias palavras ao afirmar que “a condescendência com o apetite e a paixão embota o efeito da verdade no coração. É impossível para o espírito e o poder da verdade santificar no homem, alma, corpo e espírito, quando ele é controlado por desejos sensuais.”⁴³⁶

3.3. Santificação e alma: princípios educacionais holísticos em Ellen White - rupturas e novidades

A prolífica pena de Ellen White destinou à educação privilegiadas e inspiradas páginas. Nelas, é possível perceber o vínculo sempre muito próximo e mesmo intrínseco com a santificação e com a redenção do ser humano⁴³⁷. Aliás, sem essa relevância, simplesmente não pode existir educação sob uma perspectiva adventista, seja qual for o nível. Há certa concordância sim entre algumas porções de seus escritos com alguns escritos de reformadores educacionais de seu tempo,

⁴³⁴ DARIUS, Fábio Augusto. **Percepções whiteanas acerca dos papéis e direitos femininos: possíveis contribuições para uma teologia libertadora latino-americana.** In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (Orgs.). *Religião, Política, Poder e Cultura na América Latina*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012. p. 265-278

⁴³⁵ WHITE, Ellen. **Christian Temperance and Bible Hygiene**. Battle Creek: Good Health Publishing Co., 1890. p. 92. Pelo original: “If Christian women would lead out in the good work, and set the example of dressing with neatness and simplicity, and with regard to health, there would be a universal reform”. Em português: “Se as mulheres cristãs fizessem um bom trabalho, dando o exemplo de se vestir com bom gosto e simplicidade, no que diz respeito à saúde haveria uma reforma universal.” (Tradução própria).

⁴³⁶ WHITE, 1890 p. 181. Pelo original: “The indulgence of appetite and passion blunts the effect of truth upon the heart. It is impossible for the spirit and power of the truth to sanctify a man, soul, body, and spirit, when he is controlled by sensual desires”. (Tradução própria)

⁴³⁷ A esse respeito, recentemente foi defendida tese doutoral do Prof. Dr. Adolfo Suárez, professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Dele há um livro fundamental para entender essa relação. Trata-se da obra: SUÁREZ, Adolfo S. **Redenção, Liberdade e Serviço: Ellen G. White e o processo de construção humana**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012.

mas há também - sempre - grande intransigência de sua parte ao afirmar que não existe educação sem a Bíblia e o “livro da natureza”, a despeito de muitos homens das letras que davam à História e à Filosofia a maior das pertinências.

Deve-se conhecer um pouco da história educacional estadunidense no século XIX para melhor compreender o grande valor para aqueles dias - e mesmo para os nossos - do pensamento de Ellen White acerca dessa importantíssima área, sempre levando em conta que ela mesma não teve a oportunidade de terminar seus estudos fundamentais, sendo uma autodidata. Ainda assim, sua vivência, percepção e inspiração divina a tornam também neste quesito, referência para os adventistas do sétimo dia, sendo seus escritos basilares à educação adventista, que hodiernamente é uma das maiores redes educacionais cristãs do mundo⁴³⁸.

3.3.1 A educação nos Estados Unidos da América à época de Ellen White - Brevíssimos aportes

A nação americana, de espírito pragmático, e árdua por ocupar seu espaço no mundo, logo percebeu que era imperioso investir em educação de qualidade para buscar seus mais ardentes objetivos. De acordo com este autor, em artigo específico a esse respeito:

Percebeu-se urgente naquele país a premissa da necessidade de educação universal como elemento fundamental para construção da jovem nação. Desde muito antes da primeira Revolução, a qual efetivamente libertou os estadunidenses do jugo britânico, a mente colonial tinha suas raízes bem fincadas em um puritanismo nada incipiente que direcionava a educação à austeridade do árduo trabalho intercalado à leitura da Bíblia, que em muitos casos era o livro didático por excelência. De todo modo, esperava-se de um jovem instruído a compreensão conceitual de tópicos gerais da filosofia ocidental, bem como o domínio das línguas clássicas e a recitação de poemas, enquanto as garotas das classes mais privilegiadas, no final do XVIII e XIX, divertiriam plateias domésticas dedilhando piano. No entanto, os novos tempos pareciam exigir uma nova proposta educacional, mais moderna e adaptada às demandas de um planeta em rápida transformação.⁴³⁹

⁴³⁸ De acordo com a confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia, “atualmente, a Educação Adventista contribui para a formação de crianças e jovens, da Educação Básica ao Ensino Superior, através de 6500 instituições, em cerca de 145 países, onde estudam 1.200.000 alunos”. CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Pedagogia Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 11. (Note-se que o número é certamente bem maior, visto que a obra é de 2004).

⁴³⁹ DARIUS, Fábio Augusto; PANCOTTE, Rebeca Pizza. **Princípios educacionais em Ellen White**. Kerygma, Engenheiro Coelho, volume 8, número 1, 1o sem. de 2012, p. 113 - 114.

A partir de anos 1820 uma destacada mudança educacional teve início, com o ímpeto nos Estados Unidos. Homens impetuosos, como o caso de Samuel Hall - que em 1823 fundou sua própria escola lecionando, além das disciplinas tradicionais, matérias como “Filosofia Moral”, “Filosofia Mental” e “Crítico Geral” - e de ideais como Horace Mann, primeiro inspetor escolar - no estado de Massachussets mudaram a realidade educacional daquele país. De acordo com Greenleaf e Schwarz:

Foi durante esses anos que o sistema gratuito de escola pública tomou forma nos Estados Unidos. Começando em 1823, quando Samuel Hall exigiu melhor treinamento para professores primários, a iniciativa para aperfeiçoar as escolas financiadas publicamente ganhou impulso depois que Massachusetts nomeou Horace Mann, em 1837, como o primeiro inspetor estadual de educação.⁴⁴⁰

Na verdade, o sistema educacional público estadunidense teve início aproximadamente uns 40 anos antes do início da Guerra da Secessão⁴⁴¹. Por público, entende-se que são escolas mantidas por impostos, absolutamente gratuitas e basicamente compulsórias para meninos e meninas, embora estas últimas tivessem que esperar por homens como Charles Finney⁴⁴² e o próprio

⁴⁴⁰ GREENLEAF, F.; SCHWARZ, R. W. **Portadores de Luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2009, p. 19.

⁴⁴¹ FRASER, James W. **The School in the United States**: A Documentary History. New York/London: Routledge, 2010, p. 44.

⁴⁴² A biografia de Finney certamente condiz com o “novo espírito” de seu tempo e aqui merece ser citada em virtude de suas múltiplas facetas. “Considerado um dos maiores pregadores evangélicos dos Estados Unidos, Finney (Warren, 1792 – Oberlin, 1875), dotado de grande estatura, olhar profundo, pendor musical e senso de liderança nato foi professor, evangelista, teólogo e abolicionista. Antes contudo, sonhou em ser advogado, profissão que largou logo após sua conversão. Em sua carreira docente, dirigiu o Oberlin College, famoso por ser a primeira instituição de ensino estadunidense a aceitar mulheres e negros – protótipo do progresso, ainda que em face a fortíssimas resistências. Enquanto evangelista e teólogo – formado ministro pela Igreja Presbiteriana, é lembrado por seus discursos de improviso, censura nominal de membros e aceitação de mulheres nos cultos. Ainda, é reconhecido por “seus” feitos durante o grande reavivamento de 1857 e 1858, que sacudiu mais de dez mil cidades nos Estados Unidos levando à conversão de aproximadamente um milhão de pessoas. Pela causa abolicionista, já em 1821 passou a negar a comunhão a traficantes de escravos em suas igrejas. Antes de sua conversão, foi ativo maçom – grupo que atacou duramente em seus escritos cristãos, comprovando o quão perigosa esta era ao governo civil. Evangélico, pregava a necessidade de conversão ou renascimento, respeitava a autoridade da Bíblia, expressando e compartilhando vivamente o evangelho. Embora Jonathan Edwards e Charles Finney partilhassem de concepções teológicas diferentes, Finney foi compelido a reclamar conexões com Edwards e sua teologia, tal o respeito e grandiloquência deste. O fato é que inquestionavelmente ambos contribuíram e ainda hoje contribuem para a conversão de incontáveis almas.” DARIUS, Fábio Augusto. **Charles Grandison Finney**. In: Jonathan Edwards Encyclopedia. Yale University Press: New Haven, 2014. Na prensa.

Horace Mann, que na famosa Oberlin College passaram a recebê-las a partir dos anos 1840⁴⁴³.

Contudo, desde os tempos coloniais as escolas existem naquele país, ainda que depois da revolução americana tenham recebido novo direcionamento. Se antes sua base era aquela ditada pela tríade “família, igreja e comunidade”, o período constituído entre 1812 e 1865, ou seja, os anos entre a Segunda Guerra de Independência americana e o final da Guerra Civil, foi chamado de “Age of Common School Revival”⁴⁴⁴, ou “Idade do Renascimento da Escola”, em tradução livre. Para que esse renascimento efetivamente fosse levado à termo, muitas implementações deveriam ser conduzidas, desde as estruturais até as metodológicas propriamente ditas.

Horace Mann, já citado, também e principalmente no campo educacional, foi um dos grandes reformadores nos Estados Unidos. Sua vida estudantil facilmente retrata o cotidiano da nação e evidencia a formação que o protestantismo achava exemplar. Fez seus estudos iniciais em uma típica escola aos moldes do ideário do Presidente Benjamin Franklin, que longe de almejar grandes e agitadas cidades, prezava por lugares menores vicejados de verde, aludindo sempre à uma vida rural. Nessas escolas, basicamente o objetivo era ensinar às crianças que lessem e escrevessem. Logo, elas deveriam findar o tempo de aprendizado formal para que iniciassem seus labores no campo. Contudo, escolas como estas, eram quase sempre dirigidas ou controladas de perto por algum ministro eclesiástico. No colégio em que estudou Mann, na cidade de Franklin, reinava a ortodoxia teológica e a severidade do ministro de sua própria igreja. O cotidiano escolar que permeou a infância de Mann era basicamente aquele encontrado em todo o país. De acordo com Wayne J. Urban e Jennings L. Wagoner Jr.:

O dia escolar nessas escolas "comuns" tipicamente começava com oração do Pai Nosso e leituras bíblicas a partir da versão King James, geralmente lida sem comentário. Para a maioria dos protestantes, esta abordagem parecia certa, boa e adequada. Aqueles "não-denominacionais e mente aberta" que não podiam cumprir com o estabelecido eram vistos como

⁴⁴³ KNIGHT, George R. **Ellen White's World**: A fascinating look at the times in which she lived. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1998. p. 41.

⁴⁴⁴ De acordo com PULLIAM, John D.; PATTEN, James J. van. **History of Education in America**. Upper Saddle River/Columbus: Pearson, 2007. p. 138.

menos cristãos e certamente menos americanos do que aqueles que apoiaram as escolas comuns com um viés cristão [protestante].⁴⁴⁵

Esse cotidiano escolar dos séculos XVIII e parte dos XIX, diretamente ou não, pode ser considerado oriundo ainda da Reforma protestante, que afirmava “o princípio do direito à Escola”, indicando assim a responsabilidade do poder público no processo de formação do homem moderno”,⁴⁴⁶ ainda que, até a juventude de Mann, o Estado não estivesse diretamente responsabilizado pela gerência dos conteúdos formativos. Assim, embora gratuitas e públicas, eram escolas profundamente moldadas por uma forma religiosa que não necessariamente trazia em seu bojo os interesses formativos necessários para um Estado desenvolvimentista⁴⁴⁷ e pragmático, o caso dos Estados Unidos a partir daquele momento da história. Ainda assim, praticamente todas as crianças, incluindo as negras mesmo nos estados do Sul eram devidamente instruídas e podiam seguramente ler na língua vernácula e efetuar cálculos básicos. Isso se deve à ótica pedagógica protestante, e, segundo Cambi:

Pode-se dizer que, com o protestantismo, afirma-se em pedagogia o princípio do direito-dever de todo cidadão em relação ao estudo, pelo menos no seu grau elementar, e o princípio da obrigação e da gratuidade da instrução, lançando-se as bases para a afirmação de um conceito autônomo e responsável de formação, não estando mais o indivíduo condicionado por uma relação mediada de qualquer autoridade com a verdade e com Deus.⁴⁴⁸

Provavelmente este período de sua vida foi capital para que, adiante, resolvesse alterar de forma profunda o *status quo* educacional estadunidense. Ao terminar seus anos de colégio, foi rápida a sua ascensão: aprendeu depressa os

⁴⁴⁵ URBAN, Wayne J.; WAGONER Jr, Jennings L. **American Education: a History**. Nova Iorque/Londres: Routledge, 2009, p. 119. De acordo com o original: “The school day in these ‘common’ schools typically began with the Lord’s Prayer and readings from the King James version of the Bible, usually read without comment. To most Protestants, this approach seemed right, good and proper. Those who could not abide by this ‘non-denominational open-mindedness’ were seen as less Christian and certainly less American than those who supported common schools with a Christian [Protestant] bias.” (Tradução livre do autor.)

⁴⁴⁶ JARDINO, José Rubens L. **Lutero & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 49.

⁴⁴⁷ Atrevo-me aqui a utilizar o termo “desenvolvimentista”, tão usual no Brasil pós-ditadura militar amparado por: GONÇALVES, Reinaldo. Novo Desenvolvimentismo e Liberalismo Enraizado. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 112, Out-Dez, 2012, p. 639, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n112/03.pdf> e acessado em 24 de novembro de 2013 e BASTOS, Carlos Pinkusfeld M. Mais além do desenvolvimentismo. **Economia e Sociedade**, Campinas, n.15, Dez. 2000, p. 183.

⁴⁴⁸ CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999. p. 248. In: Jardim, 2009, p. 50.

ofícios da advocacia e logo se tornou um brilhante advogado. Já precocemente envolvido em questões políticas, galgou algumas posições até que finalmente foi nomeado secretário no recém-criado *Massachussets Board of Education*. A partir daquele momento começou o legado que o tornaria imortal.

O Educador, na tentativa de se desvencilhar do antigo método educacional de seu país, foi para a Europa, voltando de lá com novas e frescas ideias a partir de leituras de Johann Heinrich Pestalozzi. Este, um dos grandes reformadores educacionais da história, buscava uma educação libertária, baseada originalmente em Rousseau. Visava Pestalozzi à harmonização do ser humano no todo, – umas das principais propostas de Ellen White – tendo alguns discípulos famosos, como Allan Kardec.⁴⁴⁹ De acordo com Jedan Dieter:

Pestalozzi [e Niederer] foram influências importantes sobre a teoria da educação física; eles desenvolveram um regime de exercício físico e atividades ao ar livre ligadas à educação moral e intelectual geral que refletia ideal de harmonia e autonomia humana da Pestalozzi.⁴⁵⁰

Não por acaso, Horace Mann foi um adepto da Educação Física e integral do ser humano, sendo também um grande incentivador da feminização do ensino, outra das novidades de Pestalozzi⁴⁵¹. Em virtude do já aludido movimento de temperança e diversas manifestações feministas nos Estados Unidos, embora com dificuldade, em algumas décadas as garotas já estavam matriculadas em grande número nos colégios adeptos da reforma de Mann e nas décadas seguintes, algumas estariam atuando como professoras por excelência. Para ele, educação é:

o grande equalizador das condições dos homens, a roda de balanço da máquina social. [...] Ele dá a cada homem a independência e os meios

⁴⁴⁹ Assim, percebe-se que as matrizes educacionais de Ellen White e Allan Kardec, em alguns aspectos principais, foram as mesmas, apesar das diferentes percepções antropológicas de cada um.

⁴⁵⁰ DIETER, Jedan. *Theory and Practice: Johann Heinrich Pestalozzi. Vitae Scholasticae*, 1990. vol. 9, p. 115-123. Pelo original: “Pestalozzi and Niederer were important influences on the theory of physical education; they developed a regimen of physical exercise and outdoor activity linked to general, moral, and intellectual education that reflected Pestalozzi's ideal of harmony and human autonomy.” (Tradução própria).

⁴⁵¹ URBAN e WAGONER, 2009, p. 126. De acordo com os autores: “Of course, Mann's "soft line" Pestalozzian pedagogy also furthered the cause of women's entry into teaching. He worked hard with the leaders of Massachusetts' new normal schools to train their women students in a new pedagogy and to facilitate their entry on a large scale into Massachusetts' common schools”. Em português: “Claro, a ‘linha mole’ da pedagogia pestalozziana de Mann também promoveu a causa da entrada das mulheres no ensino. Ele trabalhou duro com os líderes de Massachusetts em novas escolas normais para treinar suas estudantes em uma nova pedagogia e facilitar a sua entrada em grande escala nas *common schools* de Massachusetts.”

pelos quais ele pode resistir ao egoísmo dos outros homens. Ela faz melhor do que desarmar os pobres de sua hostilidade para com os ricos: impede-os de serem pobres. [...] Se esta educação deve ser universal e completa, ela faria mais do que todas as outras coisas para obliterar distinções fictícias na sociedade.⁴⁵²

Ellen White, ciente das modificações educacionais de seu país e admiradora do trabalho de Mann, ao menos uma vez solicitou por carta que alguns de seus livros fossem enviados a ela para a Austrália, onde passou vários anos⁴⁵³ e lá, inclusive, fundou uma escola⁴⁵⁴. Assim, há uma relação entre a teoria e prática pedagógica de Mann em relação com a de White, que absolutamente aconselhava escolas baseadas no campo, educação física e ambientes ventilados e saudáveis – como Mann também arvorava, em um período onde a criança não era vigorosamente reconhecida. Contudo White foi além porque Mann não estava ainda totalmente convencido da necessidade de educar negros e brancos da mesma forma. Além disso, Mann não concordava em absoluto com a ideia de um ensino de cunho religioso⁴⁵⁵, enquanto para Ellen White, isso obviamente não poderia acontecer. Para ela, como defendido ao longo de todo este trabalho, também a educação deve ser total e livre de qualquer influência perniciosa – tanto no sentido

⁴⁵² O texto, um dos mais conhecidos e importantes de Horace Mann, pode ser encontrado, dentre muitas outras fontes, em: MANN, Mary (Ed.) **Life and Works of Horace Mann**. Boston: Horace B. Fuller, 1868. p. 669. De acordo com o original: “Education, then, beyond all other devices of human origin, is the great equalizer of the conditions of men, the balance wheel of the social machinery. . . . It gives each man the independence and the means by which he can resist the selfishness of other men. It does better than to disarm the poor of their hostility towards the rich: it prevents being poor. . . . If this education should be universal and complete, it would do more than all things else to obliterate factitious distinctions in society”. (Tradução própria).

⁴⁵³ Atestado neste rabisco de Ellen White: “Tenho livros [em casa] - acho que quatro ou cinco volumes de Notas de Barnes, grandes livros. Eu os quero. Eles podem ser embalados em uma caixa de livros que vêm para a Austrália. Há outros também. Gostaria muito de receber Horace Mann, mas você deve olhar livros e dizer algo em relação a eles. Quais deles tenho em Battle Creek? Você só vai entender? Eu não sei como você pode ler este rabisco. Se você puder, ficarei satisfeita” WHITE, Ellen. **Carta 243**, 1899. p. 2.

⁴⁵⁴ A referida escola, Avondale, foi construída de acordo com uma visão e, segundo suas diretrizes, erigida em uma fazenda. Acerca dessa escola, escreveu Ellen White: “Toda a energia que dispusermos deve ser posta nessa obra de preparo, a fim de que saiam alunos preparados para os deveres da vida prática”. Um pouco antes, ela escreve que “a fazenda da escola deve ser considerada um compêndio da Natureza, do qual os professores tirarão suas lições objetivas”. Aqui, como tantas vezes aludido ao longo de todo este trabalho, fala Ellen White nos trabalhos da vida prática e na Natureza como elementos obrigatórios nas instituições de ensino adventistas. WHITE, Ellen. **Conselhos sobre Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002. p. 182. (O presente livro, apesar de muitos esforços, não foi encontrado em inglês).

⁴⁵⁵ URBAN e WAGONER, 2009, p. 131. Deve-se aqui clarificar que Mann absolutamente não era contra o ensino religioso nas escolas, sendo sim firmemente contrário ao ensino religioso sectário nas instituições de ensino. Ainda assim, falando sobre as escolas públicas estadunidenses, Ellen White escreveu: “Acaso recebem nossas crianças dos professores da escola pública ideias em harmonia com a Palavra de Deus?” WHITE, 2002, p. 193. Para ela, não haveria plena segurança para a educação das crianças exceto nas Escolas Adventistas.

bíblico-antropológico, quanto como preparação para a vida vindoura. Portanto, para White:

a verdadeira educação significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível do homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo dos serviços neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.⁴⁵⁶

Excetuando as instituições de ensino adventistas do sétimo dia, talvez a mais famosa instituição estadunidense do período que seguiu em seus ditames acadêmicos a proposta antropológica bíblica foi a já citada Oberlin School. Embora suas práticas saudáveis fossem as mais recomendadas, visto que implementadas por Sylvester Graham – um dos prenunciadores da reforma de saúde dos Estados Unidos e também fonte de Ellen White – a prática não perdurou por muitos anos em Oberlin, por motivos desconhecidos. Segundo Knight:

Até o início de 1840, maioria dos estudantes de Oberlin estavam seguindo os ensinamentos de saúde de Sylvester Graham, que defendia uma dieta vegetariana, evitava alimentos ricos, era adepto da abstinência de estimulantes e pregava o uso de alimentos integrais, cozinha simples, o exercício regular ao ar livre, dormir adequadamente em quartos bem ventilados, banhos freqüentes e abstinência de comer entre as refeições. Oberlin, com sua ênfase sobre todo o homem em seus aspectos físico, mental e espiritual, defendia a reforma educacional total dentro do contexto do cristianismo evangélico. Infelizmente, a partir da perspectiva de quem defendeu a reforma educacional, Oberlin (junto com muitos de suas instituições irmãs) não perseverou no caminho da reforma. No final da década de 1860 os seus ideais e práticas reformistas tinham caído no esquecimento e Oberlin havia se tornado uma instituição acadêmica respeitável com um patrimônio inicial de reforma radical.⁴⁵⁷

⁴⁵⁶ WHITE, Ellen. **Education**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1952. p. 13. Pelo original: "True education means more than the pursual of a certain course of study. It means more than a preparation for the life that now is. It has to do with the whole being, and with the whole period of existence possible to man. It is the harmonious development of the physical, the mental, and the spiritual powers. It prepares the student for the joy of service in this world and for the higher joy of wider service in the world to come." Utilizou-se no corpo do texto a versão brasileira de 1977, publicada pela Casa Publicadora Brasileira.

⁴⁵⁷ KNIGHT, George R. The Transformation of Education. In: LAND, Gary. **The World of Ellen White**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1987. p. 166. Conforme o original: "By the early 1840s most Oberlinites were following the health teachings of Sylvester Graham, who advocated a vegetarian diet, the avoidance of rich foods, abstinence from stimulants, the use of whole-grain foods, plain cooking, regular exercise in the open air, adequate sleep in well-ventilated rooms, frequent bathing, and abstinence from eating between meals. Oberlin, with its emphasis on the whole man in his physical, mental, and spiritual aspects, stood for total educational reform within the context of evangelical Christianity. Unfortunately, from the perspective of those who advocated educational reform, Oberlin (along with many of its sister institutions) did not persevere in the path of reform. By

O Oberlin College, que até hoje ainda funciona – embora sem suas prerrogativas saudáveis originais – talvez tenha sido o máximo que a educação não-confessional estadunidense do período produziu em termos holísticos. Enquanto isso, as escolas ainda lutam para convencer os pais e estudantes a abandonar más práticas saudáveis, demonstrando talvez, que o fervor religioso daquela parte do século XIX dificilmente foi outra vez percebido.

Finalizando esta rápida conjuntura histórica educacional, deve-se ainda levar em conta os gêneros literários em voga naquele país. Sabe-se que o realismo e o romantismo chegaram a seus ápices naquele período, além de toda a literatura fantástica ou de terror legada a nós pelos vitorianos, já descrito no segundo capítulo. Na verdade, foi um período de muitas descobertas literárias e o instruído povo estadunidense (para a época...), ainda muitas décadas distante do advento da luz elétrica e de todo o entretenimento oriundo desta inovação, gastava muitas horas em teatros e junto aos livros. Não por acaso grandes escritores, hoje clássicos, surgiram tanto naquele país quanto na Europa, destacando-se Nathaniel Hawthorne, escritor do “A Letra Escarlata”, Ralph Waldo Emerson com seu *Representative Men*, Herman Melville com o bastante conhecido “Moby Dick”, Henry David Thoreau com seu “Walden” (ou Vida nos Bosques, que em nada tem conexão com a obra de Ellen White “Vida no Campo” – muito pelo contrário...) e Walt Whitman com seu *Leaves of Grass*, apenas para citar as obras que o mundo ganhou nos anos 1850. Segundo Davis:

Escritores do movimento romântico na América imitavam ideais europeus, tendências filosóficas e formas artísticas, mas nos melhores havia um sabor americano único adicionada à bebida Europeia. Talvez o único traço unificador mais importante entre escritores românticos americanos compartilhados com os europeus era uma ênfase na imaginação como guia supremo do homem para cumprimento e verdade. Para esses autores a imaginação não era um mero veículo de fuga ou fantasia, mas sim um guia seguro para as realidades eternas com o qual a maioria dos românticos concordou, residindo num mundo além e atrás das distrações materiais da superfície da existência cotidiana.⁴⁵⁸

the late 1860s its reforming ideals and practices had fallen by the wayside, and Oberlin had become a respectable academic institution with an early heritage of radical reform. (Tradução própria)

⁴⁵⁸ DAVIS, Delmer. *Literature for the Nation*. In: LAND, 1987, p. 194. Conforme o original: “Writers of the romantic movement in America imitated European ideals, philosophical trends, and artistic forms, but in the best writers there was a unique American flavor added to the European brew. Perhaps the single most important unifying trait American romantic writers shared was an emphasis upon the imagination as man’s supreme guide to fulfillment and truth. For these writers the imagination was not a mere vehicle of escape or fantasy but instead a sure guide to the eternal realities that, most

Embora a literatura do período romântico fosse uma grande válvula de escape em meio a uma existência cheia de perigos e muitos dissabores, Paul Tillich simplesmente afirmaria, categórico, que “nunca houve nos Estados Unidos um verdadeiro período romântico”⁴⁵⁹, discordando por completo de Davis. Segundo ele, o que existiu, veio importado da Inglaterra, mas a verdade é que o povo nunca deu verdadeiro valor à imaginação. Ellen White, caso fosse contemporânea a Tillich, certamente gostaria de dar a ele razão, mas não sem temor aconselhou seu povo a simplesmente ficar bastante longe de qualquer literatura não religiosa. Em muitos casos, alertou para os perigos do sentimentalismo exarcebado, que muitas vezes era confundido por tantos como expressão ou toque do Espírito Santo e/ou repentina santificação. Diretamente sobre a questão da literatura, escreveu ela que:

Histórias de amor, contos frívolos e excitantes, e mesmo aquela classe de livros chamados de romances religiosos, em que o autor atribui à sua história uma lição moral são uma maldição para os leitores. Sentimentos religiosos podem ser tecidos tudo através de um livro de histórias, mas, na maioria dos casos, Satanás está vestido de anjo, a forma mais eficaz para enganar e seduzir. Ninguém pode estar tão confirmado em princípios corretos, ninguém pode estar tão seguro contra a tentação, a ponto de ler se achar em condições de ler estar histórias⁴⁶⁰.

Evidentemente que para Ellen White os únicos livros deveriam ser aqueles que levassem ao único livro verdadeiramente livre de toda a sorte de erros: a Bíblia Sagrada. A maior parte de sua vasta biblioteca era composta de comentários bíblicos, em muitos casos sob a forma de livros de histórias, que tantas vezes serviram como subsídios aos seus próprios textos. Nos dias atuais, a Igreja Adventista do Sétimo Dia costuma manter-se firme aos ditames originais propostos por ela, continuando a afirmar que a Bíblia deve ser o livro por excelência sendo que os próprios livros de Ellen White são permitidos sem nenhuma ressalva para

romantics agreed, resided in a world beyond and behind the surface material distractions of everyday existence.” (Tradução própria).

⁴⁵⁹ TILLICH, 2010, p. 105.

⁴⁶⁰ WHITE, Ellen. **Messages to Young People**. Hagerstown: Review and Herald, 1930. p. 272. Conforme o original: “Love stories, frivolous and exciting tales, and even that class of books called religious novels — books in which the author attaches to his story a moral lesson — are a curse to the readers. Religious sentiments may be woven all through a storybook, but, in most cases, Satan is but clothed in angel-ropes, the more effectively to deceive and allure. None are so confirmed in right principles, none so secure from temptation, that they are safe in reading these stories”. (Tradução livre própria)

meditações, comentários e estudos bíblicos, bem como os produzidos pela própria editora. Todos os outros, segundo recomendação, devem ser lidos sempre sob suspeita: afinal, mesmo as linhas aparentemente mais ingênuas podem conter em si mesmas prerrogativas não permitidas por Deus, contrárias, portanto, ao processo de santificação.

No escopo desta contextualização, parece agora ser possível evidenciar a proposta whiteana de educação integral em contexto com o tema santificação, percebendo seus paradigmas e influências. Para ela, o tema é dos mais significativos e deixá-lo de lado é simplesmente não compreender a totalidade de seus escritos.

3.3.2 *Ellen White e a educação santificadora: Teologia holística através da análise do livro Educação*

Embora dentro da amplitude das obras de Ellen White os escritos diretamente dedicados à educação não sejam os mais volumosos⁴⁶¹, é impossível afirmar que ela não escreveu prolificamente também acerca dessa matéria. Segundo este autor:

O ápice de seus textos educacionais provavelmente se encontra na obra de sua velhice, *Educação*, de 1903. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, compilação de 1913 e *Conselhos sobre educação de 1893-4* são as outras obras que compõe seus textos sobre o assunto. Este último traz os textos já publicados nos nove volumes conhecidos por *Testimonies* ou, em português, *Testemunhos para a Igreja*, publicados entre 1855 e 1909. Seu primeiro texto publicado surgiu em 1851 embora remonte a dezembro de 1844.⁴⁶²

Portanto, afóra as compilações e todos os seus outros escritos educacionais que acabam sendo percebidos na diversidade de suas obras – o que acontece muito em virtude da natureza holística das mesmas – temos três distintos livros. Muito já foi escrito sobre os mesmos e o livro “Educação”, por si só, é considerado um clássico e leitura praticamente obrigatória para todos os professores da rede adventista do ensino.

⁴⁶¹ Basicamente, fora os escritos indiretos sobre o tema, ela deixou cinco obras, todas publicadas pela Casa Publicadora Brasileira, nos mais diversos anos e edições. São elas: “Educação”, “Fundamentos da Educação Cristã”, “Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes”, “Conselhos sobre Educação” e “Orientação da Criança”.

⁴⁶² DARIUS; PANCOTTE, 2012, p. 116.

O que contém essa obra de 1903, que, a julgar pelo título, corresponde ao compêndio educacional da autora? Afinal, como dizem os próprios depositários das publicações de Ellen White na introdução da obra, “é muito raro que um livro dedicado ao assunto da educação seja lido tão amplamente, ou resista tão bem à prova dos tempos em constante mutação, como tem sucedido esta obra”.⁴⁶³ Ao se analisar o conteúdo do pequeno volume, começando pelo seu final, observa-se um vigoroso índice escriturístico: ela se utiliza de 56 dos 66 livros bíblicos, mantendo o mesmo vigor e equilíbrio de citação ao longo dos dois testamentos em praticamente 500 transcrições bíblicas em um texto de pouco mais de 290 páginas corridas. Por 99 vezes ela cita textualmente o nome de “Cristo” – “Deus” ela cita mais de 360 –, e em 85 casos, aparece “Natureza” ou “natureza”. A palavra “vida” consta nada menos que 250 vezes enquanto a própria palavra “educação” surge em mais de 90 oportunidades. Conhecendo-se o estilo e a centralidade da autora, pode-se corretamente julgar tratar-se de um livro indubitavelmente cristocêntrico. A Bíblia – fica muito claro no livro citado – é pré-requisito e condição absoluta para a educação proposta por ela. Sem o Livro Sagrado, toda e qualquer tentativa educacional será vã. Porém, apesar das ressalvas apresentadas, de acordo com Douglass:

Fazer da Bíblia “a base da educação” não significa que ela deva ser o único livro didático para aulas de aritmética, línguas e geografia. A Bíblia não foi dada à família humana para ser sua enciclopédia máxima, mas para transmitir uma visão global que ajudasse a interpretar e aplicar as informações. Ellen White chamou a atenção para o fato de que todas as disciplinas acadêmicas, cada área do pensamento, assumem novo significado quando vistas à luz do Tema do Grande Conflito. Ela queria dizer que todas as aulas devem ser ministradas dentro da estrutura da visão global bíblica, que cada aula deve refletir o grandioso propósito da educação cristã.⁴⁶⁴

A Natureza, que ela também cita largamente, é bastante responsável pelo processo educacional cristão, sem a qual praticamente nenhum exemplo palatável

⁴⁶³ WHITE, 1952, p. 7.

⁴⁶⁴ DOUGLASS, 1998, p. 347. Conforme o original: “Bible “the basis of education” does not mean that it is to be the only textbook for classes such as arithmetic, languages, and geography. The Bible was not given to the human family to be its best encyclopedia, but it does give a worldview that helps to interpret and apply information. Ellen White noted that all academic disciplines, every area of thought, take on “new significance” when seen in the light of the Great Controversy Theme. She meant that all classes must be taught within the framework of the Biblical worldview, that every class should reflect the grand purpose of Christian education”.

pode ser auferido ao Criador⁴⁶⁵. Aliás, em outras obras capitais da autora, como no livro “Caminho a Cristo”, fica patente a união indissociável entre a Bíblia e a Natureza ao afirmar que “natureza e Revelação testificam o amor de Deus”⁴⁶⁶ e, para ela, autocomplementam a obra da educação.

Por seu termo, a palavra “vida” (humana), “em provação”, “em preparação”, ou “eterna”, para citar apenas três casos de uso na obra é o objeto da pena whiteana, que vê o ser humano sempre em processo e em condições de aprendizado até que se finde sua existência. Curiosamente, apenas em cinco oportunidades no livro White se utiliza do termo “filosofia⁴⁶⁷” e mesmo assim, em duas vezes, ela fala da “filosofia da história”, ao afirmar que “a Bíblia revela a verdadeira filosofia da história”, no sentido de indicar o sentido da vida do cristão. As outras 3 indicam que a filosofia enquanto disciplina do conhecimento pouco ou nenhum valor tem se distante do conhecimento das Escrituras⁴⁶⁸. Em realidade, ante o conhecimento teórico proporcionado pela filosofia, ela sempre e de novo frisava a necessidade do ser humano entrar em contato com a natureza para que possa sem

⁴⁶⁵ “O estudo da natureza certamente enriquece o entendimento humano de seu ambiente. Também fornece respostas para algumas das muitas questões que não são tratadas na Bíblia.” KNIGHT, George. **Filosofia e educação**: uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2001. p. 181. Vide também a importante citação de WHITE, 1958, p. 592 que afirma que “as grandes verdades da providência de Deus e da vida futura foram impressionadas na mente jovem. Ele foi treinado para ver a Deus tanto nas cenas da natureza quanto nas palavras da revelação. As estrelas do céu, as árvores e flores do campo, as altas montanhas, os riachos ondulantes - todos falavam do Criador”. Conforme o original: “The great truths of God's providence and of the future life were impressed on the young mind. It was trained to see God alike in the scenes of nature and the words of revelation. The stars of heaven, the trees and flowers of the field, the lofty mountains, the rippling brooks--all spoke of the Creator.” (Tradução própria).

⁴⁶⁶ WHITE, 1956, p. 9. Conforme o original: “Nature and revelation alike testify of God's love.” (Tradução própria.)

⁴⁶⁷ A autora não parece ver com bons olhos o estudo da filosofia sem qualquer conexão com a religião. São muitos os textos em que ela vê com ressalvas o estudo “do conhecimento humano” em face do conhecimento de Deus. Para ela, ao falar dos clássicos, “os gregos acreditavam que não havia necessidade de elevar a raça humana, mas eles consideravam o estudo da filosofia e da ciência como o único meio de alcançar a verdadeira elevação e honra.” (WHITE, 1911, p. 244.) Ainda, escreveu que “O Autor desta vida espiritual é invisível, e o método exato pelo qual a vida é transmitida e sustentada, que está além do poder da filosofia humana explicar. No entanto, as operações do Espírito estão sempre em harmonia com a palavra escrita.” (WHITE, 1911, p. 284). Segundo o original: “The Greeks believed that there was need of elevating the human race, but they regarded the study of philosophy and science as the only means of attaining to true elevation and honor” e “The Author of this spiritual life is unseen, and the exact method by which that life is imparted and sustained, it is beyond the power of human philosophy to explain. Yet the operations of the Spirit are always in harmony with the written word”. (Tradução própria). Na verdade, muitos anos depois da morte de Ellen White, “os adventistas viam com desconfiança o credenciamento oficial, pois achavam que isso poderia descaracterizar as instituições educacionais de sua filosofia adventista. Cursos de doutorado eram considerados desnecessários e até mesmo perigosos”. (VYHMEISTER, Nancy. In: DEDEREN, Raoul. (Ed.), 2011, p. 20.

⁴⁶⁸ WHITE, 1952, p. 173.

embargo, conhecer a vontade de Deus através de Sua criação da melhor forma possível, unindo o material com o espiritual. Para ela:

Muitas vezes as mentes dos estudantes estão ocupadas com teorias e especulações humanas, falsamente chamadas de ciência e filosofia. Eles precisam ser trazidos para contato com a natureza. Deixe-os saber que a Criação e o cristianismo têm um único Deus. Deixe-os ser ensinados a ver a harmonia do natural com o espiritual.⁴⁶⁹

Dando sequência ao conteúdo do livro, White expressa logo nas primeiras páginas a fonte e o objetivo da educação e relaciona de forma inequívoca, já na primeira seção, o relacionamento intrínseco entre educação e redenção. Posteriormente, ilustra, a partir da vida dos grandes homens citados na Bíblia, exemplos daquilo que ela chamou de “verdadeira educação”. Ato contínuo, dedica três capítulos para abordar a relação entre educação e natureza. Na sequência e maior porção da obra, aborda a relação da Bíblia como agente educador, para a seguir exaltar a necessidade da cultura física, citando a temperança, recreação e educação manual. Finalmente, aborda a educação como formadora de caráter, sem deixar de lado temas como vestuário, disciplina, fé, oração e o sábado. Em uma frase, trata-se de um livro completo onde, em maior ou menor grau, todos os grandes temas whiteanos se fundem, sempre a partir da compreensão (ainda que de conhecimento incipiente) do amor de Deus, desde o Éden até o Além.

Diante do exposto, pode-se afirmar sem ressalvas que a educação é assunto absolutamente central em sua pena, visto ser a alma que une corpo e espírito no universo whiteano e adventista do sétimo dia. É pela educação que mais distintamente pode ser notada a percepção holística de Ellen White e é a partir do estudo do tema que se vislumbra em todos os matizes a importância da santificação plena de corpo, alma e espírito: em sua amplitude e dinamismo, o tema evoca sem embargo relações íntimas entre o mais fino da teologia de White e o mais avançado (para a época) de suas visões relativas de forma privilegiada ao corpo. Explica-se assim a necessidade e importância da leitura do livro até os dias de hoje.

Ao relacionar educação e redenção, White volta-se uma vez mais ao início, desenvolvimento e resultado da história do grande conflito cósmico entre Cristo e

⁴⁶⁹ WHITE, 1941, p. 25. Pelo original: “Too often the minds of students are occupied with men's theories and speculations, falsely called science and philosophy. They need to be brought into close contact with nature. Let them learn that creation and Christianity have one God. Let them be taught to see the harmony of the natural with the spiritual”. (Tradução própria).

Satanás, tendo como base irrenunciável o infinito amor de Deus. Para ela, a vida inteira tem como propósito primeiro educar o ser humano para as mansões celestiais em uma árdua tarefa, que sequer será completada neste plano. Ao longo da existência humana, caberá a este futuro cidadão e cidadã do Céu estar em linha com os propósitos divinos a partir de uma vida de constante negação do “eu” e aceitação dos ditames escriturísticos em uma vida de equilíbrio e plenitude. É só através da educação que este nobre propósito, seguindo o pensamento de Ellen White, será cumprido. Precisamente por isso, ela rejeitava com todas as suas forças quaisquer influências não cristãs na formação pedagógica, como já anteriormente descrito. Deste modo, pela observação do vestuário, música, literatura entre outros, face o estudo bíblico, as suspeitas com relação à educação “do mundo” se tornam concretas. É tão-somente para melhor acepção de todas as múltiplas peculiaridades a serem vencidas ao longo do processo de santificação que a educação deve ser baseada, mediada e concluída, tendo como fonte principal e original a Bíblia Sagrada, único livro que inquestionavelmente leva à redenção. Segundo Ellen White, com o auxílio da Bíblia:

No sentido mais elevado, o trabalho da educação e da obra da redenção são uma coisa só, pois na educação e na redenção, “ninguém pode por outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo”. (1 Coríntios 3:11, Colossenses 1:19)⁴⁷⁰

Assim, educação deve necessária e primordialmente cumprir um papel restaurador e a redenção humana só se torna possível através do amor de Deus. Afinal, “o verdadeiro objetivo da educação é restaurar a imagem de Deus na alma”⁴⁷¹. Sob esta luz e por inferência, portanto, o amor divino recebido pelos seres humanos deve ser a única base da educação integral cristã. Assim, para White:

Restaurar no ser humano a imagem de seu Autor e levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, bem como promover o desenvolvimento do corpo, mente e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação - tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação,

⁴⁷⁰ WHITE, 1952, p. 30. Conforme o original: “In the highest sense the work of education and the work of redemption are one, for in education, as in redemption, “other foundation can no man lay than that is laid, which is Jesus Christ.” “It was the good pleasure of the Father that in Him should all the fullness dwell.” 1 Corinthians 3:11; Colossians 1:19.” (Tradução própria).

⁴⁷¹ WHITE, 1958, p. 595. Conforme o original: “The true object of education is to restore the image of God in the soul.” (Tradução do autor).

o grande objetivo da vida. O amor, a base da criação e redenção, é a base da verdadeira educação⁴⁷².

Ainda, nesse mesmo sentido em diferente obra, sob diferente e ampliado escopo, perpassando o plano da redenção, escreve Ellen White que:

Céu é uma escola; seu campo de estudo, o universo, o seu professor, o Ser infinito. Uma filial desta escola foi estabelecida no Éden, e, com o plano de redenção realizada, a educação será novamente retomado na escola Éden⁴⁷³

E complementa, em uma terceira obra, afirmando acerca da perenidade da educação, sempre segundo o plano da redenção:

[A] educação iniciada aqui não vai ser concluída nesta vida, que vai ser daqui para frente por toda a eternidade - sempre progredindo, nunca concluída. Mais e mais completa será revelada a sabedoria e o amor de Deus no plano da redenção. O Salvador, como Ele leva seus filhos para as fontes das águas vivas, compartilhará ricos suprimentos de conhecimento.⁴⁷⁴

Dentro da premissa ora apresentada, os princípios metodológicos da educação whiteana⁴⁷⁵ pressupõem obviamente a integração da fé ao ensino, o estímulo ao espírito de investigação (na cosmovisão adventista do sétimo dia), reflexão e criatividade⁴⁷⁶, conhecimento da realidade do educando⁴⁷⁷, relação

⁴⁷² WHITE, 1952, p. 15. Conforme o original: "To restore in man the image of his Maker, to bring him back to the perfection in which he was created, to promote the development of body, mind, and soul, that the divine purpose in his creation might be realized--this was to be the work of redemption. This is the object of education, the great object of life. Love, the basis of creation and of redemption, is the basis of true education." (Tradução própria.)

⁴⁷³ WHITE, 1980, p. 547. Conforme o original: "Heaven is a school; its field of study, the universe; its teacher, the Infinite One. A branch of this school was established in Eden; and, the plan of redemption accomplished, education will again be taken up in the Eden school." (Tradução própria).

⁴⁷⁴ WHITE, Ellen. Child Guidance. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1954, p. 298. Conforme o original: "education begun here will not be completed in this life; it will be going forward through all eternity--ever progressing, never completed. More and more fully will be revealed the wisdom and love of God in the plan of redemption. The Saviour, as He leads His children to the fountains of living waters, will impart rich stores of knowledge."

⁴⁷⁵ A partir de CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2004, p. 70-75

⁴⁷⁶ Nesse sentido, já dizia Ellen White que: "Os professores devem induzir os alunos a pensar e a compreender de forma a verdade por si mesmos. Não basta ao professor explicar, ou ao aluno crer; cumpre despertar o espírito de investigação, e o aluno ser atraído a buscar a verdade em sua própria linguagem, tornando assim evidente que lhe vê a força e aplica o que soube. Por trabalhosos esforços, as verdades vitais devem assim ser gravadas no espírito." (WHITE, 2002, p. 140 In: CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2004, p. 70) A esse respeito, muito posteriormente escreveu Paulo Freire que "a construção ou a produção

teórico-prática⁴⁷⁸, ensino de valores⁴⁷⁹, respeito à unicidade do educando, espírito cooperativo⁴⁸⁰, interdisciplinaridade e espírito servidor⁴⁸¹. Ao comentar sobre este espírito, já Ellen White no início do século XX percebeu uma das grandes questões tão presentes na pós-modernidade, algo que por certo já assolava seus pensamentos: a questão do egoísmo, que tão vilmente assola as sociedades. Enquanto em muitos casos hodiernos a educação acaba tendo como propósito elementar o proveito próprio, a autora sempre solapou essas falsas ideias, ao afirmar que a verdadeira educação, ao partir de Cristo, necessariamente precisa comunicar sabedoria e utilizar o melhor de cada capacidade e dom recebido por

do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua *aproximação* metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 85.)

⁴⁷⁷ Sempre tendo a natureza como pressuposto. Segundo ela, “em seus ensinamentos, Cristo tirava ilustrações do grande tesouro dos laços e afeições de família, bem como da natureza. O desconhecido era ilustrado pelo conhecido; sagradas e divinas verdades, pelas coisas naturais e terrestres, com as quais o povo se achava mais familiarizado. Estas foram as coisas que iriam falar ao coração, e fazer a impressão mais profunda em suas mentes”. (WHITE, 1943, p. 178). Conforme o original: “In His teaching, Christ drew His illustrations from the great treasury of household ties and affections, and from nature. The unknown was illustrated by the known; sacred and divine truths, by natural, earthly things, with which the people were most familiar. These were the things that would speak to their hearts, and make the deepest impression on their minds.” (Tradução própria).

⁴⁷⁸ “Cristo não tratou de teorias abstratas, mas naquilo que é essencial para o desenvolvimento do caráter, o que vai ampliar a capacidade do homem para conhecer a Deus, e aumentar a sua eficiência para fazer o bem. Ele falou aos homens daquelas verdades que se relacionam com a conduta da vida, e que tomam conta sobre a eternidade.” (WHITE, 1941, p. 23 IN: CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2004, p. 72). Conforme o original: “Christ did not deal in abstract theories, but in that which is essential to the development of character, that which will enlarge man's capacity for knowing God, and increase his efficiency to do good. He spoke to men of those truths that relate to the conduct of life, and that take hold upon eternity.” (Tradução própria).

⁴⁷⁹ Eis aqui, uma das mais conhecidas e citadas frases de toda a obra de Ellen White: “A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias, mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais, o caráter. O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Necessita de homens cuja habilidade seja dirigida por princípios firmes.” (WHITE, 1952, p. 225). De acordo com o original: “True education does not ignore the value of scientific knowledge or literary acquirements; but above information it values power; above power, goodness; above intellectual acquirements, character. The world does not so much need men of great intellect as of noble character. It needs men in whom ability is controlled by steadfast principle.”

⁴⁸⁰ Ainda de acordo com White, “a cooperação deve ser o espírito da sala de aula, a lei de sua vida.” (WHITE, 1952, p. 285 In CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2004, p. 74). Pelo original: “Co-operation should be the spirit of the schoolroom, the law of its life.” (Tradução própria)

⁴⁸¹ “Cristo ligava Seu coração pelos laços de amor e devoção, e pelos mesmos laços Ele ligava seus semelhantes. Com Ele o amor estava na vida, e a vida era serviço.” (WHITE, 1952, p. 80). Pelo original: “Christ bound them to His heart by the ties of love and devotion; and by the same ties He bound them to their fellow men. With Him love was life, and life was service.”

Deus, com vistas à formação do caráter “a obra mais importante que já foi comunicada a seres humanos”⁴⁸². Segundo ela:

Qual é o pendor da educação dada atualmente? Qual é o objetivo para que se apela mais frequentemente? – O proveito próprio. Grande parte desta educação é uma perversão deste nome. Na verdadeira educação, a ambição egoísta, a avidez do poder, a desconsideração pelos direitos e necessidades da humanidade – coisas que são uma maldição para o nosso mundo – encontram uma influência contrária.⁴⁸³

Dessa forma, a educação adventista, embora totalmente permeada por sua espiritualidade, pode ser considerada progressista e mantém-se até hoje sem deixar de observar as questões de seu próprio tempo, ainda que inexoravelmente advogue certas causas um tanto impopulares entre os cientistas, como, por exemplo, o ensino da criação em oposição ao da evolução das espécies nas aulas de Ciências ou Biologia.⁴⁸⁴

Embora textualmente Ellen White não tenha citado a palavra “santificação” em nenhum dos muitos textos citados nesta seção, percebe-se facilmente sua preponderância em virtude dos propósitos educacionais whiteanos, que vicejam ao longo de cada página. Afinal, educação que submete o próprio “eu” ao Divino e busca equilibradamente Seu amor para vivenciá-lo com o próximo sempre visando à restauração, só pode ser educação santificadora. Os princípios educacionais propostos por Ellen White, em grande medida servem como conselho claro e guia seguro ante às adversidades da existência. Ou como ela mesma diria, a respeito do próprio Autor por excelência: Ele enviou [...] instruções, linha sobre linha, preceito

⁴⁸² WHITE, 1952, p. 225. Conforme o original: “Character building is the most important work ever entrusted to human beings.”

⁴⁸³ WHITE, 1952, p. 225-226. Conforme o original: “At such a time as this, what is the trend of the education given? To what motive is appeal most often made? To self-seeking. Much of the education given is a perversion of the name. In true education the selfish ambition, the greed for power, the disregard for the rights and needs of humanity, that are the curse of our world, find a counterinfluence.”

⁴⁸⁴ WHITE, 1952, p. 227: “No estudo das ciências, como geralmente é feito, há perigos igualmente grandes. A evolução e seus erros conexos são ensinados nas escolas de todas as categorias, desde o jardim de infância até às escolas superiores. Destarte, o estudo da ciência, que deveria comunicar o conhecimento de Deus, acha-se tão misturado com as especulações e teorias humanas que propende para a incredulidade.” Conforme o original: “In the study of science, as generally pursued, there are dangers equally great. Evolution and its kindred errors are taught in schools of every grade, from the kindergarten to the college. Thus the study of science, which should impart a knowledge of God, is so mingled with the speculations and theories of men that it tends to infidelity”. Ellen White, como não poderia deixar de ser – e nas páginas seguintes em que condena o Evolucionismo - ataca novamente a doutrina espírita ao afirmar que, segundo esses, “não importa o que façais; vivei como vos aprouver, o Céu é vosso lar.” (WHITE, 1952, p. 228).

sobre preceito, um pouco aqui e um pouco ali. Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior”⁴⁸⁵. Sua pena tão-somente ajudou a reencetar homens e mulheres à plenitude educacional, holística, restauracionista e eterna contida nas páginas da Bíblia.

3.4 Santificação e espírito: a doutrina do Sábado como materialidade e integralidade santificadora da união divino-humana

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, obviamente, tem uma relação muito especial com o sábado do sétimo dia.⁴⁸⁶ Tão indissociável se dá essa união que até mesmo no nome da igreja aparece esta referência – foi pensado em chamá-la simplesmente “Igreja de Deus”, mas algum membro sensato imaginou que o nome soaria por demais jactancioso. Sobre este assunto de máxima importância, escreveu Ellen White:

Foi-me mostrado o modo por que o povo remanescente de Deus obteve seu nome. Duas classes de pessoas me foram apresentadas. Uma abrangia as grandes corporações de cristãos professos. Estes tripudiavam sobre a lei divina, inclinando-se diante de uma instituição papal. Observavam o primeiro dia da semana em vez do sábado do Senhor. A outra classe, posto que em pequeno número, tributava obediência ao grande Legislador. Estes guardavam o quarto mandamento. As feições peculiares e preeminentes de sua fé são a observância do sétimo dia e a expectativa da volta de Cristo nas nuvens do céu.⁴⁸⁷

Segundo a denominação e de acordo com os princípios bíblicos por ela defendidos, é o dia sétimo o verdadeiro e real dia de guarda. Assim, a questão do sábado foi e ainda hoje é um dos assuntos mais abordados pelos escritores e pregadores nos púlpitos e desde os primórdios da igreja há uma necessidade renovada de geração em geração de reafirmar a validade eterna deste dia em relação ao domingo. Ainda, como se verá, há uma intrínseca relação entre o sábado

⁴⁸⁵ WHITE, Ellen. *Colporteur Ministry*. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1953, p. 125. Segundo o original: “The Lord has sent His people much instruction, line upon line, precept upon precept, here a little, and there a little. Little heed is given to the Bible, and the Lord has given a lesser light to lead men and women to the greater light.” (Tradução própria).

⁴⁸⁶ O termo “sábado do sétimo dia”, aparece repetidas vezes na literatura adventista para que se frise que, entre eles, o sábado ou *Shabat* não é simplesmente o dia de descanso, mas sim, o descanso naquele dia específico da semana, como aparece no corpo do texto bíblico.

⁴⁸⁷ WHITE, Ellen. **A Igreja Remanescente**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 65.

e a restauração do ser humano, assim existindo uma forte evidência entre aquele dia e a santificação. Por esses motivos, a doutrina do Sábado, entre os adventistas, pode ser compreendida enquanto materialidade e integralidade da união entre Deus e os seres humanos, memorial por excelência da criação.

Enquanto os princípios de saúde podem equivaler – dentro da relação integral entre corpo e espírito enquanto alma – ao corpo e os princípios educacionais à alma, a doutrina do Sábado serve como metáfora ao espírito, visto que em Deus este dia especial dá ânimo e esperança ao adventista. O santo dia de guarda, que proporciona especificamente um tempo privilegiado de repouso e adoração a esse cristão, lembra-o constantemente da perfeição do Éden nos áureos e primevos tempos da criação e o leva esperançosamente a um futuro, aguardado proximamente – onde a maravilhosidade daquele tempo será a realidade eterna e “de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar”⁴⁸⁸ reverente diante do Senhor.

3.4.1 Fundamentos históricos e doutrinários da guarda do Sábado utilizados pelos adventistas do sétimo dia e justificativa de sua importância para a denominação em poucas palavras

Como exposto ainda na introdução deste trabalho, a guarda do Sábado na contemporaneidade não é peculiaridade da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tampouco seus primitivos membros, oriundos de outras denominações conheciam ou aparentemente desejavam guardar o dia segundo as perspectivas bíblicas posteriormente incorporadas às crenças fundamentais deste grupo. Foi uma Batista do Sétimo Dia, Rachel Oakes, que no início de 1844 compartilhou com uma denominação adventista na localidade de New Hampshire acerca desta “novidade” e, aparentemente algumas pessoas passaram a seguir seus ditames⁴⁸⁹, como um certo “Thomas M. Preble, pastor milerita de uma igreja batista independente [...] que começou a guardar o sábado em agosto de 1844”⁴⁹⁰.

Porém, com a proximidade da segunda vinda de Cristo iminente, não haveria tempo necessário para que a mensagem do Sábado fosse disseminada entre os mileritas expectantes. Desse modo, apesar de muitas discussões, optou-se

⁴⁸⁸ BÍBLIA, 2012, p. 689.

⁴⁸⁹ LAND, 2005, p. 256.

⁴⁹⁰ KNIGHT, George. **A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo**: estamos apagando nossa relevância? Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2010. p. 42.

simplesmente por deixar a questão de lado, já que com o novo advento de Cristo, de uma forma ou de outra o dia passaria a ser vivenciado sem embargo. Conforme Knight:

O sábado gerou tanta discussão no meio adventista que, em setembro de 1844, foram publicados dois longos artigos no periódico adventista de maior importância na época sobre o “problema”. A solução foi bastante simples: “Vamos manter silêncio sobre este assunto. Estaremos no Céu no mês que vem e Deus, então, restabelecerá a identidade do sábado.”⁴⁹¹

Para dificultar ainda mais o entendimento inicial, em um panfleto de Ellen White encontram-se evidências, afirmando que Preble ao mesmo tempo cansava e cometia erros em sua ferrenha defesa do sábado do sétimo dia⁴⁹². Ele entendia, assim como Oakes, que o alegado dia de repouso deveria começar às 18 horas da sexta feira, encerrando-se às 18 horas do sábado.⁴⁹³ Somente dois anos mais tarde, em 1846, foi que um dos pioneiros da igreja, John Andrews, a partir do estudo dos textos do próprio Preble concluiu que este dia deveria ser iniciado ao pôr-do-Sol de sexta feira, sendo finalizado no pôr-do-Sol de Sábado.

⁴⁹¹ KNIGHT, 2010, p. 42.

⁴⁹² No referido panfleto, escreve White que: “O tempo gasto em seguir Preble tão de perto e tão cuidadosamente foi um erro. Os leitores da Revista tornaram-se cansados do assunto. Um conjunto de sofismas foram decorados e os leitores da Revista ficavam com suas mentes obscurecidas. Neste tocante, o Irmão Andrews não podia ver suas falhas e tem estudado o assunto com a maior satisfação. O Irmão Andrews precisou da ajuda de seus irmãos. Ele deve ter tido seus conselhos. Eles deveriam ter fornecido sua deficiência por suas mentes mais igualmente equilibradas. Quando o Irmão Andrews segue uma linha de pensamento, ele não consegue abandoná-lo quando já foi dito tudo o que é necessário. O povo de Deus está sofrendo pela verdade que ele deve trazer para fora de uma só vez sobre a história do sábado.” De acordo com o original: “The time spent in following Preble so closely and thoroughly has been a mistake. The readers of the Review have become wearied with the subject. A set of quibbles have been furnished the readers of the Review of no special weight only to deceive and darken minds. In these things, Bro. Andrews could not see his failings. He has pursued the subject with the greatest satisfaction to his own mind. Bro. Andrews has needed the help of his brethren. He should have had their counsel. They should have supplied his deficiency by their more equally balanced minds. When Bro. Andrews gets upon a train of thought following a subject, he knows nothing about leaving off when all has been said that is required. The people of God are suffering for the truth which he should bring out at once upon the history of the Sabbath.” WHITE, Ellen. **Testimony to the Church at Battle Creek**. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1872. p. 85.

⁴⁹³ De acordo com Preble: “A palavra domingo, nunca ocorre na Bíblia, e em nenhuma instância é a palavra Sabbath aplicado ao primeiro dia da semana, mas sempre se refere ao sétimo dia. Diz-se que a mesma parte do tempo que constituía o sétimo dia da criação, não pôde ser observada em todas as partes do mundo, por causa dos diferentes graus de latitude e longitude.” De acordo com o original: “The word Sunday, never occurs in the Bible, and in no instance is the word Sabbath applied to the first day of the week, but always refers to the seventh day. It is said that the same portion of time which constituted the seventh day from creation, could not be observed in all parts of the earth, on account of the different degrees of latitude and longitude.” PREBLE, T.M. **A tract showing that the seventh-day should be observed as the Sabbath, instead of the first day “according to the commandment”**. Nashua: Murry & Kimball, 1845. p. 11. Disponível em <http://biblelight.net/tract.htm>. Acessado em 26 de novembro de 2013.

Seja como for, pelo teor das discussões percebe-se que a igreja desde seus primeiros tempos estava profundamente interessada na discussão a respeito do sábado, que para Ellen White, é imperioso sinal que distingue as pessoas que reconhecem a soberania de Deus das que não. Segundo ela:

Grandes bênçãos estão encerradas na observância do sábado, e Deus deseja que o dia do Senhor seja para nós um dia de alegria. Houve alegria na instituição do sábado. Deus olhou com satisfação para a obra das suas mãos. Todas as coisas que ele tinha feito Ele pronunciou-se "muito bom". (Gênesis 1:31) O céu e a terra estavam cheios de alegria. "As estrelas da alva juntas cantavam, e todos os filhos de Deus gritavam de alegria." (Jó 38:7) Embora o pecado tenha entrado no mundo para estragar sua obra perfeita, Deus ainda nos dá o sábado como um testemunho de que Um onipotente, infinito em bondade e misericórdia, criou todas as coisas. Nosso Pai celestial deseja através da observância do sábado preservar entre os homens um conhecimento de Si mesmo. Ele deseja que o sábado dirija nossas mentes para Ele como o Deus vivo e verdadeiro, e que através de conhecê-Lo, podemos ter vida e paz⁴⁹⁴.

O reconhecimento da soberania de Deus significa humilhar-se diante Dele e compreender que sozinho o ser humano vive um vida sem sentido. Portanto, ao reconhecer que tudo vem de Deus, há vida e santificação, que nunca são recebidas pelo ser humano sem as devidas bênçãos – sendo que as bênçãos do Sábado pressupõem benesses físicas (“já que o sábado procurar restaurar no ser humano esse repouso indispensável para a preservação da vida em sua plenitude”⁴⁹⁵) e espirituais, visto que “purificado pela obediência à lei de Deus, santificado por uma observância perfeita de Seu santo sábado [...] vamos aprender que é Deus que opera em nós e vai em nós operar a sua boa vontade.”⁴⁹⁶

⁴⁹⁴ WHITE, Ellen. **Testimonies for the Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 6, 1948d, p. 349. De acordo com o original: “Great blessings are enfolded in the observance of the Sabbath, and God desires that the Sabbath day shall be to us a day of joy. There was joy at the institution of the Sabbath. God looked with satisfaction upon the work of His hands. All things that He had made He pronounced “very good.” Genesis 1:31. Heaven and earth were filled with rejoicing. “The morning stars sang together, and all the sons of God shouted for joy.” Job 38:7. Though sin has entered the world to mar His perfect work, God still gives to us the Sabbath as a witness that One omnipotent, infinite in goodness and mercy, created all things. Our heavenly Father desires through the observance of the Sabbath to preserve among men a knowledge of Himself. He desires that the Sabbath shall direct our minds to Him as the true and living God, and that through knowing Him we may have life and peace.” (Tradução própria).

⁴⁹⁵ TIMM, Alberto. **O Sábado na Bíblia**: Por que Deus faz questão de um dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 109.

⁴⁹⁶ WHITE, 1970, p. 289. Conforme a citação completa: “Purified by obedience to the law of God, sanctified by a perfect observance of His holy Sabbath, [trusting, believing, patiently waiting, and earnestly working out our own salvation with fear and trembling,] we shall learn that it is God that worketh in us to will and to do of His good pleasure.” (Tradução própria).

Portanto, embebendo de boas características o corpo físico e espiritual, ao permitir uma alma plena e equilibrada, as bênçãos que fruem naturalmente através da observância do Sábado transcendem para muito além da dimensão espiritual etérea do ser humano, visto que Deus sem reservas se presentifica na vida do adorador que com espírito humilde e submisso, se prepara ao longo da semana para recebê-Lo, e recebe renovada vida a partir desse dia. Dessa forma, torna-se o Sábado o ápice da semana para o adventista do sétimo dia, onde o trabalho secular é interrompido e o descanso pode ser pleno.

Aprofundando ainda mais o conceito, para John Andrews, o sábado é um sinal entre Deus e os filhos de Israel porque só eles eram os adoradores do Criador⁴⁹⁷. Hodiernamente, a partir do nascimento, crescimento e desenvolvimento do cristianismo, esse sinal foi ampliado a todos os seres humanos que, em todas as nações, adoram ao Deus criador. Essa nobre distinção, novamente leva os adventistas ao livro de Apocalipse 14, verso 12. O capítulo 14 – em especial entre seus versículos 6 e 12 – contém com clareza a identidade adventista e sua missão: denunciar o estado do mundo e anunciar o momento do juízo e a breve vinda do Salvador. Ao proclamar o evangelista João no verso 12 que “aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus”, creem esses cristãos que no bojo da guarda desses mandamentos está o quarto deles, o Sábado do sétimo dia, mandamento esquecido pela maioria das denominações cristãs, mas assim mesmo, sinal demarcatório dos filhos de Deus que herdarão as mansões celestiais. Para demonstrar a importância da lealdade a esse dia, escreveu White que “quando a interminável bênção foi pronunciada sobre os que haviam honrado a Deus e guardado o Seu santo sábado, houve um estrondoso clamor de vitória sobre a besta e a sua imagem”.⁴⁹⁸ Assim, desde o início do mundo até o final do grande conflito, será o sábado identificador do remanescente de Deus em todas as épocas conforme a luz que cada qual recebeu. Mesmo durante a Reforma, pelo menos um famoso e ativo reformador, Carlstadt, guardava o sábado e conforme Andrews “é impossível ler os registros da Reforma, sem a convicção de que Carlstadt estava desejoso de um trabalho mais profundo de reforma do que foi

⁴⁹⁷ ANDREWS, John. **History of the Sabbath**. United States: Clear Words, 2010. p. 25.

⁴⁹⁸ WHITE, 1945, p. 34. Em inglês: “And when the never-ending blessing was pronounced on those who had honored God in keeping His Sabbath holy, there was a mighty shout of victory over the beast and over his image.” (Tradução própria)

Lutero⁴⁹⁹, sem contar os valdenses e outros tantos que, geração após geração atenderam a proposta integral contida nos mandamentos de Deus. Para os adventistas reafirmar a mensagem do sábado coroará o reestabelecimento completo daquele trabalho iniciado por homens da grandeza de Lutero⁵⁰⁰.

O Sábado em sua correta acepção, ou seja, dentro da perspectiva da salvação pela graça mediante a fé, portanto, deve ser apreciado indistintamente por todos os cristãos, visto ser decididamente fundamental para a salvação, expressão de uma vida santificada. Conforme White:

É neste momento que o verdadeiro sábado deve ser levado diante do povo tanto pela pena e pela voz. Como o quarto mandamento do Decálogo e aqueles que o observam são ignorados e desprezados, os poucos fiéis sabem que é a hora de não esconder o seu rosto, mas de exaltar a lei de Jeová ao desfraldar a bandeira em que está inscrita a mensagem do terceiro anjo⁵⁰¹

Ainda, a observação e guarda do Sábado conforme os ditames escriturísticos encampam “criação, redenção, e restauração final; o passado, presente e futuro; o homem e a natureza de Deus⁵⁰²” Assim, a teologia do Sábado é também teologia total visto que abarca todos os estágios passados, presentes e futuros do ser humano. Sendo instituição edênica, presenciou um mundo ainda sem pecado; enquanto perfeição, o “sábado testifica da divindade de Cristo quando Ele afirma ser o Senhor do Sábado tanto por palavra quanto por meio de Seus milagres de cura⁵⁰³”. No futuro eterno, sem embargo, o ser humano à imagem e semelhança de Deus sem pecado vai fruir deste dia com sua plena potencialidade. A partir desses fortes pressupostos, é o Sábado o fundamento da adoração visto que:

⁴⁹⁹ ANDREWS, 2010, p. 274.

⁵⁰⁰ Para Haynes, “pode-se notar que a mensagem da segunda vinda de Cristo e a guarda dos mandamentos de Deus não são apenas a mensagem final do evangelho, mas a complementação da Reforma do século dezesseis, a qual foi retardada até agora e paralisada pela formação de credos denominacionais.” HAYNES, Carlyle. **Do sábado para o domingo**: exames dos aspectos históricos da questão do sábado mostrando como, quando e por quem foi feita a mudança do sétimo para o primeiro dia da semana. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006. p. 131.

⁵⁰¹ WHITE, 1970. Conforme o original: “It is at this time that the true Sabbath must be brought before the people both by pen and by voice. As the fourth commandment of the Decalogue and those who observe it are ignored and despised, the faithful few know that it is the time not to hide their face but to exalt the law of Jehovah by unfurling the banner on which is inscribed the message of the third angel.” (Tradução própria).

⁵⁰² BACCHIOCCHI, Samuele. **Divine Rest for Human Restlessness**: a theological study of the Good News of the Sabbath for today. Rome: The Pontifical Gregorian University Press, 1980. p. 15.

⁵⁰³ STRAND, Kenneth A. O Sábado. In: DEDEREN, 2011, p. 568.

Sendo o memorial da Criação, revela as razões pelas quais Deus deve ser adorado: Ele é o Criador, e nós Suas criaturas. O sábado, portanto, representa a própria base da adoração divina, pois ensina essa grande verdade do modo mais impressionante, como nenhuma outra instituição faz. A verdadeira base de toda adoração a Deus, não apenas aquela praticada no sétimo dia, senão toda a adoração, encontra-se na distinção entre o Criador e Suas criaturas. Esse grandioso fato jamais se poderá tornar obsoleto, nem jamais deve ser esquecido. Foi para conservar essa verdade para sempre diante da raça humana que Deus instituiu o Sábado.⁵⁰⁴

Ao estudar o Sábado, assunto tão profundamente imbricado com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, falar sobre o tema é falar sobre o próprio *modus vivendi* adventista. Assim, em virtude de tantos livros denominacionais acerca da questão e na tentativa de recortá-la aos propósitos deste trabalho, optou-se por considerar o tema em poucas palavras, visto que o mesmo encontra-se em todos os livros de Ellen White, em relação a todos os temas por ela trabalhados. Assim, ler acerca do sábado na obra holística de Ellen White é desvendar o âmago da integralidade humana, percebendo o ser humano enquanto criatura, necessitado de unidade em Deus. Portanto, a doutrina sabática fornece ao mesmo tempo retrospectiva e perspectiva humana, ponto crucial da percepção de busca de santificação.

3.4.2. Sábado e Santificação nos escritos de Ellen White

A seção anterior, que brevemente expôs o fundamento do sábado na Igreja Adventista do Sétimo Dia, por si mesma alude à santificação, ao abordar entrelaçadamente temas como redenção e restauração do ser humano à imagem de Deus.

Contudo, ainda que não seja tarefa fácil separar a questão sabática daquela que diz respeito ao ser humano como um ser integral, é possível encontrar muitas referências whiteanas envolvendo diretamente sábado e santificação. Sabe-se que desde os primórdios da história americana, com o advento dos primeiros puritanos, a guarda do sábado (ou do domingo), foi levada à sério, sendo que posteriormente, este mesmo grupo, ao tentar moralizar seu país, fez sérias tentativas com o intuito de encetar leis dominicais. Conforme Knight, “nenhum grupo na história da igreja

⁵⁰⁴ LESSA; GUARDA; SCHEFFEL, 2003, p. 331.

cristã desde o primeiro século até o início do século 19 havia dado tanta ênfase ao sabbatismo quanto os puritanos”.⁵⁰⁵

Dentro desse escopo, e sabendo que White viveu em uma região de cristianismo enfático, (como abordado no capítulo 1) é de se esperar que ela abordasse a questão minuciosamente, ao colocar o sábado como ponto de salvação ao ser marco distintivo entre os adoradores de Deus ou da besta. Seja como for, para os adventistas do sétimo dia, assim como para os judeus, “desde o princípio o sábado foi criado com o propósito de que o homem pudesse gozar de comunhão santificadora com Deus.”⁵⁰⁶

Para Ellen White, a cotidiana comunhão com Deus é também evidente sinal de santificação. A guarda do sábado, para longe de um legalismo engessado e totalmente desprovido da graça divina, é perceptivamente um “agrado” humano ao Deus do Céu, que por esse ato é reconhecido, honrado e amado. Assim, sábado e santificação se completam visto que:

Ele se agrada quando nós pedimos a misericórdia e as bênçãos do passado como uma razão pela qual ele deve nos conceder bênçãos mais elevadas e maiores. Ele é honrado quando nós o amamos, e damos testemunho da autenticidade do nosso amor pela observância de seus mandamentos. Ele é honrado quando separamos o sétimo dia como sagrado e santo. Para aqueles que fazem isso o sábado é um sinal, o qual Deus declara: "eu sou o Senhor que o santifica." Santificação significa comunhão habitual com Deus. Não há nada tão grande e poderoso como o amor de Deus para aqueles que são seus filhos.⁵⁰⁷

⁵⁰⁵ KNIGHT, 2005, p. 34.

⁵⁰⁶ LaRONDELLE, Hans K. **O que é salvação**: o que Deus faz por nós e em nós. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1998. p. 104.

⁵⁰⁷ WHITE, Ellen. The Divine Standard of Character. **Review and Herald**. Battle Creek, p. 20-20. mar. 1906. Pelo original: “He is well pleased when we urge past mercies and blessings as a reason why he should bestow on us higher and greater blessings. He is honored when we love him, and bear testimony to the genuineness of our love by keeping his commandments. He is honored when we set apart the seventh day as sacred and holy. To those who do this the Sabbath is a sign, "that they might know," God declares, "that I am the Lord that sanctify them." Sanctification means habitual communion with God. There is nothing so great and powerful as God's love for those who are his children.” (Tradução própria). A partir de conversas privadas com seu marido, nesse mesmo sentido ela escreveu que “Meu marido falou sobre esse ponto, como o que constitui santificação Bíblia, afirmando que aqueles que afirmavam estar sendo santificados, enquanto viver em oposição ao sábado do quarto mandamento, são espúrios. Ele citou as palavras do apóstolo na definição de ‘pecado’, como a ‘transgressão da lei’. Conforme o original: “My husband spoke on that point, as to ‘what constituted Bible sanctification, stating that those who claimed to be enjoying sanctification while living in opposition to the Sabbath of the fourth commandment, had the spurious article. He quoted the words of the apostle in defining ‘sin’ as the ‘transgression of the law’. WHITE, Ellen. Our camp-meeting in Wisconsin. **The Signs of the Times**. Battle Creek, p. 10-11. 22 jul. 1875.

De acordo com os escritos de Ellen White, a guarda equilibrada e honesta do Sábado necessariamente conduz a um verdadeiro encontro e conhecimento de Cristo. Assim procedendo, a fé é grandemente aumentada e a Bíblia passa a ser lida e entendida com mais vigor. Isso também é parte do processo de santificação para ela, que ao comentar acerca do assunto falando sobre certo membro escreveu que:

Se este homem tivesse realmente tido escrúpulos de consciência em relação à verdadeira observância do sábado, ele teria percebido a natureza e o caráter do trabalho que Cristo tinha realizado. Se ele tivesse cultivado verdade e justiça em seu coração, ele teria dado uma interpretação completamente diferente do trabalho que foi realizado no dia de sábado, e que ele disse que pertencia aos seis dias úteis. A obra que Cristo tinha feito estava em harmonia com a santificação do dia de sábado.⁵⁰⁸

Dessa forma, observando-se o próprio título do artigo no qual ela escreveu o texto acima, nota-se que a abstinência de trabalho no Sábado também é uma questão que diz respeito ao processo de santificação e fala diretamente do caráter de Cristo, impresso em cada coração. Assim, reconhece-se que o dia do Senhor, entregue gratuitamente aos seres humanos, não deve ser utilizado de qualquer maneira, mas seguindo à risca, embora mediado pela graça, o mandamento. Por esse equilíbrio, percebe-se a íntima, porém harmoniosa, relação nos escritos de Ellen White entre a lei e a graça, ou fé e obras, visto que “a verdadeira santificação será evidenciada por conscienciosa consideração a todos os mandamentos de Deus, por esmerado desenvolvimento de todos os talentos”.⁵⁰⁹

Assim, aqueles que buscam santificação mas simplesmente deixam de guardar o sábado, para ela simplesmente buscam por algo que não pode ser dado, visto que são espúrios – termo largamente utilizado por ela em seus escritos. A obra da santificação, que não é automática mas processual, aqui se mostra com todas as matizes apenas passível de ser executada com o querer humano, a partir da mudança de velhos hábitos e a luta diária por pureza a cada momento de cada dia. Sem a guarda do sábado, pouco pode ser ganho nesse sentido. Para a autora:

⁵⁰⁸ WHITE, Ellen. The glory of God revealed in mercy. **The Signs of the Times**. Battle Creek, p. 1, 22 abr, 1896. Conforme o original: “If this man had really had conscientious scruples in regard to the true observance of the Sabbath, he would have discerned the nature and character of the work that Christ had performed. If he had cultivated truth and righteousness in his heart, he would have given an entirely different interpretation of the work which was performed on the Sabbath day, and which he said belonged to the six working days. The work that Christ had done was in harmony with the sanctification of the Sabbath day”. (Tradução própria).

⁵⁰⁹ WHITE, Ellen. **Fé e Obras**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008, p. 46.

A santificação é reivindicada por professos cristãos que ignoram o dia de descanso sagrado de Deus em favor de um sábado espúrio. Mas Deus declara que a santificação que vem d'Ele é concedida a apenas aqueles que o honram, obedecendo a seus mandamentos. A santificação reivindicada por aqueles que continuam a transgredir é uma santificação espúria. Assim, o mundo religioso é enganado pelo inimigo de Deus e do homem.⁵¹⁰

A dificuldade histórica dos adventistas participarem ou desejarem participar ativamente de encontros ecumênicos⁵¹¹, dentre tantos outros motivos apresentados sucintamente ao longo deste trabalho, aqui também encontra resposta. Em poucas palavras, se sem a busca pela santificação pela graça divina mediante a fé não pode existir salvação, e o pensamento de Ellen White indica que as buscas que não incluem o sábado são espúrias, só pode existir possibilidade de salvação para aqueles que simples e sinceramente não veem qualquer sentido na guarda do sábado ou ainda não conhecem profundamente a doutrina. Ainda assim, seguindo seu pensamento, todo e qualquer ser humano que não guarde na íntegra seus mandamentos e possua a fé de Jesus – o texto de Apocalipse 14, verso 12 – simplesmente não está apto para ir ao céu. Isto ela clarifica ao admoestar que:

A Palavra fez a declaração: "Eu sou o Senhor que vos santifica" se você observar o sábado. Esta é a verdadeira santificação encontrada apenas nas Escrituras - o que vem de Deus por causa da obediência aos Seus mandamentos. Então, podemos saber que as pessoas que foram juntas para adorar o Senhor no dia que Ele abençoou e santificou, têm o direito de reclamar as ricas bênçãos de Jeová. As horas do sábado são sagradas, santificadas e santas, e cada adorador verdadeiro que mantém o santo sábado, deve reivindicar a promessa: "Para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica."⁵¹²

⁵¹⁰ WHITE, Ellen. *The Sabbath of the Lord. The Signs of the Times*. Battle Creek, p. 9, 31 mar, 1898. De acordo com o original: "Sanctification is claimed by professed Christians who ignore God's holy rest day for a spurious sabbath. But God declares that the sanctification coming from Him is bestowed on those only who honor Him by obeying His commands. The sanctification claimed by those who continue in transgression is a spurious sanctification. Thus the religious world is deceived by the enemy of God and man." (Tradução própria)

⁵¹¹ Para os adventistas do sétimo dia, o genuíno ecumenismo só pode existir com base expressa dos textos bíblicos, como Atos 1-3, por exemplo.

⁵¹² WHITE, Ellen. *WHITE, Ellen. Manuscript Releases*. Silver Spring: Ellen G. White Estate, Vol. 4, 1981, p. 347. Conforme o original: "The Word has made the statement, "I am the Lord that do sanctify you" IF you observe the Sabbath. This is the only true sanctification in the scriptures - that which comes from God because of obedience to His commandments. Then we may know that the little companies assembled together to worship the Lord on the day which He has blessed and made holy, have a right to claim the rich blessings of Jehovah. . . . It is the hours of the Sabbath that are sacred and sanctified and holy, and every true worshiper who keeps holy the Sabbath, should claim the promise, "That ye may know I am the Lord that doth sanctify you." (Tradução própria).

Institucionalmente falando, ao falar sobre sábado e santificação desde uma perspectiva whiteana, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, seguindo as outras denominações estadunidenses originais – ainda que por outros motivos – torna-se assaz exclusivista, novamente levantando dúvidas, por parte de seus detratores, da realidade da salvação pela graça mediante a fé, mesmo com tantas páginas explicativas de White neste sentido. Para ela, “conquanto a verdadeira fé confie inteiramente em Cristo para a salvação, ela conduzirá a perfeita conformidade com a lei de Deus. A fé é manifestada pelas obras.”⁵¹³

Fazendo essa ponte entre fé e obras, escreve também Ellen White acerca do espiritual e do cotidiano em um mesmo sentido, corpo e espírito, ao abordar o caráter santificador do sábado. Para ela, o dia do Senhor deve estar na mente de todo o verdadeiro cristão todos os dias da semana, evidenciando aqui a centralidade da doutrina, que integra todos os aspectos em todos os sentidos do ser. Escreveu White:

Durante toda a semana, devemos ter em mente o sábado e estar fazendo a preparação para mantê-lo de acordo com o mandamento. Nós não somos apenas observadores sábado enquanto uma questão legal. Devemos compreender sua influência espiritual sobre todas as transações da vida. Todos os que consideram o sábado como um sinal entre eles e Deus, mostrando que Ele é o Deus que os santifica, irá representar os princípios de Seu governo. Eles vão pôr em prática cotidiana as leis de Seu reino. Diariamente será a sua oração que a santificação do Sábado repouse sobre eles. Todos os dias eles vão ter a companhia de Cristo, que vai exemplificar a perfeição de Seu caráter. A cada dia a sua luz vai brilhar para outros em boas obras.⁵¹⁴

Finalmente, a eternidade do sábado e a continuidade da bênção santificadora de Deus podem ser percebidas nesta declaração whiteana que afirma a prevaência do Senhor sobre os outros deuses – podendo ser estes deuses qualquer coisa ou objeto que se coloque à frente de Deus.

⁵¹³ WHITE, 2008, p. 10.

⁵¹⁴ WHITE, 1991, p. 262. Conforme o original: “All through the week we are to have the Sabbath in mind and be making preparation to keep it according to the commandment. We are not merely to observe the Sabbath as a legal matter. We are to understand its spiritual bearing upon all the transactions of life. All who regard the Sabbath as a sign between them and God, showing that He is the God who sanctifies them, will represent the principles of His government. They will bring into daily practice the laws of His kingdom. Daily it will be their prayer that the sanctification of the Sabbath may rest upon them. Every day they will have the companionship of Christ and will exemplify the perfection of His character. Every day their light will shine forth to others in good works.” (Tradução própria).

A verdadeira santificação vem pela obediência voluntária. Estamos claramente e decididamente ensinados que a devida observância do Sábado traz um conhecimento do que constitui a verdadeira santificação. Reputar até mesmo a própria vida pode ser melhor do que sacrificar a verdade da palavra de Deus. Ele declara que quando o Seu sábado é honrado como sagrado e santo, é para o Seu povo um sinal entre Ele e eles, que lhes permite saber que Ele é aquele que santifica-os. "Vós, portanto, guardem o sábado, porque é santo para vós." Deus tem o diferencia de ser dedicada ao serviço santo. É o Seu memorial da Criação. Por Seu poder criador Ele é diferenciado de todos os outros deuses que são adorados. O sábado é um sinal público para que o mundo possa reconhecer o Deus vivo e verdadeiro. Se eles lhe obedecem e reverenciar Seu santo dia, o sábado é um sinal contínuo entre Ele e eles, uma promessa que Ele vai reconhecer e cumprir a Sua aliança⁵¹⁵.

A divina aliança, fruto do imutável amor e infinito caráter de Deus, para White estará para sempre presente apenas para aqueles que guardarem seu santo dia com temor e tremor, em reconhecimento Àquele que tudo criou e logo vai voltar. Assim, a santificação do sábado necessariamente tem relação direta e irrevogável da santificação como um todo, visto ser impossível falar de santificação sem falar sobre o sábado, assim como é impossível falar sobre um corpo vivo sem um espírito.

⁵¹⁵ WHITE, 1958, p. 307.

3.5 Posfácio capitular

Corpo, alma e espírito em constante formação e aprendizado processual pela santificação a partir do misericordioso amor de Cristo, em uma obra que apenas será terminada no céu: eis a percepção integral do ser humano, que desde uma perspectiva bíblica, é mortal em busca de imortalidade. Essa imortalidade, ainda que seja um mistério visto que presenteado ao ser humano pela graça divina, deve cotidianamente ser almejado por todo aquele que desde já sonha com as mansões celestiais – propósito que deveria ser almejado por todo adventista do sétimo dia.

Todo seu hercúleo esforço em denunciar “os erros do espiritismo” comprovando, a partir do tema do grande conflito de onde veio e para onde vão os homens e mulheres de todas as épocas tem como objetivo clarificar que a raça humana deve se esconder nos braços do Deus abscondido. Devem esses diariamente se esforçarem para que nos mínimos detalhes – comer, beber, vestir, bem com a relação intrínseca com o próximo e com Deus, dentre tantas outras prerrogativas – vivam uma vida de inteira santificação, enriquecendo agora aquilo que tão-somente será levado ao Céu: o caráter impoluto de Cristo impresso em cada filho e filha de Deus.

CONCLUSÃO

Ao longo desses agradáveis e frutuosos anos consecutivos de Mestrado e Doutorado e de quase duas centenas de páginas de texto ora apresentado, bem como a produção de dezenas de artigos em inúmeros eventos, creio que ainda seja muito precipitado concluir um trabalho dessa envergadura. Afinal, apesar de quase que exclusivamente ter citado as obras originais de Ellen White em sua língua vernácula – em um exaustivo, mas necessário trabalho de tradução – é sabido que muito de seus escritos ainda não foram publicados, sendo os mesmos divulgados pouco a pouco pela Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. É preciso ainda admitir que apesar de ter buscado uma vasta quantidade de fontes historiográficas estadunidenses, apenas tive acesso a uma pequena, mas considerável fração das mesmas. Além disso, sei que, ao optar por uma leitura holística e, portanto, integral dos temas principais da pena de Ellen White, seja compreensível – ainda que a duras penas – fazer e refazer uma lista seleta de textos que ao mesmo tempo em que se complementaram, não fossem repetitivos e expressassem destacadamente o pensamento da autora em questão a partir da perspectiva apresentada. Dessa forma, centenas de outros escritos temáticos holísticos da autora foram deixados de fora, ainda que altamente relevantes.

Ao cessar sua escrita – tão-somente por conta de problemas que finalmente a levaram à morte – em 1915, apenas começariam os trabalhos dos compiladores e ao longo das muitas décadas seguintes, ao menos entre os adventistas do sétimo dia sua autoridade seria praticamente inquestionada. Graças a esses pesquisadores que facilitaram a divulgação de sua obra é que foi possível perceber de forma inequívoca a integralidade de seus escritos, sempre a partir da concepção da mortalidade da alma humana. Sua luta a favor desta causa que ela e todo adventista do sétimo dia considera uma verdade bíblica, bem como a compreensão e guarda “total” do Sábado do sétimo dia, permearam em grande parte sua vida e obra, destacando de forma indelével sua denominação, seja por seu zelo, seja por sua intransigência. Hoje, sua igreja é a maior denominação do mundo que guarda o Sábado – o número de adventistas do sétimo dia supera o número de judeus no

planeta⁵¹⁶ – e seus escritos acerca da mortalidade da alma são frequentemente divulgados em sermões e conferências, ainda que este assunto muitas vezes seja indigesto em virtude da absoluta separação – por conta da crença – das outras denominações, tornando difíceis as aproximações ecumênicas, que a referida igreja nunca viu com bons olhos.

Sem deixar de lado as aludidas querelas doutrinárias, é no campo prático que Ellen White se destaca, seja em sua igreja, seja no mundo. Seus conselhos sobre saúde e alimentação tornam positivamente conhecido o seu trabalho e pode-se francamente alegar que ainda hoje esses seus escritos atestam que ela foi uma cristã equilibrada e em consonância com os ditames bíblicos até mesmo no que tange ao vestuário ou alimentação.

Ao levar para todos os aspectos da vida o conceito prático de santificação – unindo conhecimento bíblico ao cotidiano – Ellen White com toda a certeza ampliou a dimensão religiosa da vida humana para bem longe do território da igreja ou mesmo, do espaço privado da casa fazendo da expressão bíblica que atesta que o “corpo é templo do Espírito”, uma mensagem detalhista e ao mesmo tempo totalizante. Além disso, ao tão bem separar a espetacularização cültica tão propalada nos dias de hoje ante o Deus da brisa suave, vislumbrou “velhas novas” possibilidades de encetar o efêmero ser humano em busca do Eterno, novamente se entrincheirando diante dos excessos deste mundo dito religioso e mostrando que a busca pela santificação deve ser um esforço intrinsecamente pessoal e sereno, que envolve corpo e espírito consonantemente.

Contudo, é preciso concluir e conclui-se deste trabalho que Ellen White foi uma filha e ao mesmo tempo mãe de seu tempo, ao se apropriar dos muitos recursos de sua época e prospectar outros tantos que apenas hodiernamente são devidamente considerados, como o cuidado do ser humano no todo. Assim, sua vida não necessariamente reflete seu tempo⁵¹⁷, estando ela muitas vezes em franca

⁵¹⁶ São 13,75 milhões de judeus no mundo, segundo (o jornalista do periódico judeu) SILVERMAN, Annav. Jews Less than 0.2% of World Population. **The Jewish Press**. 20 set. 2012. Disponível em: <http://www.jewishpress.com/news/jewish-news/jews-less-than-0-2-of-world-population/2012/09/20/>. Acessado em 24 de novembro de 2013. O número oficial de adventistas do sétimo dia é de 17.479.890, de acordo com a estatística dessa igreja, disponível em <http://www.adventist.org/information/statistics/>, acessado em 24 de novembro de 2013.

⁵¹⁷ Segundo KNIGHT, 1998, p. 141, “Basta pensar em suas idéias, em áreas como saúde e educação para perceber o que ela estava mais em harmonia com os reformadores sociais do seu tempo do que ela estava com os próprios tempos.” Segundo o original: “One has only to think of her ideas in such

oposição ao desejo comum dos estadunidenses, que almejavam a todo custo a plenitude temporal de desenvolvimento, ainda que isso lhes custasse a vida eterna. Foi Ellen White uma exemplar cristã adventista do sétimo dia que, embora tenha produzido tanto, nunca cessou de viajar, pregar e visitar todas as pessoas que pôde, equilibrando sua vida entre escrita e prática e, principalmente, vivendo o que tanto pregou.

Ao longo deste trabalho, almejei dar – como escrevi na introdução – um caráter sócio-histórico à obra de Ellen White ao mesmo tempo em que, ao abordar seus temas mais caros, destrinchei sucintamente seus escritos a partir de uma perspectiva integradora. Entrego aos novos pesquisadores e leitores em geral, adventistas do sétimo dia ou não, um grande número de fontes e, quem sabe, novas possibilidades para a continuidade deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- A BÍBLIA Sagrada com reflexões de Lutero. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- ANDERSON, Roy Allan. **Secrets of the Spirit World**. Mountain View: Pacific Press, 1965.
- ANDREASEN, M. L. **O Ritual do Santuário**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 3a. edição, 1983.
- ANDREASEN, Niels-Erik. Morte: Origem, Natureza e Erradicação. In: DEDEREN, Raoul. (Org.) **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- ANDREWS, John. **History of the Sabbath**. United States: Clear Words, 2010.
- APTHEKER, Herbert. **Uma nova história dos Estados Unidos: a revolução americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- BACCHIOCCHI, Samuele. **Crenças Populares: o que as pessoas acreditam e o que a Bíblia realmente diz**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.
- _____. **Divine Rest for Human Restlessness: a theological study of the Good News of the Sabbath for today**. Rome: The Pontifical Gregorian University Press, 1980.
- BAGEHOT, Walter. **Physics and Politics: Or thoughts on the application of the principles of "natural selection and inheritance" to political society**. International Scientific Series, 1872.
- BALL, Bryan. **The Soul Sleepers: Christian Mortalism from Wycliffe to Priestley**. Cambridge: James Clarke, 2008.
- BALMER, Randall. **White, Ellen Gould (née Harmon)**. In: Encyclopedia of Evangelicalism. Westminster: John Knox Press, 19??.
- BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, volume 23, número 1, 2011, p. 25. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>.
- BARNEY, William L. **A companion to 19th-Century America**. Malden: Blackwell Publishing, 2006.
- BARRY, Hankins. **The Second Great Awakening and the Transcendentalists**. Westport: Greenwood Press, 2004.

BARTH, Karl. **The Word of God and the Word of Man**. Gloucester: Peter Smith, 1978.

BASTOS, Carlos Pinkusfeld M. Mais além do desenvolvimentismo. **Economia e Sociedade**, Campinas, n.15, Dez. 2000.

BATES, Joseph. **The Seventh Day Sabbath, A Perpetual Sign**: From The Beginning to the Entering into the Gates of the Holy City, According to the Commandment. Press of Benjamin Lindsey, 1847.

BELOHLAVEK, John M. American Expansion, 1800-1867. In: BARNEY, William L. A companion to 19th-Century America. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

BENNETT, Paula Bernat. **Nineteenth-Century American Women Poets**: An Anthology. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998.

BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BLISS, Sylvester. Memoirs of William Miller In: MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

BLOOM, Harold. **La religión en los Estados Unidos**: el surgimiento de la nación poscristiana. México, Fondo de Cultura Económica, 1994.

BORDIN, Ruth Birgitta Anderson. **Woman and Temperance**: the quest for power and liberty, 1873-1900. Philadelphia: Temple University Press, 1981.

BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. **Dogmática Cristã**. Volume II. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990

BOWMAN, George Ernest. **The Mayflower Compact and its Signers**. Boston: Massachusetts Society of Mayflower Descendants, 1920.

BRAND, Leonard; MCMAHON, Don. **The Prophet and her critics**. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 2005.

BREWER, J. David. **The United States**: A christian nation. Philadelphia. The John C. Winston Company, 1905.

BROWN, Peter. The Triumph of Yankee Ingenuity. **American History 45**, no. 3, Agosto, 2010.

BRUNNER, Emil. **Man in Revolt**: A Christian Anthropology. Londres: Lutterworth, 2002.

BULL, Malcolm; LOCKHART, Keith. **Seeking a Sanctuary**: Seventh-day Adventism and the American Dream. Bloomington: Indiana Press, 2007.

BULTMANN, Rudolf. **Theology of the New Testament**. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1951.

BUNYAN, John. **The Pilgrim's Progress**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

BURNS, Norman T. **Christian Mortalism from Tyndale to Milton**. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

BURTON, Vernon. **Civil War and Reconstruction, 1861-1877**. In: Barney, 2006.

CAIRNS, E. E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.

CALVIN, John. **Tracts and Treatises in Defense of the Reformed Faith**. Grand Rapids: Eerdmans, 1958.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 2009.

CHADWICK, Samuel. **The Call to Christian Perfection**. London: Epworth Press, 1936.

CHAIJ, Fernando. **Forças Misteriosas que atuam sobre a mente humana**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1979.

_____. **Potencias supranormales que actuan en la vida humana**. Mountain View: Pacific Press, 1964.

CHEPESIUK, Ron. **The Scotch-Irish: From the North of Ireland to the Making of America**. Jefferson: McFarland & Company, 2005.

CHRISTIANINI, Arnaldo B. **Subtilezas do Erro: Contradita ao Sabatismo à luz da Palavra de Deus de R. Pitrowski e D. M. Canright**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1965.

CHRISTIANSON, Eric. H. **Medicine in New England**. In: LEAVITT, Judith Walzer; NUMBERS; Ronald L. **Sickness and Health in America: Readings in the History of Medicine and Public Health**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1997.

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Pedagogia Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

CONKIN, Paul K. **American Originals: homemade varieties of Christianity**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1997.

COOMBS, J. V. **Religious Delusions: A Psychic Study**. Cincinnati: The Standard Publishing Company, 1905.

COOPER, John W. **Body, Soul, and Life Everlasting: Biblical Anthropology and the Monism-Dualism Debate**. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

CORNELL, Merritt. **Facts for the times**: extracts from the writings of eminent authors, ancient and modern. Edição do Autor. Battle Creek, 1858.

COTTREL, Roswell Fenner. **Spiritual Gifts**. Uriah Smith: Battle Creek, 185[?].

CRÈVECOEUR, J. Hector St. John. **Letters from an American farmer**, 1782, Letter III. In: SCHLESINGER, Arthur M. Os ciclos da História Americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

CULLMANN, Oscar. **Immortality of the Sou or Resurrection of the Dead?** Nova York: Macmillan, 1958.

CURL, James Stevens. **The Victorian Celebration of Death**. Thrupp: Sutton Publishing, 2000.

DARIUS, Fábio Augusto; PANCOTTE, Rebeca Pizza. Princípios educacionais em Ellen White. **Kerygma**. Engenheiro Coelho, volume 8, número 1, 1o sem. de 2012.

_____.; WACHHOLZ, Wilhelm. **Passos para Cristo**: a construção do conceito de "santificação" na obra de Ellen White legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. São Leopoldo, 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010. Disponível em: http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=208.

_____. Charles Grandison Finney. In: **Jonathan Edwards Encyclopedia**. Yale University Press: New Haven, 2014. (Na prensa).

_____. Interações culturais entre Europa e Estados Unidos no século XIX e suas perspectivas a partir da análise de textos seletos de Ellen G. White. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, v.15, n.1.

_____. **Percepções whiteanas acerca dos papéis e direitos femininos**: possíveis contribuições para uma teologia libertadora latino-americana. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (Orgs.). *Religião, Política, Poder e Cultura na América Latina*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012.

DAVIS, Harold. **Os Estados Unidos na História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

DEDEREN, Raoul. (Ed.) **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DIAS, Agemir de Carvalho; LIMA, Fernando Raphael Ferro de. **A diversidade religiosa no Brasil - transformações recentes**. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (Orgs.). *Religião, Política, Poder e Cultura na América Latina*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012.

DIETER, Jedan. **Theory and Practice**: Johann Heinrich Pestalozzi. *Vitae Scholasticae*, 1990. vol. 9.

DORNELES, Vanderlei. **O Último Império: A Nova Ordem Mundial e a Contrafação do Reino de Deus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

DOUGLASS, H. **Messenger of the Lord: The Prophetic Ministry of Ellen G. White**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1998.

_____. **Profecias Surpreendentes: Predições dramáticas de Ellen White sobre eventos mundiais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

_____. **Testemunhas Oculares**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

DOYLE, Arthur Conan. **The History of Spiritualism**. London: Cassel and Company, Ltd, 1926.

DRURY, Keith. **Holiness for ordinary people**. Indianapolis: Wesleyan Publishing House, 2009.

DUARTE, Bárbara Nascimento. O corpo da modernidade: lugar da condenação e da salvação do indivíduo. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, volume 9, número 26, Agosto 2010.

EASTON, M.G. **Easton's 1897 Bible Dictionary**. Nova Iorque: Thomas Nelson, 1897.

EDDY, Mary Baker. **Ciência e Saúde com a chave das escrituras** - Edição Bilingue. Massachusetts: The First Church of Christ, Scientist, 1990.

EDWARDS, Jonathan. **Images or Shadows of Divine Things**. New Haven: Yale University Press, 1948.

EPSTEIN, Barbara Leslie. **The Politics of Domesticity: Women, Evangelism and Temperance in Nineteenth-Century America**. Middletown: Wesleyan University Press, 1981.

FORTIN, Denis; MOON, Jerry. **Borrowing and Plagiarism**. Disponível em <http://www.andrews.edu/~fortind/EGWPlagiarism-Encyclopedia.htm>.

FOXÉ, John. O livro dos mártires. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

FRASER, James W. **The School in the United States: A Documentary History**. New York/London: Routledge, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 28a. ed., 2003.

FROOM, Le Roy Edwin. **Conditionalist Faith of Our Fathers: the Conflict of the Ages Over the Nature and Destiny of Man, Volume I**. Washington: Review and Herald, 1959.

_____. **The Conditionalist Faith of Our Fathers: The Conflict of the Ages Over**

the Nature and Destiny of Man, Volume II. Washington: Review and Herald, 1955.

_____. **The Prophetic Faith of our Fathers**: the historical development of prophetic interpretation, Volume III. Washington: Review and Herald, 1946.

_____. **Spiritualism Today**. Washington: Review and Herald, 1963.

G. A. Roberts. **O Fanatismo da Carne Santa**. In: Notas e Manuscritos de E.G. White. Capão Redondo: Centro de de Pesquisa E.G. White, 19??.

GENERAL CONFERENCE. **Belief and Work of Seventh-day Adventists**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1937.

GERSTNER, John. **The Rational Biblical Theology of Jonathan Edwards**. Powhatan: Berea Publications, 1993.

GOMES, Marta B.; SOUZA, Solange de Fátima; LIMA; Neumar. Raízes Históricas, Culturais e Ideológicas do Pensamento de Ellen G. White sobre romance ficcional e drama. **Acta Científica**. Vol 2, No. 11, 2o. semestre, 2006.

GONÇALVES, Reinaldo. Novo Desenvolvimentismo e Liberalismo Enraizado. **Serv. Soc. Soc**, São Paulo, n. 112, Out-Dez, 2012.

GONZALEZ, Justo L. **A History of Christian Thought**: from Augustine to eve of the Reformation. Nashville: Abingdon Press 1987.

GORDON, Anna A. **Songs of the Young Woman's Christian Temperance Union**. Chicago: The Woman's Temperance Publication Association, 1889.

GREEN, Joel B. **Body, Soul and Human Life**: The Nature of Humanity in the Bible. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

GREENLEAF, F.; SCHWARZ, R. W. **Portadores de Luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

GROSECLOSE, Barbara. A History/Historiography of Representations of America. In: BARNEY, 2006.

HAYNES, Carlyle B. **Spiritualism and the Bible**. Nashville: Southern Publishing Association, 1931.

HAYNES, Carlyle. **Do sábado para o domingo**: exames dos aspectos históricos da questão do sábado mostrando como, quando e por quem foi feita a mudança do sétimo para o primeiro dia da semana. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

HEFFNER, Richard D. **A Documentary History of the United States**: an expanded edition. Nova Iorque: Mentor Books, 1960.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**. Lisboa: Editorial Presença, 1962.

_____. **Ecoss da Marselhesa**: Dois séculos revêem a Revolução Francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOFSTADTER, Richard. **Antiintelectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOLIFIELD, E. Brooks. **Theology in America**: Christian Thought from the Age of the Puritans to the Civil War. New Heaven e Londres: Yale University Press, 2003.

HOLMES, Stephen R. **God of Grace & God of Glory**: an account of the Theology of Jonathan Edwards. Michigan: Grand Rapids, 2001.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

HUDSON, C. F. **Debt and Grace**: The Doctrine of a Future Life. Boston: John P. Jewett and Compay, 1858.

HUNTER, Lyn. **A Victorian Obsession With Death**: Fetishistic Rituals Helped Survivors Cope With Loss of Loved One. Berkeleyan Online. Volume 28, número 27. April 2000.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Questões sobre doutrina**: o clássico mais polêmico da história do adventismo. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

JALLAND, Pat. **Death in the Victorian Family**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

JARDINO, José Rubens L. **Lutero & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

JEMISON, Housel. **A prophet among you**. Boise: Pacific Press, 1955.

JOHNSON, James E. Charles G. Finney and a Theology of Revivalism. In: **Church History: Studies in Christianity & Culture**. Vol. 38, No. 3, Setembro, 1969.

KAMMEN, Michael. **People of Paradox**: An inquiry concerning the origins of American Civilization. Nova Iorque: Oxford University Press, 1980.

KARCHER, Carolyn L. Reconceiving nineteenth-century American literature: The challenge of women writers. **American Literature** 66, no. 4 Dezembro, 1994.

KARDEC, Allan. **Instruções de Allan Kardec ao Movimento Espírita**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1985.

_____. **O livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 19??.

_____. **O que é espiritismo**: noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos Espíritos, com o resumo dos princípios da Doutrina Espírita e resposta às principais objeções que podem ser apresentadas. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

_____. **Obras Póstmas**. São José do Rio Preto: Virtue, 2012.

KARNAL, Leandro [et al.]. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008.

KNIGHT, George R. **Ellen White's World**: A fascinating look at the times in which she lived. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1998.

_____. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. The Transformation of Education. In: LAND, Gary. **The World of Ellen White**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1987.

_____. **A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo**: estamos apagando nossa relevância? Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

_____. **Filosofia e educação**: uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2001.

KREIDER, Glenn. Review of Jonathan Edwards: Philosophical Theologian. In: **Ars Disputandi**, v. 4, 2004.

LAND, Gary. **The A to Z of the Seventh-Day Adventists**. Lanham: The Scarecrow Press, 2005.

LARGEN, Kristin Johnston. **A Christian Rationale for Vegetarianism**. Dialog: A Journal of Theology, Volume 48, Número 2, junho de 2009.

LaRONDELLE, Hans K. **O que é salvação**: o que Deus faz por nós e em nós. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

Le GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2a. ed., 2010.

LEE, L. **The Immortality of the Soul**. Syracuse: Wesleyan Methodist Book Room, 1865.

LESSA, Rubens S.; GUARDA, Márcio; SCHEFFEL, Rubem M. **Nisto Cremos**: 27 ensinos dos Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo, Sinodal, 2001.

LINDSTROEM, Harald. **Wesley and sanctification**: a study in the Doctrine of salvation. London: The Epworth Press, 1956.

LIVRO DE MÓRMON. ; SMITH JR., Joseph. IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **O livro de Mórmon**: outro testamento de Jesus Cristo. Salt Lake City, Utah: Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias, 1995.

LOYOLA, Leandro. A informação é dos cidadãos. **Revista Época**, edição 686 de 11 de julho de 2011.

LUKACS, John. **Uma nova República**: História dos Estados Unidos no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LUTERO, Martinho. **Comentários de Lutero sobre suas Teses Debatidas em Leipzig**. In: Obras selecionadas: Os primórdios - Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2004.

_____. **O Magnificat (1521)**. In: Obras Seleccionadas - Volume 6 Ética: Fundamentação da Ética Política. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2004.

MACCOLL, Malcolm. **Science and Prayer**. In: Shipley, Orbey (Org.) The Church and the World: Essays on questions of the day. Londres: Longmans, 1866.

MANGUEL, Alberto (Org.) **Contos de Horror do Século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

MANN, Mary (Ed.) **Life and Works of Horace Mann**. Boston: Horace B. Fuller, 1868.

MARCOS, Manoel Pelicas São. **Filosofia Espírita e seus temas**. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1993.

MATTINGLY, Carol. **The Well-Tempered Women**: nineteenth-Century Temperance rhetoric. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1998.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MCCLYMOND, Michael James; MCDERMOTT, Gerald R. **The Theology of Jonathan Edwards**. Oxford: University Press, 2012.

McDERMOTT, Gerald R. (Ed.). **Undertanding Jonathan Edwards**: An introduction to America's Theologian. Oxford: Oxford University Press, 2009.

McPHERSON, James. **Battle for Freedom**: The Civil War Era. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MICHELET, Jules. **História da Revolução Francesa**: Da queda da Bastilha à festa da Federação. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

MILLER, Stephen; HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua história**: o surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MOORE, Marvin. **Apocalipse 13**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

MORGAN, Edmund. **The World and William Penn**. In: BUTLER, Jon; STOUT, Harry. Religion in American History: a reader. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 1998.

MORNEAU, Roger. **Viagem ao Sobrenatural**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MUELLER, J.J. **Practical Discipleship**: A United States Christology. The Liturgical Press: Collegeville, 1992.

NESTLE, Marion. **Toward More Healthful Dietary Patterns**: A Matter Of Policy. Public Health Reports, Setembro/Outubro de 1998, volume 113. Disponível em <http://www.foodpolitics.com/wp-content/uploads/diet-policy.pdf>

NICKELL, Joe. A Skeleton's Tale: The origins of Modern Spiritualism. In: **Investigative Files**, Vol. 32, No. 4, de julho/agosto de 2008.

NIEBUHR, H. Richard. **The Kingdom of God in America**. Willett, Clark & Company. Chicago / New York, 1937.

NOLL, Mark. **America's God**. From Jonathan Edwards to Abraham Lincoln. Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. Martin Luther and the concept of a "true" church. **The Evangelical Quartely**, 2o. semestre, 1978.

_____. **The Civil War as a Theological Crisis**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006.

NUMBERS, Ronald L. **Prophetess of Health**: A study of Ellen G. White. Grand Rapids e Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

O'BRIEN, Michael. **Conjectures of Order: Intellectual Life and the Antebellum South**: 1810-1860. Chapel Hill: University of North Carolina Press, v.2, 2004.

PARASCANDOLA, John. **The Introduction of Antibiotics into Therapeutics**. In: LEAVITT e NUMBERS, 1997.

PESSANHA, José Américo Motta. **Vida e Obra**. In: AGOSTINHO. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

PIEPER, Josef. **Death and Immortality**. St. Augustine's Press: South Bend, 2000.

PLATÃO. Fédon. In: **Os pensadores**: Platão. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. Gorgias. Filadélfia: The Penn State University Press, 19[--].

PODMORE, Frank. **Modern Spiritualism: A History and a Criticism**. London: Methuen, 1904.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

POTTER, Charles Francis. **História das Religiões: A Vida dos Líderes Religiosos**. São Paulo: Ediouro, 1968.

PRATT, Parley P. **Key to the Science of Theology**: an introduction to the first principles of spiritual philosophy; religion; law and government. Liverpool: R.D. Richards, 1855.

PREBLE, T.M. **A tract showing that the seventh-day should be observed as the Sabbath, instead of the first day "according to the commandment"**. Nashua: Murry & Kimball, 1845. Disponível em <http://biblelight.net/tract.htm>.

PULLIAM, John D.; PATTEN, James J. van. **History of Education in America**. Upper Saddle River/Columbus: Pearson, 2007.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo, Paulus, 2007.

ROWELL, Geoffrey. **Hell and the Victorians: A study of the nineteenth-century theological controversies concerning eternal punishment and the future life**. Oxford: Clarendon Press, 1974.

SANTOS, Bento Silva. A imortalidade da alma no Fédon de Platão: coerência e legitimação da prova final (102A-107B). **O que nos faz pensar?** Volume 13, Abril, 1999.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1880.

SILVERMAN, Annav. Jews Less than 0.2% of World Population. **The Jewish Press**. 20 set. 2012. Disponível em: <http://www.jewishpress.com/news/jewish-news/jews-less-than-0-2-of-world-population/2012/09/20/>.

SMITH, John; STOUT, Harry S.; MINKEMA, Kenneth. (Eds.) **A Jonathan Edwards Reader**. New Haven e Londres: Yale University Press, 2003.

SMITH, Uriah. **Man's Nature and Destiny: Or the State of the Dead, the Reward of the Righteous and the End of the Wicked**. Oakland: Pacific Press Publishing Company, 1884.

SMITH, Uriah. **Modern Spiritualism: A Subject of Prophecy and a Sign of the Times.** Battle Creek: Review and Herald Publishing Company, 1896.

SNOW, Charles. **On the Throne of Sin: Spiritism and the Nature of Man as Related to Demonism, Witchcraft, and Modern Spiritualism.** Washington: Review and Harold, 1927.

SOVA, Dawn B. **Critical Companion to Edgar Allan Poe: A literary Reference to his life and work.** Nova Iorque: Infobase Publishing, 2001.

STANDISH, Colin D. **Perfection.** Rapidan: Hartland Publications, 2009.

Stanford Encyclopedia of Philosophy. **Jonathan Edwards.** Janeiro de 2002. Disponível em <http://plato.stanford.edu/entries/edwards/> .

STEIN, Stephen J. (Ed.). **Jonathan Edwards's Writings: Text, Context, Interpretation.** Bloomington: Indiana University Press, 1996.

STEINWEG, Marlene. Roswell Fenner Cottrel (1814-1892). In: **Adventist Pioneer Library**, Vol. 4., No. 3, 1994.

STORRS, George. **Six Sermons on the inquiry Is There Immortality In Sin and Suffering?: Also, a Sermon on Christ the Life-Giver: or, The Faith of the Gospel.** Nova Iorque: Bible Examiner, 1855.

SUÁREZ, Adolfo. **Redenção, Liberdade e Serviço: Ellen G. White e o processo de construção humana.** Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012.

TAMAYO, Juan José. **A Ecologia como lugar de encontro no diálogo inter-religioso.** In: SUSIN, Luiz Carlos; SANTOS, Joe Maçal G. dos (Orgs.). Nosso Planeta, Nossa Vida: Ecologia e Teologia. São Paulo: Paulinas, 2011.

TERTULLIAN. **On The Resurrection Of The Flesh.** Whitefish: Kessinger Publishing, 19??.

TÉTART, Philippe. **Pequena História dos Historiadores.** Bauru: Edusc, 2000.

THE HOLY BIBLE, King James Version. New York: American Bible Society: 1999.

TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX.** São Paulo: ASTE, 2010.

_____ ; PINHEIRO, Jorge. **Teologia da cultura.** São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

_____. **Teologia Sistemática.** São Leopoldo: Sinodal, 5ª edição revista, 2005.

TIMM, Alberto. **Movimentos, Tendências e Interpretações Particulares na Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil (1980-1999).** Apostila de Classe.

TIMM, Alberto. **O Sábado na Bíblia**: Por que Deus faz questão de um dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América – Livro II**: Sentimentos e Opiniões. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TORÁ. São Paulo: Sêfer, 2001.

TORREY, R.A. **Os fundamentos**: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais. São Paulo: Hagnos, 2005.

TOULOUSE, Mark G.; DUKE, James. O. **Makers of Christian theology in America**. Nashville: Abingdon Press, 1997.

TOULOUSE, Mark; DUKE, James. **Sources of Christian Theology in America**. Nashville: Abingdon Press, 1999.

TOWNS, Elmer L. **Martin Luther on Sanctification**. *Bibliotheca Sacra*, Abril, 1969.

URBAN, Wayne J.; WAGONER Jr, Jennings L. **American Education**: a History. Nova Iorque/Londres: Routledge, 2009.

URIAH, Smith. **Synopsis of the Present Truth**: A Brief Exposition of the Views of S. D. Adventists. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1884.

WACHHOLZ, Wilhelm; DARIUS, Fábio Augusto. Sobre a Integralidade Humana e a Mortalidade da Alma a partir dos escritos de Ellen White. **Hermenêutica**. Cachoeira, 2012, Vol. 12, n. 2, p. 12.

_____. **História e Teologia da Reforma**: Introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WAGGONER, Joseph Harvey. **The Nature and Tendency of Modern Spiritualism**. Battle Creek: Steam Press: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1884.

WARNER, John Harley. **From Specificity to Universalism in Medical Therapeutics**: Transformation in the 19th-Century United States. In: LEAVITT e NUMBERS, 1997.

WEISBERG, Barbara. **Falando com os mortos**: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo. São Paulo: Agir, 2011.

WESLEY, John. **Sermons on Several Occasions, Book II**. New York: B. Waugh and T Mason, 1836.

WESLEY, John. **The Journal of John Wesley**. Chicago: Moody Press, 1951.

WHELPLEY, Theresa A. **Unmasking the Spirit**. Washington: Review and Herald, 1977.

WHIDDEN, Woodrow W. **Ellen White e a Humanidade de Cristo**: Cristo veio ao mundo com a natureza de Adão antes ou depois da queda? Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Arthur. **The Ellen G. White Biography**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1982. volume 2.

WHITE, Ellen. **A Igreja Remanescente**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **A maravilhosa graça de Deus**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1974.

_____. Acceptable Worship. Review and Herald. 30 de novembro de 1905
Carta 243, 1899.

_____. **Christ Triumphant**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1999.

_____. **Christ's Object Lessons**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1941.

_____. **Christian Education**. Battle Creek: Internation Tract Society, 1894.

_____. **Christian Experience and Teachings of Ellen G. White**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1940.

_____. **Christian Service**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1947.

_____. **Christian Temperance and Bible Hygiene**. Battle Creek: Good Health Publishing Co., 1890

_____. **Conflict and Courage**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1970.

_____. **Confrontation**. Washington, Review and Herald Publishing Association, 1970.

_____. **Conselhos sobre Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

_____. **Counsels on Diet and Foods**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1976.

_____. **Counsels on Health**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1957.

_____. **Counsels on Sabbath School**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1938.

_____. **Counsels to Parents, Teachers, and Students.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1943.

_____. **Counsels to Writers and Editors.** Nashville: Southern Publishing Association, 1946.

_____. **Country Living. Washington.** Review and Herald Publishing Association, 1946.

_____. **Darkness Before Dawn.** Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1997.

_____. **Early Writings of Ellen G. White.** Washington: Review and Herald Publishing Association, 1945.

_____. **Education.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1952.

_____. **Evangelism.** Washington: Review and Herald Publishing Association, 1970.

_____. **Fé e Obras.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. **Heaven.** Nampa. Pacific Press Publishing Association, 2003.

_____. **In Heavenly Places.** Washington: Review and Herald Publishing Association, 1967.

_____. **Lar Ideal.** São Paulo: MVP, 1968.

_____. **Last Day Events.** Boise: Pacific Press Publishing Association, 1992.

_____. **A maravilhosa graça de Deus.** Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1974.

_____. **Manuscript Releases.** Silver Spring: Ellen G. White Estate, Vol. 3 e 4, 1981.

_____. **Messages to Young People.** Hagerstown: Review and Herald, 1930.

_____. **Mind, Character, and Personality.** Nashville: Southern Publishing Association, 1977.

_____. **My Life Today.** Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1952.

_____. **O Grande Conflito: acontecimentos que mudarão seu futuro (Edição Condensada).** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. **O Grande Conflito.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 42a. edição, 2004.

_____. **O Lar Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

_____. **Obedience is sanctification**. The Signs of the Times. Oakland. 19 de maio de 1890.

_____. Our camp-meeting in Wisconsin. **The Signs of the Times**. Battle Creek, p. 10-11. 22 jul. 1875.

_____. **Patriarchs and Prophets**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1958.

_____. **Selected Messages**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1958, Volume I.

_____. **Selected Messages**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1980, Volume III.

_____. **Special Instruction Relating to the Review and Herald Office, and the Work in Battle Creek**. 1896.

_____. **Spiritual Gifts, Book II**. Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1860.

_____. **Steps to Christ**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1956.

_____. **Temperance**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1949.

_____. **Testemunhos sobre abuso, homossexualidade, adultério e divórcio**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

_____. **Testimonies for the Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 1, 1948a.

_____. **Testimonies for the Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 3, 1948b.

_____. **Testimonies for the Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 5, 1948c.

_____. **Testimonies for the Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 6, 1948d.

_____. **Testimonies for the Church**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, Volume 8, 1948e.

_____. **Testimony to the Church at Battle Creek**. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1872.

- _____. **The 1888 Materials**. Washington, D.C.: Ellen G. White Estate, 1987.
- _____. **The Act of the Apostles**. Mountain View: Pacific Press, 1911.
- _____. **The Adventist Home**. Hagerstown: Review and Herald, 1980.
- _____. **The Desire of Ages**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1940.
- _____. **The Ellen G. White 1888 Materials**. Washington: Ellen G. White Estate, 1987.
- _____. The Divine Standard of Character. **Review and Herald**. Battle Creek, p. 20-20. mar. 1906.
- _____. The Dress Reform: An Appeal to the People in Its Behalf. Battle Creek: Seventh-Day Adventist Publishing, 1868.
- _____. The glory of God revealed in mercy. **The Signs of the Times**. Battle Creek, p. 1, 22 abr, 1896.
- _____. **The Great Controversy Between Christ and Satan - Edition 1888**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1907.
- _____. The Great Controversy Between Christ and Satan, 1911 edition. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1950.
- _____. **The Ministry of Healing**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1942.
- _____. The Sabbath of the Lord. **The Signs of the Times**. Battle Creek, p. 9, 31 mar, 1898.
- _____. **The Sanctified Life**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1956.
- _____. **The Seventh Day Adventist Bible Commentary**. Washington: Review and Herald Publishing Association, Volume 5, 1956.
- _____. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**: Ellen G. White Comments, V.7. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1970.
- _____. **The Story of Redemption**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1980.
- _____. **This Day With God**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1979.
- _____. **Vida e Ensinos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 10ª. Edição, 2000.

_____. Welfare Ministry. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1952

WHITE, James. **Appeal on Immortality**. Seventh-day Adventist Publishing Association. Battle Creek, 18??.

_____. **Health, or, How to live**. Battle. Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1865.

_____. **Life Incidents: Connection With the Great Advent Movement, as Illustrated by the Three Angels of Revelation XIV**. Battle Creek: Steam Press: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1868.

_____. **The Early Life and Later Experience and Labors of Elder Joseph Bates**. Battle Creek: Steam Press: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1877.

WHITMORE, James Herman. **The Doctrine of Immortality**. Buchanan: Western Advent-Christian Publishing Association, 1870.

WILLARD, Frances Elizabeth; LATHBURY, Mary An. **Woman and Temperance: or the work and workers of the woman's christian temperance uniion**. Hartford: Park Pub Company, 1883.

WIRZBA, Norman. **Food for Theologians**. Interpretation: A Journal of Bible and Theology, volume 67, número 4, 2011.

WYCLIF, John. **Select English Works: Sermons on the Gospels for Sundays and Festivals**. Oxford: Clarendon Press, vol. I, 1819.

WYLIE, J. A. **The History of the Waldenses**. London: Cassell and Company, 1860.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **O Espírito da Verdade: estudos e dissertações em torno da obra "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 19[--].

ZACKRISON, Edwin. **In the Loins of Adam: A Historical Study of original sin in adventist theology**. Nova Iorque: iUniverse, 2004.

ZURCHER, J. R. **The Nature and Destiny of Man: Essay on the problem of the Union of the Soul and the Body in Relation to the Christian Views of Man**. Nova Iorque: Philosophical Library, 1969.